



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE HUMANIDADES - CH**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS - PPGCS**

**Shows, bandas e audiência: uma análise microsociológica entre os Headbangers da cidade de Campina Grande-PB.**

**MURYEL MOURA DOS SANTOS**

CAMPINA GRANDE-PB

2021



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE HUMANIDADES - CH**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS - PPGCS**

**Shows, bandas e audiência: uma análise microssociológica entre os Headbangers da cidade de Campina Grande-PB.**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), como exigência para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais. Orientadora:  
**Dra. Mércia Rejane Rangel Batista.**

**MURYEL MOURA DOS SANTOS**

CAMPINA GRANDE-PB

2021

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a minha família, em especial a minha mãe Terezinha Moura que sempre inspirou minha trajetória no ambiente educacional, bem como ao meu pai Raimundo Pereira, que ao longo dos anos tem se mostrado um símbolo de resistência e perseverança.

A professora Mércia Rejane Rangel Batista, pela orientação atenciosa e compreensiva. Agradeço também o estímulo intelectual recebido nas disciplinas e momentos experimentados no curso de graduação e pós-graduação, e que guardo com bastante apreço.

Ao Prof. Dr. Luís Henrique Cunha e ao Prof. Dr. José Gabriel Silveira Corrêa que generosamente aceitaram o convite para participar da banca de defesa da dissertação, além das inúmeras e valiosas contribuições no processo de produção da dissertação.

A Carlos Joseph, Camilla Alves, Denise da Silva, Débora Aragão, Flávia Guimarães, Gessyelle Catarine, Heitor Lamartine, Ivandro Meneses, Janice Silva, Luana Seixas, Milenna Jordana, Rosanna Frutuoso, registro um obrigado pessoal.

Ao Programa de Educação Tutorial (PET-Antropologia/UFCG) em que estive durante toda graduação e no qual tive a oportunidade de participar ao lado, inicialmente da Prof. Mércia Batista, e depois com o Prof. Vanderlan Francisco da Silva, pessoas com as quais aprendi muito.

Aos amigos e amigas que fiz no Metal campinense.

Aos discentes do PPGCS-UFCG, da turma de 2018.

Aos professores do PPGCS, que trabalham para oferecer sempre o melhor ambiente acadêmico, com dedicação e generosidade.

À secretaria do PPGCS, na pessoa de Rinaldo Rodrigues pela atenção e gentileza.

À Universidade Federal de Campina Grande, por me possibilitar ter acesso à educação de qualidade e lucidez em tempos nebulosos.

À CAPES que durante dois anos me possibilitou ter a bolsa de estudos e que se mostrou imprescindível para o desenvolvimento dessa pesquisa.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

POS-GRADUACAO EM CIENCIAS SOCIAIS  
Rua Aprígio Veloso, 882, - Bairro Universitário, Campina Grande/PB, CEP  
58429-900

**REGISTRO DE PRESENÇA E ASSINATURAS**

ATA DA DEFESA PARA CONCESSÃO DO GRAU DE MESTRE EM  
CIÊNCIAS SOCIAIS, REALIZADA EM 08 DE MARÇO DE 2021

CANDIDATO: MURYEL MOURA DOS SANTOS. COMISSÃO EXAMINADORA: Mércia Rejane Rangel Batista, Doutora, PPGCS/UFCG, Presidente da Comissão e Orientadora, Luis Henrique Hermínio Cunha, Doutor, PPGCS/UFCG, Examinador interno e José Gabriel Silveira Corrêa, Doutor, UACS/UFCG, Examinador externo. TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: *“SHOWS, BANDAS E AUDIÊNCIA: uma análise microssociológica entre os Headbangers da cidade de Campina Grande-PB”*. ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: Sociologia. HORA DE INÍCIO: **16h00** – LOCAL: **Sala Virtual, em virtude da suspensão de atividades na UFCG decorrente do corona vírus**. Em sessão pública, após exposição de cerca de 45 minutos, o candidato foi arguido oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo demonstrado suficiência de conhecimento e capacidade de sistematização, no tema de sua dissertação, obtendo conceito APROVADO. Face à aprovação, declara a presidente da Comissão achar-se o examinado legalmente habilitado a receber o Grau de Mestre em Ciências Sociais, cabendo a Universidade Federal de Campina Grande, como de direito, providenciar a expedição do Diploma, a que o mesmo faz jus. Na forma regulamentar, foi lavrada a presente ata, que é assinada por mim, RINALDO RODRIGUES DA SILVA, e os membros da Comissão Examinadora. Campina Grande, 08 de Março de 2021.

**Recomendações:**

RINALDO RODRIGUES DA SILVA

Secretário

MÉRCIA REJANE RANGEL BATISTA, Doutora, PPGCS/UFCG

Presidente da Comissão e Orientadora

LUIS HENRIQUE HERMÍNIO CUNHA, Doutor, PPGCS/UFCG

Examinador Interno

JOSÉ GABRIEL SILVEIRA CORRÊA, Doutor, UACS/UFCG

Examinador Externo

MURYEL MOURA DOS SANTOS

Candidato

## 2 - APROVAÇÃO

2.1. Segue a presente Ata de Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato **MURYEL MOURA DOS SANTOS**, assinada eletronicamente pela Comissão Examinadora acima identificada.

2.2. No caso de examinadores externos que não possuam credenciamento de usuário externo ativo no SEI, para igual assinatura eletrônica, os examinadores internos signatários certificam que os examinadores externos acima identificados participaram da defesa da tese e tomaram conhecimento do teor deste documento.



Documento assinado eletronicamente por **LUIS HENRIQUE HERMINIO CUNHA, PROFESSOR 3 GRAU**, em 08/03/2021, às 18:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **MURYEL MOURA DOS SANTOS, Usuário Externo**, em 08/03/2021, às 19:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **MERCIA REJANE RANGEL BATISTA, PROFESSOR 3 GRAU**, em 08/03/2021, às 19:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **RINALDO RODRIGUES DA SILVA, SECRETARIO**, em 09/03/2021, às 09:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **JOSE GABRIEL SILVEIRA CORREA, PROFESSOR 3 GRAU**, em 09/03/2021, às 17:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufcg.edu.br/autenticidade>, informando o código verificador **1327700** e o código CRC **0547A970**.

S237s Santos, Muryel Moura dos.  
Shows, bandas e audiência: uma análise microssociológica entre os Headbangers da cidade de Campina Grande-PB / Muryel Moura dos Santos. – Campina Grande, 2021.  
178 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2021.  
"Orientação: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mércia Rejane Rangel Batista".  
Referências.

1. Heavy Metal. 2. Headbanger. 3. Classificação de Pertencimento. 4. Ritual e Interação. I. Batista, Mércia Rejane Rangel. II. Título.

CDU 785.161(813.3)(043)

A windstorm dropped a bird from the sky  
It fell to the ground and it's wings broke and died  
But when the time got by, back to sky it flied  
'cause the wings healed in time and the bird was I.  
Time is the death and the healing  
Take your last breath, 'cause death is deceiving  
Time is the past, now and tomorrow.  
Days fly so fast and it leaves me so hollow  
A snowstorm blew inside a wolf's eyes  
and the frozen tears covered all the mountainsides  
But then the time got by and the wolf died  
and someday that wolf would be I.

Wintersun, *Death and the healing.*

## RESUMO<sup>1</sup>

Este trabalho tem como tema central o estudo das práticas dos jovens e adultos que experienciam o Heavy Metal (HM), notadamente nos momentos de sociabilidade dos shows na cidade de Campina Grande-PB, atentando sobretudo, a construção das relações sociais nos eventos. Headbangers (HB), como são auto reconhecidos os membros do HM, tratam-se enquanto irmãos e projetam-se enquanto uma comunidade formada por iguais, elaborando e prescrevendo regras e normas que legitimam o pertencimento. Estes indivíduos avaliam os comportamentos uns dos outros baseados na incorporação de classificações / sentidos que são reforçados não só durante os shows, como também no cotidiano que envolve as atividades que são percebidas enquanto próprias ao mundo HM e que conotam o pertencimento ao grupo. O manejo da classificação constitui para os participantes um guia que determina o que ouvir, vestir e comportar-se, além de prescrever como devem interagir uns com os outros, estejam eles na condição de músicos ou audiência. Identificamos como central ao Heavy Metal a classificação operada nas interações dos Headbangers, que se verticalizam em valores morais e éticos, a partir dos quais eles processam tanto o seu self/representação quanto o seu status. A via de investigação pensada e recortada para compreensão desse fenômeno se faz pela antropologia dos rituais, procurando entender a relação do discurso e da prática nos eventos excepcionais e ordinários, bem como o rito opera na formação dos indivíduos desse meio. A metodologia empreendida para esta pesquisa de dissertação foi a observação participante desenvolvida desde 2015, utilizando-se do diário de campo para o registro de eventos e das atividades corriqueiras dos HB, como também o registro dos participantes nas redes sociais da internet. Portanto, são tratados dentro do campo do Heavy Metal, os shows enquanto possuidores de elementos rituais, a dimensão profissional das bandas locais, diferenças e classificações existentes nesse estilo musical.

**Palavras-chave:** Heavy Metal, Headbanger, classificação de pertencimento, ritual e interação.

---

<sup>1</sup> Retificamos o título do trabalho para: Shows, bandas e audiência: uma análise da classificação de pertencimento entre os Headbangers da cidade de Campina Grande-PB.



## RESUMEM

Este trabajo tiene como tema central el estudio de las prácticas de jóvenes y adultos que experimentan Heavy Metal (HM), notablemente en los momentos de sociabilidad de los espectáculos en la ciudad de Campina Grande-PB, prestando especial atención a la construcción de relaciones sociales en los eventos. Los Headbangers, como los miembros de HM se reconocen a sí mismos, se tratan como hermanos y se proyectan como una comunidad formada por iguales. Elaborando y prescribiendo reglas y normas que legitiman la pertenencia, estos individuos evalúan comportamientos en base a la incorporación de clasificaciones / significados que se refuerzan no solo durante los espectáculos, sino también en la rutina diaria que involucra las actividades que se perciben como pertenecientes al mundo HM y que connotan pertenecer. La gestión de clasificación proporciona a los participantes una guía que determina qué escuchar, usar y comportarse, además de prescribir cómo deben interactuar entre ellos, ya sean músicos o público. Identificamos como central para Heavy Metal la clasificación operada en las interacciones de los Headbangers, que se basan en valores morales y éticos, a partir de los cuales procesan tanto su auto / representación como su estatus. La forma de investigación pensada y cortada para comprender este fenómeno la realiza la antropología de los rituales, tratando de comprender la relación del discurso y la práctica en hechos excepcionales y ordinarios, así como el rito opera en la formación de los individuos en este entorno. La metodología utilizada para la investigación de esta tesis fue la observación participante utilizando el diario de campo para registrar los eventos y actividades de rutina de la HB, así como el registro de los participantes en las redes sociales de Internet. Por ello, dentro del campo del Heavy Metal, se tratan los conciertos aunque poseen elementos rituales, la dimensión profesional de las bandas locales, las diferencias y clasificaciones existentes en este estilo musical.

**Palabras clave:** Heavy Metal, Headbanger, clasificación de pertenencia, ritual e interacción.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01: banda Behemoth.....	49
Figura 02: banda Unearthly.....	49
Figura 03: formas de retribuir.....	66
Figura 04: Não pagar para tocar.....	71
Figura 05: Abril Pro Rock.....	110
Figura 06: Unwhite Merdal.....	112
Figura 07: Artigo anti-cristianismo.....	127
Figura 08: Artigo anti-cristianismo.....	128
Figura 09: Artigo anti-cristianismo.....	129
Figura 10: Gods of war.....	132
Figura 11: Legacy of ashes.....	132
Figura 12: Lucifer incestus.....	132

## **LISTA DE SIGLAS**

BM – Black Metal

DM – Death Metal

HB – Headbanger

HM – Heavy Metal

PM – Power Metal

TM – Thrash Metal

UG – Underground

MC – Metal core

NM – New Metal

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>CAPÍTULO I: ELEMENTOS RITUALÍSTICOS NOS SHOWS</b> .....	25
I.    Sobre os shows.....	28
II.   As regras nos shows.....	35
i.    Alinhamentos.....	45
ii.   Porte e alienação.....	53
<b>CAPÍTULO II: LAÇOS: A RECIPROCIDADE E A TENSÃO DAS BANDAS</b> .....	61
I.    Laços.....	62
II.   As tensões nos laços.....	78
i.    Entre as gerações.....	79
ii.   Olhar envenenado.....	91
iii.  As fofocas.....	96
<b>CAPÍTULO III: CLASSIFICAÇÃO E AUDIÊNCIA</b> .....	102
I.    Audiência e classificação de pertencimento.....	102
II.   Artimanhas interativas.....	120
III.  Outros meios de classificar.....	146
i.    Diferenciar.....	146
ii.   Nas redes sociais do Heavy Metal.....	151
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	160
<b>REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO</b> .....	166
<b>GLOSSÁRIO</b> .....	174
<b>ANEXOS</b> .....	178

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como tema a descrição e discussão do exercício de produção de classificações de pertencimento no universo Headbanger, com ênfase sobre os momentos de interação, quando, através do ritual, observamos essa construção na prática social. Então, nossa ênfase de pesquisa recaiu primordialmente sobre os shows e os conjuntos de atividades que antecedem e persistem após a execução dos mesmos. Os membros desse meio se auto intitulam Headbangers<sup>2</sup>, termo em inglês e traduzível sem maiores discussões semânticas como ‘batedores de cabeça’, indicando a importância do gesto praticado com ênfase e servindo para identificar uma forma pela qual a experiência musical se faz percebida como algo distinto e, aparentemente, superior a outros, que usufruem da música praticando uma audição expressa de outro modo e, para estes, menos intensa e verdadeira. Aqui, embora pareça se tratar apenas de um detalhe, a reflexão que estamos realizando e apresentando busca mostrar como a prática social, cultivadas de modo público e coletivo, servem de veículo para construir e reafirmar uma identidade produzida e praticada coletivamente.

Então, a forma musical não é produzida apenas pelo músico, ao dedilhar o seu instrumento, ou apenas pelo cantor, ao utilizar sua voz. Ao contrário, aqui se propõe uma experiência (musical, artística e identitária) que poderia ser classificada enquanto uma experiência total, como um fato social total, aproximando do que foi proposto por Mauss, no seu famoso trabalho (Ensaio sobre a dádiva, originalmente publicado em 1924). Como vai ser acompanhado ao longo do texto da dissertação, defendemos a ideia de que esta forma de experienciar a música não é apenas uma prática exercida pela audiência, mas pelos músicos quando estão realizando as apresentações nos palcos e que sustenta a ideia cultivada de que são todos igualmente membros de uma comunidade<sup>3</sup>. A configuração desse universo é possível de ser observada pelo pesquisador e nos mostra que a pertença é resultado da partilha de ações e da incorporação dos elementos que são ‘vestidos’ e enunciados entre si e para os outros.

---

<sup>2</sup> Termo em inglês que numa tradução livre significa bater cabeça. Esta categoria do grupo também é destinada ao membro da comunidade que possui engajamento nas atividades propostas, não se limitando ir ao show, fazendo sim, um papel mais ativo, como incorporar o estilo, comprar e compartilhar música, e incorporar os significados no corpo, como podem ser vistos pelas roupas, tatuagens e cortes de cabelos diferenciados.

<sup>3</sup> A categoria comunidade é um termo muito caro nas Ciências Sociais. No entanto, o emprego dessa categoria nesse trabalho se aproxima da perspectiva adotada por Mary Douglas (1998, p. 51) de modelo sectário, quando afirma que há sociedades que gananciosamente elaboram maneiras objetivas quanto subjetivas para garantir que os indivíduos permaneçam nela.

Fazendo disso uma postura que deve ser mantida por cada indivíduo de cada estilo musical que tem características distintas e identificáveis pelos outros, como músicos e audiência enfatizam/reforçam que estes aspectos sejam constantemente demarcados, o que nos mostra a importância atribuída às definições.

Os membros da comunidade dizem que o foco de tal comportamento é legitimar sua capacidade em manter-se enquanto um *Truer*<sup>4</sup> Headbanger sobre os demais, melhor dizendo, contra os que disputam esse espaço e estilo musical. Por isso, percebo que o Heavy Metal<sup>5</sup> produz e legitima um sistema classificatório, especialmente, nas situações ritualizadas e que envolve os participantes, sendo que o modo pelo qual essa situação se instaura e que será por nós explorada ao longo da dissertação, nos permite dizer que há uma contradição entre a ideia que se apresenta aos olhos dos participantes, que são todos iguais, irmãos, parceiros de um ideal de fraternidade e a prática que a pesquisa nos permitiu examinar, quando percebemos que se há uma unidade, a mesma não implica na formação de uma comunidade igualitária, pois esta é formada por hierarquias, por relações de poder (gênero e inserção de classe ou o controle de capitais, no sentido proposto por Bourdieu) e estamos diante de um mundo atravessado por tensões e disputas. Deste modo, as interações ocorridas entre os Headbangers nos rituais indicam ao mesmo tempo duas dimensões, a primeira da coletividade e a segunda da classificação.

Uma das dimensões constitutiva da identidade ou da pertença ao mundo HB é a possibilidade de se fazer presente aos shows das Bandas com as quais se constrói uma relação de intensa identificação. O termo *fã*, que é uma corruptela da palavra fanático indica o grau de adesão ao artista/banda, que por sua vez, nesse caso, compartilha uma visão do social, na qual se instaura a crença de um mundo que não distingue radicalmente o artista do público. Então, ao mesmo tempo que nos interessa apresentar ao leitor o mundo do estilo musical e a classificação de pertença no HM, procuro refletir sobre os mecanismos que geram a adesão de jovens em diferentes locais ao mundo chamado de Headbanger. Perguntei ao longo da pesquisa como se constrói tal adesão, o que autoriza tal adesão, se há diferença de gênero, pois no palco costuma-se entrever homens fazendo a música, cabendo às mulheres o papel de complemento, tanto no palco como na plateia, o que pode ser tomado por nós enquanto um papel secundário. Nos perguntamos também

---

<sup>4</sup> Categoria do grupo para aquele que professa ser fiel e leal ao Metal.

<sup>5</sup> Utilizo o termo Heavy Metal para agregar os diferentes subgêneros dessa música. Pois em campo experimentei shows que misturavam bandas com propostas diferentes. Portanto, que fique claro que não se trata de uma observação singular sobre um estilo musical.

como os HB experimentam a mudança etária, pois a adesão ao mundo do Heavy Metal costuma se fazer no início da adolescência e a juventude é um valor bastante exaltado. Então, indagamos o que significa envelhecer e ser Headbanger. Por que ouvimos tantas trocas de acusações entre os membros do Heavy Metal? Como interpretar tantas derivações no interior dessa suposta comunidade. Aliás, poderíamos tratá-los enquanto uma só comunidade? E, claro, estando aqui na cidade de Campina Grande, agreste paraibano, nordeste do Brasil, mundo tão periférico, como me tornei, em certo momento, parte ativa desse mundo, tomei como objeto de pesquisa algo que me foi e ainda é muito íntimo.

Uma das situações que me desafiou é como o HM se enuncia e é percebido para grande parte da nossa sociedade, enquanto um gênero musical que sendo proveniente do mundo anglófono, não se faz merecedor de uma legitimidade por não ser brasileiro / nativo (sem entrar no mérito dessa classificação).

Não obstante, no universo do HM se inclui um gênero musical e um estilo de vida, além de uma diversidade de posições, que estão associadas aos diferentes estilos musicais e que parecem se referir a maneiras diferentes de vivenciar e interpretar suas práticas. Para que se possa compreender o que pretendo apresentar, um membro do HM se tornará apto a classificar os estilos de música ao mesmo tempo que se estende - ou se incorpora - essa classificação para o próprio indivíduo. Por exemplo: existe o Black Metal (BM) que trata de temas que recobrem a indiferença, a misantropia e o ocultismo; e existe o Death Metal (DM) com temas voltados para guerra e violência; sendo que o primeiro apresenta um som classificado como mais *sujo*, como eles falam, e o segundo com um som mais elaborado e incorporado por guitarras, que são tocadas de modo frenético, executando longos solos.

Muitos membros da comunidade afirmam em seus discursos uma superioridade diante dos outros estilos presentes no universo do HM. Que fique claro que não vamos nessa dissertação tratar de avaliar qual estilo é mais verdadeiro, ao contrário, buscamos mostrar o quanto é necessário para conformar o universo e o grupo a existência de disputas classificatórias de pertencimento, e neste caso o estilo musical que se adota é determinante para que cada um se diga superior (ou verdadeiro) face ao outro. Nos discursos podemos destacar a narrativa envolvendo o estilo que tocam ou escutam enquanto o melhor, e sustentando-se por aspectos sonoros que implicam habilidade – tocar/compor – algo que outros, na visão destes, não possuem e, portanto, estes não poderiam tocar qualquer coisa e chamar de Metal.

Nos shows da cidade<sup>6</sup>, era comum ouvir os membros debatendo sobre os álbuns das bandas e sempre tinha quem discordava do que estavam falando e colocavam questões do tipo: como diferenciar os estilos apenas ouvindo-os; como demonstrar que se (re)conhecia através de uma música o estilo e a história da banda, como também as características que se associavam quando as mesmas são executadas no palco; a partir disso as conversas se desenrolam demarcando as relações, sobre o qual estes estilos marcam uma tradição entre eles de masculinidade, como Kahn-Harris (2007) reconheceu enquanto prática específicas de homens. Mais do que observar a regularidade, é importante conferir a essas ideias uma investigação crítica para perceber os processos sociais que atravessam o HM. Apesar de identificar as diferenças entre os estilos musicais, o meu enfoque recai sobre a atenção permanente que os membros dedicam à temática: debatendo entre eles, exibindo e examinando a habilidade musical de cada um. Assim, atentamos a prática da classificação e seus aspectos sociais em eventos e situações ordinárias. Os membros da comunidade de Campina Grande-PB, chamam os eventos de shows *underground* (no entanto, aqui chamá-los-ei de shows locais) e destaque não só a escolha de classificação, como também a centralidade desse espaço, no qual interações e práticas nas quais se produzem, se destacam e se confrontam as regras e os padrões.

Em suma, as apresentações nos shows mostram aos olhos de um observador o uso de um formato, apesar de que para os participantes do HM se mostram como autênticos e livres. Os músicos ocupam o palco, frente à audiência e lá realizam os atos que lhes permitem produzir equalizações do som e dos objetos, que são distribuídos para efetivar a apresentação, tais como o jogo de luzes e o *banner* com o nome da banda ao fundo do palco. Na maioria dos shows que assistimos, a audiência compra o *ticket* para assistir os shows, sendo que as bandas quando iniciam as suas apresentações, obedecendo a um roteiro, costumam agradecer pelo espaço disponibilizado, bem como ao público presente, ainda citam os nomes daqueles que de diferentes maneiras, participam dos eventos, recebendo com isso diversos elogios, a saber: - “obrigado, irmão X”, “quero agradecer ao

---

<sup>6</sup> Tendo em vista que analisei os membros do Heavy Metal, a partir de Campina Grande, se torna importante dizer que apesar de todo aspecto propagandístico de uma cidade plural e aberta à diversidade social e cultural revela em seu interior uma cidade conservadora e preocupada com a ordem estabelecida, de modo que contemporaneamente, observamos inúmeras igrejas e indivíduos empenhados na evangelização em diversas partes da cidade, como também em instituições estaduais e federais. Podemos indicar que esse cenário conservador e religioso proselitista implica em relações e reações para os membros do Heavy Metal da cidade que se dinamizam para realizar shows e resistir ao processo de cristianização das minorias – alternativas. E justamente este aspecto já é encontrado na história da comunidade local que, desde os anos 1980 até a atualidade, se mostrava contra esse aspecto religioso segundo se mostra nos relatos históricos (SANTOS, 2016; SILVA, 2014).



guerreiro X” e “mano, tu é foda”; aproveitando enquanto todos da audiência estão se divertindo, estabelecendo uma proximidade entre músicos e público, tendo em vista que a audiência é composta por músicos, ouvintes e especialistas em HM, pois estes estão em constante interação numa mesma ocasião.

A classificação de pertencimento entre os membros da comunidade se efetiva muitas vezes de maneira implícita. Normalmente assistamos aos atos que são efetivados sem que parecesse existir grandes dificuldades por parte dos participantes. Ao contrário, quando se produz acusações – tema que vamos explorar ao longo da dissertação – não parece se tratar de incompreensão sobre o que se está demandando. E sim, uma discussão sobre a efetividade da prática. Por essa razão, percebi que nos momentos dos shows os indivíduos vão se medindo e emitindo opiniões, o que produz reações, que são disputas verbais, trocas de acusações, que ao fim vai redundar em manutenção do status ou, aquilo que parece se temer, a perda da importância e do lugar demandado na comunidade.

Os aspectos dessas definições são incorporados por valores que atravessam o universo do Metal, o valor da identidade como institucionalizado pelos membros reflete-se fundamentalmente no apreço deste indivíduo para com o seu status e poder no campo, seja na condição de músico ou enquanto parte da audiência. Estas situações vividas durante os shows podem ser interpretadas enquanto uma apresentação e uma prática que define, e assumido em termos analíticos enquanto um artifício que permite ao pesquisador compreender como se move os presentes no âmbito do show, sendo que o palco é tão relevante como o espaço da plateia. Certamente, no modo como observamos os comportamentos, nos defrontamos com jogos que se exibem como rivalidades e que se expressam numa linguagem de masculinidade.

Assim, observo a prática dos indivíduos desse campo, as estratégias e artifícios como uma dimensão que permite compreender a dinâmica operada na interação ritual entre a prática e o discurso (GOFFMAN, 2011). Esse movimento é próprio dos processos sociais, permitindo demonstrar como a vida social se (re)elabora constantemente, isto é, como o ideal de Headbanger posiciona os indivíduos em relação uns aos outros e como vivenciam suas práticas nas interações.

O aparato teórico utilizado nesse sentido se baliza na teoria sobre a interação ritual, procurando perceber nas relações sociais sistemas pelos quais se reiteram práticas ritualizadas. Assim, a minha proposta investigativa nesse estudo se baliza nas contribuições teóricas apresentadas, especialmente, por Erving Goffman (2011), pois os estudos de interação face a face, no contato empírico com os indivíduos constitui um dos

elementos fundamentais para o desenvolvimento de sua teoria e para nós é importante, pois se aproxima da forma como me relaciono com o campo e como procuro desvelar certas práticas ocultas por trás das interações sociais no Heavy Metal. Desse modo, procuro entender a partir da teoria interacionista de Goffman (2011) como ocorrem as interações rituais, de que forma operacionalizam a situação no quesito ordem, equilíbrio e estratégias utilizadas pela fachada dos membros para conseguirem adesão ao grupo (práticas que são ritualizadas de pertencimento), enquanto parte da construção social desse mundo e das distintas negociações que aí são operadas. Desse modo, reflito que, através das contribuições de Erving Goffman, pude explorar analiticamente essas situações.

Portanto, acredito que a teoria sobre o ritual se torna importante para compreender as relações, no que tange aos shows e as interações que ocorrem nele antes, durante e depois desses eventos, isto é, o *modus operandi* do Heavy Metal. Estas interações, por sua vez, incorporam artifícios e artimanhas em relação às regras da comunidade com suas práticas e discursos. Assim, a perspectiva proposta aqui na dissertação é observar como ocorrem as interações rituais dos Headbangers. E para que possamos investigar essas práticas, devemos atentar para a dimensão da relação social, quando supostos iguais produzem shows, que são vividos como integrados ao público.

Nos eventos de HM é frequente observar as classificações de pertencimento nos momentos dos shows, sendo que a ideia de classificação desse campo se estabelece a partir de códigos de conduta, que se mostram compreensíveis, adotados e impostos aos demais membros da comunidade, isto é, os que poderiam ser tomados como apenas fãs e são reconhecidos como iguais aos que reconhecemos normalmente como artistas. É o que torna este fenômeno musical digno de debate e investigação nas Ciências Sociais. A classificação sobre os membros do Metal, expressam-se frequentemente em um discurso de estratégias compartilhadas e aprendidas pedagogicamente, a partir dos quais os indivíduos buscam apresentar as qualidades que lhe permitirão ser visto como autênticos e, como parte necessária, atribuir ao outro a condição de não plenamente autêntico. Esta se faz mediante a interação de músicos e audiência mantendo uma ideia que são fiéis ao Metal, do qual emanam as categorias “poser”, “truer”, “porra louca” e “mafiador”<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> Categorias do grupo: Poser: aquele que performa uma imagem de pertencente da comunidade, mas não é, notadamente, quando os membros colocam os seus discursos em forma de inquéritos que sondam a trajetória deste ator na comunidade e descobrem a representação “falsa” emitida por este membro. Truer:

É importante também considerar a classificação a partir dos papéis, posições/ funções destinadas aos indivíduos nos rituais. O Metal utiliza-se de um jogo em que não se é permitido ficar de fora, isto é, a classificação é uma condição sobre a qual os indivíduos interagem. Assim, acredito que isso nos indica ser uma característica importante no Metal, no qual os seus membros estão constantemente mantendo uma postura que se diz verdadeira e realçada por sua fachada e pelo que a audiência concebe sobre ele. Em suma, no Metal as práticas são pensadas em conjunto, mas nas interações envolvendo o face a face existem prescrições, estratégias, valores partilhados / aprendidos e atualizados e que geram tensões porque há disputas e rivalidades.

Para Turner (1974) as práticas do tipo acima, são caracterizadas nos dramas sociais que se vive nos rituais, deste modo, essas percepções/definições são maneiras de experienciar os ritos. Parafraseando o dilema encontrado no “clássico” produzido por Malinowski (1998) *uma coisa é o que as pessoas fazem e outra coisa é o que elas fazem com que dizem*, assim nos rituais, algo que procurei observar nesse empreendimento de pesquisa, foi investigar como os membros dessa comunidade (re)produzem regularidades e as vivenciam.

Assim, refletindo de acordo com a microssociologia de Erving Goffman, a classificação de pertencimento incorpora propriedades que distinguem os indivíduos num jogo “valorativo” da identidade, o que gera na interação uma tensão de ordem moral e ética entre os membros da comunidade. Pois esta ação sempre ocorre em função da audiência que legitima o status de quem faz, mostrando-se ser forte e sábio diante os outros membros, e estas representações são valores sociais que aparecem no Metal e assim, coloca em jogo os valores e crenças acerca do enquadramento enquanto maneira de manter a imagem social.

---

trata-se do ator que está preocupado com sua imagem, de modo que sua vida gira em torno do Metal, em outras palavras, vive o Metal 24 horas por dia, entretanto, para este não basta viver, é preciso seguir as regras e não pervertê-las, são várias as regras, destaco que uma das principais é conhecer e está sempre bem informado é uma das suas características. O que implica também em conhecer não apenas a música, mas conhecer os seus iguais, gerando em determinadas situações separações e incorporações dependendo do status/prestígio do ator. Já o termo nativo de porra-louca: é destinado aos iniciados, aqueles que estão começando a escutar HM e não entendem as regras que existem entres os estilos, por exemplo, “você não curte um show de banda do gênero Metal progressivo, se aprecia”, é justamente este ato ou ação de não entender as normas que caracterizam os atores nesse enquadramento. Para os membros da comunidade o ator que vai ao show apenas para secar o outro que realiza a performance em palco é um mafiador, porque ele não seca apenas para querer a queda, mais seca, incorporando aquilo que é apresentado pelo musicista num olhar envenenado na expressividade artística. e pôr fim a categoria: White Metal, antes de uma categoria acusatória, é compreendida no campo como estilo musical do HM voltado a temática cristã. No Metal “secular” é possível encontrar inúmeras bandas que abominam o envolvimento dessa religião, especialmente, do cristianismo no Metal, justamente por apresentar reiteradas vezes a sua oposição a este tipo de música.

Antes de iniciar na discussão propriamente, empreendi a minha experiência<sup>8</sup> do HM como parte da observação participante, procurando estar presente na maioria dos momentos em que os seus membros atuavam, seja na internet, no cotidiano ou nos shows, para com isso perceber a dinâmica e as formas de interação ocorridas tanto entre os músicos quanto entre os membros da audiência. Participar da audiência ao longo dos anos e observá-los me permitiu entender mais sobre o HM, os arranjos dos músicos em palco com as trocas de olhares, as avaliações por parte do público e as posições que os membros ocupam para classificar e como esta é operacionalizada por eles.

Estar no ambiente da pesquisa me permitiu, ao longo dos anos, compreender a importância das relações no trabalho de campo. Segundo Berreman (1975) quando o pesquisador está em campo deve compreender a posição que ocupa face os demais e, saber disso, é identificar também que todos possuem papéis a desempenhar. Ao passo que o campo é esse espaço que dita o ritmo das nossas travessias, cada situação é singular para pesquisa que se almeja realizar, e permite entender como as relações sociais ocorrem num mesmo ambiente em diferentes eventos.

Ter participado enquanto músico no Metal contribuiu para pensar de forma diferente a minha relação com os membros – músicos e audiência. Quando entrei na comunidade era um adolescente entusiasmado com o HM, e na medida que fui crescendo e fazendo novas amizades na escola, crescia também a vontade de ter uma banda e pertencer ao Metal de forma completa, depois de um tempo passei de apreciador da música para desempenhar o papel de músico. E aí alguns membros, que acompanhei ao longo da trajetória achavam importante, “massa”, ter uma banda. Mas, quando ingressei na universidade as minhas disponibilidades foram se modificando, o que gerou dificuldades na manutenção da banda, o que não implicou em deixar de ter vontade de continuar participando desse meio social, resultando na minha monografia sobre esse estilo musical (SANTOS, 2018). Em muitos momentos nesse processo de pesquisa, minha imagem de pesquisador se confundia com a de um HB, no entanto, não se perdeu, mas se reatualiza em novas visões de mundo.

Penso que essa entrada me permitiu não ser colocado na posição de pesquisador em alguns momentos, barrando outras experiências, o que ocorreu poucas vezes. No entanto, quando era criança já tinha contato com música desse tipo, através dos meus irmãos, aprendi a gostar e incorporar a prática social dos HBS ao longo desse tempo. Mas

---

<sup>8</sup> Com a monografia (SANTOS, 2018)

de fato, em algumas situações tive a oportunidade de perceber tratamento e comportamento diferenciado devido minha atividade acadêmica, por um lado, de respeito, desejando imprimir uma imagem de importância por estar conversando com alguém acadêmico que pesquisa sobre Metal e, por outro lado, de indiferença, distanciamento e vigília do que eu fazia, pois eu não estava sendo percebido como integralmente Metal. Por exemplo, quando estive num show em Recife, um membro da comunidade passou próximo de onde estava e observou o que estava anotando, em outra situação de show já na cidade Natal observei dois membros conversando e direcionando o olhar para mim, identifiquei a posteriori que um rapaz que estava naquela conversa estaria tentando passar informação para o outro, sobre o que escrevia no caderno de campo, algo que penso ser uma evidência de que a pesquisa gerava preocupação com a imagem social que estes pretendiam projetar. Cabe dizer também que estar dentro da comunidade de HM me possibilitou ter acesso a convites aos shows fechados – eventos que possuem controle de indivíduos – o que talvez não aconteceria com outro membro ou pesquisador. Nessas situações, foi quando pude perceber certos aspectos que tangem ao backstage / bastidores dos shows e as dinâmicas utilizadas pelos músicos quando estão no momento ritual.

Parte do que experienciei e vivenciei na comunidade, foi a constante cobrança que ora se apresentava de forma objetiva e ora como subjetiva (do que vestir, escutar e como se comportar) do comportamento de um membro, surgindo tanto nas músicas quanto nos discursos na comunidade que projeta o ideal considerado Headbanger (HB). Nessa caminhada, percebi coisas que antes fazia e não percebia, por exemplo, a tarefa de pós show debater com os membros sobre qual banda teve a melhor apresentação e descrever os momentos de maior clímax. Justamente nessa participação nos shows, casas de amigos, viagens, conversas e grupos do *FaceBook* fui enxergando as classificações operando. Parte de mim nunca buscou classificar os membros, porém fui aprendendo, como acontece diante as conversas e fofocas que eram frequentes, no entanto, a partir disso pude entender melhor os enquadramentos que eles criavam sobre os HBS e que estes reproduziam sobre outros membros quanto às diferenças.

Uma coisa que nenhum membro gosta é ser chamado de poser, este foi um enquadramento que sempre busquei fugir e terminei por incorporar como algo meu. Em 2013, eu pensava nisso, no entanto em 2015, passei a observar que os membros e amigos do Metal também receavam ter a identidade HB exposta aos demais nessa chave, por alguém que tenta apresentar uma imagem de superior. Entretanto, em 2018, despertei que

parte disso se reflete na relevância dada à audiência pelos membros e os julgamentos que daí surgiam. A partir disso, se percebe de uma forma mais clara as relações e as representações operadas no campo do HM.

Muitos dos relatos dos amigos me revelavam que ser um HB exigirá muito mais elementos do que vestir roupas pretas ou ter cabelo longo. Se não bastasse “pegar música”<sup>9</sup> de ouvido e defini-la, o que já era algo difícil, a partir dos inúmeros estilos e variações existentes no HM, uma parte dos membros também se mostrava receosa, pois conversei com alguns membros no campo e estes tinham certa aversão as pessoas “estranhas”, especialmente, quando estive fora do Estado, prestigiando shows de grande público, como do *Abril pro Rock*, sendo que foi numa dessas viagens na qual conheci Franco<sup>10</sup> e seus amigos, com os quais partilhei vários momentos nos eventos.

Comecei minha pesquisa em 2015, em Campina Grande-PB e atualmente continuo a frequentar os shows de HM com certa assiduidade. Busquei estar presente na maioria das atividades propostas da comunidade local, bem como as excursões e visitas às casas dos amigos, tendo contato assim com diferentes pessoas em diferentes ambientes do qual o Metal se fazia enquanto foco principal e razão para agregar membros num só local. Não obstante, realizei anotações no caderno de campo a partir da minha presença nos diversos shows totalizando aproximadamente 300 anotações até então.

Primeiramente, antes de entrar na discussão dos capítulos, faço uma breve discussão da produção acadêmica sobre Heavy Metal, destacando estudos que buscaram aprofundar em alguma medida a discussão sobre o Metal. A produção sobre o HM não é demasiadamente longa, as pesquisas que se detiveram ao gênero musical no ambiente das Ciências Sociais recuperamos quatro trabalhos. O primeiro é o de Wanderley (2008) no qual investiga os conflitos ocorridos nas identidades HBS em Aracaju-SE, mostrando a sobreposição em que os membros dessa comunidade se colocam com os antagônicos, em especial, com os White Metal (WM) e que portanto, ser Metal é tentar constantemente isolar um indivíduo do tipo puro dos demais (truer), criando com isso normas e regras que balizam e organizam as práticas na comunidade, sendo que o importante nessa visão é de que o indivíduo seja “Metal”, e não um falso como um poser.

Revela-se assim a classificação de pertença e as características de percepções dessa realidade social. O autor apresenta uma análise de como as tensões são estruturadas

---

<sup>9</sup> Categoria do grupo para habilidade técnica de tocar a música sem olhar a tablatura (as anotações dos acordes, ritmos e técnicas aplicadas as canções).

<sup>10</sup> O leitor encontrará aqui nomes fictícios, no intuito de salvaguardar os atores do campo.

por outras identidades como White Metal, o que afeta a identidade HB. A classificação sendo uma temática que baliza a minha investigação, incorporei as análises feitas por Wanderley (2008), especialmente, aos valores sociais que estes atribuem às suas relações nos shows.

Santos (2013) trabalha sobre a sociabilidade e a construção da identidade HB a partir daquilo que se concebe por *Truer* e *Poser* em Salvador-BA. No HM estas representações ideais versam por identificar o engajamento dos membros no Metal através de seu discurso e sua prática. Estas categorias denotam também tipos distintos de interação com o estilo musical, uma é categoria afirmativa e a outra de negação da representação atribuída a este mundo. Isto é, a prática do HM é idealizada, mas que se molda diante os sentidos atribuídos sobre a posição que seus membros ocupam dentro dos eventos e fora deles, galgando status que variam de acordo com a classificação de pertencimento.

O trabalho de Coelho (2014) contribui na medida que apresenta a perspectiva do aprendiz, problematizado a partir da visão da educação estética e política, enquanto as estratégias e transformações que isso – classificação – gera nos indivíduos desse meio, resultando num processo de formação deste para serem aceitos, de modo a marcar o seu corpo com vestimentas, cabelos longos ou com cortes diferenciados do convencional, sinalizando a incorporação dos indivíduos a comunidade. A autora compreende que essa imagem também se ressignifica perante as outras imagens de HBS que estão nos shows.

Por fim, Silva (2014) em sua tese em História, percorre a descrição do modo como no Metal se assume posições dentro da comunidade, por exemplo, ele cita que a categoria *poser* esteve ligada a grupos que não tinham conhecimento sobre o gênero do Metal, o que gerava por parte da ala mais radical acusação desse tipo como forma de diminuir a presença de indivíduos que não eram enquadrados como verdadeiros/reais ao Metal. Este autor apresenta uma visão geral do estilo musical, atentando ao aspecto historiográfico do fenômeno surgido na Europa e a chegada ao Brasil. Porém, do meu ponto de vista se faz necessário pensar para além desse dualismo verdadeiro/falso, *truer/poser*, iniciado/não iniciado e perceber que esses mecanismos são acionados para estabelecer relações, negociações e estratégias entre eles, pois esses caracteres reafirmam suas crenças a respeito daquilo que vivenciam na comunidade ao longo do tempo.

Neste trabalho, a dissertação está dividida em três capítulos: o primeiro é o capítulo teórico que procura discutir o ritual, indicando como os HB elaboram as práticas nos shows, atentando para como eles demarcam e significam suas relações nos eventos

entre músicos e audiência, nos principais momentos para compreender os rituais solenes (BOURDIEU, 2008; GENNEP, 1977). Para isso, considero também o engajamento, pois este coloca em jogo as relações e formas do Metal que são inculcadas, aprendidas e em outras tensionadas pelos indivíduos nas ocasiões rituais alienadas.

No segundo capítulo, trato das bandas e os aspectos profissionais, busco apresentar como as relações das bandas operam nos shows de HM sobre a ideia de irmandade. No qual se caracteriza por uma relação de reciprocidade de trocas de chances de exercer o ofício musical. Quando um HB músico consegue uma chance de apresentar seu trabalho, por “irmãos” ou quando chamado para se apresentar nos eventos, impossibilita de outra banda desfrute desse laço, algo que resulta em inimizade, intriga, fofoca, isto é, não posso pensar a união sem a desunião como parte de um sistema operante, fazendo com que algumas bandas participem dos circuitos e outras não. Busco com isso apresentar como as relações mediam as tensões – que as inimizades/fofocas – promovem na ideia de irmandade, na medida em que tais práticas são compartilhadas e faladas pelos membros da comunidade e, portanto, reciprocidade não é somente harmonia mais tensão/desequilíbrio para a ordem ritual.

No terceiro e último, atento para a classificação no ritual operada pela audiência, sinalizando as interações e os enquadramentos experienciados em campo. O destaque principal aqui é o que ocorre entre os HBS que estão enquanto audiência, esta é também a forma que os membros da comunidade processam suas imagens diante os demais, participando desse jogo de classificar que as características de força, poder e sabedoria se encontram inflamados. Por isso, o status do HB se realiza na classificação ritual do Metal. Notadamente como esta opera, é experienciada e vivenciada por seus participantes, de modo que esta molda-se numa perspectiva de exacerbação masculina como superior aos demais indivíduos do campo. No HM, esta visão é utilizada por eles como enquadramento e julgamentos valorativos da masculinidade – por exemplo: quando o indivíduo pega nas partes íntimas do outro e chama-o de “fraco”, ferindo sua masculinidade.

Portanto, a dissertação está dividida em três blocos, o primeiro, pensando os elementos ritualísticos nos shows, no segundo capítulo, trata das bandas suas relações sociais e suas artimanhas produzindo com isso dinâmicas de reciprocidade e tensão. No último, investigo as interações entre a audiência e os valores atribuídos nesse meio social, como de status, diferenças de gerações, de gênero e o compartilhamento dessas classificações no HM. Em suma, há uma tríade show-banda-audiência que guiará este trabalho.



## **CAPÍTULO I: ELEMENTOS RITUAIS DOS SHOWS**

No primeiro capítulo, investigo de que forma na interação ritual dos shows, os membros se relacionam e se (com)portam enquanto Headbangers (HBS). Para isso recupero situações que presenciei ao longo dos anos participando desse campo e que me permitem realizar esta discussão. Desse modo, algumas características utilizadas pelos membros em campo, no decorrer do tempo, permanecem. Nesse campo social a masculinidade destaca-se, pois se mostra com muita ênfase quando estão interagindo, especialmente no palco e na interação dos membros com os que estão no espaço da plateia. Santos (2013) destaca a reprodução da performance no palco como um exercício que anuncia valores masculinos, de modo semelhante ao que se enuncia nas brincadeiras que são dirigidas aos membros da audiência, indicando aí os valores presentes na formação e enunciação da identidade dos Headbangers.

Vários membros da comunidade Heavy Metal (HM) com que estive em contato ao longo dos anos eram moradores da zona urbana da cidade de Campina Grande-PB, moradores de bairros de classe média alta e classe média baixa, muitos tiveram acesso ao ensino universitário (na área de exatas/humanas/saúde, atuando como professor, administrador, engenheiro, médico, psicólogo) e alguns que trabalhavam como vendedor, atendente de caixa e motorista de aplicativo). Para alguns membros, o HM foi acessado de diferentes formas, mas sobretudo, por motivação de alguma figura masculina – segundo o que identifiquei nos shows – de algum amigo ou familiar para ser Headbanger.

Pois, uma questão que emergiu no processo de pesquisa e que a dissertação procurou esclarecer é sobre o processo de “fabricação” de um membro dessa suposta comunidade. Percebi que há um desejo constante de participar, de mostrar que se é parte do que se considera natural e desejável - ser um Headbanger - e que esse universo gera um estilo de vida. Ao acompanhar participando enquanto membro e pesquisador nos shows, pude identificar durante as interações um aspecto fundante das relações identitárias que desvela a prática de ser HB é exaustivamente enunciada pelos membros para que o indivíduo da comunidade se porte a todo momento como merecedor de tal honra identitária. Porém, para isso ser realizável, é necessário que o indivíduo esteja disposto a aprender, demonstrar e compartilhar a prática do Metal, que instrui os membros do estilo de vida. Por exemplo, dentre os participantes, escolhe-se um membro que será alvo de um comentário que indica a não completa competência em termos de comportamento. Assisti à 'brincadeira' de se mostrar que a imitação de um artista não era

avaliada enquanto ato que demonstre competência. Como também, ao mesmo tempo que se demanda a adesão ao estilo (que implica em vestimentas, gestuais, habilidade musical, aprendizado das canções e etc.), a demonstração de não se estar com desempenho adequado, faz o membro ser alvo de “enquadramento”. Estamos diante do exercício de identificação a partir de elementos que são aprendidos, apreendidos, exercitados, exibidos e, espera-se, aceito, fato que identifiquei atrelado fortemente à formação (que é ensinada pedagogicamente) a identidade.

Desse modo, os shows funcionam como espaço no qual se instrui os membros e informa-se sobre as práticas de ser Headbanger, que é incorporada através de papéis, regras e alinhamentos (do caminho correto a seguir) tanto por músicos quanto audiência nos momentos de sociabilidade. Tendo em vista a minha experiência em campo e tendo participado do universo musical do Heavy Metal, observei e experimentei o que se demanda dos homens nesse espaço social, por exemplo, a fidelidade ao estilo musical de modo exclusivo e a importância em seguir as regras (como demonstro ao longo da dissertação). No entanto, a partir do que compreendi das situações em que isso ocorria, esta atividade era enfatizada como uma questão que envolvia em sua maioria apenas aos homens.

Como também aparece no trabalho de Coelho (2014) a forte ligação atribuída às relações dos membros as práticas educativas, nas canções e letras em volta da estética do Heavy Metal, segundo a autora, a palavra Heavy Metal significa “grandes armas” cuja conotação remete tanto a beligerância, quanto a elementos fisiológicos do corpo, poder e influência. Conforme a afirmação apresentada pela autora, “ele é um homem de Heavy Metal”, significa um indivíduo com know-how de poder físico e mental, que foi aprendido na experiência identitária (COELHO, 2014, p. 32). Assim, os espaços dos shows não são somente destinados ao entretenimento, porém é um espaço social de significados sociais, religiosos e políticos, que leva os membros a compartilharem as práticas sociais enquanto educativas a identidade.

Em outras palavras, os membros aprendem o que é ser HBS, inculcam através da prática (incorporando, aprendendo e reproduzindo) das interações nos jogos que disputam (a imagem) pela real representação social do Heavy Metal. Assim, recupero situações que experimentei e que foram registradas por mim desde 2015, em meu caderno de campo, o que me possibilitou traçar regularidades, tensões e controvérsias da identidade Headbanger no meu percurso tanto como membro quanto pesquisador (SANTOS, 2019).

Ao me debruçar sobre o universo HM e perceber a mecânica através da qual se produz um membro, busquei investigar as interações sociais, recuperando a perspectiva que foi explorada por Erving Goffman (2011) de *ritual de interação* (cujo empreendimento consiste num sistema viável de interação que é organizado por comportamentos rituais, relacionados às regras e entendimentos socialmente acordados) e associando ao esforço teórico desenvolvido por Bourdieu (1980) ao propor o conceito de *Habitus* (como lei imanente que se inscreve as identidades como estruturas cognitivas, motivacionais, de percepção e apreciação através dos quais os indivíduos apreendem e representam o mundo). Então, ao observar as situações, procurei discuti-las ao longo da dissertação.

Nos eventos que pude estar presente ao longo da minha trajetória de pesquisa, os membros (homens, em sua maioria) participavam efetivamente da situação dos shows. Observei que as práticas dos membros são carregadas de significados, e que podem ser contrastadas com o cotidiano. O show mostra-se como uma situação social que permite ao participante observador distinguir e destacar as ações. Por essa razão, pode-se realçar que há um sistema classificatório no qual o trivial é contrastado com o excepcional, através das chamadas brincadeiras nos eventos.

Quando estive diante do espaço do show pude identificar a presença de HBS acompanhados por amigos e namorados/namoradas e por parentes como irmão ou pai (com maior frequência); observa-se também estes membros curtindo a música realizando o bate cabeça, cantando as canções; outros cobrando compostura de membros; enxerguei também a entrada de mulheres nos palcos produzindo eventos ou tocando (o que é raro) e é importante destacar que embora possa-se chegar sozinho ao show, não se pode permanecer isolado e, ao mesmo tempo, procurar se fazer reconhecer enquanto parte da comunidade é um momento que implica em interação com os demais

O que aprendi na comunidade do HM ao longo de minha inserção na comunidade, antes como apreciador do estilo musical e depois como pesquisador, foi fecundo para explorar esse mundo social com mais empenho. Dessa forma, atento às interações dos Headbangers nos shows para entender como se dá dinâmica da identidade nos eventos, as observações e contatos que mantive em campo se constituíram em diversos momentos, no qual as conversas se tornaram importantes para pensar a formação e o que os membros falam nos shows, modo pelo qual que me permite identificar as dinâmicas dos membros no campo.

O trabalho de Patrícia Coelho (2014) identifica em sua análise sobre a prática dos membros do Heavy Metal uma educação estética pela qual os membros dessa comunidade ensinam uns aos outros nos shows, e que esse modo de se relacionar nos shows realiza uma produção de sentidos num processo do que é ser Headbanger, em que cada comunidade produz práticas morais e éticas para si, permitindo aos seus participantes uma “experiência sensível” em suas atividades sociais (COELHO, 2014, p. 34). Portanto, o processo de formação dos atores nos shows de HM (músicos e audiência), implica pensar que o ritual de interação se pauta também pelo engajamento/ comprometimento na comunidade. Deste modo, as interações face a face são fecundas para acompanhar os processos sociais que formam e andam atrelados às práticas dos membros – como demonstro a seguir.

### I. Sobre os shows

Por muitos anos observei os membros do HM, se tratarem como irmãos através de um espírito coletivo nos eventos, o que me levou a pensar a existência de uma irmandade, mediante o comportamento corriqueiro de cordialidade entre os membros, numa espécie de “disciplina dramática” (GOFFMAN, 1956). Os membros, em sua maioria, falavam-me que o HM, diferente de outros estilos musicais, era o único que produzia esse espírito de coletividade, o que demonstrava o seu compromisso com sua identificação nos shows. Conforme Coelho (2014) reconhece esses pontos como fundamentais para se manter as relações, pois estas são afirmações do reconhecimento da identidade. Estes membros relataram também que a ideia de coletividade podia ser experienciada em diferentes locais, como bares, casas de shows e casas de amigos, bastava estarem reunidos (SANTOS, 2018).

Com a popularização do Heavy Metal, nos anos 1980, se ampliou as formas de reconhecimento da identidade (em diversos países) que passaram a utilizar do Metal para promover sua identidade/nacionalidade<sup>11</sup>. Assim, possibilitou aos membros que compõem esse campo pesquisar, aprender e acumular conhecimento tendo como base as mídias digitais e a posteriori as redes sociais. Mas independente do espaço, os shows

---

<sup>11</sup> Atualmente os membros se queixam que outros membros não vão aos shows, porque ficam em casa assistindo os eventos pela internet, disso pode-se dizer também que outros indivíduos veem isso como algo bom, pois retira do campo aqueles não iniciados no campo musical e possibilitou aos membros se reconhecerem e conectarem com outros de estados e países diferentes (KAHN-HARRIS, 2000).

continuam sendo um ponto pelo qual os indivíduos se auto identificam com a música e a identidade Headbanger.

Começo pelo caso de Franco, membro da comunidade que passei a observar e a ter mais contato e com quem experienciei vários momentos nos shows no decorrer dos anos, bem como foi possível acompanhar o seu processo de formação no Metal, o que me possibilitou realizar anotações no caderno de campo e discutir. Creio que seja importante informar ao leitor que não limitarei ao caso de Franco, tendo em vista que pude compartilhar diversos momentos na presença de outros membros, mas parto dele pois me possibilita desdobrar regularidades com os demais, assim, retomo algumas situações de pesquisa com os membros do estilo em diferentes shows para pensar os elementos rituais da formação HB.

Na época que conheci Franco ele tinha 18 anos, nascido no Ceará, tendo-se mudado para Campina Grande por conta da agenda de trabalho do pai e onde ainda hoje reside. O seu pai havia passado num concurso municipal para trabalhar na área da saúde, após algum tempo, segundo ele narrou, ocorreram alguns problemas familiares que resultaram na separação dos pais. Algo que causou forte impacto na visão de mundo, fazendo-o crescer com um sentimento de desgosto por essa situação e, segundo ele, foi na tentativa de aliviar esse sentimento que buscou os shows de música HM, acompanhado pelo tio, descobriu que funcionava como um antídoto, permitindo-lhe liberar as tensões, direcionando as energias de forma a lidar com o cotidiano que parecia ser um permanente desafio.

É esta uma característica do HM, a masculinidade guerreira e valente que é amplamente divulgada nos shows, bandas, audiência e que aparece nos relatos de muitos membros da comunidade (CHRISTIE, 2010; PACHECO, 2006). Outro membro chamado Paulo mais antigo na comunidade que o citado acima, relatou os primeiros shows de Metal na cidade, no qual temia participar efetivamente dos *bate cabeça* e *circle pit*<sup>12</sup>, com “medo de apanhar”, embora sentia mais confiança em comparecer por ir ao show acompanhado do irmão mais velho que o incentivava a escutar e participar desses espaços de sociabilidade.

---

<sup>12</sup> Categoria do grupo que significa um ato realizado coletivamente nos momentos de maior clímax musical, no qual os membros correm em círculo se esbarrando uns nos outros. Outras categorias podem ser encontradas no glossário.

Por sua vez José Júnior passou a comungar desse espaço por intermédio do pai, que desde os anos 80, se orgulha de produzir Fanzine<sup>13</sup> sobre bandas e shows locais. Através do seu pai ele recebeu influência e se interessou pela música de tal forma que se tornou músico após assistir as performances em palco de bandas que gostava, formando uma banda com seus amigos da escola de música. Já Luciano, um dos seus amigos da comunidade local, realçou que a frequência aos shows se constituiu enquanto uma resposta crítica, pois ao perceber que os pais eram fiéis ligados ao cristianismo (protestante) e se mostravam explorados pelos pastores, ao darem dinheiro repetidas vezes a igreja. Com isso, Luciano quando estava nos shows, se deparava com as ideias subversivas da religião judaica cristã através de outros membros e conseguia extravasar a raiva/energia acumulada. Segundo Seixas (2015), há nesses espaços uma sintonia que liga a audiência e músicos em que o ato de extravasar é experimentado coletivamente na música. Assim, a experiência de estar junto nos shows, curtindo e tocando, produz uma sintonia em que todos querem colocar os sentimentos (raiva ou tristeza) para fora, externalizando-os. Para a autora, isso é uma forma da comunidade contribuir na resolução de empecilhos da psique ou social, sendo isso uma virtude encontrada na música.

Entretanto, antes de conhecer o Metal, Luciano por muito tempo foi motivado pelos pais a tocar em bandas de igreja e depois entrar em bandas de “White Metal (WM)” (WANDERLEY, 2008). Embora este membro denote a importância no Metal rompendo tal relacionamento com a igreja, encontrei diversos membros que ao contarem a adesão (conversão) ao universo do Heavy Metal mostraram que inicialmente estavam vinculados ao ambiente religioso cristão, com um grau de adesão mais efetivo e ao se mostrarem incomodados, fizeram um movimento de rompimento que é seguido por uma adesão que se faz inversamente proporcional. Logo, discursivamente encontramos uma clareza da oposição entre HM e cristianismo, pois conta-se em campo que se relacionar com esta religião seria uma desonra ao Metal (PERISTIANY, 1971).

São muitos discursos que permeiam esse campo sobre os shows, bem como contou Rafael, que havia começado a gostar de Metal pelo pai que escutava *Rock 'n' roll* nacional e internacional enquanto era criança, (a partir dos) aos 4 anos de idade (algo que era tomado para caçoar/brincar com ele, pois uma justificativa para isso era que uma criança nessa idade ainda não saberia o que significaria HM).

---

<sup>13</sup> Categoria do grupo para revista local, no qual se encontram resenhas de CDS, DVDS e shows, espaço também destinado às bandas locais e divulgação de eventos.

Como também há membros que narram essas experiências num tom intelectualizado, mostrando por qual via incorporou o estilo musical, como no caso de Jean também morador da cidade, quando numa viagem com sua banda a João Pessoa-PB, contava o fato de ter se iniciado como apreciador da música, na infância, por intermédio do pai professor universitário e músico famoso na cidade. Quando os membros estão compartilhando os espaços, há sempre a possibilidade de um membro e observador se defrontar com situações que favorecem a pesquisa e o aprendizado. Então, quando nessa excursão fui ao show, pude assistir o momento no qual Jean reconhecia que o *Rock'n'roll* teria auxiliado o Heavy Metal a se tornar o que era. Porém, José (pai de José Jr e de uma geração anterior) discutia afirmando que em verdade, no Rock'n'roll e numa banda específica - Black Sabbath - já existira a 'semente' do que se tornou o Heavy Metal, não sendo para José algo automático.

O que me mostrou na discussão foi a interpretação que se queria legítima e única para o campo. Por um lado, ao se narrar e discutir para os que estão juntos e se reconhecem enquanto parte da 'irmandade' Headbanger, os membros são levados a perceber que são acionados elementos que permitem contrastar com outros estilos musicais que são classificados como menos relevantes. Na mesma situação: José disse em tom jocoso, que parte do seu aprendizado no campo musical era resultado da convivência e do gosto da mãe, pois esta foi uma apreciadora do Rock quando jovem e lhe apresentou e estimulou essa vertente para ele. Porém, quando José começou a fazer entrevistas com bandas de Black Metal para o Fanzine, ela não tinha ideia de que entre os entrevistados, alguns apresentavam um interesse pela temática satânica, algo que a deixaria chocada, certamente. Aqui se mostra uma diferença entre Rock e o verdadeiro Heavy Metal e a recusava (do pai) em reconhecer por completo o discurso do amigo do filho. Possivelmente se tinha ali uma disputa pela narrativa do campo, quanto à imagem que se tem sobre os demais (GOFFMAN, 2011).

E assim são várias narrativas que retiram a importância e distanciam as mulheres com relação ao HM (FONSECA, 2013; SANTOS, 2019; WEINSTEIN, 2009). Nas interações que são descritas e que priorizam os homens, não apresentam efetivamente nenhuma barreira com relação às mulheres. Não há nada que impeça fisicamente que mulheres possam estar presentes na audiência ou nos palcos. Porém, a mecânica das interações se mostra de tal maneira que não se torna receptiva a presença feminina (trato desse aspecto no último capítulo) (SANTOS, 2019). Eny 32 anos, moradora da cidade relatou certa vez sua relação com o HM, numa história próxima da narrativa realizada por

Franco. Embora, nessa situação, Eny conhecesse o *Rock'n'roll* pelo pai e juntando as economias conseguisse comprar o primeiro violão para aprender a tocar, o que resultaria a posteriori na aquisição de uma guitarra para tocar em bandas nos shows. Após algum tempo, passou a experimentar de forma mais efetiva o Metal nas performances em palco, os seus relatos indicam que toca esse tipo de instrumento voltado ao HM há mais de 10 anos – e ainda hoje continua. Outro exemplo nessa direção se dá por Ana, ex musicista da comunidade, que reconhecia nos shows de HM a subversão no estilo do Metal, mas a posteriori percebeu que parte desses discursos só funcionam no âmbito ideal, pois identificava que existia uma tradição no estilo musical coordenada por homens nos shows e que a presença de mulheres era indesejada aos palcos (WEINSTEIN, 1992; PACHECO, 2006).

Embora as experiências aqui tenham caráter singulares no que diz aos membros, cada uma delas possui influência de algum homem, o que destaca a divisão dos sexos na formação da comunidade (SANTOS, 2019). Estas narrativas são importantes, pois indicam as posições sociais dos indivíduos (homens e mulheres) na comunidade, especialmente, de gênero (PACHECO, 2006). As interações entre estes membros são díspares na medida em que as atividades essenciais para a comunidade são desempenhadas por homens e “atividades secundárias” ao ritual, como venda de produtos e bilheteria são destinadas às mulheres (SANTOS, 2019). Todas as práticas como as descritas acima, são ocasionais e mais importantes para os homens do que para as mulheres, dando às relações uma divisão sexual do trabalho. Goffman (2011) identifica este tipo de ação<sup>14</sup> como pertencentes ao culto da masculinidade em nossa cultura ocidental, pois o desenvolvimento de atividades e afazeres entre os indivíduos como estas, são atividades rotinizadas socialmente. Coelho (2014) reconhece também que tais práticas são de um espaço hegemonicamente ocupado por homens jovens e adultos nos shows.

A preservação da fachada<sup>15</sup> dos homens no HM pode ser compreendida como valor social “positivo” onde um dado ator pode reivindicar para si através do que os outros também a priori veem desse membro durante as interações nos momentos de

---

<sup>14</sup> Goffman (2011) identifica que o indivíduo pode (consciente ou inconsciente) ver o outro como campo de ação (o termo ação refere-se a uma atividade em curso que suscita do indivíduo uma reação), especialmente para reestruturar as práticas cotidianas, isto é, onde os indivíduos estejam, eles tendem a enquadrar os outros fora do seu campo social.

<sup>15</sup> Forma que o indivíduo encontra para tentar impedir que ocorram incidentes que ameaçam a sua fachada (GOFFMAN, 2011).



sociabilidade. Uma das características da fachada, segundo Goffman (1956) discute em seu estudo, é a imagem do Self desenhada em atributos socialmente aprovados. Por exemplo, as brincadeiras (entre os homens) para caçar/brincar do outro (como mostro mais a frente), precisam que os atores possam realizar estas sem ferir o self do outro membro. A brincadeira tem o caráter de arranjo das interações, notadamente nesse mundo social fantasiado masculino do HM em que se testa a construção da realidade masculina (BERGER; LUCKMAN, 2001).

Pierre Bourdieu (1980, p. 98) afirma “A própria interação diante de sua forma com as estruturas objetivas que produzem as disposições dos agentes em interação”, isto é, as posições dentro da interação e fora dela se reproduzem pelo padrão socialmente “homogeneizante” da prática de um grupo ou classe e sua condição social. As brincadeiras ou “tirações de onda” frequentes com que os membros mostravam em alguma medida à presença de uma figura masculina no HM, era parte dos referentes masculinos, como provedor, criando/tocando música do gênero; influenciando uns aos outros seja ao rock ou Metal; sendo também por causa/consequência dele, como no primeiro caso citado ou como na visão de Ana sobre o show como espaço masculino. Assomado a esse tipo de “aceitação” a prática dos indivíduos, Goffman (2011, p. 19) afirma “normalmente é uma aceitação "prática", e não "real", pois ela tende a ser baseada não em um acordo de avaliações sinceras (...)”, o que atribui a estrutura social uma elasticidade e o indivíduo nessa situação ganha mais autonomia, pois não é apenas resultado mais também agente de mudança da estrutura.

As relações que ocorreram nas trajetórias de vida desses membros nos shows, mostram a importância da figura masculina e como eles passaram a se espelhar para representar. Desde 2015, frequentando os shows de HM, observo que caçar (brincar uns com os outros) é um tipo de brincadeira comum, no qual todos reforçam nos encontros realizados nos shows. Por exemplo, nos shows era frequente identificar jovens e adultos vestidos como guerreiros vikings (no palco e audiência), o que sempre rendia enunciados irônicos sobre a origem social (por exemplo: “como se pode ser viking morando num lugar tão periférico como do sertão nordestino”) dos que assim se portam nos shows, isso também se observa para aqueles que são ortodoxos dentro do estilo musical como este sendo um *truer*. Estas formas de caçar se tornam fundamentais na medida que o indivíduo passa a inculcar a prática, notadamente, as regras sociais da identidade HB.

O fato de acompanhar Franco há algum tempo me fez perceber isso. Numa situação em meados de 2014 em que ele ainda escutava banda de new metal (estilo

musical que não tem tanto apreço nos shows locais) e frequentava todo tipo de evento como forma de demonstração de engajamento, isso o colocou numa posição indesejada, pois ao frequentar um show de Metal cristão e ser fotografado, teve sua imagem compartilhada nas redes sociais. No entanto, após essa situação, muitos críticos surgiram e denunciaram o evento e os envolvidos. Franco ao perceber que essa prática realizada não era bem quista, passou a adotar uma nova postura, desconstruindo – escutando Metal satânico, postando alfinetadas na igreja nas redes sociais e nas conversas entre amigos nos shows – a visão que tinha sido projetada.

A inculcação se realiza na prática, no exercício de ser HB, (ouvir, vestir e falar). Estes são aspectos que permitem aos indivíduos (se) representar igual os ídolos, personagens, artistas ou pessoas que possuem apreço por eles. Para reproduzir esta representação social, observei que a mesma se dava através da disputa pela representação, “impondo-lhe princípios de visão e de divisão comuns” (BOURDIEU, 2008, p. 111). Pois os membros não gostavam de ficar para trás nas “zueras” ou mesmo passar por algum constrangimento por não conhecer determinado fato que compete à identidade, como demonstrou Charles em sua performance em palco no ano de 2018, afirmando que os Headbanger deveriam conhecer a história do Heavy Metal a fundo antes de fazerem ou o que estavam fazendo, comprando o discurso do candidato da direita, pois para ele o Heavy Metal é subversivo e não fascista, sinalizando a posteriori que os verdadeiros Headbangers saberiam do que ele estava tratando. Creio que parte dessas questões foram tratadas e parte desse mundo construído sobre a imagem masculina fez com que as representações que observei em palco ou fora dele fossem essenciais para os papéis dos self no campo. Mas não somente isso, parte disso se baseava nas experiências que esse ambiente proporciona às interações rituais, como processo contínuo da masculinidade, mediante símbolos, gestos, discursos e práticas.

Goffman (2011) reconhece que há uma tendência de o ator experimentar emocionalmente a fachada do outro quando se faz o contato, num processo que assimila os seus sentimentos à representação do outro. Há uma prática, especialmente referenciada pela apresentação musical, na qual se performatiza o comportamento masculino com um conjunto de gestos, de roupas, das letras, dos modos de cantar e tocar e que inspiram os indivíduos que estão assistindo. Isto é, os homens reforçam tanto a superioridade nos palcos através de todos enunciados sinalizados acima, quanto são maioria ativa na produção e protagonização dos eventos que podem ser tomados aqui enquanto um culto à masculinidade (BOURDIEU, 2007).

Quando realizei a pesquisa de campo, esta prática por parte dos homens se fazia com tom de cavalheirismo e respeito, em outras ocasiões há conversões dessas práticas para conotações sexuais e também de restrição às mulheres nos espaços principais dos eventos e na influência da formação identitária dos membros. Isso faz parte das subjetividades, barreiras físicas “não existem” para elas se apresentarem, porém estas são realizadas por meio de uma série de tensões e contradições da comunidade (SANTOS, 2019; WANDERLEY, 2008). A seguir demonstro como esse exercício da educação estética perpassa uma série de enunciados que ora estão explícitos e ora implícitos nas formas de sociabilidade estabelecidas nos shows e que reiteradas vezes são mecanismos que permitem aos indivíduos se comportarem de forma apropriada aos contextos dos eventos.

## II. As regras nos shows<sup>16</sup>

A encenação dos músicos nos palcos, nos momentos de performance oferece aos indivíduos que apreciam esse estilo de vida uma prática que tanto fantasia e encanta os membros nos shows. Quando realizei a pesquisa de campo, frequentando os shows e participando de excursões, observei algumas particularidades da prática social dos membros que são interessantes para apresentar aqui. Por exemplo: José Júnior parecia-me a repetir o mesmo comportamento que o pai realizava nos shows, com os cabelos longos, calças jeans apertadas, uso de tênis basqueteira com cano longo quanto um discurso saudosista em que o passado era melhor que o vivido na atualidade, algo que era interessante nos primeiros anos de pesquisa do mestrado de se observar. Depois de um tempo percebi que aquela prática produzia ressonância nos demais membros da comunidade, isto é, era uma representação realizada por músicos e audiência (SANTOS, 2020; COELHO, 2014). Mesmo que surjam brincadeiras a partir da “cópia escrita” como dizem, quando um indivíduo se parece com o outro, revela o peso que as imagens têm

---

<sup>16</sup> Estou pensando as regras como parte constituinte da ordem social, são justamente as regras elaboradas e produzidas pelos membros que definem as situações sociais e o quanto deve ser devotado a identidade apreço. É importante também destacar que não estou afirmando com isso que os indivíduos apenas seguem regras como marionetes. Pelo contrário, demonstro nesse capítulo, que o *habitus* reveste esse campo desvelando uma compreensão de um mundo social delineado a dramaturgia e isso não significa dizer que não existam regras no jogo apenas que são atribuídas de maneira desigual na comunidade. Isto é, “pode-se falar de jogo para dizer que um conjunto de pessoas participa de uma atividade regrada, uma atividade que, sem ser necessariamente produto da obediência à regra, obedece a certas regularidades” (BOURDIEU, 1992, p. 83). Dessa forma, procuro deixar claro aqui que é importante considerar o *Habitus*, pois as regras que estão explícitas, representadas e criadas podem e são transmitidas nas relações sociais dos membros.

sobre os outros HBS, (isso não é um fenômeno local, mas global no Metal, especialmente impulsionado através dos meios midiáticos e especializados no HM), numa encenação de direitos e deveres de um status que paira sobre o papel social na comunidade.

José Junior passou a assumir o papel de HB, por meio da participação numa banda com os amigos e idealizou os palcos dos músicos (muitos desejam estar nos palcos e possuir status e prestígio na comunidade, trato desse ponto no capítulo seguinte) (SANTOS, 2021). A partir do que experimentei e vivenciei do campo (quando fui músico) pude compreender as implicações que ser músico do HM pode demandar dos adeptos. Apesar da jocosidade e brincadeira com que alguns levam as imitações, isso mostrou pra mim como se incute os papéis nos HBS. Ser membro do HM, passava por saber o que vestir, escutar e falar quando se está na presença imediata de outro membro, especialmente, quando a temática das conversas era Metal. Acrescenta-se isso também aos músicos que dependem de todo aparato estético para as apresentações (dependendo do estilo), possibilitando a transmissão ao membro o comportamento modelo.

O show permite que se apresente uma imagem dos membros, que responde a uma idealização, e que produz uma ressonância naqueles que assistem. Porém, não é um caminho retilíneo, e por isso, quem está participando pode ser tratado como um jogador que se vê confrontado com a sua qualidade verdadeira, e que remete ao processo destacado por Bourdieu de se experimentar as situações de modo a alimentar ou não a honra dos participantes. Conforme Goffman (2011) afirma, os indivíduos estão sujeitos a profanações (como ser desmascarado), por isso, o jogador ritual precisa se comprometer com os duelos com que se defronta. Dessa forma, a brincadeira sobre José Júnior – ser uma “cópia” do pai – por parte dos outros membros, de um lado, mostra a importância da prática (reproduzir o que se aprendeu imitando) nesse campo e de outro lado como se aciona o *modus operandi* da comunidade (GOFFMAN, 1956)

Pelo que muitos membros relatam em campo, este aspecto descrito acima se dá através do que Coelho (2014) chamou de experiência estética que é alimentada pelos shows, músicas, espaços de sociabilidade e vestimentas que identifica a repetição e se torna um dos elementos rituais do HM. O desenvolvimento dos outros dois (escutar e falar) tendem a ser aprimorados nas relações com os outros que compartilham as experiências coletivamente (SANTOS, 2018). Era comum ouvir dos membros que ser Headbanger implica numa tomada de consciência acerca da tríade acima, o que chamei brevemente na monografia de “pedagogia” que ensina aos membros a maneira correta de representar a comunidade e que suscita do membro reproduzir a prática, isto é, a imagem

do HM, via de regra, esta é uma prática esperada de ser realizável e demonstrável no Metal, pois precisa da validação dos demais (COELHO, 2014).

Segundo Santos (2018), a pedagogia do Metal, especialmente as regras que competem a identidade dos que fazem o HM, procuram sustentar as interpretações que são apresentadas aos outros membros como uma enunciação correta e única, e para produzir legitimidade vão buscar na literatura especializada o capital que legitima, a saber: revistas<sup>17</sup> e fanzines – hoje em dia é possível de serem adquiridos em formatos impressos e digitais, cujo foco apresenta diversas visões/saberes do HM. Rafael e Lucas, membros da comunidade local, quando iam aos shows de Metal, abriam suas bolsas e mostravam as revistas que haviam adquirido nas bancas e assim, reconheciam a importância desse material para eles para se portarem enquanto HBS autênticos nos shows, afirmando que ela encontrava o que precisavam e passavam a gostar da música. No entanto, isso não é uma afirmação apenas deles, mas que se reproduz em outros membros que todo mês adquiriam os seus exemplares. O acesso ao material<sup>18</sup> possibilita aos membros atualizar suas práticas através do que estas revistas apresentavam a comunidade, este era utilizado como mecanismo pedagógico também para as regras comportamentais – afinal as categorias, *poser* e *truer* foram amplamente divulgadas pelos discursos das bandas em revistas e mídias (CHRISTIE, 2010; SILVA, 2014).

O membro Lucas incorporou muito dessas práticas – tríades – com os amigos nos shows, isto é, identificava nos outros membros a mesma prática, no qual de forma exploratória trocavam revistas, CDs e DVDs, um indicando ao outro bandas que tinha “qualidade” na construção musical, no que se refere à qualidade sonora, estética e nas temáticas (letras) da mesma. Mas entendi que isso era básico (trocar material e aprender sobre a música) para se compreender as relações e o que se demandava dos membros do HM. Se fala em campo que estes aspectos da identidade não são obrigatórios a serem seguidos, porém, não é isso que observo ocorrer “despretensiosamente”. De fato, os HBS devem demonstrar que compreendem isso como importante porque se trata de sua paixão a esta cultura alternativa, por lealdade e fidelidade a comunidade, como algo que os indivíduos realçam como dignos de serem participantes dessa forma cultural. Bourdieu (1996, p. 152) afirma, “quando as representações oficiais daquilo que um homem é

---

<sup>17</sup> Esse universo tem se reconfigurado, pois muitas revistas deixaram de circular. Posso citar a Rodie Crew como uma sobrevivente, em contraste com a Rock Brigade, sendo que esta última continua a ser citada nas conversas dos Headbangers.

<sup>18</sup> Categoria do grupo para CD/DVD/tape e revistas.

oficialmente em um espaço social dado tornam-se *habitus*, elas se tornam o fundamento real das práticas”. Desta forma, Kahn-Harris (2007) reconhece que este aspecto periódico da comunidade influencia na formação dos atores desse campo, de modo que se passava a informar e até ditar como se concebe o estilo musical. Estes membros, citados acima, levavam horas em debates, ora de forma acalorada e ora tensa, por parte de alguns que defendiam as bandas preferidas (numa competição de quem tinha o melhor *set list* de músicas).

Estas práticas de desenvolvimento da identidade nos shows, se assemelham com as que Patrícia Coelho (2014) analisa sobre os HBS, mostrando que esta lhe chama a assumir a educação do HM, não se baseando em padrões convencionais<sup>19</sup>. Elabora-se sim uma visão de mundo em que o gosto musical é experienciado comumente por seus membros, são os elementos pelos quais a autora percebe atravessados na identidade HB. É a experiência que possibilita ao membro começar a incorporar as práticas comuns dos outros, cantando, tocando e batendo cabeça nos shows, que termina constituindo uma “comunidade participativa” (COELHO, 2014, p. 85).

A autora compreende essa educação como fruto de um aprendizado guardado na memória dos indivíduos, numa espécie de educação das representações na qual se aprende e pratica (COELHO, 2014, p. 30). Como disse anteriormente, mais do que reiterar suas ações, o membro representa tudo aquilo que foi ensinado por outros, assim, o HB não somente parte da memória que um indivíduo possui da identidade, porém parte de comportamentos modelos que expressam práticas comuns no Metal, devendo entender esses modelos como processo de integração na comunidade, usando disso, com regularidade em contextos diferentes (ordinários e excepcionais) para que isso faça parte dele, numa espécie de rituais de apresentação, dos quais os indivíduos confirmam aos demais como ele possui apreço e como os tratará nas interações - pois existe aqui disputas e mudanças pensando em termos geracionais (SEGALEN, 2002).

Este processo de relação dos membros em campo, apresenta que a prática não repete apenas a imagem como também o discurso (informação que recebe e compartilha) dos ídolos, bandas e amigos. O membro deve incorporar estas características de tal forma

---

<sup>19</sup> Algo que também aparece na discussão realizada por Weinstein (2000), no qual autora discorre sobre três dimensões da identidade dos membros do HM, a saber: a dimensão do som, a força e o poder que este estilo resgata para suas músicas; a dimensão visual, perpassa a estética das roupas e adereços como bijuterias e patches, bem como a representação de guerreiro/soldado feita por eles; a dimensão verbal, discursos carregados de significados, indo dos nomes das bandas, os temas das letras quanto o que se diz em palco. São estes elementos encontrados como aspectos pela autora do que forma o HM.

que estas façam parte do seu repertório identitário, produzindo sentidos e “tornando está uma lógica significativa ao indivíduo que participa do HM”, até que o membro, com auxílio dos outros, se torne independente e siga o estilo de vida (COELHO, 2014, p. 84). Para que o indivíduo, a partir disso, mudando a forma com que se relaciona na comunidade possa enfrentar as classificações de pertencimento da audiência nos eventos – em que se encontra uma variedade de estilos e gostos musicais que tendem a delegar o outro como não autêntico. Isto é, deve ser incorporado de tal forma que não deixe margem para contestação, porque não é suficiente para o membro se vestir como tal, muito menos forçar a representação que não possui – chave pela qual muitos membros do Metal enquadram os outros como *poser* (SANTOS, T, 2013; WANDERLEY, 2008).

Na perspectiva de Pierre Bourdieu (2008), a prática leva ao indivíduo disposições (duradouras, hábitos e usos), se torna uma forma estratégica de lidar com o seu mundo, consiste ainda, na inculcação e incorporação dessa prática sob a forma de *habitus*. Este processo que ocorre nos shows trata que o Habitus está inscrito nos indivíduos através das experiências passadas que operam para eles tanto como um conhecimento prático, criados na identificação e reconhecimento das condições e convenções a que eles próprios estão atentos – às situações – para agir da maneira adequada a regra de conduta (BOURDIEU, 2001). Conforme Weinstein (2000) sinaliza algumas características da identidade baseadas na tríade (sonora, visual e verbal) como prática socialmente institucionalizadas pelos membros em todo percurso dentro da comunidade, indicando e avaliando o aprendizado. Segundo Bourdieu (1990, p. 99) o indivíduo na maioria das sociedades é guiado por uma conduta de esquemas práticos, "princípios que impõem a ordem na ação". Trata-se de princípios classificatórios e de hierarquização que guiam a vida social. Ademais, esta prática produz nos indivíduos sentidos e significados que passam por suas ações sem a percepção do indivíduo pelo fato dessas serem algo rotinizado. Isto significa ainda, que os HBS conversam constantemente sobre a tríade (sonora, visual e verbal) como essenciais à identidade – sendo esta prática consciente ou inconsciente (AZEVEDO, 2009).

Ouvir uma música no HM é algo mais intenso, especialmente, sendo este um elemento que baliza tanto a adesão do indivíduo a comunidade, quanto sua formação identitária, pois não basta ouvir e gostar, este deve ser compreendido como um exercício que possibilite o indivíduo incorporar e afirmar porque é importante para ele e pode ser aos demais, isso deve estar nítido na roupa que veste e no discurso que advoga na frente dos membros, isto é, deve-se demonstrar domínio da tríade (WEINSTEIN, 2000).

Recordo das muitas vezes em que observei os membros utilizando fone de ouvido nos mais diversos locais, a saber: na universidade, ônibus, viagens e áreas de lazer, gastando horas nesse empreendimento por dia; outras vezes observa-os dividindo o mesmo equipamento de som e cantando juntos; deixando o cabelo crescer, comprando roupas pretas iguais aos outros; logotipos estampados nas camisas que identifica o gosto musical e banda que admiram, utilizando o *corpse paint*<sup>20</sup>, passando a possuir nos discursos, um senso crítico para com o mundo, especialmente em negação ao cristianismo e mais recentemente a política (SENA, 2019).

Assim, estes indivíduos constroem-se dando vitalidade a uma base pedagógica inculcada ou internalizada que (re)forma e faz a identidade dos membros. Diante dessas características descritas acima da identidade, possuir um caráter de naturalização das práticas nos shows, não poderia resumi-las apenas ao aspecto incutido, a prática é operada de forma dinâmica nessa pedagogia, não é apenas receber educação, ao contrário, os indivíduos pensam no que fazem e porque realizam tais ações, logo, estão cientes de suas práticas sociais.

No grupo conheci alguns membros que aprenderam a tocar na guitarra determinadas músicas de ouvido<sup>21</sup> – sem auxílio de tablatura, vídeo aula ou internet – e que sabiam diferenciar os estilos apenas ouvindo a batida da bateria; os ritmos da guitarra; a forma como se canta, eles aprenderam e repetiam aquilo no instrumento até acertar o timbre e acordes de uma dada música.

Edson, membro da comunidade, rapaz que eu acompanhava por diversos espaços na cidade em que ocorriam shows de Metal, aprendeu a tocar violão (considerado instrumento base para tocar guitarra) com um professor particular custeado pelo seu pai. Numa certa situação de show na cidade de Campina Grande, enquanto ele assistia a performance das bandas me perguntou:

- Sabe qual é o gênero dessa banda (enquanto se admirava com a performance)?

Eu havia parado para pensar e falei:

- Não, não sei

Edson perguntou (em tom de afirmação):

---

<sup>20</sup> Maquiagem artística muito frequente entre músicos do Black Metal.

<sup>21</sup> O que era praticado inicialmente em conjunto com outro músico que passa as técnicas e depois o indivíduo passaria a memorizar e realizar “naturalmente”.



- Então tu sabes diferenciar os estilos musicais? pela batida da bateria ou guitarra, por exemplo?

A dificuldade, *à priori*, era que a banda escolhida por ele naquele momento, possuía variação entre outros gêneros musicais e implicaria num tempo para encontrar regularidades rítmicas para chegar a uma conclusão mais próxima do plausível. Edson teve oportunidade de aprender violão e entender mais as especificidades do fazer musical – especialmente regido pelo que o seu pai solicitava, caso contrário terminaria o contrato com o professor de música – conseguindo acumular conhecimento para poder identificar o que havia me solicitado de forma demasiadamente automática. Na situação descrita, ele contou que a música possuía ritmos, em todos os instrumentos, e no caso do HM, muitos desses se repetem nos gêneros e em alguns têm características marcantes como o *blast beat*<sup>22</sup> do Death Metal (DM) ou Black Metal (BM) e técnica vocal do gutural<sup>23</sup> são bases das canções.

Atualmente, Edson saiu da comunidade, se formou na área da comunicação, casou e passou a dedicar seu tempo à família, ademais, o seu tempo nela, mostrou-me como se esforçava a aprender, especialmente, quando tentava tocar alguma música do HM, juntamente com algumas revistas que passavam as tablaturas<sup>24</sup> e possibilitava a ele desenvolver e comparar as técnicas, mesmo que provisoriamente no violão com o professor e depois reproduzir nos shows suas análises enquadrando músicos e audiência (BOURDIEU, 1999). Alguns membros na minha caminhada de pesquisa relataram que para tocar Metal se fazia necessário tocar por horas as canções (repetidamente), através do auxílio de um metrônomo<sup>25</sup> para então chegar num nível de independência musical para tornar o som limpo (mais audível, menos sujo<sup>26</sup>). Portanto, tais práticas são

---

<sup>22</sup> Categoria do grupo para técnica aplicada a ação de tocar rápido na bateria, os membros costumam associar o seu som ao da metralhadora.

<sup>23</sup> Categoria do grupo para técnica vocal aplicada nos diversos gêneros musicais que implica numa mudança vocal e com intuito de soar brutal ou demoníaco. Segundo os membros, a palavra deriva do grego que significa grito animal.

<sup>24</sup> É a forma da música escrita que informa ao músico que etapas da produção ou reprodução musical deve ser seguida para tocar uma determinada música corretamente.

<sup>25</sup> Aparelho que marca o tempo da música através de pulsos sonoros. No qual o músico deve tocar de acordo com o BPM (batimentos por minutos) sugerido para cada canção.

<sup>26</sup> Tema de muita controvérsia na comunidade, pois uma ala defende que deve ser som limpo, porque mostra a virtuosidade (aquele indivíduo caracterizado por saber criar e tocar música de forma “inteligente”) e a outra que busca a música suja por desejar buscar nisso a “essência” do Metal sobre a alegação que as primeiras bandas do gênero não tinham equipamentos de som tecnológicos como existe atualmente e, portanto, o “tradicional” seria este sem muito brilho, sem profundidade musical, deveria ser apenas HM.

aprendidas considerando sempre os diversos processos que cada indivíduo no HM atravessa de experiência e vivência na comunidade. Em suma, alguns aprendem observando o outro fazer e, portanto, imitando-o; outros aprendem de ouvido e outros através de professores de música, diante daquilo que me foi possível observar ocorrer em campo com maior regularidade.

Parte das disposições que se faz no HM, indica que aprender a prática se desenvolve na relação e cooperação do outro, com horas a fio escutando ou tocando, o que Weinstein (2000, p. 70) identifica como desenvolvimento de “habilidade que exige criatividade” e esforço, em que os indivíduos vão pedagogicamente inculcando as práticas através do que experienciam dos outros e assimilam com suas realidades. Desse modo, os HBS são persuadidos (intencionalmente ou não) às premissas do que implica pertencer à comunidade Metal (COELHO, 2014).

Numa das ocasiões festivas em Recife-PE, Franco relatava que havia identificado na apresentação dos músicos do gênero Power Metal o tema do cristianismo<sup>27</sup> em suas canções. Para ele, os músicos, além da temática cristã, repetiam o modelo das bandas europeias de Metal Cristão, tendo em vista, especialmente, à oposição do Metal e a forma como os “músicos seculares” tocam, o que implicava numa dissonância em termos da relação fachada e prática. Algo que poderia passar despercebido à audiência, e que foi notado por Franco, por ser mais perspicaz e se mostrar possuidor de um ouvido treinado e capaz de entender o que se estava cantando em língua inglesa. Situação que para mim parecia muito obscura e, ao mesmo tempo, relevante, pois me fez apreender a mecânica de formação e controle do campo.

No HM pode-se perceber que há um exercício de formação e demonstração da competência. Então, ser possuidor da identidade de HB implica que se mostre nas diversas interações que se é capaz de avaliar e demonstrar que as bandas que estão tocando, se apresentando, são efetivamente Heavy Metal. Quanto saber como se opera as práticas que envolvem a identidade, enquanto uma prática que necessita de algumas experiências (que podem ser individuais, mas também) coletivas e de conhecimento musical (COELHO, 2014). A ação do indivíduo possui em si um caráter de inculcação pois, mesmo quando os membros brincam uns com os outros querendo caçoar, acionam como mecanismo justificativo um dos elementos da tríade para balizar o status deles, numa forma que

---

<sup>27</sup> White Metal (WM), gênero musical voltado ao cristianismo, cujo intuito é evangelizar os membros do Metal “secular”.

também implica em repensar criticamente as imagens dos “irmãos” do campo e assim, eles percebem que apenas as “representações” repetidas dessas práticas não são suficientes (BOURDIEU, 2008, p. 107).

Helian, membro que conheci por intermédio de Franco num dos shows em Recife-PE, em 2018, se orgulhava de ter seguido um caminho contrário ao que muitos percorrem no HM, incorporando as práticas através daquelas que todo indivíduo atravessa no Metal, começando pelo estilo BM, ao invés de iniciar pelo estilo mais frequente como do New Metal<sup>28</sup>. Naquela ocasião, diferente dos outros, este membro percorreu outro conjunto de regras na sua trajetória. Helian relatou que se identificou com o Black Metal quando as tensões familiares, precisamente religiosas e as contradições encontradas nela produziram impacto na sua forma de pensar o mundo, reconhecendo nos shows de Metal uma fórmula de criticar o cristianismo.

Helian ao participar do grupo HM se especializou na produção de fanzines, encontrou nessa atividade uma forma de produzir e comercializar o seu produto com entrevistas de bandas nacionais e internacionais, revista restrita ao Metal Extremo, nos quais costumava escrever críticas ou “agulhadas” ao cristianismo, sendo este um comportamento modelo dos membros que apreciam o BM. Assim, ele foi despertando na sua escrita maneira também de representar o seu ponto de vista identitário, pois ao escrever críticas musicais destacou-se como um crítico da relação de alguns músicos com o Cristianismo, o que lhe permitiu uma forte identificação com a chamada comunidade do Black Metal (SANTOS, 2019).

Ademais, esta experiência compartilhada do que é ser Headbanger, e as regras que emanam desse universo musical, os membros passam adiante as experiências inculcadas aos outros como arranjo das interações sociais, especialmente, surgem ora explícito e ora implícito o afastamento daqueles que não compactuam com suas práticas – no próximo capítulo trato de algumas consequências (do tipo: ameaças/ xingamentos/ impossibilidade de participar de circuitos musicais) que envolvem estas práticas com mais atenção.

Helian contou quando estava diante de outros membros que o cristianismo era a escória da humanidade e que esperava a queda desta e odiava quem fosse do Metal e tivesse o Cristianismo como religião – sendo este um discurso que se enuncia tanto entre

---

<sup>28</sup> Gênero musical do Metal que possui mais visibilidade na mídia (mainstream), pode-se dizer que se caracteriza como um genérico do Metal, e justamente por esse e outros pontos, alguns membros não costumam ser amigáveis com esse gênero, pela popularidade e leviandade que seus apreciadores demonstram com o Metal.

os músicos como também entre os que estavam na plateia – não é aceitável ser Metal e Cristão (SANTOS, 2021). A partir disso, seu comportamento e práticas retratavam o comportamento *truer*, do qual a comunidade espera ter de seus membros, embora tenha sido apresentado por Franco, o repertório dele era o Metal extremo e se instituiu como posturas radicais nesse meio como forma de processar suas qualidades. A característica identificada em Helian de comportamento sério (como muitos apreciadores do BM se portam), se reproduzia nos outros membros, que também falavam que Metal é antes de tudo anti cristão. Entretanto, para ele não existia outra forma de lidar com esses indivíduos que tentam contestar a flâmula subversiva HB, afinal fica nítido nas apresentações e músicas esta negação, o que para Helian seria desnecessário discutir determinados temas no Metal já que todos deveriam saber (SANTOS, 2021).

Observei por muito tempo estas práticas de ser HB nos shows se apresentarem como irrealizáveis (ligar cristianismo e HM) por parte de alguns membros. Quando algum indivíduo tenta demonstrar estes atributos e falha, os demais membros apresentam uma ação ritualizada (isto é, uma ação realizada pelos membros que tentam negar a participação do indivíduo na comunidade, levando a exclusão desse membro dos momentos de sociabilidade com os pares) na ocasião, um propósito do qual percebo como característica efetiva dos HB nos shows como distanciamento do desviante (BECKER, 1982; 2008). Distanciar pode indicar um conjunto de questões, porém aqui detenho-me ao reconhecimento que os demais não encontram mais no desviado, tornar a prática comum irrealizável nesse sistema social é algo tido como inapropriado, e esta falha na execução é tomada nas rodas de conversa de amigos como um exemplo a não ser seguido.

As relações sociais têm através dos indivíduos o caráter ritualizado da moral, de modo que a relação entre os HBS gera reconhecimento. Por exemplo, andar com alguém que professa a fé cristã publicamente pode afetar a identidade de quem o acompanha – o que é difícil de se observar nos shows, justamente pela super enfatização dos membros a esse tipo de conduta “cristã”. Isto é, uma demonstração clara que a comunidade não compactua desses valores e práticas que a sociedade abrangente comumente realiza no dia-a-dia. Assim, o que se encontra em Helian é a concatenação de práticas trabalhadas em sua trajetória que só foram autênticas pelo reconhecimento que teve em campo pelos demais. Segundo Goffman (2011) isso só pode acontecer à custa do caráter dos outros, resultando numa competição ou jogo moral classificativo, numa espécie de prática que projeta uma demonstração de engajamento e, desse modo, as experiências de outros

podem indicar direções a seguir cartesianamente, como observei acontecer com regularidade por intermédio de Franco para com seus colegas nos shows.

As interações com os HBS mais antigos ou que têm mais experiência nesse campo social, instituem reiteradas vezes práticas modelos nas ocasiões de sociabilidade entre eles. Com frequência, observei Franco e demais membros se dirigindo uns aos outros por nicknames, a saber: brother, irmão, grande, chefe, mestre, soldado e guerreiro, substantivos que caracterizam os membros como alguém de apreço e que tem estima nas relações na comunidade. Geralmente, isso acontece devido o respeito que eles projetam uns aos outros, sendo este um caractere importante no processo de formação dos indivíduos nesse campo social (COELHO, 2014)

Neste tópico busquei tratar da identificação das práticas identitárias nos shows de HM como algo que é desenvolvido nas interações dos membros. Isto é, as regras são as formas pelas quais se produz e se avalia – (o ouvir, vestir, falar), sendo que algumas são mais autônomas do que outras. Por exemplo, vestir uma camiseta com estampa é diferente do que se enuncia, e para quem se enuncia. E, claro, ouvir é algo distinto e que baliza a relação do indivíduo com o outro nos shows. Segundo Goffman, “quando as pessoas vão para onde a ação está, elas muitas vezes vão para um lugar onde há um aumento não das chances enfrentadas, mas das chances pelas quais elas serão obrigadas a se arriscar” (GOFFMAN, 2011, p. 255). Os papéis e as representações inculcadas pelos indivíduos se dão mediante as interações face a face ao longo do tempo. Por isso, os ensinamentos transmitidos nos shows de ser HB perpassam a forma pela qual os membros se relacionam e inculcam o senso prático. Não obstante, estas são formas também que permitem diferentes tipos de sociabilidade ocorrerem e alinhem os indivíduos na perspectiva instituída por eles, como busco demonstrar na próxima seção de forma mais detalhada.

#### i. Alinhamento

No processo de pesquisa alguns elementos aparecem como algo importante para atentar ao aprendizado de ser Headbanger nos momentos dos shows, como apresentei nas seções anteriores. Pois os momentos de sociabilidade com os membros, em suma, imprimiam um alinhamento ao modelo que a comunidade Heavy Metal espera que os seus membros tenham incorporado de tal modo que as regras se tornem uma regularidade. Nesta seção busco debater que se um Headbanger deseja manter a imagem que possui, este indivíduo precisa trabalhar duro por ela para conseguir “reconhecimento” entre os

demais. Tais ações para alguns membros é uma coisa “chata”, porque o indivíduo buscará provar o que é “entrando nos trilhos”.

Por exemplo, quando estive em campo, vestindo-me a caráter e frequentando os shows, já conhecia desse mundo a bastante tempo, desde adolescência com os amigos da escola, com os quais passei a possuir materiais das bandas a saber: CDS, DVDS e revistas do Metal, bem como estive presente com eles nos espaços dos shows, passando a ter mais interação em 2004. No final de 2008, me deslocava aos eventos realizados na sexta-feira, na praça Clementino Procópio, centro da cidade de Campina Grande-PB, e lá conheci vários membros, um desses foi Lucas, um jovem experiente no gênero musical do HM, do qual pude compartilhar momentos e receber dicas das mais diversas sobre Metal.

Nesses shows era comum os membros partilharem os materiais, Lucas tinha em sua bolsa, fora as bebidas havia, algumas revistas (Rodie Crew e Rock Brigade<sup>29</sup>) que terminaram servindo de base para mim, emprestadas por ele, para construir um repertório de bandas e conhecê-las em profundidade, através de pesquisa em revista ou redes sociais sobre fatos que competem as bandas preferidas. No entanto, isso só é válido na medida em que o indivíduo vai descobrindo o que o grupo está cultivando, para iniciar os estudos, pois nos encontros há questionamentos sobre os gostos musicais do outro. Identifiquei que isso significa mostrar domínio do idioma musical ao círculo de HBS que o indivíduo participa, pois em quase todas as ocasiões em que há conversa e que remete a tal aspecto esta se dá na presença dos demais.

Justamente por esse fato Lucas gostava de adquirir estes produtos, ou seja, isso orientava o processo de formação dele no Metal. Em outros shows que pude participar e ter oportunidade de reencontrá-lo, ele tratava de temas em suas conversas descrevendo os estilos musicais do HM e demonstrando as particularidades. Entre os nossos encontros excepcionais ele brincava comigo, questionando a camisa que eu vestia e se realmente estava lendo as coisas que me havia passado, como uma forma corretiva para tentar evitar que algum erro ocorresse no ritual dos shows. Isto é, “nossa fachada, então, é uma coisa sagrada, e a ordem expressiva necessária para mantê-la é, portanto, uma ordem ritual” (GOFFMAN, 2011, p. 26; SEGALLEN, 2002).

Mesmo com o que aprendi a partir do seu material, eu me sentia deslocado por essas práticas serem constantes e me distanciar do foco que projetava (de apenas ouvir a música) para ser um HB. Era nos shows que Lucas brincava com outros colegas que por

---

<sup>29</sup> Material que é acumulado pelos membros, isto é, eles também colecionam as revistas e outros produtos.

sua vez repetiam as mesmas ações, numa relação que nada “parecia” ser levado a sério. Percebendo aquilo tudo (de novo) acontecendo, compreendi que aquilo era uma prática que dava desenvolvimento ao aprendizado de ser membro nas interações dos shows (COELHO, 2014; SANTOS, 2013). Muito do que aprendi nos shows quando comecei no HM foi através das brincadeiras deles comigo, testando o conhecimento no estilo musical, sendo este momento significativo para mostrar o compromisso com o grupo e a identidade. Nesses shows, também fiz amizade com os amigos de Lucas da zona Oeste de Campina Grande-PB, foi nesse momento que se revelou o modo pelo qual as brincadeiras eram reveladas no campo, foi com eles que compreendi os mecanismos das brincadeiras para atingir a representação desejada de um HB, isto é, “o mundo social se baliza em representação e vontade de existir e ser percebido enquanto distinto” (BOURDIEU, 2008, p. 112).

Com o passar do tempo, comecei a me envolver mais na comunidade, de modo a viajar com as excursões aos shows em outros estados onde pude conhecer outros membros. Assim, como pude aprender a distinguir os diversos gêneros do Metal, percebi que a maioria dos ensinamentos possuíam um caráter prático, no sentido que você só consegue a partir do momento que se torna capaz de apresentá-la diante dos outros, de forma a reunir e contrastar, como reconhece Coelho (2014, p. 47) “o outro é condição irremediável para a construção de conhecimentos nos âmbitos das práticas educativas”, são experiências compartilhadas e sobretudo experimentadas no face a face e, assim os shows eram os espaços para demonstrar que aprendeu a portar-se realmente como HB (SANTOS, 2021).

Numa dessas viagens em 2017, em companhia de Franco, ele contou que tinha vontade de colocar algo no som do ônibus, porém já havia algo tocando e não fazia referência aquele show em especial. Levando-o a afirmar, generalizando que o pessoal ali presente não tinha aprendido, pelo fato de que estes não ouviam as bandas que tocariam naquele evento e reforçando que ele tinha que ser obrigado a escutar “aquela merda”, se referindo à música escolhida pelos demais passageiros, da mesma forma que Lucas cobrava aprendizado do que havia me passado. Aliás, isso me sinalizou que se eles apresentavam isso era um indicativo de parceria pelo fato dessas práticas serem feitas em círculo de amigos.

Quando comecei no HM, fui galgando aos poucos a percepção do entendimento do aprendizado, não foi nem um pouco rápido, comecei escutando esse estilo de música nos anos 2000 e no final de 2003 comecei a frequentar assiduamente os espaços de

sociabilidade dos shows, então, isso foi se fazendo passo a passo. Atravessei os estilos dos mais comuns como new metal aos mais “singulares” o que me permitiu ter uma visão ampla sobre os diversos gêneros musicais dentro do HM – diferente de Helian que começou pelo estilo Black Metal. Parti classicamente de bandas consolidadas, passei a estudar e dedicar horas a fio para compreender as diversas dinâmicas existentes no Metal – Lucas havia, ao seu modo, mostrado regras e consequências no processo prático da ordem do campo (BOURDIEU, 2008). Isso me possibilitou uma visão das regras da identidade, mesmo que numa perspectiva primária naquele momento, ajudou a perceber como tudo isso tinha um peso e colocava ordem nas relações dos eventos.

Poucas vezes pude observar nos shows algum momento sem brincadeira ou enunciados de cunho normativo expresso em formas jocosas. Sempre que encontrava Lucas nos shows, quando me avistava nos eventos, caminhava em minha direção já com sorriso no rosto e afirmando algo comum de se ouvir na comunidade: - “cita três álbuns dessa camisa”. Eu não respondia e para Lucas a ausência de resposta era motivo para brincar mais, era como fosse indiscutível participar dessas jocosidades e aprendê-las era fundamental. Portanto, isso me demandava a aprender mesmo que dessa forma e a partir disso compreendendo o jogo, o tratamento comigo mudava e permitia poder trocar de posição, pois esse jogo não é igual para todos.

Algumas situações que antecedem os shows mostraram-se para mim como atravessadas por essas demandas: eu era inquirido sobre o conhecimento que poderia apresentar a respeito das bandas, o que me fez investir tempo e conhecimento de pesquisa: comecei a esmiuçar sites que fizessem referências: biografia, discografia e as melhores canções. Para inculcar tais práticas comecei a repetir essas ações todos os dias, anotando e categorizando para que ao fim pudesse ter autonomia nas conversas. Passei a perceber, a partir daí, que tudo aquilo compunha não somente a formação da identidade, mas as imagens dos membros. Conforme Coelho (2014, p. 86) em seu trabalho reconhece, a educação do HM desenvolve modos de tecer subjetividade e estabelece uma ética entre os indivíduos, mas até aquele momento, não se fazia claro o suficiente a demanda que recebia, porém Lucas compreendia que eu estava envolvido no estilo musical e deveria dominar a prática.

Quando voltava pra casa desses shows, descansava e no outro dia retornava as pesquisas. Pois estava dessa vez, empenhado em não “ficar mais por baixo”, assim isso levou-me a perceber a importância dada por eles ao que compete para se manter a imagem (BOURDIEU, 1982). Mas, é claro que a dedicação passou a desenvolver novas estratégias



para lidar com as situações, conseguia nas conversas me sair melhor, porém as brincadeiras continuavam, não mais comigo e quando ocorriam, não eram da mesma forma, e foi aí que observei Franco seguindo o mesmo caminho. É interessante dizer também que ele passou a me solicitar a indicação de bandas para escutar, e isso colocava-me na posição de professor (não somente ele, mas outros membros também solicitaram nome de bandas para ouvir e curiosamente perguntavam onde adquirir as camisas de bandas estrangeiras). Com o passar do tempo, passei a identificar em Franco um traço característico do comportamento (Truer), no qual o membro passava a selecionar melhor os shows que frequentavam como forma de não se misturar com os outros (posers)<sup>30</sup> e que não escutavam as mesmas bandas (SANTOS, 2013; WANDERLEY, 2008)

No ano de 2018, reencontrei Franco numa excursão que ia com destino a João Pessoa-PB, perguntei ao mesmo se estava animado, afinal no show que estava indo assistir havia uma banda de Metal extremo, e ele sinalizou com a cabeça, afirmando que sim. Chegando ao local, percebi algo que merece destaque, Franco começou a descrever o ambiente, pois naquela situação eu não conhecia a casa de show, localizada no centro da cidade, e na medida que era algo novo me proporcionou uma experiência interessante. De modo que ele me convidou para sentar à mesa da casa de show e lá fiquei observando a movimentação até as apresentações iniciarem nos palcos.

Quando a primeira banda começou a tocar, ele entrou, observou por alguns minutos e expressou desagrado por esta banda ser do gênero Metal Core<sup>31</sup>, logo, não fazia parte do seu repertório extremo, e após algumas horas teve uma sequência de apresentações com bandas de Thrash Metal, das quais a audiência parecia atribuir maior prestígio. Embora Franco estivesse animado para outra apresentação, relatou dando uma cutucada no meu ombro e apontando o dedo para uma pessoa, isso depois que estava distante dos demais membros. Ele contou sobre a dificuldade de lidar com pessoas que eram do Metal e frequentavam igrejas; para Franco isso se tornava um empecilho na imagem de ser HB – especialmente, pela representação oposta ao cristianismo. Eu não conhecia o rapaz apontado, e perguntei a Franco como sabia dessas coisas, afirmou que viu fotos do membro no *Facebook*, na aba “fotos marcadas”. Isto é, o acesso a estas fotografias estavam ocultas, era necessário investigar o perfil para encontrar tal fato. O

---

<sup>30</sup> Frequentando apenas shows de Metal extremo, bandas que possuam em seu cerne uma seriedade com a música extrema. Diga-se de passagem, o próprio Helian conduzia sua postura desse modo, negando shows que não fossem Black ou Death Metal.

<sup>31</sup> Estilo que mescla uma sonoridade próxima do Hard Core e New Metal, apreciado especialmente por jovens adolescentes iniciantes. Para maiores detalhes, consultar o glossário.

que tornou mais interessante o discurso de Franco, foi que a posteriori que observou as fotos o proprietário do perfil havia retirado ou “desmarcado” estas imagens. Nesse cenário criado por ele, percebi um rigor e manutenção nas imagens dos HBS e as consequências que podem ser atreladas em sua prática, mediante os quais pode lembrar àqueles que não poderiam esquecer o lugar que lhes confere nos rituais (BOURDIEU, 2008).

Passando esse momento das bandas que abriram o evento, acompanhei-o na apresentação de BM, embora ele tenha mostrado certo desagrado com as outras bandas, com esta em especial não teceu nenhuma crítica ou como de costume realizar piadas. Neste dia, passei a pensar que as interações dos membros nos shows, suscitam deles posturas que devem ser mantidas em suas práticas excepcionais e ordinárias ao Metal, como no caso do rapaz falado, ninguém é “tido” como melhor nesse meio explicitamente, é necessário manter-se o discurso e prática para não discrepar (SEGALEN, 2002). Franco destacou após o término do evento alertando que era importante ter coerência no que faz para não passar por situações desconfortáveis como ser chamado de poser ou de cristão, o que no discurso da comunidade é vergonhoso, e, portanto, prezava pelas “amizades verdadeiras” (COELHO, 2014, p. 76). Situações do tipo descrito acima se repetiram e Franco sempre falava algo que denotasse a importância de manter a coerência destas práticas com o Metal. Realmente, estas práticas e suas regras instituem uma ordem ritual, que preocupa Franco e outros membros em conseguir manter e respeitar os seus fundamentos (MORAES, 2014).

A partir de 2018, comecei a observar o fenômeno do Metal na cidade objetivando a dissertação, anotando e buscando ficar mais atento às ocasiões sociais. Passei a frequentar diversos eventos acompanhado por membros, numa participação mais assídua, percebi que as cobranças e coerências continuavam atuantes. Algumas dessas advinham de olhares, conversas e fofocas, quase nunca ouvia algum elogio destinado a qualquer membro por representar “bem” a prática. Segundo Goffman (2011) o indivíduo precisa ter consciência de suas práticas até que estas se tornem rotinizadas e regidas pelas disposições de seus fundamentos nas situações sociais, mais do que ser equilibrado é o quanto você estar disposto a mantê-las, isso é uma ciência prática de imprimir e controlar a imagem. Parte das cobranças para com o comportamento descrito, como no caso de Franco era para se manter a prática, isto é, que o Metal estivesse articulado em todas as ocasiões da vida social e que o membro (falado) soubesse da posição que ocupa e representa na comunidade. No início essas cobranças aparecem como motivo para chateação, especialmente no que se refere manter a prática – como destaque no terceiro

capítulo. Não quero dizer com isso que os membros não estão atentos aos efeitos dessas ações, pelo contrário, o senso prático produz mais atenção às posturas e discursos nos shows, o foco se baliza na constituição da imagem representada ao Metal (BOURDIEU, 2008).

Para se evitar distorção na imagem HB, se exige engajamento, especialmente em estilos mais extremos em que os fundamentos são levados com mais seriedade, sendo uma de suas características. Como Coelho (2014) sinaliza que o *modus vivendi* do HB perpassa por experiências compartilhadas coletivamente, dos quais os membros passam a reafirmá-las mediante o que aprendem uns com os outros, se faz necessário repetir o modelo, para manter a imagem íntegra diante dos demais. Parte das experiências que tecem esse mundo precedem os shows, isto é, estão alocados nas trajetórias dos membros antes de entrarem e fazerem parte do show. Era frequente ouvir os membros se referindo aos outros que não tinham essa vivência pela categoria de porra-louca<sup>32</sup>, estabelecendo assim enquadros que destoam da ordem operada na comunidade.

No ano de 2019, num evento em Recife-PE, Ronaldo, Paulo, Erik e Franco, estavam conversando fora da casa de show, um adolescente e um rapaz se aproximaram deles, apenas Franco tinha intimidade com eles, pois tinha tido contato com estes membros em outros shows, naquela situação, depois da chegada deles, se deu início a um resgate dos eventos que haviam participado, maior parte dessa conversa era regida por Franco e os dois novatos. Observei algo que só depois me dei conta, que os membros ali, não interagiam mais com tanto entusiasmo, fruto da presença dos “desconhecidos”, foi se fragmentando, um saía para comprar cerveja, outro ia conversar, terminando que Franco ao invés de bater papo, preferiu ir se silenciando paulatinamente e criando um clima nítido que a presença dos novatos não era bem quista. O rapaz “novato” falava mais sobre a experiência no Metal enquanto o adolescente apenas concordava balançando a cabeça positivamente, quando chegou na discussão sobre livros e filmes como por exemplo: *Lords of Chaos*<sup>33</sup> publicado em março de 2019, Franco rompeu a discussão dizendo que eu estudava Metal, indicando-me para “ensinar” sobre o que tratava de fato estas produções. Um pouco acanhado pela situação, falei sobre o livro que terminou rendendo uma discussão, sobre os personagens e o momento histórico do Black Metal norueguês,

---

<sup>32</sup> Categoria do grupo depreciativa da identidade.

<sup>33</sup> Dirigido por Jonas Åklevand e baseado na obra de MOYNIHAM, Michael e SODERLIND, Didrik de 1997, cujo foco é contar sobre os acontecimentos que contribuíram para o surgimento e a solidificação do estilo BM na Noruega.

o rapaz que não conhecia estava imprimindo o ritmo da conversa, sem abrir para eu continuar a falar. O modo como ele dirigia a conversa era recheada de shows consagrados em que participou e músicos que conheceu, o que proporcionou a si uma auto emulação do domínio sobre os temas tratados na conversa e uma tentativa de criar uma imagem, poder-se-ia dizer altiva frente aos demais com o tema árduo do Black Metal nórdico (SENA, 2019; OLSON, 2008). Após essa situação, ocorreu a abertura dos portões para entrada do público na casa de show, quando estava lá dentro já assistindo a primeira banda de longe, Franco acompanhado de Erik, relatou que aqueles “colegas” que estava conversando eram uns “porra loucas”, por sua vez Erik afirmou rindo que isso era comprovado pela cara do adolescente de “bobo” como espécie de bálsamo para aliviar o que não pude dizer acerca do Metal aos jovens – apesar de não me sentir afetado com a postura do rapaz que falava com entusiasmo sobre o HM.

Quando estive em outros shows em Recife, passei a reencontrá-los, as conversas continuavam baseadas nas experiências e disputas de quem sabe mais sobre Metal. Estes bate-papos mostravam a posição e como os membros reconhecem os pares no Metal. O interessante foi notar que depois desses eventos, as conversas se tornaram mais digamos que amigáveis. Entendo que os HBS, no plano ideal prezam pela irmandade mais a disputa desses participantes atribui significância maior aos arranjos e estratégias nas interações rituais dos eventos. As estratégias são ações centrais, consiste numa ação estruturada disponível para um dado jogador, quando este joga, altera a situação dos participantes, em algumas ocasiões de forma explícita em outras implícitas, especialmente quando o oponente faz leitura do evento, ou seja, avaliação que se faz dele, “o que é realizado pela dinâmica estratégica, não se volta apenas a informação mais ao curso da ação empreendida” (GOFFMAN, 2011, p. 154).

Desse modo, pude identificar nas ocasiões em que estive com esses membros, um direcionamento do curso da ação cujo efeito prático deveria ser mantido, mesmo que isso causasse algum certo tipo de desconforto para outros. Assim, de acordo com Goffman (2011) a prática exercida no curso da ação pode ser mais valorizada pelos indivíduos, pois trata-se de arranjos sociais que se detêm a organizar a ordem das interações. Dessa forma, nos aproximamos do final do primeiro capítulo, tratando a seguir que o porte e o envolvimento nas interações com os demais da comunidade fazem com que os indivíduos e em especial os músicos mantenham a identidade de forma leal e autêntica – ou mostrem-se dispostos para tal.

## ii. Porte e alienação

As interações baseadas nas brincadeiras (para caçoar) que apresentei aqui tendem a afetar a identidade que portar-se enquanto verdadeira junto aos demais. Em várias partes apresentadas denotam a preocupação de alguns em não passar vergonha como desqualificar a identidade do outro. Pois conforme Goffman (2011) indica, quando a prática é bloqueada, o indivíduo descobre que suas ações são elementos de um grupo, e que seu fracasso ao realizá-las pode se transformar numa vergonha ou mesmo humilhação, isto é, “o indivíduo meramente perde a compostura” (GOFFMAN, 2011, p. 109).

Nos shows era comum de se observar, os membros brincando com a ideia de lutar pela causa do Metal, isto é, frequentar e consumir os produtos que a comunidade oferece ao adepto desse estilo. Por exemplo, Ronaldo costumava afirmar em tom jocoso que se deve lutar pelo Metal, porque todos são guerreiros do Heavy Metal. Somado a isso, para Franco ir aos shows de Metal era uma honra comungar do espaço dos seus irmãos, porém os verdadeiros *brothers* são aqueles que são fiéis e não se corrompem por qualquer coisa (religião ou política) (WANDERLEY, 2008). José Junior disse que ir ao show é muito importante para formação profissional de músico, pois se aprende muito com as performances em palco do que pode ser feito e não feito. Outros membros alegam certa indiferença a isso, dizendo que vão por que gostam e não por “alguma coerção”, o HB verdadeiro comparece aos shows sem questionamentos a priori, vai pelo amor ao estilo musical.

Ronaldo e o seu parceiro de show Paulo, costumavam dizer que ser HB é como tentar se manter numa corda bamba, na qual quem permanece por mais tempo firme na corda é o verdadeiro, e não fala sobre a dimensão obrigatória. Para eles, o indivíduo parece realçar a dimensão do quanto possui caracteres desejáveis quando estão no show. Quando estive em campo, as inspirações de porte dos membros da comunidade eram caracterizadas pelos pseudônimos auto atribuídos de *front men* dos mais diversos, a saber: Havoc, Inferno, Nergal, Orion, Mictian, Eregion e Tyr (como no caso das imagens dos músicos seguintes), numa espécie de faz de conta que sou ele – especialmente, se tornou comum observar esses pseudônimos na internet – demonstrando que possui características apropriadas como se confere nesses deuses e entidades sobrenaturais. Por exemplo, Helian afirma que esta forma tem impacto para ele, porque representa poder e força, inspirado por membros e artistas da comunidade ao longo do tempo com

performances, que segundo ele, que levam a sério o Metal, este discurso também se repete por outros no estilo musical, esta inspiração é frequente na comunidade.



Figura 01: banda Behemoth. Fonte: Google imagens



Figura 02: banda Unearthly. Fonte: Google imagens

Entretanto, as bases dessas afirmações só se tornam possíveis quando o indivíduo passa a frequentar com mais efetividade os shows e incorporar a identidade como um verdadeiro HB. Como disse Helian depois que se afastou do Metal (por seu antigo envolvimento com cristianismo) que não precisava estar em shows para ser reconhecido. Estas perspectivas nos indicam que a prática HB se faz através das relações constituídas nos eventos, portar-se enquanto tal é também uma obrigação mútua – como demonstro no próximo capítulo. Para os HBS músicos isso é uma dádiva que possibilita a eles realizarem circuitos e trocarem convites com outros músicos. É importante dizer também que têm membros que pensam diferente dessa perspectiva, ora negando, ora afirmando a importância dessa obrigação para o HB. Já ouvi em campo, alguns dizerem que Metal é liberdade e não tem regras que os prendem, por sua vez outros afirmam que seu compromisso com o estilo musical foi fundamental para se tornar um músico do gênero.

No seu cerne isso se refere ao quanto o indivíduo está envolvido na comunidade e passam a compreender este relacionamento através da prática que deve ser sustentada sem controvérsia. Mesmo Franco, um indivíduo engajado no Metal passou por algumas contestações acerca da identidade, no qual o mesmo foi questionado por alguns da comunidade, após ser visto num show de Metal cristão. Segundo Franco, isso ocorreu

quando ele estava começando a escutar a música e não sabia bem como funcionava e queria apenas curtir o som, somente depois Franco passou a reconhecer a importância do porte identitário, isto é, a obrigação do envolvimento é fundamental para as relações do campo e produz muito significados para eles. A categoria analítica de Goffman “porte” delinea atributos sociais, pois é através do porte “bom” que as características que são desejáveis aparecem as interações dos indivíduos, da mesma forma que esta categoria apresenta atributos que são considerados indesejáveis, isto é, não tem porte apropriado (GOFFMAN, 2011, p.77).

No trabalho de Santos (2013, p. 18) sobre os HBS na Bahia, a autora afirma que o engajamento e adesão do membro aos shows locais, o indivíduo é “reconhecível através de um conjunto de discursos e práticas” coletivas. A autora também reconhece a existência de inúmeros relatos no campo do Heavy Metal, com um forte senso propagado de autenticidade pelos membros como sendo um aspecto norteador das qualidades estéticas e morais dos apreciadores do Metal. Assim, acredita-se que o HB possui caracteres prováveis e desejáveis pelo porte que o indivíduo apresenta aos demais afeta fortemente a identidade dos membros (músicos e audiência) desse estilo (SANTOS, 2013).

Em campo, depois de algum tempo passei a entender que o incômodo com as categorias (poser e truer) ou mesmo as brincadeiras mexem com os membros nos momentos de sociabilidade dos shows. Afinal, estas classificações ou atributos são indesejáveis à identidade HB, especialmente, se este for um músico ou pretenda ser algum dia. De fato, foi importante notar do comportamento nos shows a este aspecto característico, o HB classifica o outro na ação coletiva sempre na frente dos demais – em grupos do facebook ou fisicamente nos shows. Por isso, a prática do HB está associada às relações sociais dentro de situações excepcionais como dos shows, desse modo, seria onde encontro a obrigação da interação e seu envolvimento são presentes, pois nem mesmo as brincadeiras deixam de reforçar esta prática, embora que por outros meios (poderosamente performáticos da masculinidade). Portanto, o porte se apresenta como uma característica fundante dos HBS como demonstrei até esse momento, que é revestido de práticas que demandam os membros da comunidade a se envolverem nessas relações ao passo que delimitam atributos desejáveis aos membros.

Estas conversas e o que pude observar em campo indicam que a identidade HB é muito requisitada pelos membros como algo de profunda estima para eles, de modo a levá-los a inspirarem o sonho de serem músicos, comprando instrumentos e repetindo as



performances em palco nos shows locais (SANTOS, 2021). Entretanto, portar-se como um músico tem algumas particularidades e exigências para trilhar carreira. Muitos HBS aprendem ao longo do tempo sobre a identidade para assim passar a assumir e apresentar aos demais sua aptidão ao exercício da música.

No entanto, cabe dizer que, este ofício profissional da música entre os seus membros, é um caminho de disparidades de ser trilhado para alguns como Luciano, membro da comunidade local, tocar em diversas bandas e estilos dentro do HM, conseguiu transitar com as bandas locais por diversos shows no estado e fora deste, Luciano me relatava ter tocado com músicos excelentes da cidade como Karlos e sua banda de DM, dividindo ainda, os palcos com bandas internacionais (SANTOS, 2013). Com estas conquistas, Luciano conseguiu o seu lugar cativo entre os membros músicos (enquanto não se desviava para o cristianismo), pois mesmo que algumas bandas tivessem os seus compromissos agendados e quando ocorresse que algum musicista não pudesse tocar, ele era umas das pessoas mais competentes para assumir o lugar. Compreendo esta prática como uma ordem cerimonial, tendo em vista que sua realização entre os músicos que prezam pelo respeito a audiência, executa tais ações nos shows mesmo quando a desfalque de algum musicista na formação da banda, sendo isso acordado previamente entre eles, “assumindo uma carga de valor ritual e função social” forte as interações (GOFFMAN, 2011, p. 111).

Isso ocorria várias vezes com alguns membros da zona oeste, um dos amigos de Luciano, chamado Sueliton, morador da zona oeste, costumava contar-me que sua projeção enquanto músico iniciou com atenção dada pela família as atividades da igreja católica, neste local, aprendeu a tocar violão e em casa praticava e pesquisava na internet músicas até chegar a conhecer o Metal, o que levou a trocar o instrumento por uma guitarra, no qual passou a receber dicas ou macetes de músicos da comunidade. Sueliton, depois de ter praticado no novo instrumento, começou a tocar com bandas do bairro, levando a posteriori aos shows, num determinado momento de sua trajetória ele começou a faltar aos ensaios, logo a banda procurou alguém para substituí-lo, e nesse caso Luciano. Sueliton, estava preocupado com os estudos da universidade, recusando momentaneamente a dedicação ao Metal, os membros da banda que participava, costumeiramente, chamavam Sueliton para tocar o “último show”, no entanto, ele continuou a se apresentar com seus amigos. Eis aqui, uma forma de obrigação de envolvimento, de modo a ficar “espontaneamente envolvido”, segundo o autor citado acima, “a obrigação do indivíduo de manter o envolvimento espontâneo na conversação

e a dificuldade de fazer isso o colocam numa posição delicada” quando o referido membro continuou participando das bandas mesmo tendo outros projetos de vida. (GOFFMAN, 2011, p. 112) Quando observei Sueliton depois dessa situação, ele estava tocando em mais de três bandas, ao contrário de Luciano, foi diminuindo o ritmo, enquanto o seu amigo de banda seguiu a trajetória abrindo um estúdio de gravação e tocando com outras bandas da cidade.

Outro membro chamado Duda, desde a infância teve contato com instrumentos musicais, ao longo do tempo, esteve interessado em formar banda ao modelo clássico do HM, algo que foi sendo substituído pela ideia de cover, diminuindo assim as apresentações alternativas com a banda de Metal. Com o decorrer do tempo, ele parou, porém, até ali não havia o desejo de portar-se como HB de fato, a posteriori ele foi chamado para tocar numa banda de DM/TM, substituindo outro guitarrista. A partir desse momento, passei a observar ele usando roupa preta, calça militar, óculos escuros, estilo visual que os demais músicos de sua nova banda se portavam, o que Goffman (2011, p 110) chama de “efeito hipnótico e vinculador do envolvimento”, quando o indivíduo passa a incorporar e repetir o comportamento socializado. Daí em diante os músicos passaram a tocar por diversas cidades e estados do nordeste se estabelecendo como uma das bandas mais promissoras do Metal nordestino.

Por sua vez, José Júnior tocava guitarra em sua banda, mas passou a assumir o lugar de um músico que se ausentou em busca de interesses novamente acadêmicos, terminou ocupando o posto de vocalista e baixista. Passou também a realizar apresentações com seus amigos de modo rotineiro, aplicando-se apenas aos estudos e a banda, bem como as excursões que contribuíram para institucionalizar o seu ofício tocando com bandas internacionais e nacionais em que ainda hoje se consolidam parcerias (MORAES, 2014). Desse modo, o indivíduo do Metal mostra preocupações consigo, aos seus interesses, no entanto, estes também devem ser utilizáveis pelos outros membros como fonte de “envolvimento apropriado”, “e esse dever importante do indivíduo enquanto participante da interação é equilibrado por seu direito de esperar que os outros presentes (também) realizarão” (GOFFMAN, 2011, p. 113)

Um colega de Sueliton, Jacinto, relatava que havia começado a cantar Metal, sem pretensão, queria apenas imitar o afamado Bruce Dickinson da banda inglesa Iron Maiden, cantando para os amigos nos encontros dos shows. Passando a gravar vídeos iguais aos músicos de renome que praticavam em estúdios, os amigos observando que ele cantava bem formaram uma banda de Power Metal (PM), após alguns ensaios e vídeos

postados na internet, a audiência local considerava a qualidade musical da banda excelente para o gênero que tocavam. Jacinto observando que estava dando retorno positivo por parte do público, investiu dinheiro num espaço da sua casa para construir um estúdio, no qual sua banda poderia ensaiar e gravar as canções de forma independente (MORAES, 2014). No entanto, após alguns anos da eclosão de sua fama, um músico deixou a banda, alegando que não poderia deixar o emprego, com efeito, outro músico, tecladista se retirou devido uma proposta para tocar no sul do país, apesar da fragmentação, Jacinto seguiu o caminho, depois de alguns anos, o primeiro músico retornou a tocar com ele, produziram novamente músicas e firmaram parcerias com gravadoras internacionais, garantindo a eles a reprodução dos discos na Europa – o que é tido como um grande passo na carreira musical.

Nesses relatos acima, há vantagens e desvantagens para os membros da comunidade. A ideia no Metal de profissionalizar<sup>34</sup> a música não é de hoje, segundo Ian Christie (2010) os Headbangers começaram com tais práticas mais fortemente com a eclosão das mídias digitais em meados dos anos 1980. Assim, parte dos participantes desse meio, falo dos que pude observar, eram inspirados e sustentados pelos pais<sup>35</sup>, para estes os palcos se institui um espaço de glória e honra, representados pelas ornamentações de figuras e roupas de guerreiros<sup>36</sup> como frequentemente se observa nos shows. Depois de algum tempo investigando os shows como cheios de significados para eles, identifiquei a importância dada ao ritual não somente pela audiência mais pelos músicos em seguir carreira como profissional do Heavy Metal (SANTOS, 2013; SILVA, 2014).

Para isso, se exige dedicação e investimento para receber algo com o Metal (seja por apresentação ou seja mediante a venda de produtos: CDS, DVD, discos de vinil, bijuterias e vestuário); participar das atividades (viagens, bares, lojas) da comunidade local e se articular com outros músicos, como forma de reforçar o seu pertencimento a irmandade HB que garante o campo profissional e que institui a forma de portar-se enquanto tal para obter relevância, status e sucesso. Conforme Berger (2001) afirma, o universo simbólico determina a importância dos sonhos na realidade cotidiana, recolocando em cada instância social o status maior desta e reduzindo o impacto que a

---

<sup>34</sup> Profissionalizar a música, foi um ponto discutido nos documentários de Clinger (2017) em seu canal intitulado *Heavy Metal on line* com o tema a saber: Pontos fortes, fracos, oportunidades e ameaças do metal nacional.

<sup>35</sup> Há algumas fofocas que rondam a comunidade local, é que determinadas bandas só fizeram turnês internacionais devido o pai financiar as viagens.

<sup>36</sup> Receber dinheiro com o entretenimento (Christie, 2010).

acompanha a “passagem de uma realidade para outra” (BERGER; LUCKMAN, 2001, p. 115)

Para eles, a ideia de HB implica no envolvimento do indivíduo ao seu campo social, implica em solicitar do colega/amigo portar-se como para ser reconhecido, em que só se reconhece pela avaliação constante do outro experiente sobre si e não somente pela própria vontade. Não obstante, a irmandade institucionalizada se apresenta aos seus membros como algo já conhecido e socialmente certo, caso exista alguma pretensão/tensão se dá por causa de alguns custos subjetivos que o membro possa ter no processo de incorporar os significados “socialmente acordados” (BERGER; LUCKMAN, 2001, p. 99). Desse modo, a irmandade costuma apresentar restrições para que um indivíduo seja HB, pois é costumeiro, observar categorias que delineiam os de dentro e os de fora, quanto fofocas que denunciam os indivíduos que não seguem a ordem, estes devem estar completamente envolvidos para seguir, em especial, como musicista por causa de sua posição e envolvimento na flâmula do Metal (GOFFMAN, 2011).

Limito-me informar agora ao leitor, que está alienação da interação, tem forte peso na construção dos circuitos e espaços de status social aos membros, em especial, da cidade de Campina Grande-PB, que saíram da comunidade por motivo religioso (cristão) e depois retornaram ao Metal, não foram bem quistos tanto aos palcos quanto nos espaços da audiência, no próximo capítulo me detenho em analisar este aspecto da vida social dos HB com mais detalhe.

Portanto, a alienação da interação se molda nessa direção, se um membro desiste de atuar enquanto participante desse meio, os indivíduos que estão dentro demonstram não terem sido “afetados”, pois eles se compreendem enquanto verdadeiros e estes não desvirtuam da prática, no entanto, geralmente isso é tema para longas discussões e tensões nas conversas deles (SANTOS, 2020; MORAES, 2014). A imagem do HB é como fosse um artefato valioso visto pela comunidade que exalta o Metal, o envolvimento – passando pelo aprendizado nos shows – e a experiência é bem propagada pelos seus participantes. Desse modo, no Metal existe uma ordem de interação ritual como sendo um processo que envolve a trajetória no Metal do indivíduo seja este músico ou não, bem como depende do quanto o indivíduo se relaciona e se faz reconhecido/envolvido a comunidade HM, que o deseja por completo na comunidade como busco apresentar a seguir a relevância desse aspecto através da constituição de circuitos em que as bandas transitam e estabelecem laços de dependência.

## **CAPÍTULO II: LAÇOS: RECIPROCIDADE E TENSÃO ENTRE AS BANDAS NO HEAVY METAL**

Neste segundo capítulo vou me debruçar sobre o campo do músico profissional por se tratar de uma dimensão formativa da vida dos que estão fazendo-se no HM, e por se constituir no espaço, a partir do qual se propõe um modelo (altamente idealizado e tensionado pelas razões que apresento e discuto) de interação baseado na reciprocidade (seguindo o proposto na leitura da dádiva realizada por Mauss). Do nosso ponto de vista, a partir da pesquisa, é possível afirmar que a reciprocidade é algo que se enuncia constantemente entre os *Headbangers*<sup>37</sup> - musicistas - e esta propõe a existência de uma comunidade na qual ocorrem trocas de convites, algo que apresentei brevemente na pesquisa realizada de monografia (SANTOS, 2018), assim como um desdobramento da pesquisa da dissertação vêm sinalizando que o desenvolvimento do universo do HM necessita de convites, especialmente entre bandas que experimentam e praticam a música não como hobby, mas como uma fidelidade ao ofício musical, fazendo com que os indivíduos demonstrem engajamento e envolvimento nas atividades da comunidade.

Dado a prática que se faz presente entre eles de obrigação de envolvimento e engajamento mútuo, como demonstramos no capítulo anterior. Se elabora a partir disso o que os *Headbangers* chamam de parcerias, pois são estas que revelam o teor de *brotheragem* (aportuguesando o termo inglês “brother”) que fortalecem as relações na comunidade, especialmente entre músicos. De fato, no universo musical do HM, amigos, colegas e conhecidos de shows, atribuem grande importância aos laços sociais, comumente divulgadas nos discursos e nas canções, se passa por esta perspectiva que os membros do HM vivem numa relação equiparada tanto a audiência quanto ao músico que compartilha com outro músico trocas de convites para shows,

Isto é, os músicos fazem shows uns para os outros, estabelecendo aos irmãos laços de reciprocidade. Pois muitas das chances de apresentação se dão pelo laço ou vínculo que estabelece com outros músicos. Segundo Jacques T. Godbout (1997, p. 42) os laços sociais: “en el universo de los amigos, vecinos, conocidos de la tienda, etc, se atribuye gran importancia a la reciprocidad vinculada con las cosas que circulan. No impide que lo que circula esté imbricado en el lazo”, argumentando ainda que a relação de trocas

---

<sup>37</sup> Categoria do grupo utilizada pelos membros da comunidade para se referir aos seus pares.

entre amigos é mais concentrada na reciprocidade do que em outras redes de sociabilidades.

As trocas de convite para participar de shows constroem laços que aqui são identificados enquanto laços de irmandade<sup>38</sup> entre os musicistas do HM e, desse modo, o desenvolvimento profissional ou artístico depende dos convites. Com efeito, o músico ao aceitar participar dessa relação de etiqueta se compromete com a devolução, na forma de outro convite, mais ou menos simétrico, produzindo shows. Isto é, as trocas posicionam os indivíduos em relações de dependência, e assim pensamos nessas práticas enquanto trocas de dádivas, que operam nesse campo musical.

No presente capítulo trago os elementos da pesquisa realizada, indicando que a constituição do universo HM, implicando na utilização de mecanismos sociais, no qual, ao mesmo tempo em que agregam os indivíduos enquanto parceiros, gera permanentemente um processo de disputa. Um dos recursos que nos permitem seguir os processos são os discursos que se utilizam em formas, como as fofocas, reconhecimentos, cobranças e demonstrações dos laços.

## I. Laços

No exercício de construção da dissertação, compreendo o Heavy Metal não só enquanto um estilo musical, pois o termo quando é utilizado implica na especificidade (pretendida) dos que participam do HM, na construção e aprendizado de um estilo de vida, o que vai nos permitindo avançar na ideia de que se trata da construção de uma comunidade, o que indica o esforço da nossa pesquisa. No caso, vou me debruçar sobre o HM enquanto uma comunidade que se faz em muitos lugares, no Brasil e em outros países e que segui aqui na cidade de Campina Grande, conectada ao circuito mais amplo e com questões que vão sendo percebidas ao longo do trajeto de pesquisa. Na construção dessa comunidade e com a ênfase no fazer da música podemos dizer que o chamado circuito musical implica no esforço de produção dos shows com as bandas que são e se dizem HM. Então, me pergunto quem são os membros da comunidade que se envolvem diretamente nessa agenda e como esta determina posições e relações.

---

<sup>38</sup> A noção de irmandade se baseia nas ideias de solidariedade e espírito coletivo, ideário que é construído junto aos membros, a partir das letras e músicas das canções, como também, nas reuniões e situações de interação. Ademais, a ideia de irmandade é um enunciado constante nas práticas dos membros, por isso recupero nessa dissertação apoiado da contribuição de Mauss que este campo social opera um sistema hierárquico do qual a crença de irmãos pode ser tensionada na prática.

O Heavy Metal pode ser descrito como parte de um circuito musical no qual diversas bandas interagem e realizam shows, em diversos estados, e mediante uma agenda pré-combinada, produzindo eventos de maneira independente. Por diversas vezes em que estive na posição de músico nessa comunidade e estava tocando em algum show, alguns músicos se aproximavam de mim, para tecer elogios pela apresentação em palco e discutir elementos musicais que compunham o estilo de Heavy Metal que tocava. Nesses momentos, era comum também ser questionado sobre como eram os shows locais, segundo minha avaliação e o que se buscava saber é se havia audiência e se tinham muitos shows ocorrendo. Muitas dessas vezes ouvia músicos de estados vizinhos, como do Rio Grande do Norte e Pernambuco, afirmarem que os shows em suas localidades eram dinâmicos e destacados por passagem de bandas chamadas por eles de “gringas”, discurso que é reiterado por parte daqueles que não possuíam banda, mais que se consideravam músicos, assim faz parte da etiqueta perguntar sobre os locais que não conhecem e que tem comunidade de Heavy Metal, para assim, sondar e perceber no outro se há possibilidade de oferecer um show (MORAES, 2014).

Deste modo, os shows se fazem essenciais para destacar sua pertença à comunidade, foi dessa maneira que pude com certa frequência presenciar os músicos convidando uns aos outros nos momentos que sucedem as apresentações. Pois, a partir das performances em palco, os músicos que produzem eventos poderiam ter uma dimensão da sonoridade e da proposta da banda. Isto nas entrelinhas implica dizer também que não se faz convite a qualquer músico, como indicamos no primeiro capítulo, tem-se que demonstrar envolvimento com a comunidade, por isso retribuir é algo que se espera o tempo todo por parte deles.

Estes foram uns dos recursos encontrados pelos membros para conseguir manter o domínio<sup>39</sup> sobre as atividades da comunidade, especialmente no que se trata do aspecto financeiro, produzindo os próprios shows – quanto a confecção de vestuário e mídias digitais e impressas como fanzines<sup>40</sup> – que abrem a possibilidade de recebimento de cachês aos membros musicistas, visto que a frequência desses shows, nesse modo apresenta a chance de ganhar dinheiro pela performance<sup>41</sup> em palco.

---

<sup>39</sup> Na trajetória de pesquisa, estive presente em alguns momentos que musicistas relataram a existência de pessoas de fora – outra comunidade – buscando realizar eventos sem o consentimento dos que ali já se estabeleceram produzindo shows. No decorrer do texto, apresento algumas situações relacionadas a este ponto, culminando na saída de alguns membros da comunidade.

<sup>40</sup> Categoria utilizada pelos membros para se referir as revistas produzidas localmente.

<sup>41</sup> Designo o termo performance a perspectiva das apresentações em palco.

Como dito no início deste capítulo, existe reciprocidade entre os membros da comunidade HM, pois segundo a visão corrente quem participa de um evento a partir de um convite, deve retribuir esse convite ao participar futuramente de outros shows. Em outras palavras, a reciprocidade conecta os membros da comunidade, através da produção dos eventos e da circulação das pessoas, de modo que cada um dos shows e toda a preparação destes, gera um encadeamento que não é só de gratidão, pois a construção dessa comunidade implica num discurso igualitário e numa prática classificativa, o que gera lugares distintos, apesar das reivindicações se fazerem na direção da suposta igualdade, por meio dos eventos que produzem aos quais são chamados para apresentarem suas performances (MORAES, 2014).

O circuito se faz a partir dos seus membros, que embora se pensem e se digam como equivalentes, ao se pesquisar mostra-se como formado por indivíduos que possuem capitais sociais distintos (BOURDIEU, 1983), de modo que um artista capaz de produzir um evento espera que um colega ao ser convidado e se tiver a possibilidade de produzir um evento, lembre-se de retribuir o convite. Então, a dádiva aqui é uma linguagem que determina, para além da generosidade, a obrigação de retribuição, a troca-dádiva<sup>42</sup>. Conforme Mauss (1974, p. 187) argumenta “as trocas e os contratos se fazem sob a forma de presentes, em teoria voluntários, na verdade obrigatoriamente dados e retribuídos”.

Assim, entendemos que ela é obrigatória e que podemos afirmar, como fez Bourdieu (1996, p. 152) “os universos sociais nos quais o desinteresse a norma oficial, não são, sem dúvida, inteiramente regidos pelo desinteresse: por trás da aparência piedosa e virtuosa do desinteresse, há interesses sutis, camuflados”, na perspectiva do autor, um indivíduo não está apenas a serviço da sociedade, é também aquele que coloca a sociedade a seu serviço, em suma, não se vive livre, mas somos atravessados por mecanismos, normas e regras que nos fazem ter a obrigação do desinteresse. Pode-se dizer ainda que os indivíduos são dotados do senso prático, de um sistema em que se incorpora preferências, visões e classificações que orientam a percepção dos indivíduos “propondo” respostas adequadas.

Na construção da comunidade, a socialização dos membros implica que é “ensinado” que ao se receber um convite para participar de um show, deve-se lembrar que numa ocasião futura, ao se produzir um show deve-se devolver o convite. Só que não

---

<sup>42</sup> Segundo Dubar (1969:520) após anos de pesquisa e análise etnográficas levantados a partir do Potlatch, Mauss elabora o conceito de “troca-dádiva”, ao modo que esta se faz gratuita e estritamente obrigatória, “cuja função não é utilitária, mas social: unir os grupos e ultrapassar a hostilidade”.



se enuncia dessa maneira, ao contrário, são as histórias, são as fofocas, são os não ditos que nos ensinam e os gestos estão tramados numa dimensão ritual. Ao pesquisar e participar da comunidade, percebi que gasta-se tempo e energia na tentativa de produção de shows, pois em certa medida a conformação de uma comunidade e de seus membros cresce e se fortalece de forma em que se vive e experimenta juntos, e o show tem toda a potência, porém, sem recursos financeiros não é possível produzir os shows e como a bilheteria não é uma fonte garantida (ao contrário, sempre se diz que a bilheteria produz prejuízo) é preciso viabilizar-se através dos patrocínios, o que permite a realização de shows. Como se trata de um esforço que implica em construção e acionamento das múltiplas relações dentro da comunidade, vai se acumulando um conjunto de ‘dívidas’, que serão registradas e ‘cobradas’ nos momentos subsequentes, e que se desdobram na construção dos laços e parcerias<sup>43</sup> (MORAES, 2014).

Pensando que o Heavy Metal se constitui enquanto uma comunidade, que produz uma socialização em termos de estilo musical e de vida, aos que participam enquanto artistas – integrantes ou não de bandas – demandam a possibilidade de se apresentar em shows, o que se realiza a partir da inserção nos circuitos musicais, que pode se efetivar a partir do convite, que surge na troca de gentilezas, isto é, convites para compor o elenco de uma apresentação. Nesse universo podemos classificar os membros a partir das habilidades em incorporar papéis, como é o caso do músico que também é capaz de produzir shows musicais, o que aqui chamamos de eventos.

O produtor é fundamental para inserir os músicos no circuito musical, e como o universo local não é suficientemente estabelecido para permitir a segmentação de papéis e atividades, aqueles que são músicos são também produtores e não dispõem de recursos financeiros para efetivar essa atividade. Estamos diante do trabalho social que permite produzir a comunidade, com força e efetividade, capaz de superar a falta do capital econômico. Não se dispendo de dinheiro para pagar o cachê dos artistas, pode-se recorrer a situação de diferentes maneiras: assistimos ao trabalho social de encaminhamento das alternativas: a busca do patrocínio vai acompanhar a construção e veiculação dos discursos nos quais se exalta a paixão e a dedicação dos músicos ao HM, mesmo que não se tenha recursos financeiros para ofertar ao trabalho artístico, como também as rendas

---

<sup>43</sup> Quando participei da comunidade na condição de músico, observei que esta sociabilidade se inscreve a partir da ideia: “você me leva para tocar na sua cidade e ‘eu lhe retribuo’, levando-o para tocar na minha”. Algo também presente no trabalho de Moraes (2014, p. 108) quando afirma “essa noção de “elas por elas” parece indicar que entre algumas hordas (bandas) as relações estabelecidas na produção dos eventos tendem a ser retribuídas e equilibradas através de obrigações recíprocas”.

econômicas que podem ser geradas a partir da exploração de pontos de venda que acompanham os shows; buscando patrocinadores, contando com a disposição dos artistas para se apresentarem pelo “amor a causa” e outras formas de receber<sup>44</sup>, como também, se pode contar com a venda dos ingressos e com a disposição dos membros da comunidade HM em adquirir os diversos produtos que são oferecidos antes da realização do show. Conforme Silva (2014) afirma em seu estudo historiográfico que este tipo de prática já acontecia nos anos 80.

Em termos teóricos, a partir do maior expoente da dádiva, segundo Cardoso de Oliveira (1977), Mauss identificou na civilização escandinava dentre outras, as trocas e contratos que se instituíam enquanto presentes, voluntários, mas que na prática eram obrigados a retribuir. Quando descrevemos as práticas instauradas no interior da comunidade HM, nos evidenciamos que estamos diante de um fenômeno que pode ser explicado pela aplicação dos princípios da reciprocidade operada no HM.

Nessa dimensão, os cachês e atividades entre eles negociados são claramente afirmados, Caillé (1998) ao discorrer sobre o paradigma da dádiva, e partindo da contribuição realizada por Mauss, o autor percebeu que ele havia desdobrado questões de natureza simbólica e de conexão com obrigação de dar, como sendo uma dimensão abrangente que atravessa diversas esferas da vida social, desse modo sendo esta teoria fundamental para compreender os mecanismos de formação da comunidade.

Para além da visão que é advogada por Alain Caillé, ao utilizar a expressão Antiutilitarismo positivo, esta nos ajuda a compreender que “o ensaio sobre a dádiva” de Mauss nos permite pensar as propriedades a respeito de um paradigma positivo, constituído não apenas de uma crítica ao utilitarismo para a Sociologia, Antropologia ou melhor, as Ciências Sociais como um todo. Para Caillé, Mauss e demais autores da virada do século XX criticaram e negaram o utilitarismo econômico, não só na nossa sociedade ocidental. Pelo fato de que a obrigação de dar - o que ele chama de anti utilitarismo prático – é a base de toda e existente moral possível, é nesta, e não num “contrato social original”, no qual se dá toda sociabilidade.

Desta forma, reconhecer o paradigma positivo se baseia na universalidade da tríade *dar, receber e retribuir*. O ato de convidar e participar dessas trocas cíclicas no qual cada indivíduo tem um sentimento a receber do outro, mais do que um

---

<sup>44</sup> Pode-se incluir nessa perspectiva: passagens, gasolina, custeio de locação de van, hospedagens e alimentação.

“endividamento mútuo positivo” (CAILLÉ, 1998, p. 22). Se algum músico da comunidade dar sem esperar quando receber, é um ato de confiança na relação estabelecida, na visão de Caillé isso permite que a dádiva partilhada possa circular e contribuir a todos que participam dessas trocas. Mas como discutimos no primeiro capítulo sobre a obrigação do envolvimento e a partir do que recupera o autor acima, entramos no dilema: “desconfiar ou confiar plenamente” dos indivíduos depende da ética como prática, além das oportunidades que surgem para se criar laços. E não se trata de um pensamento matemático, que produz dívida. Pois, a negociação do dinheiro em proveito da performance das bandas de Heavy Metal das quais observamos eram integradas pela troca de convites sem queixas aparentes acerca da devolução. Desse modo, a troca de dádivas configurada sob os moldes descritos de possibilidade de convites-pagamentos, instaura relações de dependência entre os membros da comunidade e faz da lógica do cachê e da performance uma sequência de práticas em volta das relações desse campo social do HM.

Neste exercício de compreensão que aqui realizo implica em apresentar de forma mais explícita a perspectiva inaugurada por Mauss, isto é, as trocas de dádivas instauram relações de reciprocidade (dar, receber e retribuir) entre comunidades, grupos e indivíduos, sendo que estas são essenciais para a organização social de uma comunidade (MAUSS, 1924). No que diz respeito ao HM, é mediante as negociações e trocas que o estilo musical obtém vitalidade, possibilitando com que as bandas possam circular por diversos lugares e possam permanecer nesse estilo de vida por maior tempo, no sentido de afirmar uma identidade em contraste com outras. Como forma de questionamento, ao modo particular do capitalismo<sup>45</sup> de enxergar as relações reduzidas aos interesses econômicos, o próprio Mauss sinaliza o caráter dialético da reciprocidade como obrigatória e voluntária (MAUSS, 1924). Do ponto de vista dos participantes desse meio, ao se exercitar essa reciprocidade, que aparece apenas voluntária e que se mostra para um observador como também obrigatória, esta é percebida pelos membros como autêntica e própria à comunidade HM. As relações sociais aqui operam para reproduzir os vínculos entre indivíduos (CARDOSO, 1977), não se tratando apenas de uma operação pautada no valor monetário, portanto, estes indivíduos se habilitam a receber convites somente se demonstrarem que são membros da comunidade e, por isso, fazem parte plenamente do

---

<sup>45</sup> Aqui se trata especialmente de uma crítica ao modo de análise utilitarista que parece reduzir a dimensão das trocas.

universo que se está analisando. Como vou discutir mais a frente, quando o indivíduo se mostra pouco afeito ao processo de aprendizagem no modelo de socialização proposta, será acusado de falso e de interesseiro, que não vive e defende o *Metal verdadeiro*<sup>46</sup> (MORAES, 2014).

No exercício de pesquisa e discussão da presente dissertação, percebemos que para os membros que se dizem HM, a intensidade da vida se expressa pela música, pelo estilo de vida e pelos momentos experimentados durante os shows. Apresentar-se num show é algo desejado pelo músico / banda e isso acontece a partir de um convite. Porém, o aspecto financeiro – pagamento do cachê – se constitui num desafio em termos de interpretação do *modus operandi*, pois se advoga que um HB “vive pela causa” e não se admite que se aja a partir de um comportamento que possa ser enquadrado pelo cálculo, isto é, “alguém que se vende” (MORAES, 2014). Porém, é preciso dispor de recursos financeiros para se viver numa sociedade capitalista. Então, como se processa essa situação? No decorrer da pesquisa percebemos que a circulação do dinheiro não pode ser enunciada como válida por si, por exemplo: tocar apenas para receber dinheiro, para todos eles (que se reconhecem enquanto membros da comunidade) é algo interdito a enunciação. Ao contrário, se expressa no discurso dos membros a ideia de compromisso e lealdade, o que me permitiu trazer para a interpretação a questão proposta por Mauss – é a partir dos fundamentos da dádiva que se constrói laços entre músicos e a identidade Headbanger.

Os laços que se estabelecem com os membros pressupõem uma certa irmandade, isto é, ao convidar uma banda para tocar pressupõe uma relação baseada na fraternidade, juntamente com o convite que materializa esta ligação entre eles. O convite de um amigo para tocar num show implica num laço delineado entre o produtor e o músico de um evento, como pudemos observar entre as bandas ao se realizar shows na cidade. Além de sinalizar uma troca de oportunidades delineada, o convite é a válvula motriz de uma teia de dádivas, bem como não participar da dádiva implica não circular na dinâmica entre os músicos da comunidade HM (MORAES, 2014).

Assim, dois pontos aparecem como importantes para serem destacados, primeiro, as relações estabelecidas por meio do convite solidificam para o desenvolvimento de bens, ou melhor, de dinheiro que os músicos da comunidade recebem por suas apresentações. Segundo, gera-se a partir disso indivíduos-músicos que buscam

---

<sup>46</sup> Categoria do grupo.

estabelecer laços, reafirmá-los ou criá-los, isto é, organizam bandas companheiras de troca as quais os membros musicistas da comunidade devem incorporar em atividades futuras. Para Mauss estas relações instituem-se para além da ideia economicista / utilitarista, pois as trocas se tratam de “comunhão e de alianças” entre os grupos, o que se traduz no imbricamento de uns com os outros (MAUSS, 1925, p. 232). Ao seu modo, se distinguem da atividade social organizadas e interpretadas pela corrente utilitarista, na qual toda ação do ator é explicada / enquadrada na definição de uma maximização dos ganhos econômicos.

No decorrer da pesquisa realizada para a dissertação nos debruçamos sobre os shows, e nesse universo destacou-se os relacionamentos que se estabeleceram a partir das trocas entre os músicos e os músicos que organizam os shows, esses laços foram vivenciados através da minha experiência enquanto músico na comunidade e como estes são essenciais na dimensão social do HM Campinense<sup>47</sup>, que é balizado especialmente pelo circuito das bandas (SANTOS, 2018). Desta forma, receber dinheiro pela performance nesse estilo musical se faz necessário, porém não é somente isso nessas relações de trocas de reciprocidades.

Eric Sabourin (2008) em seu ensaio teórico, recupera os conceitos de Mauss, de modo a apresentar que a dádiva e a contra dádiva participam de um movimento dialético e econômico polarizado pelo prestígio e pela honra, “essa polaridade por si só proíbe reduzir o sistema dádiva / contra dádiva a uma troca e reduzir o efeito de redobramento da dádiva ao interesse do primeiro doador” (SABOURIN, 2008, p. 133). Assim, laços de amizades e inimizades, bem como a importância atribuída a colocar-se nessa relação e praticar a economia das trocas, esses laços delineados aos envolvidos com a produção, execução e apresentação da música são o amálgama da interação entre os membros da comunidade.

É importante informar ao leitor que a partir dessas relações surgem as ideias entre os músicos de quem participa mais dos eventos de quem, quais bandas se apresentam mais nos shows produzidos localmente (MORAES, 2014; SANTOS, 2018). Os comentários<sup>48</sup> entre os Headbangers são sinalizadores e importantes para se entender como operam os convites. Nestas ocasiões eles tentam influenciar os membros através das relações já mantidas de amizades, com intuito de vender algum produto ou até mesmo

---

<sup>47</sup> Implica também dizer que experienciei o fenômeno do HM em outros Estados, o que demonstrou uma certa regularidade de tal prática.

<sup>48</sup> Conversas que podem acontecer não somente nos shows, mas nas redes sociais.

mobilizá-los, para que produtores observem o seu status, por exemplo, solicitando aos amigos que entrem nas redes sociais dos produtores de eventos e comentem, marcando a banda; refletem buscando encontrar sonoridades que melhor se identifique com o público e mapeiam se há aprovação das músicas da banda por parte de audiência e apresentações em palco, cujo objetivo é melhorar as performances, para continuar sendo chamado aos shows.

No universo do HM, podemos encontrar uma variedade de estilos musicais que são os subgêneros do Metal. Diversos estilos que promovem e advogam versões do que é Metal, em determinados contextos, como recupera Ian Christie (2010), em momentos dessa história um estilo se sobressaiu em contraste com outro, por exemplo: Thrash, Death e Black Metal. Deste modo, nos shows locais esta concepção também se instituiu, pois em shows, por exemplo, do gênero Thrash ou Death podemos perceber um número de frequentadores diferenciar quando se compara aos de Black Metal. Contraditoriamente, nos anos 2000, estes estilos não conseguiam atrair uma grande audiência como eventos de Metal Cristão na cidade, ocorre que isso atualmente diminuiu significativamente e quase não se escuta falar sobre White Metal (WM) e quando surge, o Black Metal radical<sup>49</sup> e outros músicos reprimem, pois estes não são dignos ao ideário de irmandade e dádiva.

Essa mobilidade no cenário é importante, pois nos permite apreender as dinâmicas e as disputas classificatórias e conformadoras dos subgrupos. Vejamos: durante um evento local enquanto uma banda executava sua performance em palco, estive na companhia de músicos que não iriam tocar e que não estavam empenhados na divulgação<sup>50</sup> desse show, o que nos permite identificar o grau de adesão ao produtor que misturava os estilos num único evento – o que não é benquisto por aqueles mais radicais. Enquanto conversavam na entrada da casa de show, o produtor comentou que estaria produzindo um outro evento, com algumas bandas de fora do Estado, que os levaria para tocar na sua região, quando ele contou quais bandas iriam compor o próximo show, surgiu o questionamento por parte dos músicos presentes, pelas razões que o teriam levado a convidar músicos e bandas que são classificadas como praticantes do Metal Cristão.

---

<sup>49</sup> O Black Metal na cidade por muito tempo se sustentou enquanto um estilo resistente e de mais notoriedade entre os Headbangers campinenses. Levando alguns se assumirem radicais para qualquer ponto fora da curva, especialmente, aos membros que demonstram ser cristãos.

<sup>50</sup> Fato que é tensionado no campo do HM, músicos que tocam nos eventos, mas não o promovem divulgando/compartilhando.

Desconfortável com a revelação causada entre eles pelo que pude observar, o produtor não pareceu levar a sério o que os músicos haviam dito<sup>51</sup>, levando a dizer que isso era fofoca e que a banda falada não tinha envolvimento com cristianismo, porém algo que monopolizava sua preocupação era a pouca presença de pagantes na casa. Os músicos presentes naquela ocasião sugeriram ao produtor outras formas de retribuir<sup>52</sup> – depois da resposta ácida do produtor – cujo intuito era minimizar as despesas, já que se retribuísse o convite a banda de fora, teria que produzir outro evento para garantir a devolução do convite.

Um dos princípios fundamentais sobre a dádiva, destacados por Caillé (1998) é a de se estar comprometido, por completo ou não, nessas relações de troca. Como vimos, o produtor convidado, apesar da imagem contrária projetada sobre a banda que havia convidado a tocar, estaria envolvida com cristianismo, ele preferiu acreditar no caráter de que a banda apresenta nas performances de “subversivo” e garantir a devolução do convite, independente dos “falatórios”, isso demonstra o comprometimento do produtor nas relações de troca com os demais.

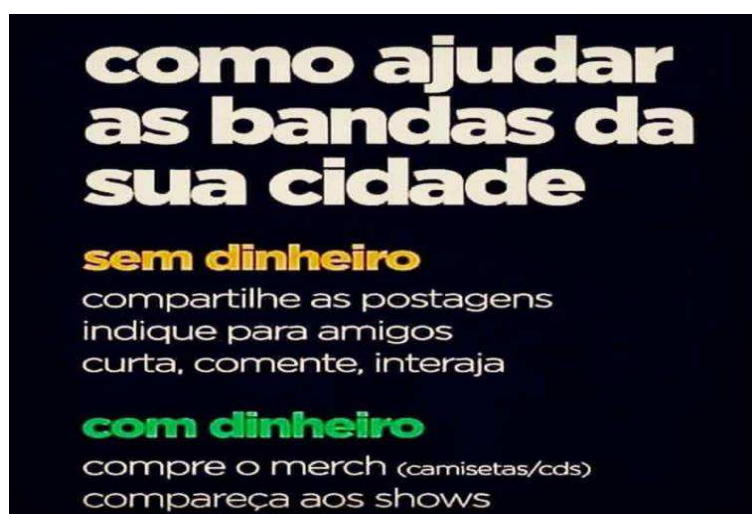


Figura: 03. Formas de retribuir. Fonte: Instagram

Deste modo, como nos grandes shows<sup>53</sup> os produtores locais necessitam de uma teia de financiadores, no caso empresas, lojas (de instrumentos musicais, em sua maioria). Voluntariamente também com a ajuda de amigos focados no desenvolvimento do evento.

---

<sup>51</sup> A história do HM se constrói fortemente em oposição ao cristianismo. Especialmente numa comunidade local marcada pelo BM. Para mais informação ver (CHRISTIE, 2010; SILVA, 2014; SENA, 2019).

<sup>52</sup> Divulgando os shows nas redes sociais ou comprando os materiais como CD, DVD, Type, vinil, camisa e outros produtos comercializados na comunidade, bem como buscando patrocínio para os eventos.

<sup>53</sup> Aqui no circuito Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte, um dos nomes centrais é o *Abril pro Rock* realizado em Recife-PE, todo ano. Para mais informação acessar o link: <https://www.facebook.com/festivalabrilprorock/>

Consequentemente, as trocas também se baseiam especialmente nos relacionamentos dos membros com patrocinadores e algumas vezes até de políticos<sup>54</sup>, que disponibilizem recursos, de modo a colocar os shows em locais públicos<sup>55</sup> nos quais podem exercer o seu ofício musical, sendo isso algo que ocorre nos shows em Campina Grande com certa repetição.

Descrevo uma situação do ano de 2014, no qual estive numa das extensões do evento da Nova Consciência<sup>56</sup> voltada para shows, diversas bandas se apresentavam de vários estilos musicais, inclusive do HM. Nesta situação estive presente com três membros que estavam esperando a apresentação de uma banda local de Metal, na época está se destacava entre os membros pela qualidade sonora e pelas as apresentações. Quando a banda começou a tocar, os membros ali presentes curtiram batendo cabeça e participando do *circle pit*. No meio do show, Tadeu, um Headbanger da comunidade local, comentou conosco que a banda que estava se apresentando só tocava em eventos desse tipo por causa dos financiamentos que aconteciam e pela articulação que o pai de um dos membros teria com a organização do evento.

O comentário, que continha uma crítica, me fez ficar mais atento aos elementos destacados e passei a observar que a mesma banda se fez presente em outros Estados por meio de organizações de festivais similares. Essa dimensão me permite refletir que acontece uma transformação das chances de promover um evento com dinheiro advindo de patrocínio (privado ou público), em mais oportunidades também para o produtor<sup>57</sup> do evento (MORAES, 2014). Desta forma, determinadas bandas conseguem acesso à

---

<sup>54</sup> Como acontece no interior da Bahia, *Ruídos do Sertão é apresentado* pelo documentário (CLINGER, 2015). No qual se mostra que a realização de um evento mediante projetos culturais financiados pela prefeitura de Poções, do interior da Bahia, em que se apresentam várias bandas de diversos estilos dentro do HM, durante dois dias de apresentações.

<sup>55</sup> Campina Grande é uma cidade movimentada tanto pelo São João, quanto pelo evento da Nova Consciência e da Consciência Cristã. Esta região ficou marcada e conhecida por esses eventos, embora pouco se fale sobre os eventos alternativos que acontecem nela. Destaco o evento *Rock Campina*, que teve sua primeira edição em 2005. Segundo Santos (2016, p. 42) afirma em seu estudo historiográfico sobre a comunidade local, “não importava o que o maior São João tinha a oferecer, e sim qual seria o próximo disco do *Slayer*, qual a próxima demo tape do *Nephastus*, ou qual seria o próximo show na cidade”, se deseja estar e compartilhar com os que se identifica, não importando o que a cidade tinha a oferecer.

<sup>56</sup> Evento religioso realizado todos os anos no período do carnaval em Campina Grande-PB, cujo intuito é apresentar cultura, arte e tradições religiosas e tudo que confere ao patrimônio da cultura imaterial. No qual se debate diversos temas e dilemas, a saber: tolerância, o diálogo Inter Religioso, o desenvolvimento sustentável e a Inclusão Social. Tendo ainda para os participantes eventos paralelos para os variados segmentos artísticos. Para mais informação acessar o link: <https://sites.google.com/site/ongnovaconsciencia/>

<sup>57</sup> Geralmente é comum se observar que os membros da audiência também participam tocando nas apresentações, bem como organizando eventos, o que pode ensejar em mais prestígio ou algum dinheiro quando as expectativas da audiência são superiores ao rotineiro.



espaços que apenas os selecionados têm o privilégio de desfrutar, com auxílio de diferentes capitais, poderíamos dizer, familiares, econômicos e sociais. Fato que não podemos negligenciar, afinal são estes mecanismos que também operam na manutenção dos laços entre os músicos.

Estas oportunidades são singulares e permitem aos membros da comunidade HM local encontrar, formular e reinventar moldes<sup>58</sup> para futuros eventos, e ainda favorecer, auxiliando uns aos outros para que outras bandas se mantenham, obtendo mais oportunidades de exercer seu ofício. Como nesse mundo cultural é fundamental se fazer, praticar através da música e os shows permitem confrontar, comparar, aprender e estar no palco é algo desejado por aqueles que fazem e partilham dessa música, fato que se faz relevante a comunidade (MORAES, 2014).

Segundo o trabalho teórico de Sabourin (2008, p. 132) cada obrigação da dádiva (dar, receber e retribuir) produz uma “energia espiritual” entre os indivíduos que compartilham da dádiva, e o ato de retribuir se dá por esta força segundo o autor, que há dentro da coisa dada (MAUSS, 1924). “Um vínculo de almas, associado de maneira inalienável ao nome do doador, ou seja, ao seu prestígio”, para o autor a reciprocidade envolve uma preocupação com o outro positivamente ou negativamente na relação.

Observei uma conversa entre dois membros da comunidade numa mesa do bar da casa de show localizada na avenida “gastronômica” da cidade, na qual um produtor afirma ter retribuído convite para um membro e pensava em não fazer mais por conta do seu envolvimento e divulgação com neonazismo no Metal, porque este indivíduo – apesar do prestígio na comunidade local – não produzia nada além de discórdia por onde passava por causa do seu extremismo ideológico e capitalista, e convidá-lo, novamente, seria contrário ao que o Metal prega, que é de “união”.

Muitos membros da comunidade criticam tais posturas bem como uma visão que visa apenas o econômico<sup>59</sup>, no entanto, não permitem deixar de lado essa ferramenta coletiva sob o qual realizam a manutenção do músico profissional<sup>60</sup> em seus laços. Não

---

<sup>58</sup> Através de um senso operante de Lealdade, fidelidade, patrocínios e estabelecendo parcerias com bandas, produtores e logística.

<sup>59</sup> Um dos pontos procedentes a esse aspecto refere-se que alguns produtores de shows, que objetivam apenas o interesse financeiro, esquecendo da qualidade do ambiente, do equipamento som e das bandas selecionadas não são bem quistos pelos membros da comunidade. Entretanto, sabemos dos custos que envolvem produzir um evento e como este se permeia de questões econômicas para sua realização e para dar é preciso produzir.

<sup>60</sup> Chamo de músico profissional aquele ator que se dedica as atividades musicais e por meio dessa se articula buscando aprimorar os contatos e se manter no circuito musical. Para isso, ele se envolve numa prática intensa de repetição que ora é individual com seu instrumento, ora com demais da banda, no qual

escutei cobranças objetivas mais explícitas<sup>61</sup> e acredito que estas sejam mais comuns, o infortúnio pela não participação aparece com frequência sob a forma de fofoca e boicote aos shows<sup>62</sup>.

Vale destacar que a troca não sinaliza que as relações são simétricas entre os membros da comunidade HM. Pelo contrário, o convite para o show é um componente importante também para tensões sociais entre os membros. Por um lado, um produtor pode não chamar uma banda para seu show ou pode chamar por outro motivo; para tocar em eventos menores com intuito de não promover a banda, o que algumas vezes faz os membros pensarem: “por que X não toca naquele show, tendo um repertório musical tão trabalhado” ou, “eles têm cacife para tocar em qualquer evento grande”. Aqui a troca de dádiva tem um sentido de “vocês não são iniciados”, ofendendo outras bandas e que pode gerar reverberações negativas no meio social e musical, isto é, na política identitária. Ao não ser convidado, se produz um deslocamento nas reivindicações de membro, artista e verdadeiro, ou seja, de um Headbanger “completo”. Por outro lado, como se trata de várias pessoas promovendo shows, isto é, vários membros-produtores fazendo circular as bandas que devem convites e tal fato colabora também numa relação equiparada na medida em que todos estão trocando dádivas, numa dimensão que compara os diversos status e prestígios sociais dos músicos (MORAES, 2014).

Existe uma ideia que possibilita a regulação das trocas: os convites estabelecem uma quantia financeira equiparada entre as bandas. Percebemos que mesmo existindo na cidade muitas bandas de Metal, “nenhuma delas se diz superior às demais”. Mas há uma diferença quando se trata do pagamento de cachê, o que se faz presente e se compara com outras localidades para além do estado. Assim como Moraes (2014) descreve as alianças entre as bandas de Black Metal em São Paulo, no qual as bandas locais que investigou tocavam de graça nos eventos locais, para que assim o produtor pudesse ajudar, custeando a banda que viesse de fora. Na pesquisa de campo pudemos perceber que isso também

---

se ensaia as apresentações. Para alguns guitarristas, costumam dizer que para ser um bom músico no Metal tem de existir entrega de si no instrumento, gastando horas praticando – especialmente nesse instrumento de destaque nas apresentações.

<sup>61</sup> Nesses momentos escuta-se as categorias como: honra, fidelidade e causa do Metal, sendo operadas e legitimadas nos discursos dos profissionais.

<sup>62</sup> Contando com as pessoas que comparecem a esses shows para cumprir com suas obrigações financeiras, o produtor fica indignado com os membros que vão aos eventos e não entram na casa de show, consumindo bebidas fora da casa e ouvindo a música de fundo. Esta atitude por parte – de alguns – da audiência sinaliza certo indiferença por quem toca, pois muitas vezes observei pagantes fora da casa de show conversando enquanto a banda “da noite” se apresentava, e na mesma ocasião enxerguei que alguns membros iam assistir apenas bandas que gostavam ou tinham apreço.

ocorre em Campina Grande, pois muitos se solidarizam com a causa e em benefício de todos envolvidos. Ter convite e receber por ele, permite perceber que estamos diante de uma situação que nos faz observar os discursos construídos, a partir de referentes que nos permitem traçar as observações com vistas ao exercício analítico.

No exercício de análise que realizamos, através do que observamos em campo, é possível dizer que há uma expectativa por parte do produtor, ao realizar um show ele vai investir tempo, talvez algum dinheiro, a rede de contatos e parceiros e, imediatamente, torna-se um credor. Este, por sua vez, torna-se um modelo de comportamento que se espera receber dos demais que participam das trocas. Entretanto, esta prática, implica em acusações propriamente veladas quando se confronta o modelo com a prática, algo que nos indica, ao reconhecer os laços, se abre espaços para avaliações que geram tensões entre os membros. No comportamento modelo, o músico-produtor que realiza um show adquire em outros meses – quando estiver fazendo show com sua banda – receberá um valor aproximado do que ofereceu ou por meio de outras formas de retribuir e da mesma forma fará pelos demais.

Na prática, certa vez um membro contou entre dentes, de modo baixo e não totalmente articulado, ao se referir a determinado produtor, que este não pagava e não respeitava os músicos, pois demonstrava falta de respeito ou sequer dignidade em oferecer a alimentação para os músicos que tocavam nos espetáculos que ele organizava. Moraes (2014, p. 114) afirma, acerca dessa percepção, “a dimensão da organização e produção pode ser vista como um bom elemento na compreensão das relações no interior dessa cena defendida por seus adeptos”. Para o autor, discursos do tipo como descrito acima nos shows servem para julgar a legitimidade dos laços. Em outra situação, já na cidade de Recife, num show que tinha tudo para ser como diziam os membros “memorável”, por se tratar de um evento com grandes bandas nacionais, observei o músico-produtor que promoveu tantos shows e que recebeu apoio de patrocínio, bem como apoio das bandas responsáveis pelas vendas de tickets, se retirar do ambiente escondido pela falta de dinheiro para pagar os técnicos de som e a segurança do local (sem falar das bandas), atitude que se configurou aos HBS como oportunismo<sup>63</sup>.

---

<sup>63</sup> Não é novidade que fato como o descrito acima, acontecerem na comunidade do HM. Como aconteceu com o show que prometia ser uma referência para o nordeste, este seria o Metal Open Air (MOA) que seria realizado no estado do Maranhão em 2012, com diversas bandas brasileiras e internacionais. No entanto, houve uma série de cancelamentos por parte das bandas sob alegação que o produtor do evento não tinha cumprido com as exigências e pagamentos. O que gerou críticas por parte de pessoas que compraram ingressos antecipados ou mesmo já se faziam presentes nas instalações que o evento disponibilizava para acampar. Para mais informação sobre acesse o link: [https://whiplash.net/materias /opinioes/152958-](https://whiplash.net/materias/opinioes/152958-)

# **BANDAS valorizem-se NÃO paguem para tocar!**



**Vamos acabar com essa nova moda que surgiu dentro do underground, onde os únicos beneficiados são as casas de shows e produtores. Não às cotas de ingresso! Não aos produtores sanguessugas!**

Figura: 04. Não pagar para tocar. Fonte: Tem banda nova (blogspot)

Porém, a reciprocidade é algo impositivo e existe de fato processos (dar, receber e retribuir) que organizam as trocas, retribuir é uma parcela da substância, da natureza, porque aceitar alguma coisa de alguém, é aceitar parte dela, de sua alma, e, portanto, conservar esta é ilícito, bem como moral/físico/espiritual perigoso possuir poder mágico nos ritos de comunhão. Negar ou negligenciar esses laços significa declarar guerra é recusar os vínculos (MAUSS, 1924, p. 202) – como veremos mais adiante. A entrada do músico nessa reciprocidade é dinâmica, alguns desejam apenas participar do circuito como hobby especialmente se tem banda cover<sup>64</sup>, dado que observei ocorrer na comunidade local, parte dessa também se faz em dimensão mais ampla – existem bandas que tocam quase todo dia em diferentes locais do país e do mundo, como exemplo, é o caso das bandas Nervochaos e da Nervosa<sup>65</sup> que compartilham os shows que participam. Analisamos que as parcerias entre as bandas baseadas no espírito coletivo de comunhão, estes indivíduos não passam a contar quantos shows o seu amigo está devendo, mas realmente cada ator possui uma maneira de agir, operar e ser afetado pelas trocas, “nessa reciprocidade, tal valor ético é compartilhado pelos protagonistas como um todo indiviso” (SABOURIEN, 2008, p. 134).

---

metalopenair.html. Em contraposição a estas ações, enunciados como da figura abaixo, começaram a surgir a partir de 2010, na comunidade com intuito de valorizar os músicos e as bandas locais.

<sup>64</sup> É importante sinalizar que essa entrada do cover no meio do HM Underground não é bem quista, pelo fato da banda cover se estabelecer através de pagamentos que se diferenciam dos que ocorrem nos locais. A visão do membro da comunidade é que o cover só visa dinheiro e não traz nada de novo apenas repetição de algo já feito, consumido e clichê (SANTOS, 2018)

<sup>65</sup> Para mais detalhes da banda Nervosa consultar: <https://impactametalfestival.com.br/nervosa-banda>, e para informação sobre a Nervochaos acessar: <http://www.metalmedia.com.br/nervochaos/>.

Assim no HM, a dádiva é também uma tensão que demanda participação ou não, incorporação ou separação dos envolvidos. O indivíduo que participa através de convite para um show é marcado nesses laços, cria um limbo de espera da troca e este deve escolher os passos seguintes seja qual for, esta será compreendida como feedback à condição soberana da dádiva (TAUSSIG, 2010, p. 349). As bandas que participam efetivamente dos circuitos que são realizados no HM, passam por uma identificação dentro de um escopo para ser Headbanger, por isso produzir um show e escolher bandas é uma forma de reafirmar o compromisso com este estilo musical. As opções de escolhas direcionam notadamente a obrigação de retribuir, tendo em vista que na troca são várias pessoas agindo e criando possibilidades. A partir dessa perspectiva Taussig recupera Bataille, para dizer que através da dádiva emana a condição soberana, a lógica, estratégia e enredo dos indivíduos envolvidos se transformarem no seu percurso de trocas, mesmo que isso implique em nem sempre participar de sua dinâmica da forma que deseja.

Em seu trabalho de campo Michael Taussig (2010) reserva uma parte de seu trabalho e realiza uma crítica a abordagem utilitarista, que se torna importante aqui na medida que indica caminhos de análise – que reduz a troca a mero interesse econômico – ou estruturalista – em que uma ordem lógica organiza a prática – da dádiva. O autor realiza a crítica partindo da reflexão possibilitada por Bataille que intervém na “obrigação de dar” e pensa a condição soberana na dádiva como obrigações não lucrativas. Em sua análise, George Bataille (1991; 1967) compreende que a troca sem despesa é o que permite aos indivíduos romperem com a lógica mercantil devido uma força que pode ser política/cultural, este ato de romper permite se tornarem seres humanos em interpretarem e articularem as próprias experiências. No caso do HM, o convite entre os membros, entra numa arena permeada por uma ideia que os encaminha a pretensões e tensões pelo prestígio (MORAES, 2014; SANTOS, 2018; 2019).

Quando um músico-produtor produz um show, ele seleciona as bandas dentre várias que podem ser locais ou de fora, ele pode agir de acordo com as trocas – ou que devem ser quitadas – e a posição que tal banda ocupa na comunidade de status e prestígio. Este indivíduo não estabelece a operacionalidade cuja função base seria que as bandas participantes têm obrigação de convidá-lo, mas em regra não será transgredido o parâmetro de receber resposta positiva enquanto a isso. Desse modo, suas operações são desenvolvidas e tão só possuem significação diante a possibilidade de troca.

Em sua análise da troca, Bataille (1967, p. 143), indica que precisamos pensar o dar em termos de adquirir poder, a ação provinda do exercício da dádiva revela para ele

o poder, pelo fato de agora, a posteriori se perder, o “homem passa apreender o que lhe escapa” e relacionar o universo sem limite com o limite que lhe confere. Especialmente quando o indivíduo possui um lugar de destaque nessas trocas, na análise de Bataille (1967), a posição que este ocupa de dar a última palavra, é no qual reside a condição soberana. Como se sabe a dádiva possui elementos que regem a sua dinâmica e lógica. O autor centraliza sua perspectiva, no que confere a transgressão das regras. Para ele transgredir é romper com a regra/laços, se trata de uma ação de criatividade ou estratégia para sair de uma determinada lógica.

De fato, romper com o convite e sua retribuição se apresenta como importante no campo musical do HM, (devido as intrigas e fofocas que também (des)articulam circuitos e boicotam os shows) algo que trataremos mais adiante. Entretanto, se faz importante também observar as trocas por um outro ângulo, a da transgressão, mapeando os mecanismos dos indivíduos que deixam de participar das trocas. Com efeito, dos que rompem se desenvolvem tensões em torno da dádiva entre os membros. Esta dádiva tem a possibilidade de não ser dada ao outro por algumas razões: porque o HB espera compartilhar o palco com alguma banda de maior prestígio; por afinidades/ laços com outros; chamar alguém de peso/renome ao show; tocar ou ter relacionamento com músicos de histórico religioso cristão e não ser chamado para participar de grandes shows. A apresentação em palco de cada banda nessa teia de troca recebe vitalidade diante do prestígio dos HBS<sup>66</sup> e laços que criam tensões no aspecto profissional, do qual busco apresentar na próxima secção, tendo em vista a importância da lógica de dar, receber e retribuir na sociabilidade da comunidade (MORAES, 2014).

## II. As tensões nos laços

Ao longo das décadas na Antropologia funcionalista e na Sociologia durkheimiana se teve uma predileção pela harmonia e pela estática social, enquanto a dinâmica oferecida pela reciprocidade daria outro aspecto a ser analisado, contemplando a tensão sobre os laços dessas interações sociais. De fato, Mauss (1924) nos aparece como central na produção, quando pensamos a dádiva e sua circulação nas relações sociais que se mantém na sociedade abrangente.

---

<sup>66</sup> Pode-se passar pela fama, capacidade técnica, chamada por eles de virtuosidade, que implica em tocar um instrumento com certa habilidade e qualidade sonora, não é apenas tocar rápido mais bem executado.

No universo Heavy Metal que investigamos e como já discutimos acima, na circulação dos convites entre os músicos, quando um desses se faz empresário ou quando se participa da organização de um show, o convite não significa automaticamente uma circulação de dádivas que confirmem ou gerem harmonia. Ao contrário, nas trocas e convites encontramos espaços de não realização ou de uma irrealização que produz tensões e críticas. Há dois pontos para sinalizar sobre este aspecto, de um lado, as trocas são essenciais para permanência e desenvolvimento do HM, criando a dinâmica profissional que envolve cachê-performance, circulação e encontro também do status/prestígio social em meio à audiência através das interações, aquilo que é especial para manter o HM, enquanto ofício de uma arte obscura<sup>67</sup> como eles falam. De outro lado, a formação dos laços entre os músicos que participam dessas trocas no Heavy Metal, acaba criando uma fronteira para aqueles não dignos. Conforme Moraes (2014) indica os locais de apresentação quando são ocupados pelos membros se cria regras, cujo intuito de todos seria defender o idealismo desse tipo de música “verdadeira”.

Como informamos anteriormente, o convite é uma maneira de partilha em que os indivíduos do campo estão presos numa teia de significados e nesse caso da comunidade as relações de trocas (MORAES, 2014). Consequentemente, é uma forma de manter as teias de laços operando nas interações, que com frequência causam tensão como fato incontornável aos membros. Para a entrada nessa dialética de trocas é importante para os músicos locais, as tensões partem das estratégias – para propor futuramente o convite – dos membros em volta destes meios escassos no ambiente da música alternativa. Claramente, as tensões não são aparentes ou tautológicas cujo foco da tensão não se dá exclusivamente pelo cachê dos shows, estamos sinalizando que os shows são essenciais para demonstração de status e prestígio nas relações entre amigos e parcerias para shows.

Portanto, no primeiro ponto nesta seção analisamos duas situações que presenciei e alcançaram vários membros do Heavy Metal, para entender a situação de laços, rupturas e os papéis no ambiente musical dos shows. Nos outros dois pontos penso a repercussão das fofocas que sustentam a tensão e por fim, apresento que os laços sociais entre os Headbangers têm suas diferenças que são articuladas as tensões nessa comunidade.

#### i. Entre as gerações

---

<sup>67</sup> Arte no sentido transcendente que te permite escapar das aflições da vida cotidiana.

No exercício de pesquisa busquei perceber essa identidade através de uma visão abrangente no ambiente HM, captando as relações que são entretecidas entre os seus participantes, e para captar esse aspecto, foquei minha atenção na maneira pela qual se expressa a amizade e como se demonstra o seu inverso. Como já indiquei, o show é um momento de grande importância na formação da identidade HM e para que um show se faça, é necessário contar com a participação dos membros enquanto os artistas que irão produzir o evento. Me dei conta que ser um membro é, dentre os muitos atos, estar / conviver com os outros, falar sobre HM e se portar enquanto representante e o ápice é subir ao palco e mostrar na música e em tudo que compõe a performance que se é um Headbanger.

Para tanto, investiguei nos shows os que se mostram na condição de amigos e os que se mostram marcados por animosidades. Essa dimensão se apresentou para mim a partir das situações que experimentei durante os eventos<sup>68</sup> e situações tensas. Ao me deparar com as situações experimentadas pelos membros da comunidade HM, tais como as trocas através de convites, os encontros que antecedem os shows, os próprios shows e, claro, os momentos que são vividos coletivamente quando se encerram os espetáculos e se passa algum tempo bebendo e comentando tudo o que se experimentou.

Ao me tornar um pesquisador fui percebendo que estava diante de situações marcadas por ações que me permitiriam entender as mecânicas de formação e de manutenção dessa comunidade. Existem amizades<sup>69</sup> como também inimizades de longo ou curto prazo entre os músicos. Dentro dessa situação, existem variações à título de exemplo; músicos que tocam em shows juntos, mas não se falam, isso aconteceu como presenciei no final do ano de 2017, numa conversa entre Headbangers;

- Eles<sup>70</sup> não se falam, mas tocam juntos, porque são profissionais e sabem separar as coisas.

Nesse dia, tive acesso ao backstage e permaneci por lá um tempo e observei a aludida banda, com os seus membros permanecendo separados uns dos outros; há também

---

<sup>68</sup> Penso no show, viagem e visitas às casas dos membros.

<sup>69</sup> O termo “amizade” aparece também entoadado ou seguido pelo termo também frequente de “irmão” ou até em inglês “*brother*”.

<sup>70</sup> Uma das maiores bandas e nomes do Black Metal internacional.



músicos que partilham convites mesmo em meio às desavenças de estilo ou ideológica<sup>71</sup>; e aqueles que não se “misturam”, sendo seletivos, escolhendo quais shows frequentar e com quais indivíduos manter um diálogo. Ao se observar o cenário pode-se indicar que a imagem de uma irmandade, uma comunidade, se tensiona, e vemos as clivagens e as oposições. Desse modo, no HM, isso surge como maneira de evitar/passar vergonha numa dada parte da interação face a face, é o constrangimento, isso ocorre quando um indivíduo externaliza concepções do seu Self antes mesmo dos outros indivíduos presentes numa determinada situação (GOFFMAN, 1956, p. 264).

Uns dos pontos importantes nesses laços e tensões são que elas são variáveis e destacáveis pelas bandas a partir de contextos, mostrando-se sempre sutil, pois o discurso é de unidade/coletividade e a prática é de tensão social. Presenciei por exemplo, uma situação de parceria entre dois membros da comunidade<sup>72</sup> entre João Pedro e Gildo numa viagem<sup>73</sup> de volta de um show em Recife-PE, na cidade de Campina Grande em 2018. Ambos se congratulavam em seus discursos pelo longo tempo que estavam no HM – o que implica em certo capital cultural, nesse estilo musical, pois nos permite dissertar e realizar explicações com mais autonomia – produzindo algo pelo estilo musical. Gildo mais velho que João se conheciam dos shows locais e participavam dos mesmos ciclos de amigos, até que um dia João Pedro realizou um evento de Metal Cristão<sup>74</sup>, aquela situação e a repercussão nas redes sociais desse show, culminou com os dois rompendo as amizades.

Naquela mesma época, João Pedro continuou realizando eventos com bandas da vertente cristã marcando mais a ruptura e distanciando qualquer possibilidade de promoverem parcerias profissionais conjuntas em shows organizados por eles. Depois de um período distante sinalizando uma marca forte de que sagrado e profano não se misturam, João Pedro procurou se manter nessa via, o que implicava continuar intrigado com Gildo, afinal, ele tinha sido “marcado” na comunidade, se retornasse não seria bem

---

<sup>71</sup> Especialmente entre política e religião, embora a maior parte dessas situações se configuram no aspecto da religião, especialmente de músicos que se envolveram com WM ou tiveram algum cargo dentro das igrejas. A política é um tema emergente e atual que se apresenta de forma mais contundente nos discursos dos membros. Para aprofundamento no tema político no HM indico (SENA, 2019)

<sup>72</sup> Ao trazer alguns membros da comunidade para o corpo do texto percebi a importância de apresentá-los e para isso fiz uma lista descritiva disponível nos anexos que permite ao leitor conhecer mais sobre os participantes dessa pesquisa.

<sup>73</sup> Ao organizar o transporte dos interessados em sair da cidade de Campina Grande e ir para o Recife, onde aconteceria o show com a banda de Gildo, o mesmo permitiu que ao vender os 19 assentos, minimizaria os gastos que a banda teria para se deslocar e participar do show.

<sup>74</sup> Com aproximadamente nove bandas oriundas dos estados de Pernambuco, Rio Grande do Norte e Ceará.

recebido e se tensionava mais se rompesse com os cristãos. Alain Caillé (1998) também reconhece que nessas trocas de dádivas os indivíduos estão totalmente envolvidos ou estão fora, o engajamento se torna importante para continuação das relações de troca. Pois para o que se tem entre os mais “antigos” na comunidade local, tal prática seria inconcebível, por causa da máxima auto emulada que o Metal é anticristão e que repudia qualquer envolvimento com a religião judaica cristã. Se João Pedro desejou ocultar dos Headbangers sua afinidade religiosa era uma forma de não pôr em xeque suas amizades de longo tempo da comunidade.

Depois de alguns anos João Pedro nas margens das margens<sup>75</sup> da comunidade local, mudou de lado, ele começou a frequentar os shows locais seculares, embora alguns considerem um ato de coragem pelo fato de não existir receptividade ao modelo de religião que fora seguido por João Pedro, ele se reconciliou com um amigo de Gildo que também realiza evento na cidade conhecido pelo nome aqui por Beto. Apesar das conversas acontecerem na comunidade sobre a volta do ex-membro, ele continuou a planejar parcerias entre as bandas “mundanas”.

Na situação em que estive presente, o choque foi exposto de Gildo por João Pedro, especialmente, quando chegamos em nossa cidade, a van parou e esperou a descida dele num bairro da cidade, ele desceu e após alguns minutos Gildo começou a dar vazão à sua relação de animosidade. O diálogo a seguir que eu reproduzo foi por mim anotado no meu diário de campo, mostra as situações seguintes;

- Beto, porque você chamou esse White metal de merda para nosso show, esse cara não é nada. Além do mais, não sei o que ele busca num lugar em que só tem gente que pensa o contrário dele.

Ao fundo falaram;

- Aqui só tem satanista porra!

---

<sup>75</sup> O Heavy Metal é um estilo musical que atualmente possui muitos apreciadores na sociedade abrangente, passou a gozar de espaços e participa com certa frequência de programas e grandes shows impulsionado pela indústria cultural (ADORNO, 1985). Mesmo assim, este estilo musical produz uma singularidade para os indivíduos que os aprecia, o estigma de associação a chave satânica. Como efeito disso para os membros “mundanos”, o Metal Cristão se torna um problema para os próprios cristãos que não reconhecem que uma banda de HM, seja do cristianismo, porque creem que “o pai do rock é o diabo” pelas músicas, figuras dos cds e camisas, forma de cantar e balançar o corpo enquanto manifestação demoníaca.

Aproximadamente 15 pessoas estavam na van, músicos, amigos e colegas locais estavam acompanhando na viagem e de modo coletivo silenciaram enquanto os discursos surgiam, como forma de prestar atenção no que era dito e a posteriori começaram a sorrir. Após esse comentário Beto respondeu;

- Cara ele é muito importante para cena, ele é editor de algumas revistas no país e por favor você sabe que estava faltando gente para completar a van, então não dava para dispensar ele.

Ao mesmo tempo que se cultiva ideais na comunidade do HM, o cotidiano é marcado por exigências que se revelam desafiadoras. O aspecto econômico produz choques, como se depreende do comentário feito: ter um transporte que leve e traga os membros dos shows que se realizam em outras cidades ou estados mostra-se um desafio. Aqui há também estratégias referentes à regulação da imagem do indivíduo, relacionada a valores, emoções e interesses. Segundo Goffman (1956) afirma nas interações sociais, em determinadas situações os indivíduos se sentem tão à vontade, como a descrição acima, que acabam falando o que deseja destoando a ordem da interação, produzindo vergonha ao indivíduo receptor. De forma sintomática isso parece no Metal, através do que eles chamam de *truer e poser*<sup>76</sup> (SANTOS, 2013, SILVA, 2018), são formas de exaltação ou desprezo/vergonha, um HB pode entender como importante demonstrar isso no palco falando “morte aos posers/cristãos” ou entre os amigos que recusa o indivíduo que lhe causou ou envolveu numa situação de desprestígio, intencionalmente ou não (em shows ou em momentos que antecedem estes e que se expressam nas trocas expostas nas redes sociais).

Os relacionamentos elencados acima ficaram marcados como questões geracionais e tensões ideológicas entre eles. Tal situação sobre a inimizade, separou – e ainda separa – por muito tempo os músicos-produtores que mantinham relações de amizade passaram a se xingarem e pararam de frequentar os mesmos ambientes. Assim, elaboraram de forma contrastada que os laços entre eles no HM, tinham um lado oposto à harmonia, e que implica nas tensões. Conta-se em campo que essas situações

---

<sup>76</sup> Estas categorias podem ser entendidas como acusatórias ou excludentes, definindo quem é quem, isto é, incorporando e separando os indivíduos. Segundo Ribeiro (2010) são estas as regras de comportamento que os indivíduos passam a aprender nesse meio musical, num processo pedagógico, a partir do qual se passa a entender o sentido das expressões culturais dessa comunidade na qual se busca a inserção enquanto membro.

começaram com envolvimento do cristianismo<sup>77</sup> e o mal estar atrelado dessa religião a imagem e as disputas pelo espaço musical<sup>78</sup>. Segundo a análise de Frehse (2008) discute acerca da teoria de Goffman, mais especificamente, do que trata do espaço social, no qual a vida se dá em sua complexidade. Para a autora, as interações têm forte aporte espacial, mesmo a vida cotidiana na perspectiva dela, é no espaço e no tempo que os indivíduos se localizam nas interações e socializam uns com os outros. A ação de interagir nos ambientes, coloca em jogo os lugares ocupados na interação e na estrutura social, este espaço não é somente físico, mas “signo e idioma de interações que localizam, de diferentes modos, os indivíduos interacionais e, assim, socialmente” (FREHSE, 2008, p. 162).

Desde que comecei a participar do universo HM, percebi que apesar de se tratar de um universo que verbaliza e cultiva a ideia da igualdade e do valor do novo, incluindo aí a forma pela qual os novos membros se irmanam na prática do HM, quando observamos a presença de artistas / bandas nos shows, tornava-se visível a preferência por aqueles que já estavam há mais tempo e se vinculavam ao período considerado como época de ouro do HM, os anos 80/90<sup>79</sup>. Ao interrogar os produtores ou outros participantes sobre essas questões, pude ouvir a explicação de que para atrair uma plateia é preciso nomes com maior peso e que estes são os mais estabelecidos.

Embora essa diferença exista, as bandas novas obtiveram conquistas ao longo dos anos e foram introduzindo novos mecanismos de aceitação para produzir um HM genuinamente "autêntico", se tornando fiéis aos eventos e suas práticas com essa arte musical; participando mais dos shows, por também emanar deles uma prática de incorporação de capital cultural adquirido através dessas novas formas de ser e pertencer a comunidade (BOURDIEU, 2001) – mostrando em parte que também apreciam os “clássicos” de modo a criar músicas inspiradas neles – gerando interesse da audiência,

---

<sup>77</sup> Segundo os membros da comunidade, aproximadamente em 2004, os shows de Rock/Metal cristão na cidade eram maiores que os seculares, o que causava desavenças e ameaças por aqueles que não tinham tantas audiências para os seus eventos. Embora, alguns ex cristãos e cristãos continuem a frequentar os espaços, de maneira contida e buscam evitar shows do estilo Black ou Death Metal, que são os estilos mais pesados e mais contestadores.

<sup>78</sup> O que também implica em rejeitar toda forma diferente a comunidade que tenta se aproximar de modo a desviar o processo “natural” da vida. Daí surge e se baseia parte do discurso da comunidade sobre a negação do cristianismo entre eles.

<sup>79</sup> Considerada a melhor época do HM, por ter sido o início do estilo musical e por remeter hoje aos membros da comunidade a tradição que deveria ser seguida, inclusive esta época era usada para legitimar os discursos dos mais velhos para com iniciados. Como ouvi da primeira banda de TM da cidade em 2017, que discursou no palco “eu vivi os anos 80, uma época que vocês não viveram” para os jovens que estavam no pé do palco curtindo as músicas.

produtores e outras bandas que buscavam parcerias para turnês e shows. Por isso, quando um produtor escolhia<sup>80</sup>, a presença de bandas novas e alguma banda antiga ficava de fora, sendo substituída algum músico ficava descontente/irritado com as escolhas feitas. Isto significa, situações de vantagens aos que já tem lugar nos circuitos, as bandas mais recentes nos palcos foram sendo incorporadas nos espaços e criando disputas no ambiente alternativo do HM. Este espaço interacional que compete às apresentações das bandas, o músico ao adotar posições como essa termina abafando o valor ideal do qual a comunidade se faz para atingir de alguma forma o outro.

Por muito tempo escutei de alguns músicos murmúrios acerca das bandas, especialmente, de fora da cidade. Um caso desse se elucida numa situação enquanto conversava com Duda sobre as apresentações com sua banda. Animado e sob efeito de álcool, contou que tocava música desde criança e criava canções para bandas que nenhuma banda da cidade vizinha – da qual não citarei por questões éticas – se comparava ao que ele criava. Da mesma forma observava que os rapazes da outra cidade faziam mais apresentações que a banda de Duda, tendo também participação de músicos locais e internacionais na produção de seus CDS, o que proporcionava mais visibilidade tanto nos shows quanto nas redes sociais. A disposição da prática de ambos era demarcada pelo quanto o músico é habilidoso em produzir música em qualidade e “peso”. Segundo Bourdieu (1996, p. 22) o habitus é esse princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco, isto é, em um conjunto unívoco de escolhas de pessoas, de bens, de práticas. Para o autor, o habitus produz práticas distintas bem como a maneira de se expressar e que são os indivíduos que classificam “o que é bom” do que “não é bom” para eles, fato que pode parecer pretensioso, ostentador e vulgar para os demais.

Nesse quadro, os desacordos que não permitem manter-se no circuito produzem uma competição do tipo descrito acima, entre as bandas que se mostravam como uma constante na comunidade realizando apresentações. Já ouvi entre os mais antigos envolvidos com esse tipo de música que os mais jovens desejam superá-los dizendo “que esse tipo de música não dá mais para eles”<sup>81</sup> por ser velho e que o Metal é uma máquina frenética, daí se iniciam as piadas a respeito deles.

---

<sup>80</sup> Pode-se realizar enquetes na internet em que os membros sinalizam quais bandas desejam ver nos shows. A audiência só participa assim, quando é um aniversário da produtora ou em alguma data excepcional, nos demais eventos não se costuma o produtor abrir espaço para escolha que advém da plateia, isso não é uma prática frequente.

<sup>81</sup> Discurso de um músico em um show ocorrido em 2017.

No universo em que se movem os membros do HM cada um busca controlar a imagem que projeta, construindo uma ação que produz efeito sobre as outras imagens (GOFFMAN, 1988). Logo, quem se sente desafiado vai agir no sentido de minimizar esse efeito. Um dos mecanismos que se faz uso é o da fofoca – o que apresento mais à frente com detalhe. Falar sobre o outro, com quem se tem alguma diferença (efetiva ou projetada) ganha força quando se faz na ausência do mesmo e levantando suspeitas ou acusações.

Uma das características habituais sobre os mais velhos se baseia num gosto musical verticalizado no HM antigo, chamado por eles de HM tradicional, algo que contrasta com os mais novos em relação ao que eles estão acostumados a escutar na atualidade. Este aspecto característico de certa prática – de um modo de tocar, compor, afinar os instrumentos e pensar a música, são conhecidos como *oldschool* – por parte de alguns mostra que a construção musical em suas formas de se expressar, apresentar e também discursar sobre o HM, foram superadas para outros. Ademais, discursa-se na comunidade, também que os mais antigos passaram a retirar os “não iniciados” dos shows que organizavam e que estes eventos eram fechados – entrando apenas membros convidados/músicos, quanto a audiência que faria deste show um culto<sup>82</sup>, por se tratar de uma plateia selecionada – atitude que aparece para a outra ala (jovem) como mesquinha já que sua máxima é “irmandade”, permitindo assim que “poucos” músicos possam participar e iniciar nas trocas. Desse modo é possível rastrear as confrontações que me permitem afirmar a existência de uma tensão entre os estabelecidos, aos quais se associa uma geração, em confrontação com os mais jovens, que buscam se afirmar. Esses comportamentos (de desacordos) nortearam para distanciar – ainda hoje ocorre –, os jovens tidos como eles chamam de porras-loca<sup>83</sup>.

Evidentemente, os shows fechados não foram criados pela geração mais recente e nunca ouvi algum comentário que identificasse a mesma prática sendo instituída por estes indivíduos, pois eles querem reconhecimento inclusive dos mais antigos. Entretanto, parte

---

<sup>82</sup> No ano de 2017, um membro da universidade que escutava também Metal. Conversou comigo sobre os shows que estavam próximos de acontecer, numa dessas ele soltou que havia acontecido um show numa fazenda no Brejo, de pronto afirmei que desconhecia tal evento, ele sorriu e me falou “tu não participa do círculo hermético?!” e encerrou a conversa mudando o assunto. Nos dando a nítida impressão que não deveria ter falado sobre, bem como revela o sonho de alguns membros de participar de algo exclusivo.

<sup>83</sup> Categoria do grupo: identifica jovem não iniciado, aquele que não conhece a prática da comunidade e que, portanto, tendem em alguma medida passar uma impressão daquilo que o grupo não deseja ser comparado.

disso aguça a curiosidade de jovens que buscam se relacionar com os mais velhos na tentativa de obter licença para ter acesso a estes eventos.

Contudo, alguns membros com seus argumentos decidiram boicotar<sup>84</sup> uns aos outros, negando participar de shows com os mesmos. Identificando as contradições e tensões no campo que desdobram as disputas vividas, especialmente, quando os jovens em resposta à situação que se formava, utilizaram do boicote. De fato, esta expressão é algo que se mostra comum no universo do HM. Assim, quando alguém numa dada situação quebra a fachada do outro divergindo de posturas adotadas, procura agir de maneira a ser reconhecido como boicotador. Segundo Goffman (1956, p. 34) “desde que a fachada tende a ser selecionada e não criada, podemos esperar que surjam dificuldades quando os que realizam uma dada tarefa são obrigados a selecionar para si”, fachada esta que deve ser adequada dentre outras. No HM local esta é uma forma encontrada por alguns de exercer pressão sobre os produtores – bem como identificar quem está do lado de quem – ao passo que este indivíduo trabalha na produção de shows pensa, por exemplo, a ausência dos mais velhos pode afetar no número de frequentadores dos shows, principalmente pelos seus feitos no Metal e respeito ao oldschool afeta na forma como organiza um evento.

Nesse sentido destaco a banda Shock, considerada Oldschool. Iniciou nos anos de 1980, em João Pessoa, surgida logo após a banda também de Heavy Metal Stress pioneira do estilo musical no Brasil. A Shock<sup>85</sup> é motivo de alegria para os Headbangers locais, pois para eles além de se manterem na estrada, tocando em shows e gravando CDS, rememoram saudosamente os antigos eventos no estado. Desse modo, Audiência não se baseia apenas em bandas que fazem parte do circuito, as que possuem fama, mas das que possuem status e são prestigiadas ao longo dos anos e não perdem a autenticidade. Conforme Moraes (2014) argumenta é postura assim que compromete as relações da comunidade e termina colocando em jogo os laços de pertencimento entre os Headbangers baseados nos caracteres status e prestígio.

Essa situação tensionada pelos dois membros acima, demonstra de um lado o desejo de não se envolver com pessoas de “histórico” ou mau status – desonroso a sua

---

<sup>84</sup> Boicote é uma categoria do grupo para não comparecer aos eventos. Há justificativas variadas pelos membros e músicos para faltarem um evento, pode ser pela participação de bandas que apenas de shows mainstream, menosprezando eventos menores como no caso de shows locais, aí a participação desses indivíduos é reduzida para sabotar a apresentação. O que configura em alguns casos a constatação por parte de alguns deles “eu nunca vi esse cara nos shows lá na cidade”, bem como só participa de shows em que está tocando ou promovendo.

<sup>85</sup> Para mais informação sugiro o link: <https://whiplash.net/materias/cds/198048-shock.html>

imagem de ser mais velho na comunidade – como expressou Gildo e do outro lado o esforço de João Pedro em voltar a comunidade restabelecendo as amizades, potencializando a percepção que não apenas a imagem do conflito das gerações que se constituía, mas de uma situação de tensão entre músico-produtores e HBS, se impondo no campo do HM. Pode-se dizer que aí há uma rixa cujo foco é entre os membros que querem controlar o campo e os membros que tentam se instituir no espaço.

Em sua análise de Goffman, a contribuição de Fraya Frehse (2008), apresenta algo importante para se destacar, acerca dos espaços sociais de interação, a obrigação do ator estar inserido, mediante seu comportamento nos espaços de interação, se dá também a influência de “inadequações situacionais” sobre as distâncias interacionais e sociais. Isto é, poder e posição social afetam na forma dos “territórios do self”, da imagem que se cria na relação com o outro. A seguir recupero uma situação nesse sentido que causou repercussão na comunidade.

Em 2008, conheci através de amigos do ensino médio um bar localizado no centro da cidade que era alvo de exotismo (por ser um bar todo pintado de preto e possuir imagens e símbolos considerados satânicos espalhados pelas paredes) por parte dos jornais da cidade na época. O nosso trajeto quando saímos da escola na sexta-feira, era participar daquilo que se conhecia por *Sexta-feira cultural*, no qual algumas bandas se apresentavam toda semana na praça Clementino Procópio, local que funciona como um ponto de encontro da comunidade e onde se trocavam experiências. Quando encerrava as apresentações daquele local, nos dirigimos ao *bar do Metal* como os meus amigos assim chamavam, lá os membros escutavam as músicas, tendo preferência na escolha das canções, o indivíduo que estivesse consumindo bebida, o que fazia com que alguns membros repetissem várias vezes as canções de bandas tomadas como clássicas, tais como Manowar<sup>86</sup>.

Neste ambiente, além dos membros que ficavam consumindo no bar haviam outros que se sentavam não longe do local, geralmente em número considerável e maior que os consumidores que ficavam no bar. Entre uma bebida e outra conversávamos e chegou o dia de bater papo com o dono do local, ele se chamava Bonília, tinha aproximadamente 40 anos, era peruano e vivia um modo de vida nômade segundo ele mesmo afirmava, porque observava de forma problemática ser fixo, especialmente se tem banda, em seu discurso ele possuía uma banda de Black Metal (BM), chegando a mostrar

---

<sup>86</sup> Banda de Heavy Metal tradicional.



para os meus amigos as gravações em CD de sua banda. Nestas conversas com Bonilia percebi a sua vontade de retomar as atividades com a banda e fazer algum dinheiro tocando e sobretudo produzindo eventos, ao meu ver parecia uma ideia legal por parte dele apresentar sua banda a comunidade.

Passados alguns dias voltamos ao local – nunca fui sozinho ao bar já que andávamos sempre em grupo – e desta vez voltamos a conversar com Bonilia e ele disse de pronto:

- Eu não posso mais continuar com isso, fui ameaçado (por músicos de uma banda de BM)! não posso produzir nenhum show aqui.

Lembro que ele ressaltava que, o fato de ser *one-man-band* (banda de um homem só) dificultava as coisas já que toda mudança de estado que fazia tinha que entrar em contato com novos músicos ou conhecê-los e o bar era uma forma de aproximar as pessoas, só que dessa vez pareceu reproduzir um outro significado para aquilo que buscava. Por fim, ele afirmou que nunca passou por uma situação assim, desta forma tão singular como ocorreu. Alguns dias depois soube que realmente existia essa repercussão entre os membros da comunidade e também ouvi que Bonilia tinha se retirado da cidade. Este momento também marcou os meus amigos pelas notícias que escutava dos outros colegas, informando que alguns membros estariam com posições radicais/hostis com White Metal, especialmente o caso que aconteceu, segundo os relatos entre dois jovens que passeavam com camisetas de bandas cristãs, as margens do Açude Velho e tiveram suas roupas rasgadas por um grupo de indivíduos que ao avistá-los eles anunciaram:

- Aqui é Black Metal porra!

Tal postura na comunidade na época era chocante para mim e amigos que participavam constantemente dos shows. Situações como estas no HM local, competem a regularidade do radicalismo de alguns membros para com aqueles que buscam destoar o sentido atribuído a comunidade, e nesse sentido Headbanger que deseja passar a mensagem religiosa entre eles não é bem-vinda. Segundo Moraes (2014, p. 187) indica “a divulgação de tais imagens, as declarações contrárias ao Metal Cristão, a oposição e o ataque nos discursos e nas performances *Black Metal* são elementos centrais do estilo e nunca saíram de moda”. O fato de ser jovens e não “saber bem o que deseja para a vida”,

criava uma desconfiança constante entre os mais estabelecidos sobre os novatos, por isso a associação de porra louca ao iniciante.

Esta situação geracional do campo não só criou uma tensão como barrou as chances de performances dos músicos enquanto seu ofício<sup>87</sup>. Nesta ocasião a produção de eventos se transformou numa estratégia para a permanência da música local, evitando e propagando posturas intolerantes de músicos com bandas que não são bem vindas e adeptas do White Metal (WANDERLEY, 2008). Nessas relações músicos precisam de uma comunidade, de locais para se apresentar. Então, os shows são parte desse universo. Os membros, dentro deste espaço foram direcionados a elaborar e criar laços que assegura para a comunidade desenvolvimento de eventos, algo que permitiu ampliar o campo de ofício musical e ter locais para receber esse tipo de música alternativa atuante na cidade, amparado algumas vezes por patrocínio. Essa ação produzida por alguns membros foi um modo de resguardar as possíveis chances de oportunidade quanto uma maneira que também se transvestiu de acusação política para derrotar a invasão externa e ameaças internas<sup>88</sup> ao ambiente.

A tensão gerou uma ruptura, pois a tentativa para permanência profissional era seguida pela constante reviver de inimizade e pela intensa vigília sobre o outro. Parte desse *modus operandi*, que confere a comunidade, se baliza em estratégias para se manter no campo de atuação, o reconhecimento por outro do que se faz, traz autonomia e respaldo para criticar os demais, já que está amparado pelos outros, sobretudo acusar ou difamar em algumas situações. A observação sobre o outro não é aparente, mas balizadora das relações com que se estabelece contato, pois segundo Goffman (1988) os indivíduos sociais possuem duas identidades: *a virtual e a real*, no qual os indivíduos estão constantemente tentando ocultar a identidade real para que os demais não o conheçam em profundidade. De tal modo é que no HM, especialmente quando um músico se envolve com música cristã mesmo que profissionalmente ele será ocultado por tal feito e passará pelo julgamento de terceiros, que o condenará a vida sem performances em palco, dizendo

---

<sup>87</sup> Inúmeras são as notícias de bandas consideradas de renome no Brasil que foram prejudicadas pelos discursos – especialmente da internet – que estavam tocando em shows fora do círculo metal ou tocando por filantropia e terminaram sendo consideradas como traidoras do gênero musical. Sendo foco de debates nos canais especializados como Heavy Metal on line. Link para mais informação: <https://www.youtube.com/watch?v=yz6azD7loJY>

<sup>88</sup> Tendo em vista que os grupos de internet, por exemplo, *Total ódio contra White Metal*, discorre sobre o quão suja são as comunidades de diferentes locais do país, realizando exposição de músicos cristãos infiltrados e outras atividades consideradas “não Metal”. Sabendo disso, os membros estão atentos ao discurso e a prática de quem é de dentro e quem não é, de modo a expor alguns dias antes do show bandas que não são – insiders – dignas de dividirem palco ou de compartilharem palco com músico “secular”.

que este não merece compartilhar os espaços dos shows. Entretanto, ao observar as relações, a partir do que os indivíduos demonstram desse campo social, como sendo limite da comunidade, identificamos os indivíduos que fogem à regra sendo construídos sobre a imagem de inimigos, falsos e nunca autênticos com os ideais da comunidade.

Dessa forma, pude observar que tocar em eventos e conseguir uma audiência considerável, possibilita cachê quanto status/prestígio nessa disputa, uma maneira de dizer quem é benquisto ou possui apreço da comunidade. Assim, para manter-se num grupo era importante realizar eventos e ter status digno com outros produtores, no que tange a seleção e controle das bandas, numa perspectiva que este espaço vai além do cenário físico, mas ambiente de signos para as interações (FREHSE, 2008, p. 106). De uma parte, isso afeta especialmente os músicos de status em formação, especialmente, aqueles que estão iniciando nessas trocas sem possuir um status consolidado entre eles. De outra parte, criou a partir disso chances aos não tão conhecidos realizarem eventos para contentamento da comunidade do qual fazem parte e se disponibilizarem as trocas.

Tais situações sinalizaram que as relações se exacerbam de tal modo que permitem tais trocas entre amigos, inimigos e com isso sejam vítimas do boicote, há relações que quando acabam os indivíduos procuram se relacionar com outros músicos para se manterem atuantes, o que leva a uma reforma da comunidade. Alguns choques daquele momento permanecem marcando diferenças pessoais, éticas/morais e profissionais, mas as relações sociais continuam a desenvolver nos laços tensões seja por meio de boicotes ou de olhares envenenados e fofocas que tentam deteriorar a imagem do músico e fazer dele alguém que não merece atuar nos palcos, como apresento nas próximas seções.

## ii. Olhar envenenado

As tensões na comunidade não é algo *sui generis*, esta atravessa outras regiões, exemplo disso, foi a monografia de Wanderley (2008) o trabalho realizado pelo autor recupera um conjunto de práticas, discursos e retóricas dos indivíduos sociais desse campo para estabelecer uma relação de diferença, entre eles e nós, julgando assim quem são os indivíduos de dentro e de fora. Para o autor, está prática defendida pelos membros é uma maneira pela qual os indivíduos instituem a qualidade ideal ao Headbanger e como consequência desta máxima idealista, muitos não se enquadram nesse parâmetro causando conflitos e tensões aqueles que buscam partilhar dessa identidade.

Ao discutir o conflito entre os Headbangers, Wanderley (2008, p. 86) afirma que a cultura delineada no HM “tem a capacidade de diluir ou até apagar certos conflitos geralmente presentes em coletividades, (...) novos conflitos gerados a partir de diferentes posições assumidas na cena”, caracteriza o músico do HM, dentro do que acredito ser situações tensas, de tal forma que ressalta o alcance dos conflitos que existem no exercício de ser apreciador e músico desse estilo de vida. O conflito aparece como uma maneira de sanar certas rivalidades, que surgem nas conversas entre os membros da comunidade e que opera também no processo da imagem impressa de um musicista diante de outros. Para Goffman, a fachada é uma imagem do eu/Self limitada em características socialmente aprovadas, especialmente quando se está em momento de compartilhamento de imagem, tal como na interação (GOFFMAN, 1956, p. 14).

Partindo da pesquisa realizada por Wanderley (2008), compreende-se que o conflito entre os músicos, é bem mais que um aglomerado de normas/regras<sup>89</sup> a serem seguidas, é um repertório dinâmico que possibilita formas de avaliação para os comportamentos dos músicos sobre os demais. De um lado, há fronteiras para as competições entre os músicos das bandas e, como efeito disto, as tensões. De outro lado, é um modo pelo qual os membros encontraram para falar mal, com intuito de desvalorizar o outro, trata-se das acusações de quem é poser ou truer<sup>90</sup> entre eles, como Wanderley (2008, p. 33) afirma “o falso” pode ser considerado um outsider intermediário, o que tentam deslegitimá-lo como não pertencente ao grupo, entretanto sempre se mostra presente na cena”. As conversas que expressavam o conflito representavam modelos ritualizados para desencadear tensões, manter posições e fazer amigos. Diferenciando da perspectiva proposta por Wanderley, pensamos a partir dos artifícios e estratégias operadas pelos indivíduos nessas situações, quando ocorre um incidente de natureza conflituosa, a fachada dos indivíduos envolvidos naquele momento é ameaçada e, portanto, os indivíduos buscam maneiras de restaurá-la, enquanto outros que assistem podem esperar que esta não ocorra (GOFFMAN, 1956, p. 32). Se para Wanderley (2008) o conflito surge para sanar rivalidades, para nós este demonstra a dinâmica que opera na comunidade, proporcionando aos praticantes uma série de situações que os mobilizam constantemente.

---

<sup>89</sup> Parte dos membros da comunidade questionam pontos de vistas que tendem a reproduzir certa normatividade dentro desse ambiente, afinal, segundo eles, o Metal nasceu para romper com qualquer tipo de regra.

<sup>90</sup> Sendo possível se observar também no campo bandas que se intitulam do gênero *True Black Metal* ou *True Heavy Metal*.

Desta maneira, o conflito opera no HM, uma forma de discurso delimitado a particularidades do falar mal dos outros nas conversas como forma de desqualificar, a acusação central é acerca da prática de ser músico nesse estilo, segundo Bourdieu (1987, p. 23) afirma “sendo produto da incorporação da necessidade objetiva, o habitus, necessidade tornada virtude, produz estratégias que, embora não sejam produto de uma aspiração (...) mostram-se objetivamente ajustadas à situação” de um músico hábil em cantar canções ou tocar músicas bem elaboradas para se destacar do “amigo”<sup>91</sup> ou quando um membro de outra banda nos shows mostra os desafeitos nos palcos como sendo um senso prático incorporado a respostas imediatas das ações dos indivíduos quando se sentem sob o efeito da confrontação.

Próximo dessa prática comum identificada nas relações dos músicos, percebemos que os indivíduos se voltam às lógicas do *consenso operacional* (GOFFMAN, 1983) que possibilitam aos indivíduos entender, o que os demais esperam uns dos outros nas situações vivenciadas. Este aspecto demonstra certos detalhes de uma atividade – como as “brincadeiras” de pegar nas partes íntimas que aparentam certa liberdade entre os homens e dizer “afinou o instrumento”. Esta característica pode ser construída pelos indivíduos intencionalmente ou inconscientemente para regulação de situações entre os demais.

Esta forma é frequente entre músicos do HM, quando apresentam esta prática da identidade. O musicista utiliza-se desse mecanismo, da imagem impressa numa situação que é oposta do ideal “vivemos entre iguais”, falseada defronte amigos e audiência. A vitalidade da acusação baliza uma ausência de confiança em si, do que o indivíduo sabe executar e personificar no outro, uma postura capaz de apresentar uma performance que pode ser aparente ao espectador, já que nem sempre se conhece os dois Selves (virtual e real) do ator (GOFFMAN, 1988). Deste modo, pode especular/falar mal sobre um musicista tanto entre a banda quanto amigos e produtores. Detalho desenhos dessa estratégia em duas situações presenciadas.

Após um evento na cidade, um músico se aproximou de mim e relatou que um membro de outra banda – guitarrista – estava assistindo de má fé a sua performance, pois observou que este indivíduo estava de braços cruzados na frente do palco, com outros colegas que cochichavam e riam dele, observando explicitamente as suas mãos tocarem a guitarra, ele avaliou tal ação como de falta de criatividade – musical – e de desrespeito

---

<sup>91</sup> Fato que ocorria com maior frequência por parte dos guitarristas.

com quem está se apresentando. Em outro evento o mesmo músico, desta vez prestigiando – como audiência – o show, lembrou do que havia acontecido com ele no evento passado e relatou apresentando os fatos aos amigos e bem como boatos que soube a mais que desmerecem tal indivíduo que estava rindo dele. O músico discorreu na conversa que procurou o indivíduo, se que defendia, segundo o seu relato, dizendo que estava aprendendo com ele, afinal ele também era músico. Mas para o musicista irritado com o *mafiador*<sup>92</sup>, como eles chamam esse tipo de atitude, seria necessário ir ao próximo show preparado para tocar de costas para a audiência com intuito de evitar tal olhar.

Ao que tudo indica, o musicista parece que compreendeu a situação e procurou conversar com o indivíduo para entender mais sobre tal ação. Neste contexto, o indivíduo – e amigos – permaneceram frequentando os shows que o musicista participava/frequentava e observei que não havia mais aquela tensão de quem sabe tocar. Embora o musicista tenha demonstrado certa aparente superação do ocorrido, ele continuava a observar a audiência procurando aquele olhar, acredito que tanto para perceber possíveis novas ameaças a sua integridade de músico, quanto para expor que estava ciente das ações ocorridas. Deixo claro que as situações não me possibilitaram proximidade/intimidade, por assim dizer, com o outro indivíduo para compreender esse assunto em especial, como modo de entender as duas partes, entretanto, esta prática na comunidade é comum e frequentemente aos “truers” especialistas em HM, cuja ação busca analisar e apontar pontos forte e fracos das apresentações.

No entanto, o que é importante nessas situações são os mecanismos que ambos colocaram em operação, assim, de um lado a apresentação pautada num determinado tipo de performance que tem uma posição de destaque como a do guitarrista, aplicando técnicas para o desenrolar da música quanto a impressão situacional que isso suscita dele, estritamente ensaiada e empenhada em passar uma imagem autêntica. Do outro lado, um grupo que analisa ou melhor julga a performance executada pelo membro, avaliando quais técnicas são aplicadas e se estas são autênticas na concepção que eles mantêm sobre esse tipo de música. A lógica desse campo social se institui um momento de incorporação – habitus – entre os músicos, como parte de um jogo de estratégias próprias do meio que na realidade jamais é executado, de modo explícito tal julgamento. Participar deste meio

---

<sup>92</sup> Categoria do grupo para quem se utiliza do conhecimento musical do Metal, para diminuir o outro. Isso ocorre baseado nas técnicas/habilidades que são apresentadas pelos músicos nos shows.

implica estar envolvido nesse jogo e ser consciente que esta prática produz efeitos nas imagens alheias com que interagem constantemente (BOURDIEU, 1982).

A estratégia operada para alguns membros se dá pela prática de que a vítima do deboche não possui habilidades convincentes do que performa em palco ser verdadeiro<sup>93</sup>. A justificativa para isso se baseia sobre a existência de um senso prático “comum”, que os musicistas têm das práticas sociais em seu ambiente profissional, notadamente pelo fato dos músicos utilizarem disso para variados motivos, em particular para se destacar em relação ao outro frente a audiência e atentar para possíveis estratégias aplicadas como descrito acima.

A segunda situação foi empreendida no momento que ocorria um show na cidade, por um músico que falava mal de um presente musicista-produtor de Metal Extremo<sup>94</sup>, havia realizado shows fechados e que a banda que estava tocando não executava mais de dois acordes. Estas acusações, quando realizadas em meio a audiência enquanto ocorre as performances, não são proferidas com os nomes dos envolvidos, isto é, são inomináveis, mas aparecem nas conversas dos músicos, companheiros e amigos dos shows. Consegui confirmar a fidedignidade dessas impressões acusatórias, por cochichos e rumores que passaram a transitar do palco entre músicos-audiência, que se mantêm atentos aos sinais de desconfiança e má fé, especialmente, para não serem mal falados caso apoiem tais atitudes.

Embora, estes indivíduos façam disso uma maneira de sacralizarem tais ações no HM, esses choques produzidos tem uma outra face que por muitas vezes na literatura do tema aqui estudado, aparece obscurecida: competição musical profissional. Discorro sobre isso, porque alguns membros da comunidade também pensam na existência de tais práticas, sobre shows fechados e atitudes do tipo aqui mencionadas – mesmo que alguns acreditem que seja importante os convites e tais comportamentos para regular/selecionar os indivíduos que transitam neste ambiente. Em vista disso, alguns membros consideram desonrosos os comportamentos dessa natureza no campo do Metal, que se pensa sem “regras”, sendo subversivo a doxa dominante.

---

<sup>93</sup> Tal ação de falso também aparece na internet, numa dada situação do ano de 2014, um membro da comunidade comentou comigo que havia comprado uma guitarra que com a mesma alegria que me comunicava tinha postado uma foto do seu instrumento na internet, precisamente no FaceBook, após alguns minutos da postagem ele relatou que estava observando o seu feed de notícias e encontrou um *post* de um colega da comunidade dizendo “Guitarrista de foto”, ao observar tal ato, ele confirmou nos comentários que se tratava dele que o “colega” estava comentando, causando um embrulho no estômago pelo fato desse colega conhecido ser alguém de certa fama na comunidade.

<sup>94</sup> Se atribui o termo Metal Extremo aos gêneros Black e Death Metal.

Ao passo dessa prática, esse modelo de situação social permite ao seu ator força para enquadrar a vergonha sobre alguém, acontecendo na frente dos outros ou de longe. Destaco neste momento o sentido *situacional* de Goffman nessas práticas de apresentar algo sobre, em outras palavras, sua habilidade de passar e institucionalizar impressões nos diferentes momentos (GOFFMAN, 1983). O peso das acusações, ou a eficácia simbólica dessas (BOURDIEU, 1989), não acontece de forma explícita ao ator. Esta prática é impressa na imagem do outro, agindo mais fortemente por meio de indivíduos que dão vivacidade e potencialidade a estas compartilhando aos demais por meio de fofocas, assim, isso desenvolve uma névoa na imagem do indivíduo de quem se especula – e na imagem que ele deseja passar.

As especulações sobre o outro, parte de diversos pontos: não acreditar no indivíduo enquanto músico, desconfiança sobre o indivíduo que se sobressai nas performances ou imagem construída por acusações passadas. Embora uma parte da audiência se veja distante dessas situações, de modo a não crer que este comportamento tenha caráter de diminuir o outro – mantém-se uma distância pela névoa de sua imagem – como já mencionamos, pode prejudicar as relações em outros momentos de trocas de convites. Cabe ainda, ao receptor dessas implicações pensar sobre o tipo de imagem e o alcance das acusações que põem em jogo seu status e suas consequências nas trocas.

A legitimidade da informação – verdadeira ou falsa – sobre tal acusação não é apenas ponto pelo qual o indivíduo busca se fundar para dissertar acerca do outro, essas acusações têm como foco desqualificar esse outro, enquanto músico ou criar uma imagem negativa contra o falado. Assim, as condições dessa prática não precisam apenas do discurso, mas de aspectos que tendem a distorcer a imagem do receptor, daquele que se fala, seca, fofoca e cochicha entre os membros da comunidade; mas sendo necessário que o acusador esteja legitimado pelos demais, geralmente pelos seus amigos. Isto é, tenha posição de confiança e apoio dos outros membros para executar essas ações, pois se permite uma institucionalização solenes desses comportamentos sociais nos eventos (BOURDIEU, 1982), em suma, está nessa lógica a confiança e o ímpeto de sua posição na criação do campo do HM.

### iii. As fofocas<sup>95</sup>

---

<sup>95</sup> Chamo atenção às fofocas ao leitor, devido ser uma forma pela qual o os membros apresentam suas queixas, custos e indagações sobre a comunidade Metal. Dessa forma, trato desse aspecto por ser uma forma de circulação da informação, sobretudo, dos indivíduos que compõem o campo e interpretar os enunciados



As “fofocas” são amostras das tensões que aflige um musicista ou uma banda, frequentemente é comum que essas fofocas se direcionem para um determinado músico, não apenas no tom de brincadeira, as fofocas são a materialização dos desacordos e tensões existentes que se articulam entre os membros da comunidade. Não cheguei a ouvir nomes por parte do narrador das fofocas, mas cutucada do “olha ali a figura”, eles contam esse tipo de conversa de modo contido e não explícito por parte de um controle de imagem “sorria e acene”. Quando se comenta algo na ausência do falado, a informação fica em stand by, embora depois circule entre os músicos. Contudo, esses detalhes só são conhecidos por aqueles musicistas que sabem das relações que operam no interior do seu ofício, conseguem perceber o indivíduo “falado” e entender os significados atribuídos dessas ações. A fofoca desenvolve questionamentos – não só quando a desenvolve mais por quem a recebe – entre os indivíduos e criando a possibilidade daquele que está sendo comentado saber o que está acontecendo, já que a informação está circulando e sendo trocada.

Num dos shows na cidade uma fofoca passou a circular e esta havia sido direcionada ao organizador do evento, cujo foco foi o despreparo para organizar um evento de HM, sendo inadmissível trazer bandas conceituadas para se apresentarem e passar uma imagem do tipo “sei o que é melhor para audiência” e para outros músicos experientes afirmarem “não ser”. Isso foi parte do discurso do músico chamado Artur, ainda fora da casa de show, no centro da cidade, Artur<sup>96</sup> membro da comunidade, em seu discurso afirmou que esta situação pode ser compreendida como desencanto com os shows e de que forma fazem os eventos de HM, cada vez mais precários<sup>97</sup>.

Presenciei outra situação em 2017, num pequeno show na cidade que me chamou atenção. José Junior (JJ) tinha acabado de realizar uma apresentação com sua banda, Duda seu amigo subiu ao palco para tocar com sua banda, errou algumas vezes confundindo as partes da música, justificada pela constante troca de olhar entre ele e o outro guitarrista, erro que qualquer um pode cometer por nervosismo ou ansiedade, no entanto, há um leque de possibilidades ao qual o indivíduo está sujeito a este tipo de embaraço. Alguns da

---

se torna fundamental, pois daí emanam formas de enquadrar o outro. Isto é, as fofocas são também instrumentos de impor e reproduzir o lugar do outro.

<sup>96</sup> Músico que não tocou naquela noite e estava como audiência.

<sup>97</sup> Esta afirmação feita pelo membro identifica os equipamentos de má qualidade e locais para a realização dos eventos. Não é apenas colocar algumas caixas amplificadoras, é necessária segundo a visão corrente na comunidade uma estrutura de som e de palco que possibilita um show digno tanto para os músicos quanto para audiência.

audiência cochichavam ao fundo sobre os erros do musicista, que era considerado um dos melhores guitarristas da cidade se embrulhar naquela situação. Após o término da performance, JJ se aproximou afirmando;

- Esse é o tipo de banda que faz sucesso fora.

Ele conhecia Duda e sabia da fama que tinha por ser “filhinho do papai”, por possuir bons instrumentos e andar com membros de classe média alta, famoso também por desfilarem entre a audiência com whiskey importado de um canto a outro nos shows (SANTOS, 2018). Max<sup>98</sup> um amigo de Duda assistiu a performance de palco e saiu em sua defesa falando alto – o mesmo estava sob efeito do álcool;

- Eu conheço esse menino faz bastante tempo e sei que você é um excelente guitarrista.

Neste momento, não compreendi de imediato o porquê daquilo estar acontecendo, o que estava por trás daquele discurso, depois percebi que JJ estava sorrindo desse embaraço e compreendi quando se aproximou e disse:

- Qualquer um pode ter banda e tocar fora (exterior), qualquer um, basta pagar pra tocar.

Ou seja, na visão de JJ não havia naquele jovem talento, mas dinheiro para comprar sua passagem para os locais de destaques nos palcos bastava propor um jubar<sup>99</sup>.

Numa outra ocasião na cidade, após alguns meses do show descrito acima, uma banda que tocava Thrash Metal (TM), entre uma música e outra proferia cutucadas em oposição a um musicista famoso<sup>100</sup> – por ter deixado o Metal, para se converter ao cristianismo. A tensão produz mais ressonância quando o mesmo indivíduo faz inúmeras

---

<sup>98</sup> Músico e morador do mesmo bairro, após o ocorrido ambos firmaram parcerias para tocarem juntos.

<sup>99</sup> Termo empregado para se referir ao pagamento de uma performance que poderia ser gratuita.

<sup>100</sup> Apesar do tempo longe das igrejas, sua presença nos shows organizando ou tocando junto com outras bandas que tiveram envolvimento com música cristã, produziu certo mal-estar, hostilidade e tensão em dividir o palco com alguém averso a tal pretensão – ou “ousadia”. Embora todo esforço em possuir um discurso anti cristianismo, vestir roupa e escutar música de banda satânica para tentar se inserir novamente ele carrega consigo um estigma e desconfiança, mesmo ele conseguindo angariar títulos por ser um excelente guitarrista de HM, a comunidade continua observando-o. Dessa forma, no documentário *O mal que nos faz*, é demonstrado a forte oposição aos WM, quando um dos participantes fala que “esses caras, cristãos querem se infiltrar no Metal para destruí-lo, mas que isso não será permitido por aqueles que lutam pelo verdadeiro Metal”.

passagens de ida e vindas entre o “secular e o sagrado” – que não estava tocando naquela ocasião mais estava como audiência prestigiando as bandas<sup>101</sup>. A tensão produzida tanto pelo vocalista quanto por parte de alguns amigos da banda que também se fazia presente com discursos:

- Morte aos falsos, amigo! o seu Deus aqui não tem força, ele não existe, morte a você que crer no Deus falso.

E acrescentando;

- Somos uma banda compromissada com o verdadeiro Metal.

Voltando a tocar por fim com a música *Massacre*<sup>102</sup>, observei naquele momento quem era o falado, pois tinha ciência dessa tensão que já havia sido enunciada pelos membros da comunidade em outras ocasiões.

Este discurso exalta a superioridade por parte daqueles que “são os verdadeiros” contra os que “são falsos” nessas relações, afirmando que não compactuam da mesma ideologia de modo a não descer o nível. A questão importante se baliza nas expressões “morte aos falsos”, “crer no Deus falso” e “verdadeiro Metal” e a personificação do falado como fraco por sua suposta fé cristã<sup>103</sup>. De fato, essas afirmações demonstraram a hostilidade do que estaria por vir, sendo o HM um campo social que se constrói em oposição ao cristianismo – ao menos no plano ideal –, o indivíduo falado e seu relacionamento com a religião, produziram imagens que sinalizaram de forma objetiva quem é o falado, e buscaram com isso subverter/transgredir a singularidade de sua prática religiosa, através de discursos profanos ao culto do Metal, numa inversão do papel sagrado, no qual os termos puro e impuro tem significados opostos ao da religião judaico-

---

<sup>101</sup> Vale destacar que esses indivíduos marcados por esse estigma, comparecem mais em shows que são TM/HM/PM, na pesquisa de campo, observei que nos shows de DM ou BM eles não se faziam presentes como nos outros estilos. Acredito que tal fato, contrasta pelo os primeiros estilos não possuírem indivíduos ortodoxos – como diz a página de BM do FaceBook administrada por alguns membros da cidade, afirmando que são radicais e não compactuam com a ideia de estilo de vida no Metal.

<sup>102</sup> Cito aqui um trecho da música. Vou à guerra, lutar / Por um ideal / Minha alma, doar / Pelo metal. / Vejo a glória, chegar / Com o sangue / Dos falsos, matar / Até o final / Massacre infernal / Arma final / Salve o metal / Todos se unirão ao metal / Para assim, termos a glória / E construir um império / Um império imortal. Link de acesso a letra da banda Tauros: <https://www.lettras.mus.br/taurus/692882/>

<sup>103</sup> Fora da casa de show nesse dia, os membros da comunidade esperavam as próximas bandas subirem ao palco. Descansando sentado na calçada, presenciei um círculo de amigos conversando quando o musicista passou e falarem alto “White Metal de merda”. Passou algum tempo, soube via internet que a banda dele estava sendo chamada pelo mesmo produtor do evento que foi falado, para tocar em eventos na cidade e dividindo o palco com sua inimizada.

cristã nesse espaço. Ponto que foi central no trabalho de Lopes (2006) no qual o autor versa sua pesquisa sobre a conversão de símbolos religiosos se transformaram numa “característica do mal” nesse campo artístico<sup>104</sup>.

Passado um tempo após o show, alguns membros da comunidade que participaram como audiência naquele dia, comentaram a situação, mostrando nitidamente que as fofocas e as inimizades entre os membros musicistas são passadas adiante pelos mais “fãs”. Em contraposição a índole objetiva, embora “fantasiosa”<sup>105</sup> do discurso apresentado acima, as fofocas entre os músicos produzem também a realidade que solicitam a salvaguarda de um status que se processa, além do menosprezo das acusações. O fato de os músicos compreenderem a dimensão gerada pela ideia de “falar do outro”, acentua e tensiona as disputas entre eles, julgamentos e acusações que tem muito a dizer, especialmente, o que as pessoas fazem com aquilo que dizem. A troca de dádiva/contra dádiva e a competição são expressões e resultados dos laços entre o senso de prestígio/status (BOURDIEU, 1971). O indivíduo que aceita a dádiva ou se vê no meio das disputas deve estar ciente da dádiva como uma “paz frágil à espreita da violência próxima”, ou seja, as consequências geradas a partir do envolvimento do indivíduo nas trocas (TAUSSIG, 2010, p. 350).

Por meio dessas relações sociais de reciprocidade e tensão entre os músicos do HM, procurei destacar as fofocas não somente pelo fato de ter sido um dado que fui percebendo na minha pesquisa de campo desde a monografia, porém porque a lógica das competições e tensões experienciadas no recorte de pesquisa são parte desse ambiente. Entretanto, vale destacar também que alguns músicos se posicionam estrategicamente para tentar diminuir o outro, sobre o aspecto da fofoca/falar mal, o que gera tensão nos laços, a maioria dos músicos entendem as regras desse jogo e tem suas maneiras de se protegerem e se manterem atuantes frente a isso. De alguma maneira, o quadro ou conteúdo das tensões são bases fundantes para o gênero musical do HM, que terminam

---

<sup>104</sup> Para Lopes (2006) parte desses símbolos que são enunciados no campo do HM, são inspirados em filmes e livros de terror, como autores Alester Crowley, H, P Lovecraft, a utilização desses nas músicas se iniciaram com a banda Black Sabbath e por meio de sua repercussão na mídia, outras bandas passaram a instituírem como referência excelência estes símbolos ao estilo musical.

<sup>105</sup> Já ouvi alguns membros brincarem dizendo “morte aos falsos, menos a papai e mamãe que me criaram”. Sabemos que desde a colonização o cristianismo vem sendo empregado na sociedade brasileira e suas raízes são mais profundas e dominantes que outras religiões. Para o exercício de tal ação compreendida pela jocosidade, este discurso pode ser considerado um ato simbólico que busca romper com paradigma dessa religião dominante.

por verticalizar as diferentes formas e conteúdo de reciprocidade e também de trocas de convites nas interações entre seus membros músicos.

As tensões sociais que apresentei neste capítulo permitem ser compreendidas como forma contrária que destoa da reciprocidade. Isto é, são formas de como a reciprocidade não nos norteia para criação de um momento de equilíbrio social entre os indivíduos (BOURDIEU, 1971). De maneira oposta, os conflitos também são reguladores dos indivíduos na vida social. conforme Gluckman (1971) afirma, é mediante os símbolos que tanto os laços quanto o seu rompimento se processam e são expressão de determinadas ações situacionais, analiso isso no que trata as parcerias e suas formas de manter laços, bem como de quebrar as regras, com boicote ou falando mal dos membros com intuito de diminuir, enfraquecer possíveis parcerias; mostrar quem domina o campo mantendo as tensões. São estas que incorporam ou separam laços na comunidade como marcadores.

Estas tensões de que tratei ocorrem no dia a dia dos membros da comunidade, são maneiras de competição e tensões mais direta – por exemplo o uso das roupas pretas como peça comum e que gera cobrança por parte de alguns membros, o que contraria muitos que se vestem diferente, pautada numa maneira de ser Heavy Metal, a partir de uma pedagogia estética própria (WANDERLEY, 2008; COELHO, 2014) – entretanto permitem possuir ritos, como as fofocas que marcam os eventos. Os Headbangers elaboram práticas encarnadas tanto pelas relações sociais de amigos, colegas e inimizades quanto a dimensão do ofício musical. Procurei também apresentar de forma clara e direta ao leitor o processo que envolve o ambiente da música HM, e das relações que se elaboram em torno dos membros para competições das performances dos musicistas a audiência. Aqui, como veremos também no próximo capítulo, a classificação é tomada pelos músicos e audiência de forma ritualizada enquanto expressão comum que penetra no público e produz outras maneiras de experienciar e vivenciar as práticas de ser membro da comunidade.

### CAPÍTULO III: CLASSIFICAÇÃO E AUDIÊNCIA

Neste último capítulo, continuo trabalhando a partir das contribuições interacionista de Erving Goffman para interpretar as relações sociais da audiência no Heavy Metal (HM), realçando que estas se fazem mediante classificações de pertencimento constantemente experimentadas pelos membros nos shows. Dessa forma, identifico que a partir disso também se baliza as diferenças e jogos pela representação, isto é, a importância atribuída por eles à imagem construída por si e pelos outros. É justamente na interação social que se faz possível investigar o jogo que opera sobre a imagem, no qual os indivíduos reforçam características fundamentais de masculinidade sobre o outro membro. Assim, pode-se dizer que a classificação instituída nesse meio social é construída no processo de interação e, portanto, o meu objetivo neste capítulo é apresentar esta prática experienciada e vivida por estes participantes, pressupondo que é nessa dimensão que se constrói e se reforça a formação de um grupo.

No HM, esta prática é realizada por indivíduos que se representam como mais autênticos, frente aos demais e, em algumas situações, executam esta ação buscando produzir o efeito de inferiorização do outro membro, utilizando de recursos que podemos classificar como um capital social, que se mostra importante para estabelecer relações e que fragiliza a reivindicação identitária. É a partir do aspecto da interação que se faz marcando a rivalidade, que eu procuro apresentar estas características como estando atreladas às relações e aos papéis de gênero da comunidade, e que ocorrem tanto nos momentos dos shows como nas interações exercidas nas redes sociais.

Os rituais de interação, no universo HB, implica em comportamentos padronizados pelos indivíduos inseridos numa situação de sociabilidade que a classificação de pertença aparece sendo executada, intencionalmente ou não. Dessa forma, reconheço que estes sinais orientam o envolvimento dos membros nesse estilo de vida do Heavy Metal. Assim, em nosso exercício analítico nesta dissertação, permite discutir as relações constituídas nas ocasiões entre práticas e posições de diferentes indivíduos Headbangers no Heavy Metal.

#### I. Audiência e classificação de pertencimento<sup>106</sup>

---

<sup>106</sup> A classificação que analiso se refere a adesão do indivíduo na comunidade e que constrói um sistema de pertencimento e não pertencimento entre os indivíduos do campo. Este sistema se apresenta de forma regular e se mostra como uma balança de contra pesos com custos e benefícios para músicos e audiência.

Em abril de 2019 assisti pela primeira vez a um show de Heavy Metal (HM) com bandas Finlandesas em Recife-PE. Pela manhã, cheguei à casa de Franco, num bairro de classe média alta, do qual havia proposto que todos os que viajariam para assistir aos shows em Recife lá se encontrassem, antes de pegar a estrada com destino ao festival Abril pro rock, onde aconteceria o show da banda finlandesa e outras bandas. Franco e Erik<sup>107</sup> (que já estava no local desde cedo) falaram enquanto jogavam um jogo de vídeo *game* conhecido pelo nome de *Resident Evil* que era necessário esperar a chegada dos outros amigos que iriam ao show também naquele dia.

Enquanto Franco colocava duas camisas na bolsa, uma chamada do interfone soou, eles (mais dois rapazes: Ronaldo e Paulo) chegaram aí percebi que eram homens entre 30 à 35 anos, – já tinha os visto nos shows locais –, eles conversavam com certo entusiasmo no quarto em volta dos controles do videogame e de algumas cervejas entre aqueles que não iriam dirigir. Brincadeiras apareciam de conversas sobre o consumo de produtos da comunidade, especialmente sobre as vestimentas apresentadas quando Franco abriu o seu guarda roupa com a maioria das peças da cor preta, demonstrando que possui algo que é apropriado e desejável e que permite a reivindicação de uma identidade e de uma posição no grupo. Se colocavam também classificações de pertença – em sua maior parte nivelados pelos tons jocosos – anunciando competições entre eles por meio de ditos que se tornaram comuns aos membros, por exemplo:

- Cita três álbuns dessa banda.

Ou mesmo:

- Tira essa camisa, você não a merece.

Naquele momento eles brincavam e bebiam, eu observava as brincadeiras acontecendo, despertando desconforto, já que não participava da solidariedade por participar e beber dessa broderagem comum no estilo musical. O quarto, local privado da casa, encontrava-se enquanto local masculino naquela situação. A única mulher presente na casa era Rosa, a mãe de Franco que estava na cozinha preparando um lanche para ele levar, quando não, ela estava na suíte em outro cômodo da casa. Falei com ela apenas quando cheguei, pois, me recepcionou e quando fui embora. Aí identifiquei algo que

---

<sup>107</sup> Consultar lista de membros anexados ao final da dissertação para mais informação.

interessa destacar quando estava próximo de nossa partida: a mãe do Franco se aproximou e lhe disse na nossa frente:

- Vai com Deus, meu filho!

A resposta não verbal do filho foi clara: sorriu e nos olhou, comunicando que não se sentia indo com Deus, pois a nossa associação ao HM nos faz marcar um afastamento com a religião cristã. Quando entrei no carro, Ronaldo marcou a situação, dizendo:

- Franco, tua mãe sabe que tu és do demônio?

Uma maneira de marcar que todos os membros do Heavy Metal se reconhecem como passíveis de serem associados ao vínculo com o chamado Satanismo, Franco preferiu não responder, apesar do riso.

Em vista dessas situações, o consumo de bebidas enquanto uma instância da vida social dos homens, adultos e jovens, percebi naquele momento que era uma prática de homens, um comportamento corriqueiro, ocorrido regularmente e expressivo da auto emulação masculina e como as mulheres são compreendidas nas suas percepções de mundo – e muitas vezes são impelidas dos espaços rituais, falarei mais a frente sobre este aspecto. Pacheco (2006, p. 5) em seu artigo, realiza uma breve análise sobre a masculinidade no HM, reconhece que os ritos de masculinidade tidos neste campo, sinalizam uma forma de ser verdadeiro ou ter autenticidade, como também Santos (2013, p. 18) afirma ser uma forma de “engajamento dos mesmos na cena underground, isto é, dado o grau de inserção no nicho, reconhecível através de um conjunto de discursos e práticas”.

Naquele dia, no pequeno espaço do veículo, conheci o Headbanger (HB) Paulo, morador do bairro de classe média baixa, conversei com ele e os assuntos naquele momento foram se desenvolvendo na medida que o tempo de viagem avançava. Aproximadamente após três horas de estrada, um lanche foi oferecido por Franco aos seus amigos e as brincadeiras tiveram novamente início – a viagem seguia seu caminho tranquilo; paisagens, árvores e canções no dispositivo de som do veículo em todo percurso, uma viagem que duraria aproximadamente quatro horas – sobre a experiência no estilo de vida do Metal. Cada indivíduo procurava de alguma maneira atribuir à sua trajetória fidelidade e enquadrando a partir disso o outro “nas tirações de onda”, tendo como parâmetro o que se identifica como dedicação ao HM. Isto é, o quanto você é capaz de mostrar e demonstrar que vive sua vida pelo HM.



Para que fosse compreendido, a brincadeira ocorria de maneira “não intencional” para evitar qualquer tipo de hostilidade possível ou ameaça a fachada. Nessa situação Ronaldo e Franco conversavam, porém, num certo momento Franco se sentiu incomodado com as afirmações do amigo, através dos discursos:

- Quem aqui é mais chicleteiro<sup>108</sup>? Estou levando a coletânea de axé/pagode, coloca aí Franco!

Em resposta foi dito:

- Aqui não toca essas viadagens não, é só Metal de verdade.

Logo após essa situação, ele mudou a faixa do dispositivo de som do carro e aumentou um pouco o volume do som. O homem, forte e sério que ele representava, tinha a fama de ser comprometido em manter a sua identidade intacta sem se permitir sair dessa esfera musical<sup>109</sup>. As conversas dos amigos sobre “levar a sério” a autenticidade dele impedia qualquer manobra de vencê-lo nesses jogos com esses discursos. Os amigos se silenciaram por algum tempo no carro e depois retornaram a conversar, afinal não havia para onde escapar, mas Franco não demonstrava mais tanto incômodo, o que viabilizou a continuidade das conversas.

Santos (2013, p. 19) investiga em seu estudo o uso das categorias nativas de *posers* e *truers* pelos membros do Heavy Metal, nos shows locais na cidade de Salvador-BA. A

---

<sup>108</sup> Chicleteiro é o nome dado a quem aprecia a banda de axé chiclete com banana. O termo 'chicleteiro' está associado de modo pejorativo aos que consomem um estilo musical e de vida, tendo apelo comercial, carnavalesco.

<sup>109</sup> Tive a oportunidade de presenciar duas cenas que se associam com essa visão. No ano de 2016, enquanto voltava para casa da universidade, peguei um ônibus no Terminal da Integração. No qual fazemos uma espécie de baldeação, trocando de veículo. Esse período do qual falo era caracterizado como momento festivo, ou melhor, momento junino, das festas de São João. Que, especialmente em Campina Grande, tem um lugar importante, pois é onde existe “o maior São João do mundo” que ocorre no Parque do Povo, no centro da cidade, no qual se aloca também o terminal de ônibus. Quando cheguei nesse ponto, avistei um conhecido da comunidade, de imediato não o reconheci, porque não estava usando as roupas pretas que se costuma ver os membros usando, apesar não o identificar rapidamente, ele já tinha feito isso para comigo, e com efeito, tentou se esconder por trás de outras pessoas que estavam se dirigindo ao evento junino da cidade.

Já em 2017, próximo ao fim do curso, soube que o “Coro e Canto” grupo de canto lírico da Universidade Federal de Campina Grande, estava realizando uma apresentação no Centro de Extensão, daí resolvi ir assistir com alguns colegas do curso, chegando lá, observei que conhecia um rapaz que estava no grupo, este rapaz também era da comunidade e seu gosto musical sempre foi o Metal Extremo – BM ou DM –, como efeito, dele também me reconhecer como um membro, tentou recuar um pouco atrás dos outros que estavam cantando, com o intuito de não se expor. Estes são dois casos em que a sua associação ao Metal não os permite transitar entre outros gêneros musicais, especialmente, entre outros estilos, porque a comunidade cobra que se mantenha a postura e seja fiel e ser avistado numa situação dessas configura que não há lealdade, logo sua imagem não será levada a sério.

autora identifica que esta é uma gramática nativa que “deve então denotar a existência de modos distintos de se relacionar com a música Metal Extremo, identificados pela participação ativa ou não no mundo underground” – não somente com a música mais com os membros da comunidade de forma distinta. Como ocorreu dos membros lerem Franco e todo esforço em caracterizar sua identidade como masculina e engajada (SANTOS, 2018).

Todo percurso naquele dia me fez refletir sobre o rito enquanto uma prática e instância da realidade de grande impacto e alcance social, em que se tenta e se consegue marcar os indivíduos com ideias de pertencimento, através daquilo que se experimenta coletivamente (PACHECO, 2006). Desta maneira, a interação dos membros do HM, com estas formas de enquadramento do outro em algumas situações, direciona características do tema aqui tratado. As classificações de pertencimento realizadas antes, durante e depois do evento, elaboravam modelos nítidos como as definições são operacionalizadas e constroem a realidade dos indivíduos sociais (BERGER; LUCKMANN, 2001). Tendo em vista o papel central do homem nesses ritos no HM, cuja a imagem masculina exerce forte impacto na forma de se conceber enquanto identidade HB e se relacionar com outros, como dizem os membros “bater de frente”, “se cruzar” se torna uma maneira fundante da masculinidade cultural<sup>110</sup> nesse ambiente. Pacheco (2006) afirma que ser homem é uma construção social e histórica que necessita de constante atualização para conseguir mantê-la enquanto tal, especialmente na reprodução dos papéis que se incorpora e reproduz do homem, isto é, “representação da masculinidade encarnada” nos membros (SANTOS, 2013, p. 89).

Na comunidade do HM, a classificação operada por parte da audiência nas interações – na maioria das vezes ocorre disfarçada de brincadeira – revela uma experiência de crenças sociais, essenciais na elaboração e formação da própria alteridade dos seus membros. De acordo com Christie (2010) e Wiederhorn (2015), de fato, historicamente o HM, por intermédio de seus diversos estilos de performance e divulgação pela grande mídia, desenvolve situações particulares em forma de ritual e momentos de experienciar valores, magia e fantasias socialmente estabelecidas pela comunidade (PACHECO, 2006).

---

<sup>110</sup> Termo recuperado do trabalho de Weinstein (2009) que defende esse espaço como práticas culturais masculinas. Segundo a autora, a masculinidade cultural, (...) é como categoria biológica e agrupamento social, os jovens desenvolveram seus próprios valores, ideais, sentimentos e atividades (WEINSTEIN, 2009, p. 19). No entanto, o que se observa em campo, é que a exacerbação da masculinidade cultural demarca posições sociais, diferenças de gêneros e de classe no Metal.

Dessa forma, busco perceber de que maneira a classificação no ritual de interação do HM elabora aspectos de formação de imagens dos indivíduos participantes (especialmente entre homens e mulheres) e como a prática tensiona as relações sociais. Como já sinalizei em trabalho monográfico (SANTOS, 2018), a esta oposição pode-se adicionar outra, que marca a diferença, que discrepa a institucionalização das práticas a esta (entre a finalidade de uso – como a prática aparece nas atividades rotineiras – e a finalidade estratégica – como a prática é acionada e permite enquadrar os outros) como forma de estabelecer sentidos e definições sobre as relações dos membros.

Recupero brevemente as orientações de Victor Turner (2008), sobre as situações de “*drama social*” entre os Ndembu. O termo drama social denota uma variedade de momentos que envolve tensão social, no qual os indivíduos tentam reafirmar os seus paradigmas e desautorizar o outro, isso representa um processo social de embates – como apresentei no capítulo anterior. Nesse caso de pesquisa, refere-se a situações de tensão devido às questões que os indivíduos estão enquadrando; implícitas ou explícitas por suas “disciplinas dramáticas” transmitidas e ensinadas aos membros nos shows com papéis definidos pelas relações sociais, fortemente demarcado pelo conteúdo e prática de ser Headbanger, desvela-se assim as classificações de pertencimento.

Nestes momentos, os indivíduos podem deixar claro suas intenções, ou seja, mostrar para os outros como se operacionalizam os ritos, ao passo que podem causar rupturas quando se entra no jogo (no qual se objetiva perder, ganhar ou intensificar o status), pois no ritual há crises e a intensificação deles, a sua própria lógica de classificação permite incorporar ou retirar indivíduos através de uma ação reparadora, que ao seu modo permite ao indivíduo uma harmonia ou cisão no ritual (TURNER, 2008, p. 33). Na minha análise, isso mostra a importância do indivíduo nos ritos e o que este faz para se manter no ambiente, logo, como demonstrar “jogo de cintura” nessas ocasiões, o indivíduo incorpora estratégias de impressão e manutenção de si e para outros para, digamos, “permanecer” com a imagem íntegra que os outros têm dele (GOFFMAN, 1956).

Estas estratégias dos indivíduos são frutos de uma dimensão maior, decorrem de parâmetros entre suas posturas nas relações e as percepções dos outros sobre ele (GOFFMAN, 1988). Pois as crenças e representações na comunidade do Heavy Metal, fazem com que os indivíduos busquem se demonstrar enquanto engajados com a identidade, sendo este um comportamento considerado modelo para ter status (SANTOS, 2013). Existem também situações em que há contrastes nas representações sociais dos

indivíduos, quando entram ou são colocados em posições tensas. Estas podem ser vistas tanto no cotidiano da sociedade abrangente, quanto nos eventos de HM. As classificações de pertencimento atribuídas em forma de brincadeira nas conversas dos membros caracterizam um tipo de jogo de valores sociais. Afinal, como Goffman (1956) indicou, a impressão que o indivíduo deseja passar se constrói também pelo outro, estará nesse jogo o sucesso ou a decadência do indivíduo num campo de incertezas sobre o qual o status está socialmente acordado na comunidade.

Num de seus aspectos principais, os membros HM demonstram forte apreço as imagens como descritas acima e a classificação entre os membros presenteia possibilidades para os indivíduos de seu meio conceber e impor sua imagem, bem como muitas vezes estigmatizando (de poser) e realizando assim uma “demarcação da superioridade de uma parte em relação a outra”. (SANTOS, 2013, p. 111), realçada por “um sentimento de superioridade e desprezo em relação aos que não atuam na cena de forma ativa pela falta de engajamento” (SENA, 2019, p. 40), o que leva alguns membros a assumirem a posição superior. Implica dizer também que, em algumas ocasiões, essa tentativa de sobrepôr a imagem sobre o outro não consegue êxito nas conversas – como mostrei no primeiro capítulo –, contradizendo o modelo padrão, pois nos shows se fortalece o sentido de união/irmandade no HM, livre daquilo tomado como distante na sociedade entre musicista e público com fronteiras demarcadas.

Entretanto, a atenção dada a classificação no HM<sup>111</sup>, tornou-se naturalizada, de modo a ouvir os membros se tratarem como irmãos e que não operam com a ideia de classificações por se reconhecerem enquanto brothers, por uma suposta pauta política (coletiva de somos iguais, sem diferenças) e gosto musical, o sentido de classificar seria algo que feriria as relações entre eles. Assim, há momentos em que se encaixa a irmandade em que se observa o discurso “vivemos entre iguais” e em outros concentra nas interações a tensão para demonstrar pertencimento, ou melhor, em portar-se a partir disso como um verdadeiro e reforçar “como sendo uma identidade purificada contra o hibridismo” (SANTOS, 2013, p. 113).

---

<sup>111</sup> Ou seja, conhecer sobre os aspectos históricos, bem como saber diferenciar os estilos, utilizando o ‘ouvido’, através de fontes variadas, tais como CD, DVD, VHS e fitas, cujo ação demonstra que acumular material traz para o indivíduo certa autoridade que permite a este ser porta voz sobre o HM, tendo uma missão representar e delegar posições aos demais. Isto é, implica em se estabelecer posições numa hierarquia. Segundo Bourdieu, quando os indivíduos afirmam "eu sou a verdade." Eles se tornam sagrados, auto consagram-se e, simultaneamente, traçam o limite entre eles e os simples profanos; tornam-se assim, como diz Nietzsche, "a medida de todas as coisas". (BOURDIEU, 1992, p. 196)

A sociabilidade que se dá no HM, sinaliza a prática para se classificar as relações entre os membros da comunidade. Naquele dia descrito acima, um dos membros que estava na viagem propôs que eu dissesse o porquê estava usando uma determinada camisa de uma banda da região. Embora naquela ocasião eu já conhecesse onde ele desejava chegar – pelos comentários que rondavam esta banda na comunidade – não respondi rapidamente pelo fato das brincadeiras estarem acontecendo ainda, ele não sabia que eu tinha comprado o CD da banda, apesar de não curtir o estilo musical, comprei com intuito de ajudar o musicista. Sentado no banco da frente, ele olhou pra trás com um sorriso no rosto e disse:

- Quem é esse cara na cena, afinal? (em tom de ironia).

A preocupação do membro se dava pelo fato da “banda”, não ser uma “banda” realmente, no sentido corriqueiro, composta por músicos que realizassem gravações e shows, porque era one-man-band<sup>112</sup>. A atenção dele era de enquadrar o musicista, dizendo quem deve ser cultuado e quem não deve, a entrada no campo de um músico como descrito acima que não se estabeleceu às relações hierárquicas pode implicar em autorizar outros a fazerem o mesmo.

Na medida que o tempo passava e a viagem para chegar ao local do show chegava ao fim, as conversas se tornavam mais polêmicas. Segui acompanhando as conversas e pela primeira vez observei Franco respondendo as afirmações de Ronaldo com rispidez. Ele (Ronaldo) contou em tom de seriedade – controlando as impressões faciais, evitando o sorriso – que se orgulhava de Franco ser uma pessoa tão presente e apoiadora dos shows na cidade, desejando não abrir para Franco para que lhe respondesse acidamente foi se silenciando com um sorriso no rosto, do qual Franco não poderia ver pois estava no banco da frente do veículo. Ronaldo aqui brincou com Franco ironizando o apoio demonstrado por ele, participando efetivamente dos eventos, de modo que isso seria uma forma de mostrar-se como uma pessoa engajada. Fazendo com isso que os demais que tinham visão do resto e a maneira com que ele enuncia percebia-se que se tratava de uma brincadeira. No entanto, raras foram as vezes que enxerguei os membros brincando com coisas que não fossem sérias e que não remetesse a identidade alheia, mas todas as vezes que foram feitas se mobilizaram máscaras para controlar as impressões (BERREMAN, 1975).

---

<sup>112</sup> *One-man-band* é uma expressão do grupo que numa tradução literal significa “banda de um só homem”. Essa característica permite que o indivíduo experimente e transite entre estilos, tornando-o menos classificável a um estilo.

Berreman (1972) se torna um autor importante para analisar essas ações, pois este autor está interessado em desvelar como os indivíduos agem enquanto identidades acessíveis e confrontadas por eles numa dada ocasião. O estudo analítico que se encontra em Berreman (1972) identifica que o comportamento social está condicionado por classificações que ora aparecem objetivamente e ora subjetivamente a identidade social. Berreman, demonstra as diversas formas, por exemplo, de tratamento entre os hindus e que isso era reflexo da identidade étnica num contexto marcado por hierarquia social na sociedade de castas. Para o autor, a identidade pode ser manipulada para obter algo ou para minimizar regras que estão ligadas a identificação no processo de desigualdade social como na Índia.

Com isso tira-se a compreensão que os grupos estão constantemente mobilizando mecanismo de manipulação e controle de impressões, sendo está uma característica dos grupos. Porém a legitimação ou a eficácia para está prática se faz em função da credibilidade que os grupos permitem de ser apresentados a alguns e ocultados de outros, Berreman cita por exemplo, que “outros não servos empregados podem muitas vezes maximizar seu status obscurecendo laços étnicos e adoção de roupas ocidentais e boas maneiras” (BERREMAN, 1972, p. 577). Portanto, a descrição feita acima, revela que a manipulação para caçoar do outro (é situacional) e o controle de impressões (contendo risos, falando por trás) emitem sinais que tentam convencê-lo que o enunciado é verdadeiro. Nesse sentido, o controle de impressões constitui um instrumento gerenciado e gerenciador das ações dos membros acontecendo em determinadas ocasiões de interação social. Assim, entendi que o comportamento dos membros é relevante mais também não é condicionante, pois os indivíduos estão em constante relação criando, estabelecendo e reafirmando relações com outros indivíduos de diferentes status e posições, o que implica agir situacionalmente e isso foi um ponto evidenciado pelo trabalho de pesquisa.

Ao mesmo tempo, pareceu-me que a peteca do jogo estava em minhas mãos, quando Franco falou que eu saberia mais de Metal do que Ronaldo por estudar o tema, todos riram e não levaram a sério o que foi dito – aquela situação me foi demasiadamente estranha em minha pesquisa de campo por estar na posição de novidade, pois não esperava aquilo acontecer. Ronaldo na ocasião julgava conhecer mais que todos pelo fato de estar no Metal por mais tempo, isso ficou destacado com a situação a seguir que descrevo.

Num outro momento daquela situação perguntei se poderia escutar uma outra banda enquanto fazia o trajeto, tentei encontrar no meu celular algum álbum que

caracterizava as bandas que assistiria naquele dia, como demorei um pouco para decidir, Ronaldo tomou a frente sugerindo entre os membros que eu não colocasse nenhuma música, pois ele tinha uma banda que todos iriam gostar – abriu a bolsa, tirou os CDS passando de imediato para Erik colocar no aparelho de som e depois mostrou as fotos do material que tinha acumulado sobre o HM<sup>113</sup>, como resposta a aquilo que Franco tinha dito acima. Naquele momento, eu estava pensando nos gêneros musicais da noite para encontrar algo parecido, sem saber como proceder na situação esperei para ver como se sairia a proposta do membro entre os demais. E realmente eles gostaram da banda *King Diamond* e depois *Amorphis*, foi uma situação que senti um “chega pra lá” e não soubesse o que seria legal de compartilhar com eles. Não se tratava de monopólio da música em determinado contexto, conferia ao gosto musical, ao capital social que se mobilizou e agregava os membros.

Naquele dia em especial, compreendi que ao compartilhar do mesmo gosto musical era necessário algo a mais para se articular entre as conversas e evitar ser colocado numa posição de neófito ou mesmo de posar (que não entendia de Metal), sobretudo, nos jogos com as imagens frente aos demais no veículo – que também eram audiência das conversas no momento da viagem. Ronaldo não pestanejou em dizer que sua escolha tinha sido boa. Talvez ele tenha pensado que colocaria algo voltado ao Black ou Death Metal e então colocou de pronto um clássico do HM, como King Diamond<sup>114</sup> para não comprometer a sua imagem, como se diz por aí, era uma “carta na manga” para mostrar que conhecia mais de Metal.

Segundo o trabalho de Santos (2013, p.39) há uma veneração dos membros pelos que são tomados enquanto clássicos do Metal, bem como respeito aos mais antigos nos shows, pois estes são aspectos que denotam um “bom” gosto musical e engajamento do indivíduo ao Metal. De fato, a confiança atribuída a mim por Franco é uma demonstração de privilégio que os demais membros não costumam fazer, muito menos dizer quem tem

---

<sup>113</sup> Acumular material é uma atividade que os membros da comunidade fazem constantemente, como maneira de indicar que são merecedores de uma posição destacável, correspondendo a um especialista em HM. Sinalizamos que no universo HM, colecionar e se dizer um conhecedor / especialista é associado a condição em sua maioria masculina.

<sup>114</sup> O lugar dos clássicos no Metal, se faz devido a importância histórica na formação e concretização do que os membros conhecem contemporaneamente de Heavy Metal. Os membros estão constantemente enunciando nos shows ou nas redes sociais que o verdadeiro Metal era o Antigo, vários membros que conheci e que podem aqui ser considerados como músicos dos estilos mais extremos no Metal, enaltecem as bandas antigas. Pois eles acreditam que *Metal só é Metal* devido a existência e a trajetória destas bandas. Portanto, o respeito que lhes é conferido, destacam a capacidade de formação e estabilidade da comunidade, pois todos compartilham e se reconhecem enquanto tais, ao menos, idealmente.

respaldo para falar sobre tal tema. Ao modo que também pode-se pensar que foi a razão pela qual Franco encontrou para enquadrar Ronaldo, afirmando que ele saberia menos e que teria uma concorrência.

Portanto, a classificação no ritual que se dá nesse estilo musical possui um sistema de enquadramento, mesmo que um membro ataque explicitamente o outro através de práticas jocosas. A partir disso, o que está em pauta não é o estilo, mas a prática que se mostra mais engajada que o outro, quando se defronta quem é quem no mundo do Metal. Isto é, uma ação que assegura a sua imagem e que pode ser usada contra e diante dos demais (GOFFMAN, 1956) – o próprio Franco falou sobre “Metal de verdade”, uma clara distinção entre o que “o outro” ouve e o que ele escuta. Então, ter respaldo lhe permite entender as situações e se mostrar através de mecanismos de controle, a atribuição de portar algo e reivindicar algo para si<sup>115</sup>, não somente nos shows, mas em diferentes contextos e espaços sociais.

Assim, a audiência mostra que nos processos de interação se gera a expectativa de não só se enunciar o que se pretende ser, como também, é fundamental que se repercute e a confirmação se faça a partir dos outros. Muitas vezes observei Franco ensinando aos amigos como definir o mundo do Metal, a partir do que a comunidade promove por verdadeiro. Segundo os membros, isso assegura a impressão que os outros têm sobre o “self”, pois nunca se sabe quando alguém tentará algo para imprimir um constrangimento como a de ser chamado de *poser*, *White Metal* ou *porra-louca*, o que tem peso nas relações dos músicos e na constituição dos circuitos (MORAES, 2014).

No entanto, não é suficiente ter o reconhecimento dos outros, mais que o reconhecimento nasça das adequações que se fazem a partir do grau de envolvimento enunciado/percebido, diante os valores sociais que a comunidade cultua. Isto é, toda a “performance” se constitui um elemento importante mais também tem certa implicação no rigor performático da interação entre os membros que compõem a audiência dos shows, como o bom gosto musical, o comportamento entre os outros, repertório estético (como o indivíduo se apresenta nos eventos, por exemplo, Wanderley (2008) destaca

---

<sup>115</sup> Por exemplo: em 2010, conheci muitos membros da comunidade participando das atividades desenvolvidas na Sexta-cultural, ocorrida na praça Clementino Procópio. Nesse espaço de sociabilidade era comum os jovens e adultos discutindo, questionando e até confrontando uns aos outros. Num desses dias, assistia um show acompanhado por um membro chamado Will, quando um amigo dele se aproximou e questionou -“ei, me conta aí, quantos álbuns essa banda tem, ou melhor, me cita apenas três álbuns, se você não souber, tira essa camisa”. Recordo dessa situação porque foi um fato que marcou a minha trajetória como membro da comunidade local e se tornou importante, pois permite mostrar que a prática da classificação se apresenta e está se perdurando no tempo.



alguns pontos importantes, como o cabelo comprido, a camisa preta com estampa de banda (sendo este um dos elementos que realçam o pertencimento e a identificação ao Heavy Metal). Por isso, o cuidado com a imagem e as estratégias para sempre se sobressair das situações, em que outros membros mais oportunistas se aproveitam para se destacar usando de outras imagens, “para fundamentar o tipo de distinção que se quer empreender” (SANTOS, 2013, p. 103).

A pesquisa me permite destacar que entre os participantes do campo, não necessariamente se torna identificável o reconhecimento dos mecanismos classificatório enquanto uma mecânica central na construção e definição das relações entre eles. No entanto, se queixam constantemente dos enquadramentos e das regras operadas por ela. Não quero afirmar com isso que eles não estão cientes de suas práticas internalizadas, mas sim que o ato de classificar está naturalizado. Por exemplo, vários shows de Heavy Metal, enunciam-se: “*evil remains*”, “*Under the ground: command to kill*”, “*metalized blood*”, “*gore vomit attack*” e “Holocausto sonoro”. Esta compreensão é comumente empregada no campo do Heavy Metal, tanto por músicos quanto audiência que reproduzem a ideia de que possuem uma ancestralidade guerreira e que esta, a todo custo, vencerá (simbolicamente) o inimigo, se fazendo em nome do Metal. Isto recupera para nós confrontos (fictícios) entre os membros (que não se mantém enquanto tal) e permite que esta metáfora sobre a imagem seja reproduzida no Heavy Metal como classificação, costumeiramente destacado pelos especialistas nos shows (SANTOS, 2013).

As manifestações dos indivíduos nos shows, não se trata apenas do uso mecânico do corpo ou de parte deste, como o gesto repetido até a exaustão de balançar a cabeça, ou a emissão de gritos em tom eufórico. Parece-nos que ao se participar do show como audiência, o indivíduo está não só se movimentando e vibrando, como também ele está operacionalizando os outros, demonstrando um exercício classificatório, o que nos permite definir e destacar elementos rituais. Desse modo, a classificação tomada como parte constituinte do ritual de interação, faz com que os indivíduos reproduzam as práticas de pertencimento e reconhecimento amplamente nesse mundo social. Tais enunciações elaboradas e definidas pelos membros permitem tanto descrever a condição social quanto a posição do outro, porque o poder (simbólico) da palavra “é um poder de *Worldmaking*, a construção do mundo, consistem separar e unir, frequentemente, na mesma operação, (...) (BOURDIEU, 1992, p. 165). Bourdieu, afirma que as classificações sociais encontradas nas sociedades “arcaicas” operam através de uma perspectiva dual (por exemplo: masculino/feminino, alto/baixo, forte/fraco) que organizavam a compreensão

de mundo dessas sociedades. Isto é, um poder que pode ser acionado para conservar ou transformar a vida objetiva em união ou separação, sendo isso possível através das palavras empregadas para delegar ou descrever indivíduos ou grupos.

O poder simbólico é o poder de fazer grupos ou grupos a serem estabelecidos, cuja utilização permite consagrar e impor aos outros uma visão (seja esta pautada por valores considerados novos ou antigos). Para Bourdieu (1992, p. 167) “o poder simbólico é um poder de fazer coisas com as palavras”. O porta-voz autorizado consegue operacionalizar estas palavras nas relações com os demais, “na medida em que sua fala concentra o capital simbólico acumulado pelo grupo que lhe conferiu o mandato e do qual ele é, por assim dizer, o procurador” (BOURDIEU, 2008. p, 89).

Assim, o juízo da classificação operado pelos membros do Heavy Metal, é um mecanismo socializado, pois pode-se perceber a relação entre prática/representação e as posições no espaço social (por exemplo: quando eles percebem a posição social de um membro pela forma que ele se apresenta e se comporta nos shows). Isso implica diretamente na imagem dos membros, considerando que alguns vivem da música, pois alguns membros necessitam se municiar dessas práticas para evitar enquadramentos (GOFFMAN, 2012). Por exemplo, Franco<sup>116</sup> contava sua preocupação no Metal, que sempre foi fazer o melhor, o que ele enxergava acontecer o contrário nos shows em que se mobilizou toda uma produção para os eventos e quando ele chegava lá não encontrava nada de bom, devido uma má execução (de outros) de ordem administrativa e logística dos eventos.

Essa compreensão crítica do membro cria uma diferença. Franco apresenta o desejo de ver implementado um modelo de evento que ele julga adequado e indicar que o mesmo não se efetiva, desqualifica a prática de quem trata os shows com leviandade, modo pelo qual acarreta em consequências para o desenvolvimento dos shows. Esta afirmação também aparece com regularidade no campo e produz nos membros um receio de que algo não está apropriado. Observo que tanto o interesse descrito acima em consonância com os demais identificados em campo são uma nítida demonstração que os membros do Heavy Metal compartilham práticas que são introjetadas via a socialização nos espaços dos shows (BOURDIEU, 2008).

Isto significa, em minha análise, que o mecanismo da classificação no HM se apresenta através dos membros numa série de jogos nas situações, especialmente, o status

---

<sup>116</sup> Forma que ele tenta demonstrar como superou o passado cristão.

da imagem do indivíduo nesse campo. A imagem tem um sentido importante na comunidade, para aqueles indivíduos mais preocupados com a atividade do seu ofício e para aqueles que buscam se destacar “entre os iguais” da audiência. Observei com regularidade que a classificação também pode ser identificada de forma objetiva nos encerramentos dos eventos, quando a vivência daquele ritual se finda e dá início a outro em que parte do discurso expressa: elogio, crítica, moderação ao show, se alguém ficou com alguém<sup>117</sup> e as bandas que mais se destacaram na noite, como aconteceu na maioria das viagens a Recife-PE.



Figura: 05. Abril Pro Rock. Fonte: Nosso registro. 2019

Destaco que os discursos que são construídos nas situações de interação que aqui estão sendo descritas, podem produzir ou reproduzir efeitos distintos, especialmente no que diz respeito ao prestígio almejado por quem os profere. Com regularidade, observa-se os membros chamarem o indivíduo que partilha da mesma roda de *Brother*, maneira pela qual se cria uma relação de proximidade, ao modo que também demonstra que ele (enquanto) membro pode demonstrar possuir características desejáveis de se sociabilizar e assegurar a este o status entre os membros. A seguir recupero uma situação de pesquisa

---

<sup>117</sup> Momento do evento em que pude observar que parte do discurso dos membros da comunidade também se volta para as “paqueras”, “ficas” são conotados, bem como eles sinalizam com quem ficou e estratégias de como fazer isso se realizar. Destaco uma breve situação que observei, no final do show, estavam fora da casa de show, Franco e Erik aguardando Ronaldo e Paulo, para retornar à cidade. Nesse momento Franco sinalizou, dizendo: - “Ronaldo 'tá pegando uma Mina”, isso enquanto Paulo se aproximava com um churrasquinho na Mão, ao passo que percebeu que Ronaldo se distanciava com a mulher de mãos dadas, ele disse “vai comer?!” levantando o churrasquinho, inferindo um sentido dúbio para sua pergunta para o colega, os demais membros riram do artifício de Paulo. Logo após alguns minutos, Ronaldo apareceu, com claro sinal de embriaguez, pendendo para um lado e para outro, sendo recebido com a pergunta de Franco “pegou?”, Erik afirmou “acho que sim, olha ele como ta todo bagunçado”, Ronaldo naquele momento só fez sorrir e depois disse “ela é minha amiga pow”. Deixando com isso, mais dúvida sobre a especulação que os seus amigos inferiram sobre realmente ele ter ficado com a mulher.

nessa direção. No dia 6 de maio de 2018, num evento na cidade, com grandes bandas do Death Metal nacional estavam se apresentando aconteceu algo interessante para se destacar, enquanto o show não se iniciava, fiquei fora da casa de show e um membro da comunidade disse numa roda algo que pode ser somado ao que foi descrito acima:

- As bandas mais fudas do Brasil estão aqui, os HBS de verdade – Truers – estão aqui mostrando a cara e curtindo.

Numa espécie de crítica aos que faltaram, auto emulando que os verdadeiros membros estavam presentes e valorizando o Metal local, pois a relação entre eles seria algo mais forte que qualquer outra coisa. Isto demonstra o sentido que os indivíduos atribuem às estratégias de interação como audiência, mesmo que a falta de alguns produza efeitos financeiros negativos aos produtores em algumas circunstâncias. Portanto, tais práticas aparecem nos momentos de sociabilidades de acordo com o reconhecimento que o indivíduo projeta como merecedor da identidade Headbanger (SANTOS, 2013). Para os membros que frequentam os eventos de HM, buscam tanto apreciar a música quanto diferenciar-se, pois inúmeros eventos são promovidos como negação a determinadas pessoas da audiência (como os neófitos, não iniciados, poser e cristãos), mas bem como aos que partilham de ideias “opostas” às comumente empregadas na comunidade.



Figura: 06. Unwhite merdal. fonte: FaceBook

A oposição ao cristianismo se expressa em parte pelos logotipos e desenhos artísticos gravados nas camisas e mídias digitais, que tratam sobre um momento em que o cristianismo estava oprimindo as sociedades, especialmente, sociedades pagãs (sociedades tomadas como origem cultural deles) e o Metal aparece nessas figuras como “salvador”, lutando pela “tradição”. por exemplo, Sena (2019) afirma que os apreciadores

do Black Metal são guerreiros, pois este confronta a doxa dominante da sociedade, a própria ideia de guerreiro ou soldado é empregada por eles como maneira de reconhecer os pares, porque o satanismo é “uma guerra contra o cristianismo e uma sociedade que eles consideram decadente” (SENA, 2019, p. 57).

Os membros desse estilo de vida alternativo se veem definindo o lugar do outro na representação, no qual se identifica a performance como desafiadora de suas relações, tornando que algumas vezes se associe os membros aos guerreiros (por exemplo: vikings ou soldados), como demonstra a banda Manowar e sua música *Warriors of the world*<sup>118</sup>, na busca da defesa de seus ideais<sup>119</sup>. Disso surgem características que realçam esse imaginário (com as encenações de batalhas medievais ou guerras) são reiteradas vezes afirmadas nas músicas e pelos membros nos shows chamando “os iguais” de “guerreiro”, “soldado”, “mestre” e “chefe”. Para Santos (2013, p. 90) isso é “uma luta que arrebatava guerreiros bárbaros pelos ouvidos, na audição letal do metal, para fazer-lhes sentir o sangue como quem sente a vida”, simbolicamente isso se constitui num elemento ritual que se mostra poderoso aos membros.

De acordo com Turner (2005, p. 31) os símbolos podem corporificar as propriedades mais simples de diversas situações condensadas e representadas num contexto ritual, em que um símbolo de unificação possui várias propriedades. Porque estão relacionadas a um tipo de pensamento, qualidades e sentidos polarizados quando agregados aos significados que tratam de elementos de ordem moral e social, pois também são “símbolos políticos” constantemente experimentados (TURNER, 1975; 1986). Em termos da Sociologia Francesa, a eficácia simbólica do discurso operada no ritual do HM, não se estabelece apenas na reprodução de caracteres de ordem linguística, mas também derivam da posição ocupada pelos indivíduos no campo por um poder institucionalizado. (BOURDIEU, 2008, p. 87). O que faz com que tal prática tenha validade em si, num

---

<sup>118</sup> Guerreiros do Mundo Unidos / Aqui nossos soldados se erguem de todas as partes do mundo / Esperando em uma linha para ouvir o grito de batalha/ Todos estão reunidos aqui, a vitória está próxima / O som preencherá o salão, trazendo poder para todos nós / Nós estamos lutando sozinhos pelo verdadeiro metal / Detemos o direito de viver a luta, estamos aqui por todos vocês / Agora jurem que o sangue em seu aço nunca secará / Levantem e lutem juntos sob o céu da batalha / Irmãos de todas as partes levantem suas mãos para o alto/ Somos guerreiros, guerreiros do mundo / Como trovão vindo do céu juramos lutar e morrer / Somos guerreiros, guerreiros do mundo. Letra completa encontrada no link: <https://www.letras.mus.br/manowar/91963/traducao.html>

<sup>119</sup> Poderia citar como exemplo, a banda Sabaton que se dedica a tratar do tema da guerra, destacam-se duas músicas deles, a primeira “Attero dominatus” que trata da segunda guerra mundial e os ataques a Berlim, a segunda “Smoking Snakes” que faz uma alusão ao termo “a cobra vai fumar” usados pelos soldados brasileiros na segunda guerra contra os nazistas.

contexto legitimado tanto pela maneira quanto pela matéria do discurso numa situação em que os indivíduos interagem sobre a língua da instituição criada por eles.

O processo de interação entre os indivíduos desse campo se torna importante na medida que transmitem uma visão de mundo não estática e que contribui para que os indivíduos compreendam os shows como uma forma de atualizar a prática da identidade; os sentidos atribuídos a inserção e adesão à comunidade; aprender e compartilhar ensinamentos sobre o Metal; (com)porta-se enquanto Headbanger; criar laços e negar outros e classificar os indivíduos pelo quão se mostram pertencentes a comunidade, são estes alguns elementos que tendem a serem reforçados nos shows. Por isso, a eficácia dos discursos rituais entre os membros da comunidade tem peso nas suas relações, em que os membros se permitem jogar um jogo em que não se é permitido ficar de fora. De acordo com o trabalho de Goffman (1956, p. 191) “os indivíduos agem de forma expressiva e com responsabilidade, tendo em vista que ações inadequadas podem transmitir imagens que são ditas inadequadas”, sabendo que se isso ocorrer a representação feita por eles pode ser desacreditada pela audiência. Isso significa que a audiência é dinâmica, conversam sobre pontos positivos e negativos das bandas e dos membros, propõem mudanças (sendo estas realizáveis ou não). Goffman (1956) afirma que os indivíduos frequentemente tentam expressar uma responsabilidade mútua, compreendendo que o maior número de representação realizada por estes deve ser coerente com as impressões e com a situação que está sendo promovida (SANTOS, 2019; 2020). Não se trata de uma audiência “desinteressada” de suas práticas sociais, muito menos pode-se conferir o mesmo a visão que os musicistas<sup>120</sup> tem dela (“estão lá apenas para se entreterem”), pois em muitas situações é comum observar discursos de músicos para alguns membros da audiência, mostrando a suposta inexistente barreira entre eles (SANTOS, 2013)

Todos esses pontos até aqui discutidos podem levar o leitor a pensar que existe uma disputa pelo campo que tende a reproduzir, hierarquizar e/ou fragmentar as relações sociais estabelecidas. No entanto, como demonstrei no segundo capítulo, existem laços de amizade que ocorrem entre a audiência, em que parte do ritual só se mobiliza com

---

<sup>120</sup> O modo pelo qual a audiência ao estabelecer relações de fidelidade face a banda, torna-se capaz de censurar as escolhas feitas pelas mesmas, com relação aos ambientes das realizações. Então, o laço com banda não torna um fã capaz de ignorar as ações e as interpretações que são geradas. Descrevo uma situação que tem regularidade na comunidade, a seguir, aconteceu com a banda chamada Vulcano – Death Metal – do estado de São Paulo, tocou na cidade em 2015, enquanto estava fora da casa de show conversando com membros escutei comentários que muitos dos fãs não foram ao show devido à banda ter relacionamento comercial com uma gravadora, em que o proprietário tinha envolvimento com bandas de Rock cristão e isso era inadmissível para uma banda do tipo Vulcano. E assim, muitos membros não foram ao show com intuito de boicotar o evento.

maior potência quando trabalham juntos apoiando os shows e fazendo com que os rituais aconteçam. Como comecei descrevendo este capítulo, geralmente independente das inimizades, intrigas, desafetos de ordem política ou por desentendimentos de ordem religiosa os indivíduos viajam juntos – quando há divulgação de show fora do estado – e nestas se observa o compartilhamento de bebidas, alimentos e até quando não há excursões para outros estados ficam em casa de familiares hospedados, a maioria dos papos/conversas antes e depois são sobre os shows, bandas e performances, mesmo à mesa não existe um tempo definido para discorrer sobre o HM.

A classificação de pertencimento se realiza num movimento entre a eficácia do discurso e a prática nos rituais, é uma forma de manter o indivíduo na comunidade, o que centraliza essa prática como fundamental ao estudo que realizo (BOURDIEU, 1982). Percebi, por exemplo, que quando um músico é também parte da audiência este possui ou se soma ao seu status uma forma diferente de tratamento pelos membros, algo que não vi acontecer entre audiência-audiência. É esta característica que notei desde o início da pesquisa se evidenciar por aquilo que eles chamam de Truer ou Poser como um dado importante para refletir o porquê de tais categorias serem reproduzidas no HM e, portanto, busco entender neste capítulo os sentidos atribuídos pela audiência no Metal (SANTOS, 2018; 2013).

Embora a classificação seja um elemento mobilizado constantemente pelos membros e gerar sectarismo, o HM é um estilo musical pensado e vivido enquanto pacífico – apesar do senso comum associar o *circle pit*<sup>121</sup>, o *mosh*<sup>122</sup> e a performance em palco como característica de uma violência gratuita entre os jovens. Pelo contrário, a comunidade se orgulha do fato que tais práticas agressivas não são comuns em seu meio, esta agressividade é um elemento performático, de representação ou encenação, diferente do que ocorre em outros gêneros musicais (SEIXAS, 2015).

Em suma, demonstrei até aqui como os membros que compõem esse campo social, circunscrevem ou definem as suas relações através da classificação de pertencimento, destacando o quanto o indivíduo se apresenta enquanto envolvimento no

---

<sup>121</sup> Circle pit é uma categoria do grupo para descrever situações em que os indivíduos correm em círculo, se esbarrando uns nos outros. No entanto, para realização deste há uma série de normas que balizam as formas de contato entre eles, sobretudo, porque se deve a suspensão da individualidade, pois todos estão dentro de uma mesma causa. Para mais informação consultar o trabalho de Seixas que trata de maneira mais detalhada estas ações na comunidade (SEIXAS, 2016).

<sup>122</sup> Mosh é uma categoria do grupo para a prática em que o indivíduo no ápice das músicas, sobe ao palco e se joga como um voo cego na esperança que audiência o segure na aterrissagem, no qual a mesma o suspende por alguns minutos.

Heavy Metal. Sendo esta prática desenvolvida em sua maioria por homens que tendem a se manterem num jogo em que se disputa pela autenticidade identitária como busco demonstrar no próximo tópico.

### I. Artimanhas interativas

As relações das quais se concebem os shows de HM, sugere por si uma classificação que se torna reveladora da realidade vivida neste campo constantemente maquiada de “iguais”, esta definição é reproduzida por um comportamento compreendido como regular e outro que não é, trazendo assim para as práticas dos indivíduos disputas pela representação. Nos shows, a classificação opera definindo os indivíduos que são do campo, pois para eles a autenticidade se faz como fundamental para a continuidade da comunidade. Este aspecto ideal é algo considerado mais importante instituído pelos membros, pois se trata de retirar os indivíduos que são posers dos eventos por uma consciência de posição deste na comunidade<sup>123</sup>. Desse modo, a interação da audiência tende a se instituir de maneira clara, quando nos deparamos com os discursos de defesa da identidade, bem como a forma contrária a esta aplicada ao outro. Isto é, existe atribuição de sentidos pela audiência que podem delimitar e ampliar as controvérsias e juízos sobre a prática institucionalizada, deixando claro o impacto causado pela classificação às relações sociais (BOURDIEU, 2008). Tais aspectos norteiam os indivíduos que observam a situações do tipo, não se trata apenas de frequentar um espaço de “iguais”, é algo que está além dessas relações, é manter as imagens face a face (GOFFMAN, 1956).

O fato de transitar no HM há algum tempo, levou-me a perceber algumas questões de forma recorrente, por exemplo, sobre a qualidade do desempenho das bandas e quais foram as melhores, definindo e determinando posições para estas. Em outra situação ouvi membros conversando sobre qual banda tinha sido a melhor, o mais interessante foi considerar bandas brasileiras – já que se cultua em grande parte as bandas estrangeiras devido os circuitos (midiáticos) de maior impacto local e global – com desempenho em termos qualitativos/ diferenciadores perante bandas “gringas”. Deste modo, podem ocorrer definições entre os membros, portanto, os indivíduos estão jogando – em termos

---

<sup>123</sup> O que nos sinaliza através dos discursos de membros os papos que se tem com músicos nacionais e internacionais nas redes sociais, motivo este de se vangloriar face aos entre os demais pelo motivo de “conhecer”, mesmo que virtualmente, alguém de renome na comunidade.



de Goffman (1956) - com as imagens/impressões de cada um que participa desse campo, em que o constrangimento ou a identificação de alguma impureza ritual, o indivíduo pode colocar em questão sua identidade ou seu ofício, no caso dos músicos (MORAES, 2014).

Assim, aqui analiso de que forma os membros lidam com as classificações que se desenvolvem nas interações. Por isso, investigar o HM, a partir do modo elaborado para este trabalho enquanto uma tríade entre show-banda-audiência se processa uma relação de interação mais dinâmica. A audiência elabora definições mediante aquilo que se opera na comunidade, poderia dizer também que existe prática desse modelo em formas individuais no intuito de justapor novas impressões à audiência. Goffman (1956) afirma que as representações comumente empreendidas podem tomar outra forma, de modo a mudar esta para que os demais mantenham a ilusão de que a representação armada (com artimanhas) seja compreendida como natural ao indivíduo que a executa.

Na avaliação dos membros da comunidade HM, alguns shows são avaliados por um lado como épico-fantástico. Por outro lado, são avaliados como descuidados, pouco elaborados, o que gera uma avaliação menos positiva, pois é apenas mais um show. Estou pensando estratégias de interação que se elaboram mediante os shows, especialmente, a influência e a classificação de certos indivíduos nas audiências, fazendo desta um todo complexo de símbolos nos rituais dos shows. Como identifica Turner (2005) o símbolo é mais que uma unidade diminuta do ritual, o símbolo marca o rastro, organizando cada pedaço, rompido e dobrado para que sirva de guia para conectar caminhos desconhecidos com os caminhos conhecidos.

No HM, existe respeito na classificação entre os membros da comunidade, pois em algumas situações pude presenciar tais assertivas de membros enaltecendo o outro na frente dos demais, quando suas relações são respeitadas para com certa posição ocupada na comunidade. Estas práticas de respeito são fundamentais nas impressões dos indivíduos (músicos/audiência) para o desenvolvimento de um evento de HM. No trabalho de Santos (2013) se identifica enunciados que conferem aos membros uma autonomia ao mercado, honra em compartilhar do espaço entre iguais e empoderamento nesses espaços de sociabilidades.

É importante para a apresentação e discussão dos padrões de comportamento que se fazem presentes no universo HM, destacar o uso feito dos elogios, como forma de construir e garantir uma reputação, uma posição, uma imagem. Do mesmo modo, faz-se uso dos elementos críticos para não autorizar ou retirar alguém que ocupava posição destacada. Circula-se em campo narrativas do tipo: inventar conteúdos e tentar confirmar

com outro no intuito de desmascarar, caso a resposta seja afirmativa e caso seja negativa, isto é, desconhecendo o conteúdo apresentado, será usado para julgamento deste indivíduo enquanto neófito; e na colocação de temas que constroem os indivíduos como a própria trajetória fora do Metal. Descrevo algumas situações em que ocorreram esses artifícios. Em alguns eventos, o HB que promove o evento também toca, isso ocorreu com frequência em determinados momentos da pesquisa na cidade e em outros locais como João Pessoa-PB e Recife-PE. A regularidade me permitiu perceber que quando um produtor organiza e tinha sua banda nos shows, este colocava a sua apresentação por último<sup>124</sup>, para que fosse os mais prestigiados daquela situação. O prestígio de tal indivíduo no seu campo e a audiência rotineira permitem que isso ocorra, entretanto, outras estratégias são empreendidas nessas atividades como apresento a seguir.

Numa noite dedicada ao Metal na cidade de Recife-PE, alguns membros conversavam fora da casa de show, maneiras de “pegar” Marcelo – HB conhecido em campo por se “achar” conhecedor do Metal, se portar como um viking nos shows bebendo cerveja num chifre (*Drinking Horn*) e usar braceletes que as bandas de Viking Metal (VM) incorpora como elemento cultural aos seus shows. Esses membros inventaram uma banda, do qual ninguém conhecia, afinal era uma invenção naquele dado momento, lá foi escolhido, a saber: nação, gênero musical, quantidade de músicos e atribuíram o nome a esta banda de *Gnome of Death* de HM, enquanto observava a situação acontecer e gerar risos, um outro membro disse:

- Isso é pra ele não tirar onda de doido aqui. – E sorriu.

No entanto, a conversa previamente elaborada em conjunto, e legitimando uma história acordada entre eles, tinha o intuito de que todos soubessem contar a história e não houvesse controvérsias, este procedimento foi realizado antes do show iniciar, fora da casa de show. Tendo em vista aquilo que eles tinham elaborado, possuíam uma carta na manga, quando a conversa com Marcelo fosse desenvolvida. Quando aconteceu finalmente o papo, estavam pessoas ligadas a Marcelo e outros membros interagindo num mesmo círculo, deram vida a invenção na frente de pessoas que sabiam da artimanha e as que não sabiam desse procedimento acontecer – apesar do tom da jocosidade – após Marcelo confirmar que conhecia tal banda. Essa pequena audiência que assistia essa

---

<sup>124</sup> A última apresentação da noite, é em via de regra a mais esperada por aqueles que louvam o Metal, pois uma parte da audiência já foi embora dando espaço apenas aos fiéis, corroborando na separação entre os neófitos e os já iniciados.

prática sorriu pelo fato de a invenção ter sido para caçar de Marcelo – que se mostrou convicto de seu conhecimento –, por um momento Marcelo mostrou respeito ao “conhecedor” do Gnome of Death por “curtir” a mesma banda que ele. Para os membros que estavam presentes tudo ocorreu como deveria, mas também ocorreram deslizes no controle de impressões por se levar tal prática na brincadeira, mas levando em conta a singularidade de Marcelo na comunidade, os mais atentos perceberam certa neblina naquilo tudo (BERREMAN, 1975). Desta maneira, na situação tratada, alguns membros utilizaram os seus status na frente de outros para legitimar/influenciar a prática e controlar os possíveis questionamentos por parte daqueles que não sabiam previamente do que foi acordado naquela equipe (GOFFMAN, 1956).

Os indivíduos do HM, passam por vários questionamentos. Cito o caso de Helian membro da comunidade local que resume a sua insatisfação com o público do Metal, numa conversa em sua casa, no ano de 2018, no qual foi dito:

- Participar do Metal, às vezes é terrível, porque a gente sofre questionamentos que não condiz com nossa realidade e pior, justamente por pessoas que a gente nem conhece e nem sabe de Metal.

A queixa apresentada por Helian marca a situação de um campo sectário. De tal modo que os possuidores de capital social/cultural, ocupam uma posição que não autoriza aos que estão em posição inferior, fazerem uso de mecanismos verificadores. O subalterno não encontrará adesão dos demais para 'brincar' e 'confrontar' a legitimidade dos que são reconhecidos como mais habilitados/superiores. Voltando ao que desenvolve Goffman (2011), há ocasiões em que os indivíduos tendem a participar frequentemente, porque é nesses encontros que estes têm posição superior aos dos outros. O indivíduo tomado enquanto superior “pode se dar ao luxo de ser arrogante, apegando-se a uma fachada mesmo que ela não seja apoiada pelo encontro” (GOFFMAN, 2011, p. 33)

As críticas, questionamentos e fofocas geralmente são realizadas por aqueles mais afetados com as regras do jogo e algumas dessas questões têm importância, pois para os membros da comunidade bastaria o preconceito da sociedade abrangente que não conhece a realidade vivida por todos. Somado a isso, os “membros” internos da comunidade que sabem sobre o Metal, questionam constantemente as amizades influenciadas por outros HBS considerados “fiscais da vida alheia” que existem na comunidade e atuam expondo os outros como no caso descrito.

Segundo Helian, que sofreu inúmeros questionamentos, especialmente pelos membros nas redes sociais, após a revelação feita por um membro que tinha sido padre. Mostrou-se a ação através da qual se procura enquadrar e diminuir o outro. Por essa razão, ao comentar comigo, Helian contou que essa prática era:

- Uma atividade dos que se dizem verdadeiros e fiéis ao Metal, em sua maioria, mesmo que se tente fazer algo pela comunidade<sup>125</sup>, é questionado por aquilo que não é!

Isso significa que este jogo não se funda exclusivamente na imagem ou impressão que se passa ao outro, mas também atravessa a audiência com seus questionamentos de quanto vale a pena ter indivíduos que foram maculados com vários desvios da comunidade e mereça honra para comungar do mesmo espaço (BECKER, 2008; PERISTIANY, 1971).

Em diversos eventos essas consequências de disputar as definições e posições mostraram-se capazes de produzir efeitos sobre os membros, com ênfase na questão religiosa, um tema sempre presente, pois o cristianismo é tomado como uma fonte a ser claramente enfrentada e rejeitada, servindo assim como elemento de oposição que gera unidade (MORAES, 2014). Após alguns minutos da minha chegada numa antiga casa de show na cidade (Campina Grande), dois membros conversavam sobre Luciano - reconhecido como um músico que tocou em diversas bandas cristãs - e, contraditoriamente, identificaram que Luciano estava produzindo no seu estúdio de gravação uma banda associada ao Black Metal Satânico<sup>126</sup>. Pois era sabido por esses membros da comunidade local que a banda, estava consciente dessa contradição e ainda ocultavam essa situação, buscando não criar prejuízos nem para Luciano nem a banda, face a comunidade do Metal. Os membros adeptos do Black Metal tendem a se manterem com um comportamento comprometido com a ideia de um Metal satânico, logo realizar uma gravação com alguém que pensa oposto ao Metal é uma afronta e uma deterioração da imagem ativa que se projeta. Como no caso acima, existem situações em que os membros não se preocupam em se desviar dos comentários da audiência. Entretanto, usam de outros artifícios para se reconhecerem enquanto membro da comunidade, o que implica pensar se está a favor ou contra ela.

---

<sup>125</sup> No seu caso, era a produção de fanzine, revista local com entrevistas de diversas bandas, resenhando cds, dvds e promoção de eventos.

<sup>126</sup> Gênero musical que se pensa como oposição à visão cristã.

Isso de fato leva por várias etapas, a saber: voltar a comparecer aos eventos com maior frequência, demonstrar publicamente que seu discurso e a sua prática mudaram, o que trata de reproduzir o estabelecido, a partir daquilo que se escuta e valoriza no Metal “secular”, modo pelo qual Luciano tem tentado demonstrar a comunidade sua deferência ao Metal.

Isso descrito acima, pode ocorrer também nas conversas/fofocas em que o intuito é de (des)construção dos "padrões estéticos e valores morais" onde se realiza uma luta pela definição do status (SANTOS, 2013, p. 10). No qual os indivíduos podem apresentar de forma verdadeira os fatos como pode distorcê-los com intuito de prejudicar agindo de má fé, como no caso de Luciano e Helian, e todo seu esforço em mudar sua imagem na comunidade.

Em algumas situações pude presenciar esse tipo de maneira de sobressair, no ano de 2018, João contou numa roda de amigos, num evento local, que foi alvo de fofocas por não usar roupa preta todo momento;

Não entendo como a galera fala tanto dos outros, até da roupa! O que é Satanismo, a não ser liberdade?! É fazer o que der na telha! O que queria era que estivessem lá me criticando quando comer o cu da mãe (SANTOS, 2019, p. 15).

Assim como já trabalhei as fofocas no segundo capítulo, o membro/participante dos shows citado acima, tentou demonstrar que não se importava com as definições da audiência e que não desejava continuar comentando para não legitimar esse tipo de comentário na comunidade. O ato de João comentar mostra que ele se importa ao modo dele manter registrado o ocorrido e agora não está disposto a aceitar e se controlar, isso é um aspecto importante pois apresenta como se reage e quais são os custos. Porém, “sem pestanejar”, falou que os indivíduos que contaram tais coisas não tinham o mesmo nível de coragem de falar o que foi dito na frente dele. Nessa situação, um dos que ouvia o desabafo e questionamento de João, respondeu utilizando a própria experiência para confirmar o que era dito na conversa, levando-o a diminuir a sua presença nos shows de HM local por causa dessas cobranças.

Segundo Santos (2013), o indivíduo que participa dos shows locais, especialmente aqueles que são comprometidos com os estilos musicais extremos, devem levar uma vida de acordo com que apresentam, sobretudo, praticar o espírito da vida alternativa do Metal. Segundo a autora, são as fofocas e as críticas realizadas tanto pela audiência quanto pelos

músicos que permitem apreender que se trata de cobrança por um estilo de vida autêntico. As disputas identificadas nas conversas realçam as formas de deferência ou de desaprovação feitas pelos membros enquadrando o indivíduo inautêntico. Segundo Goffman (2011) quando um indivíduo se envolve como a situação descrita que impacta o *modus vivendi* do grupo, ele compromete a sua imagem social. No caso em pauta, é necessário seguir as obrigações que o campo demanda para ser um indivíduo que o grupo deseja que seja.

Para isso se tornar realizável identifiquei que o respeito ou apreciação é um mecanismo regular e acionado com maior ênfase nessas ocasiões de obrigações. Tomemos como exemplo o caso de Luciano (já citado nesta dissertação) e sua tentativa de apresentar respeito ao pertencimento identitário do grupo, sendo está uma atividade que pode ser considerada como ritualizada, pois, outros membros que foram maculados pelo grupo por serem em algum momento inautênticos como os White Metals, tecer elogios e desculpas ao campo por desrespeitarem o ideal do grupo. No caso de Luciano, ele teve que procurar o respeito e demonstrar aos outros reverência, até compreender que estava sendo incorporado ao grupo e a partir desse momento se comprometesse em zelar o “voto de confiança” atribuído pela comunidade. Segundo Goffman (2011, p. 63) “os atores prometem, assim, manter a concepção do eu que o receptor construiu a partir das regras em que está envolvido”, sem subverter o ideal da comunidade.

A partir do que observei acontecer em campo isso tinha uma outra dimensão que está atrelada ao respeito, à dimensão da distância, cuja função empregada era forma de testar o comportamento do membro que deixou o cristianismo, no qual os membros desenvolviam uma certa observação distanciada que os permite “tocar<sup>127</sup>” nos aspectos passados da vida do outro e nesse caso de Luciano e João. Utilizo aqui o caso desses membros porque se torna possível realizar desdobramentos e ficará claro nas próximas seções como esta prática se operacionaliza. Isso nos permitiu perceber o quanto dessa prática demandou deles para diminuir o orgulho e “não ligar” para os questionamentos dos outros acerca de sua autenticidade.

---

<sup>127</sup> Sendo esta uma atividade que não permite que o outro “investigado/testado” verifique a vida dos membros que realizam a avaliação, se constitui aqui uma relação assimétrica. E nesse sentido, as redes sociais tem sido um mecanismo pelo qual os membros conseguem reunir informações que dão legitimidade para o exercício dessa atividade (como o caso da página do Facebook “Total ódio contra ao White Metal”, no qual os membros enviavam informações como eles dizem dos “cristãos infiltrados” para o administrador da *page* realizar a exposição. Conta-se também que tanto os membros faziam perfis “fakes” para expor ações inapropriadas quanto perfis de usuários “não fakes” contribuírem também denunciando.

Algumas maneiras acionadas pelos membros do Heavy Metal para manter a distância é não permitir que o ex cristão ou poser não participem dos cultos ao Metal – no qual bandas de Metal Extremo se apresentam – sendo permitido a este transitar com certa “liberdade” em outros shows. Conforme argumenta Goffman (2011, p. 71) “um indivíduo pode evitar um objeto para não o poluir ou profaná-lo, ele pode evitar um objeto para não ser poluído ou profanado por ele”. Embora no caso de Luciano, João e Helian pouco transitavam nos eventos considerados não Extremo, porque comparecer em show em que posers, porra-loucas e cristãos participavam seria desonroso a identidade deles. E aqui temos por um lado, o respeito aos membros considerados de estima superior e por outro lado uma reserva da fachada como algo que deve ser preservado para evitar falatórios e fofocas.

A fofoca teve suas consequências no caso de João, que não se limitavam apenas a esse momento, os membros envolvidos naquele círculo conversavam sobre esses problemas. Quando chegou ao fim do evento, os mesmos membros estavam novamente reunidos fora da casa de show, discutindo o mesmo assunto na ausência de João. Apesar da demonstração de desagrado por João às cobranças e a aparente legitimidade que os outros lhe concederam, levando a alguns membros rirem dele e outros concordarem que se é para ser membro do HM, deve honrar o Metal e que pode ser cobrado nessa direção. Então, João deveria se vestir sempre de preto ou entender que se cobre algo dessa ordem. Fofocas como estas não mudam as definições advindas da audiência, contudo, podem tratar de um tipo de *feedback* dos HBS para com os outros de cunho moral.

Os estudos de Goffman (2011; 2012) se tornam importantes para esta dissertação na medida que as interações face a face possibilitam o entendimento de mundo através de sua microsociologia indicando possíveis caminhos analíticos. Assim, Goffman (1956) afirma que a sociedade é organizada por princípios morais, nos quais os indivíduos procuram valorizá-lo e tratá-lo de maneira apropriada uns aos outros. Juntamente a isso o autor afirma que os indivíduos esperam que as características sejam autênticas as que dizem de fato ser, para assim ser tratado da forma que projetou ser, instituindo por isso uma moral que os obriga a conferir tal tratamento.

Como apareceu em Santos (2013), se trata de identificar que as práticas sociais operadas no HM, incluem e excluem indivíduos do seu ambiente, tendo em vista que esta atividade (des)integradora não é mais natural e sim moral. Mostra-nos assim, a crença social deles na superioridade – em seguir e reproduzir regras – de uns, em proveito da inferioridade de outros, que às vezes são estigmatizados, por não se manterem convictos

do pertencimento. Procurei tratar até esse momento, sobre o papel da classificação no processo de formação de impressões e imagens dos indivíduos sociais desse campo. A seguir, mostro os sentidos e consequências dessas representações sociais pelos homens em campo.

\*

A interação social ocorrida no Heavy Metal indica um sistema de classificação operando entre os indivíduos que compõem este campo social, como apareceu em Santos (2013) com a forte demarcação de elementos do pertencimento e Wanderley (2008) no qual se observa a identidade num constante processo de transformação que tenta formar um tipo puro<sup>128</sup> de membros dentro da comunidade. Estas práticas realçam as disputas pelo que conformam o campo, especialmente, através das definições e sentidos atribuídos nas relações entre os membros. Pode-se afirmar ainda que estes atos são sinônimos de autoridade, numa relação organizada a condições de interdependência nos rituais sociais, quando um membro tenta constranger, falar mal ou ofender um membro (BOURDIEU, 1982, p. 89). Para a comunidade – músicos e audiência – classificar é uma situação rotineira no HM, porque o importante nesse jogo seria o ritual do show proporcionado pela comunidade.

Esta dimensão é de grande importância para os membros homens da audiência como parte definidora dos indivíduos nas interações rituais de modo intenso. Nas interações sociais com destaque ao que se experimenta nas situações dos shows (antes, durante e depois), há o uso de um vocabulário que é categorizador. Termos como guerreiro, man, mestre e chefe, implica que se está reconhecendo a pertença e a qualidade que é desejável e que destaca aquele a quem se atribui. Isso enquanto uma ação social que ocorre nas interações face a face, pode-se encontrar uma maneira que os indivíduos arranjam para salvar sua fachada<sup>129</sup>. Ou seja, isso contribui para passar uma impressão ao

---

<sup>128</sup> Termo utilizado por Wanderley (2008).

<sup>129</sup> Em diversos tipos de interação se coloca como necessário o respeito, muitas vezes colocando sua posição pelo fato dos outros estarem “por cima ou por baixo” ou quando é forçado a renunciar, mesmo custando caro para este indivíduo. Ao se perceber numa situação em que sua fachada está atribuída e na espera que seja mantida, tal indivíduo recebe a responsabilidade de vigiar o fluxo dos eventos que se defrontam. Ele precisa assegurar que uma ordem expressiva seja mantida. Ordem esta que regula o fluxo de situações/eventos de diferentes escalas de modo que qualquer coisa apresentada por outros seja firme com a fachada do indivíduo. (GOFFMAN, 1957, p. 17)



outro que se disputa (simbolicamente) o lugar cativo na comunidade, como busco apresentar algumas situações em que esses artifícios são frequentes a seguir.

Antes, é importante ressaltar brevemente, que esta característica fundante que constitui este mundo social, foi alimentado pelas ideias de poder e magia, através das obras de J. R. R Tolkien nos anos 1980 e 1990 e filmes produzidos por Percy Jackson (o que inspirou membros da comunidade na criação de letras, canções, nomes de bandas, performances e estética bravia). Para Christe (2010, p. 92) o período do surgimento do Heavy Metal foi acompanhado pelo que chama de “apetite por cenários aventurecos e realidades alternativas. O RPG<sup>130</sup> do *Dungeons and Dragons* (D&D) trouxe à vida jornadas da literatura fantástica, como *O senhor dos anéis*”. Em que os jovens assumiram papéis étnicos, a saber: elfos, guerreiros, magos e bardos. O autor confirma “muito do Heavy Metal se localiza em terreno similar, um reino de masmorras escuras e impenetráveis desertos povoados por batalhas e adversidades” (CHRISTE, 2010, p. 93).

Assim, isso me permitiu observar inicialmente e apresentar agora a super enfatização a imagem social do grupo que rotineiramente se enxerga operar pelos membros como força de pura demonstração da distinção entre eles. Assumindo nomes de entidades sobrenaturais de diversas mitologias (ocidentais e orientais verticalizadas pelo paganismo), a saber: Odín, Thor, Tyr, Baal, Belzebu e Lúcifer para representar como entidades sobrenaturais possuidoras de poder, notadamente quando estão cantando as canções, estes membros exaltam repetidas vezes. Como aconteceu no show Visions of Rock em 2019, todos gritando – em sua maioria homens na frente do palco, *Ave master Lucifer*<sup>131</sup> – canção da banda polonesa *Besatt* de BM. Pelo que venho acompanhando a imagem que o HM tem sobre “os demônios” – não me refiro ao satanismo enquanto foco deste trabalho, mas a representação instituída a partir dela pelos membros – são personagens que destoam da “bondade” e do enquadramento religioso, como acontece com os anjos do cristianismo na leitura ocidental. A força sobrenatural, capacidade de influência, magia e resistência anticristã são impactantes para eles. Isso não quer dizer que quem comunga desse meio seja satanista – o que é senso comum, muito menos associar as ações dos personagens “as coisas ruins”, mas pela representação de força,

---

<sup>130</sup> Sigla para *role-playing game*, no qual os jogadores assumem papéis de personagens e narram suas ações.

<sup>131</sup> Na clareira entre as árvores / A lua cheia brilha na escuridão / Eu ouço cada vez mais alto cantar / Eu grito elogiosa cantar / AVE mestre Lúcifer / O fogo está queimando com sombras em torno de / Dança LOUCA começou / Esta noite é mágica / Eu ainda ouço o grito / AVE mestre lúcifer / Eu sinto o calor no meu corpo / Fogo / Gosto doce pegajoso na minha boca / Sangue / Conhecido cheiro que eu reconheço / Ópio / Eco repete novamente / Coral grito selvagem / AVE mestre lúcifer. Link de acesso a letra traduzida: <https://www.letras.mus.br/besatt/255747/>

coragem e superioridade que emana das entidades. As canções no HM justificam essa visão diferente do colocado aos demônios um aspecto de subversão/transgressão de valores morais, como a expulsão de Lúcifer – do céu por desejar se equiparar com Deus, segundo o que comumente ouve-se e aprende-se na sociedade abrangente –, que desenvolveu seus atos de rebeldia a doxa dominante sem uma proposta de uma superação do estabelecido através de uma revolução (GLUCKMAN, 1971).

Para Khan-Harris<sup>132</sup> (2007) o satanismo é um comportamento modelo, está baseado e preocupado com a liberdade das regras e normas, pois esta liberação é compreendida como adoração da humanidade ao diabo, pelo fato dessa entidade não exigir comportamentos regulados e verticalizados para a pureza como algo que o aproxima do sagrado. Os músicos e audiência do Metal mantiveram um interesse no satanismo e no ocultismo, pois o Metal tem produzido um encanto pelo diabo, algo que começou e já se anunciava no *rock'n'roll*. No entanto, para o autor que trabalhou por muito tempo analisando o Metal Extremo (questões do tipo: racismo e fascismo) identifica no gênero musical e em alguns subgêneros que tais ideais são mais sustentadas – depois de muito tempo e com apoio de grandes aparelhos midiáticos esses personagens/entidades continuam a representar força, coragem e magia na contemporaneidade em séries e filmes.

Assim, a disputa pela representação institucionaliza uma forma de desequilíbrio ritual<sup>133</sup>, na qual o membro tenta constranger/caçar do outro que ameaça sua fachada (GOFFMAN, 2011). Quando um membro realiza o que faz para preservar a fachada não é apenas para representar, mas como algo que todos realizem por várias vezes, o espaço de sociabilidade de expressão se torna um campo de disputa em função da superioridade de um e inferioridade do outro, criando um clima desconfortável maquiado pela brincadeira. Isto é, nos rituais essas práticas partem das consciências dos indivíduos, não se trata unicamente de caçar, mas de convencer por si e por outros do seu lugar – superior – na comunidade, especialmente, entre a audiência, sendo reconhecido como tal. Quando se avança as fronteiras do ritual isso pode afetar as relações dos indivíduos nesses jogos, como no caso de Helian citado neste capítulo, pois o rapaz com o qual tive contato

---

<sup>132</sup> Cabe aqui uma ponte com o trabalho de Mary Douglas (1976), pois a pureza e o perigo aqui são invertidos, o que é profano torna-se sagrado de ser praticado no Metal. Para a autora, o universo é dividido em certas coisas e ações que estão sujeitas a restrições e outras que eles não são: entre as restrições, algumas se destinam a proteger a divindade contra a profanação e outros para proteger o profano contra intrusão perigosa da divindade (DOUGLAS, 1976, p. 22)

<sup>133</sup> Desequilíbrio ritual é uma ação que o indivíduo elabora para colocar o outro num estado ritual indesejável ou colocar o outro numa posição que não seja corrigida rapidamente (GOFFMAN, 2011, p 30).

caracterizada de tensão e quando teve fotos divulgadas na página do *facebook*, fotos dele beijando um crucifixo e abraçado com uma freira quando era padre.

Apesar de Helian afirmar e reafirmar no seu discurso e no Fanzine – no qual fez um tutorial de como se cancelar o batismo na igreja católica – que não é cristão, que foi coisa do passado e o compartilhamento dessa foto somente tinha o intuito de prejudicar sua imagem na comunidade por algo que ele não mais pratica. Prosseguiu enquanto me contava esta situação que agora ele tinha passado a andar com uma arma branca quando saía de casa, especialmente, depois de inúmeras ameaças que recebeu do acusador<sup>134</sup>, que também morava próximo do bairro em que ele residia. Nesta situação em especial, romper com as normas rituais foi desejando ocultar tais ações do passado, este jovem já não frequenta os shows locais devido o incidente pelo qual passou e no intuito de evitar possíveis conflitos, mesmo a jocosidade com que alguns concebiam em chamá-lo de “White merdal cristão”, a vergonha nesse caso ganha peso porque era fidedigna. A seguir apresento algumas imagens que tentam mostrar a posição dele frente às acusações.

---

<sup>134</sup> Segundo o que Helian contou esse desafeto entre eles, aconteceu da seguinte maneira ou melhor se iniciou, quando ficou acordado deles realizarem um show de BM com uma banda “clássica” conhecida pelo BM sulista, ambos tinham funções a executar e da parte do “acusador” Helian não tinha feito nada do que foi combinado, sendo a parte do marketing do show. No entanto, quando estive na casa dele foi me apresentado tudo que tinha planejado para divulgação do evento, mostrando que não se tratava do fato dele não ter realizado sua tarefa, mas sim o fato do acusador descobrir por outros membros que ele teve envolvimento com cristianismo e não querer ver sua imagem mantendo relacionamento com indivíduos cristãos, passou a usar disso para se distanciar e terminar por colocá-lo na posição indesejada.

## “ARTIGO CONTRA O MALDITO CRISTIANISMO CATÓLICO”

Como anular um batismo católico (carta de apostasia)

Hoje é considerável, especialmente na Europa (continente ateu, muito em breve), a ação de pessoas anulando o batismo realizado no Catolicismo através da chamada “carta de apostasia”. Poucos conhecem o processo (eu mesmo fui tomar ciência a pouco), vinculado ao direito canônico, mas agora nós brasileiros não teremos mais o problema da desinformação: consulte hoje mesmo o site do grupo “Apostasia Coletiva Brasil” e fique por dentro de tudo o que envolve o processo de anulação de batismo católico (entendido por mim e por uma série de livres pensadores como uma violência engendrada por familiares diante de uma criança, um bebê, que tem seu direito de pessoa humana deixado de lado - afinal imputam-lhe uma decisão, muito séria, em momento de vida onde o ser não reúne condições sequer para controlar o próprio esfíncter, imagine escolher uma crença!).

<http://apostasiacoletiva.wordpress.com/>

FONTE “APOSTASIA COLETIVA BRASIL”

POR QUE APOSTATAR?

As razões de alguém para dar baixa no seu registro junto à Igreja Católica podem ser as mais variadas. Alguns ateus e ateias sentem necessidade de apostatar para manter uma coerência, já que a Igreja Católica conta como católicas todas as pessoas que nela foram batizadas. Também tem gente que não está de acordo com as doutrinas da Igreja Católica, mesmo que creia em Deus, e por isso solicita seu desligamento para que seu nome não seja parte dessa instituição. Para a Igreja Católica, toda pessoa batizada é católica e está de acordo com as suas doutrinas, e portanto utiliza os números de pessoas batizadas para impor seus pontos de vista sobre a legislação dos países onde tem grande penetração. É assim também que consegue privilégios como a isenção fiscal, a violação de direitos trabalhistas e a obrigatoriedade do ensino religioso CATÓLICO nas escolas públicas brasileiras. O argumento da Igreja Católica se baseia no fato de quase 75% do país ser católico (de acordo com o censo do IBGE do ano 2000) e, portanto, indiretamente apoia suas doutrinas. Ou seja, a voz de “Deus” fala em nome do povo. Em seu nome. O Brasil representa a maior população católica do mundo hoje, contando cerca de 126 milhões de “fiéis”, onde o batismo católico se transformou em uma prática cultural. PORÉM, estima-se que apenas 20% sejam praticantes. Sua mãe te levou para o batismo católico quando você ainda era um bebê, mesmo sem te consultar? Então você é parte desses 75% e a Igreja fala em seu nome.

COMO APOSTATAR?

De acordo com o Código de Direito Canônico (tipo o Código Civil eclesiástico), para se abandonar formalmente a Igreja Católica e deixar de fazer parte do número de fiéis apresentado anualmente pelo Vaticano, é necessário um requerimento formal, um “ato de apostasia”. O ato formal de renúncia à Igreja Católica é anotado no seu registro de batismo e impede você seja mais um ou uma “fiel” nas estatísticas anuais do Vaticano.

As estatísticas relativas ao número de católicos no mundo são feitas com base no número de batismos



Figura: 07. Artigo contra ao cristianismo. Fonte: nosso acervo.

registados. Todos aqueles que foram batizados, mesmo que não se considerem católicos, são contabilizados como tal pelo Vaticano. No Brasil, segundo o Censo realizado pelo IBGE no ano 2000, 73,55% da população brasileira é católica, totalizando cerca de 126 milhões de fiéis, o que coloca o Brasil na posição de país com a maior população católica do mundo, em números absolutos. É com base nesses números de "fiéis" que a Igreja Católica continua a defender o seu peso e intervenção em quase todos os aspectos da sociedade. Por esse motivo, e apesar de o Brasil ser uma República, portanto um Estado formalmente laico (guiado pela Constituição da República Federativa do Brasil de 1988), ainda se verifica tanta influência dessa instituição na vida política do país. Em Portugal, verifica-se uma situação semelhante. Assim, o abandono formal da Igreja Católica por parte de todos aqueles que não se revêem nela é importante e faz todo o sentido.

De acordo com as normas canônicas, para se abandonar definitivamente e formalmente a igreja Católica e, dessa forma, deixar de fazer parte do número de fiéis apresentado anualmente pelo Vaticano, é necessário um requerimento formal, por forma a que seja praticado um "ato de defecção" (ou ato de apostasia). Perante inúmeras manifestações de vontade nesse sentido por parte de pessoas batizadas que não se identificam na igreja Católica, o Vaticano viu-se forçado, em 2006, a tomar posição e esclarecer as diversas dúvidas apresentadas por bispos, vigários judiciais e outros profissionais do direito canônico, sobre o "actus formalis defectionis ab Ecclesia catholica". Esta informação está disponível no website do Vaticano:

[http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/introptxt/documents/rc\\_pe\\_introptxt\\_doc\\_20060313\\_actus-formalis\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/introptxt/documents/rc_pe_introptxt_doc_20060313_actus-formalis_po.html)

Assim, e de acordo com o Prot. n.º 10279/2006 do Pontifício Conselho para os Textos Legislativos do Vaticano, para se proceder ao abandono formal da igreja Católica, não basta o envio informal de uma simples carta nesse sentido. É necessário que o interessado ou interessada apresente um requerimento formal na paróquia onde o respectivo baptismo foi realizado para que se pratique o "ato de defecção" da igreja.

**O ato formal de defecção supõe um ato de apostasia, heresia ou cisma.**

Nos termos do disposto no Cân. 751 do Código Canônico, chama-se "heresia" a negação pertinaz, após a recepção do batismo, de qualquer verdade que se deva crer com fé divina e católica, ou a dúvida pertinaz a respeito dela; "apostasia", o repúdio total da fé cristã católica; "cisma", a recusa de sujeição ao Sumo Pontífice ou de comunhão com os membros da Igreja a ele sujeitos. Quanto às respectivas penas canônicas, dispõe o § 1.º do Cân. 1364 que a pessoa apóstata da fé, herege ou cismática incorre em excomunhão "latae sententiae".

Para que o ato de abandono da Igreja Católica seja válido, consista num verdadeiro "ato de defecção" e produza os efeitos legais consequentes, deve concretizar-se na:

- a) decisão interna de sair da igreja Católica;
- b) atuação e manifestação externa desta decisão;
- c) recepção de tal decisão por parte da autoridade eclesial competente.

O ato formal de defecção da igreja Católica fica averbado no registo de baptismo do ou da requerente e, consistindo na "ruptura dos vínculos de comunhão – fé, sacramentos, governo pastoral – que permitem aos fiéis receber a vida da graça no seio da igreja", impede a mesma de contabilizar essa pessoa como "fiel" nas suas estatísticas anuais.

Sugere-se que o interessado ou interessada apresente o requerimento e acompanhe o processo pessoalmente. Nos casos em que tal se não mostre possível, o requerimento poderá ser enviado à paróquia competente, por carta registada com aviso de recepção. Nestes casos, é aconselhável enviar

Figura: 08. Artigo contra ao cristianismo. Fonte: nosso acervo.

também um envelope selado e endereçado ao/à requerente, por forma a que a certidão comprovativa da realização do ato de apostasia seja posteriormente remetida de volta. Deve fazer-se menção ao referido envelope nos "Anexos" a enviar juntamente com o requerimento.

Para obter-se informação sobre o contacto das diversas Paróquias do Brasil, sugerem-se, respectivamente, os seguintes websites: <http://www.paroquias.org/paroquias.php>

<http://www.catolicanet.com/?system=igreja&action=paroquia>

Aconselha-se o/a requerente a manter-se em contato com a paróquia e acompanhar o processo (mesmo que seja à distância, por telefone). É que, por vezes, os párocos preferem que estas coisas caiam em esquecimento...

No caso de o processo não ser aceito ou se não lhe for dado seguimento ou provimento pelo pároco competente, deve-se contactar o Bispo da Diocese territorialmente competente.

Uma lista de contatos das Dioceses brasileiras pode ser encontrada nos seguintes websites, respectivamente:

<http://www.catholic-hierarchy.org/country/dbr2.html>

<http://www.catolicanet.com/?system=igreja&action=diocese>

Nos casos em que o/a requerente se encontre num país diferente daquele em que foi batizado ou batizada e, por esse motivo, não possa apresentar pessoalmente o requerimento de abandono da igreja Católica, sugere-se que, se possível e em alternativa ao envio por correio, constitua seu procurador alguém de confiança para que o/a represente na apresentação do requerimento e na prática de todos e quaisquer atos necessários a esse fim. É importante não esquecer de, na procuração, atribuir também poderes para que o/a representante possa levantar a certidão de batismo onde o ato de defecção foi averbado, depois de praticado.

**LIBERTE-SE DIGA NÃO AO CRISTIANISMO E A SEU PORCO DEUS IMUNDO!!!**

Figura: 09. Artigo contra ao cristianismo. Fonte: nosso acervo.

Mas também ocorrem brincadeiras cujo intuito é caçoar através de caracteres do outro e de alguma maneira se torna aceitável. No dia 4 de abril de 2018, estive presente num show local, realizado num bairro de classe média alta, conhecido pela gastronomia. Primeiramente, observei que seria estranho realizar um show de Metal num local em que tudo parece bem arrumado e sobretudo, vigiado pela polícia, pois observei que várias viaturas estavam passando na avenida naquele dia. Foi neste dia também que conversei com Ronaldo sem a presença dos demais colegas enquanto se iniciava o evento. Ele partiu falando assim que me avistou:

- E esse cabelão aí, gostou do meu?

Em seguida passando a mão na cabeça raspada, depois passou a colocar todo cabeludo numa posição que nenhum gosta, do tipo “você (cabeludos<sup>135</sup>) parecem cantores de forró” e disse ainda mais enquanto bebia uma cerveja:

<sup>135</sup> O cabelo longo masculino é um elemento da identidade Headbanger e associado à honra.

- Essa galera devia investir nisso, ia ser sucesso!

Isso se repetiu em outros eventos, ora essa maneira de interagir, não é tão receptiva mais é aceitável, embora pode-se criar certo desconforto, pois esse tipo de provocação se espera da sociedade abrangente e não da comunidade, porque o que se tem aqui não é o status, mas sim a imagem que se tem sobre o HB. É preciso também sinalizar que quando não acontece situações em que tais ações expõe o outro, as brincadeiras podem ter um caráter mais intenso, tais práticas afirmam a presença de um membro como excelso. Dependendo da situação, isso pode aparecer nos discursos a saber: “O seu Deus não tem força aqui, você é um fraco” quanto na prática de intimidar e ofender. Como também é comum observar que estas são realizadas em sua maioria por homens no intuito de conferir a masculinidade de outro e em alguns casos por meio de uma certa liberdade sexual, como descrevo uma situação do tipo a seguir.

No evento de 2019 do *Abril pro Rock*. Enquanto esperava na frente da casa de show acompanhando alguns membros da abertura do evento, João estava passando pela fila de espera da qual estava, quando me avistou – sua esposa fazia companhia, conhecida aqui como Mary. No momento em que me cumprimentou e estava iniciando a conversa, um outro amigo veio falar com ele e de pronto este colocou a mão de forma inesperada nas partes íntimas de João que deu um pulo pra trás, dizendo e rindo:

- Porra é essa? Ain... (espécie de gemido) me come (risos), espera aí, na frente da minha esposa? nem chama pra tomar um cafezinho, vai chegando logo assim?!

Olhei para Mary e ela estava sinalizando negativamente com a cabeça, enquanto o amigo de João se distanciava e dizia “gostoso”. João achou uma atitude gay por parte de seu colega, mas não demonstrou estar com raiva ou algo do tipo, mesmo sendo um ato realizado na frente de outros e de sua esposa.

A descrição acima demonstra como os jogos ganham contornos e sobretudo se intensifica. Nestes discursos, cada indivíduo tenta ou se espera representar a sua imagem como superior mesmo tentando subverter as posições de dominantes e dominados que se atribui para impor seja esta física ou de conotação sexual. Creio que fora dessa sismografia ritual como sugere Dewsey (2007) situações ou micro fenômenos que ocorrem em volta do ritual, prática do tipo seria compreendida como inapropriada e intolerável, notadamente, no cotidiano deles, o que nunca ocorreu quando estive em pesquisa. A representação do HB é medida também quando o mesmo se encontra em

situações do tipo descrito acima e se confere a sua habilidade em responder “a altura” de maneira mais eficiente possível num processo corretivo (GOFFMAN, 2011).

O HM, enquanto classificador das interações, produz formas de enquadramentos dos indivíduos, a posição de dominância de um membro da comunidade está em seus conteúdos e suas formas de apresentar a prática. Por isso, os atos que produzem um impacto maior no indivíduo como demonstrei, mais força as ações significadas enquanto hostil ocorrem, produz mais do que se falar sobre a vítima, desse tipo de infortúnio, se materializa a posteriori o deboche, o riso e por conseguinte a audiência procura se distanciar desse indivíduo (WANDERLEY, 2008). O deboche surge quando as ações dos indivíduos fogem da ordem ritual, “pois a mesma já não é do campo dos ritos, está para além dela, julga-se a queda da fachada”, a vergonha ou mesmo como já descrito, pode gerar ameaças (GOFFMAN, 2011, p. 26). Na interação ritual, Goffman afirma, em toda sociedade existe a possibilidade de realizar a interação falada, para o autor constitui um sistema de práticas e convenções e regras de procedimentos que entram em jogo e operam de modo a orientar e organizar o fluxo de mensagens.

Os mais antigos no HM, também passam por essa percepção da masculinidade. Os membros da comunidade como mostrei incorporam ideia de força/poder a sua imagem, sob qual todos estão em alguma medida dominados, notadamente, com os membros e mais intensidade com as mulheres – que descrevo mais à frente. Ser mais antigo neste campo significa o desvanecer ou tentar manter esses caracteres. Nos shows a presença desses membros é pouca, porém existente, desse modo, descrevo duas situações que me permite apresentar com mais clareza.

A primeira ocorreu no ano 5 de setembro de 2018, dia de comemoração do aniversário de uma das produtoras de shows, cujo evento reunia duas bandas “clássicas” do HM paraibano. A primeira Nephastus e a segunda Shock, essas duas foram as bandas mais esperadas daquele dia. Para a produtora seria um dia histórico reunindo duas lendas do Metal num só dia, tendo também a bilheteria esgotada um dia antes, esperava-se uma grande audiência. Alguns minutos antes de iniciar o show, eu estava do lado de fora esperando a abertura da casa, que neste dia foi o teatro São José, fora do teatro vários carros de linha chegando e motos tipo Harley Davison estacionando, conversei com alguns membros que apareciam para bater papo no qual se falava mais sobre radicalismo no HM local e jogos de vídeo games. Muitos dos que se faziam presentes naquele show – os mais velhos – não eram frequentadores assíduos. Dentro da casa, o palco estava equipado com um aparelho de som muito requisitado pelas bandas, com apreço maior por



aparelhos Marshall<sup>136</sup>, o que não se é comum nos shows locais devido ao preço de tal equipamento quanto o aluguel do mesmo.

Algumas situações marcaram como, por exemplo, o pai ensinando ao filho cabeludo a tocar Metal, balançar a cabeça e fazer caretas e em outro momento vi um segundo pai, ambos músicos da mesma banda de abertura, colocando sua filha pra cantar no microfone, embora o garoto tivesse mais liberdade em subir e descer do palco que a menina. Nesse momento os músicos estavam se preparando para a passagem de som, o musicista da primeira banda falou enquanto testava o som:

- Hoje aqui só tem velharia de tanta gente antiga.

E sorriu para algumas pessoas que estavam na audiência. Quando ocorreu das bandas tocarem alguns jovens foram para o pequeno espaço entre a audiência e o palco e ficaram lá batendo cabeça e fazendo circle pit, após algumas canções da segunda banda da noite, o vocalista olhou para os jovens que estava na soleira do palco e falou:

- Essa música vai para os Headbangers dos anos 80, me desculpe os mais novos, mas preparamos essa música para a galera que viveu o momento histórico.

E depois completou:

- Vivemos o Metal no seu auge e vocês não.

Passando esses discursos, acrescentou para os jovens:

- Vocês são foda,

E somou:

- Vamos tocar a última porque a idade não permite mais bater cabeça como vocês.

A segunda banda de destaque da noite foi a Shock com mais de 40 anos de estrada tocando Heavy Metal, a audiência criou expectativa enquanto eles se preparavam para tocar, quando iniciou vários jovens correram para a frente do palco para ter o melhor local e assistir a performance mais de perto. O vocalista disse ao iniciar:

- Vamos manter os punhos firmes<sup>137</sup>.

---

<sup>136</sup> Geralmente este equipamento está cotado na faixa de 3 ou 4 mil reais no caso de uma caixa amplificadora simples, os demais equipamentos têm uma variação que pode atingir 10 mil reais.

<sup>137</sup> Em referência aos valores sociais como de força, coragem e determinação, constantemente auto emulados pelos homens nesse espaço social.

Se referindo ao símbolo feito com a mão que se assemelha a um chifre – e ouviu-se muitos gritar de euforia (WEINSTEIN, 2009). Após um problema de som que a banda teve, o vocalista como forma estratégica de manter a audiência entretida falou mais:

- Metal é muito bom, mas viver aqui no Brasil de metal não dá, por isso antes do Metal, estudem!

Tocando em seguida uma música chamada *cabelos compridos*<sup>138</sup>, no fim vários membros subiram ao palco e tiraram fotos com eles e isso continuou com posters nas redes sociais do *facebook* dos fãs louvando a banda.

Embora parte dessas colocações sejam geracionais, a representação da velhice é partilhada entre os membros e mantida esforçadamente diante maneiras diferentes de pensar o mundo (SANTOS, 2019). A ideia de envelhecer ou ser antigo encontrada no HM se mantém sobre os esforços de um tipo de masculinidade que postula força e dominação dos palcos e audiência historicamente por maioria de homens que reiteram um passado de rigor glorioso em rock, sexo e drogas (CHRISTIE, 2010).

A segunda situação se configura num evento de 2017, presenciei um momento no qual se delineava justamente este ponto. O show realizado no centro da cidade, Petrúcio aparentemente embriagado, estava agitado em ver a casa cheia de membros e mulheres – o que são poucas que frequentam com assiduidade –, começou falando sobre como era no seu tempo o Metal, os membros que assistiam seus discursos constantemente solicitava a ele que falasse com foi ter vivido junto ao surgimento do HM no mundo. Após isso, começou a detalhar que “no seu tempo” ele ficava com várias mulheres, e logo que avistou algumas *Headbangers* andando fora da casa, no intervalo de uma banda para outra, ele disse:

- Ai nos meus tempos de profano!

Bateu nas costas dos rapazes rindo e saiu, olhei para o rosto dos membros que estavam presentes naquela ocasião e vi que todos estavam rindo e fantasiando possivelmente todo aquele discurso. É importante pensar que “ser antigo” no Metal não é apenas conhecer o Metal a fundo, mas como somos seres também biológicos que

---

<sup>138</sup> Tem horas que eu não sei / o que eu vou fazer / preciso de alguém que venha me dizer / se começou aqui ou parou ali / só sei que tem de entender por que estão pensando mal de mim / entender / cabelos compridos, viver é tão difícil / cabelos compridos, viver é tão difícil / as pessoas que passam, me olham assim, meio como louco ou pensam mal de mim/ meu deus o que eu faço para ter uma vida melhor. Link de acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=8rF2-REmLo0>

envelhecem coloca os componentes de certo tipo de masculinidade em pauta, se entra no jogo para jogar e isso implica dizer usar todas as fichas que o faça vencer o outro. Petrócio deixou claro naquela situação sua visão e o exercício de sua masculinidade que se fosse outrora ele estava se aproximando delas, algo que outros membros comentam frequentemente em forma de desagrado nos shows de Metal, referindo-se a pouca presença feminina, o que resulta em comentários do tipo “só tem mulher acompanhada aqui” – inclusive por homens casados. Em grande parte do que pude observar das relações que ocorrem na comunidade, essa visão produz significado quando enxergava que as mulheres que estão nos shows nunca estão ou vão aos eventos sozinhas, estão sempre acompanhadas de namorado/amigo, quando não estas estão na bilheteria ou na mesa de venda de produtos, dificilmente em locais de protagonismo (SANTOS, 2019). Como busco discutir no próximo ponto de que forma as mulheres são percebidas pelos membros nesse meio.

\* \*

Ao longo dos anos de pesquisa venho percebendo que as mulheres também têm se apresentado nos shows de HM, pois como demonstrei essa comunidade por parte dos homens, exacerba sua masculinidade de diferentes formas, contrastes e o palco é predominantemente deles (WEINSTEIN, 2009). No decurso de pesquisa poucas foram – e são – as apresentações com bandas de mulheres, é mais comum observá-las tocando algum instrumento numa banda em que a maioria dos componentes são homens, mas elas também aparecem na audiência. Pensava antes, a partir do que via na comunidade, que os produtores dos eventos não tivessem “interesse” em colocar apresentações de bandas femininas para a sua audiência tradicional – de homens – e colocasse em jogo o prestígio dos eventos, mas pensava também que isso não seria a priori um problema pra a comunidade que se compreende subversiva. Contudo, não posso esquecer da figura emblemática e poderosa que as apresentações de Eny<sup>139</sup> representavam – e ainda representam –, podia-se dizer que ela era uma das melhores musicistas da comunidade local. No entanto, nas conversas que pude ter, Eny contou que nunca é fácil tocar para uma audiência como a do Metal, mesmo sendo uma pessoa que toca Metal a bastante

---

<sup>139</sup> Eny toca guitarra numa banda de Death Metal.

tempo e especialmente com uma banda referência no cenário norte-nordeste, disse que o preconceito ainda existe<sup>140</sup>.

O preconceito desse campo social expressado pelos membros em comparação às musicistas é perceptível. Na pesquisa de campo, pude observar “mais” mulheres participando enquanto audiência e menos enquanto musicistas. Não sei dizer se parte dos membros que produzem os eventos não enxergam as mulheres enquanto musicistas, mas creio que como já ocorreu, de um produtor de shows me fazer esperar horas quando falei que gostaria de conversar com a musicista de uma banda de BM, como aconteceu em Recife-PE, o que senti uma falta de interesse por parte dele em querer me levar a ter a conversa, pois quando a espera foi demasiada longa, sai do local em que supostamente faria uma entrevista, andei entre a audiência e avistei este assistindo ao show de outra banda e não obtive resposta da parte dele disse apenas:

-Espera aí que vou falar com ela!

Já ouvi muitas vezes os membros falando que as mulheres são tão habilidosas com os instrumentos quanto os homens que desenvolvem “hinos ao Metal” e que possuem a pegada<sup>141</sup> na bateria ou na guitarra, algo que não prejudicaria sua participação nas bandas quanto o inverso se faz presente nas afirmações deles, bem como creio que seja importante não dá voltas e não deixar de dizer que no HM é comum ouvir também “Metal não é pra mulher<sup>142</sup>” (KITTINGHAM, 2014).

Não obstante, a maioria dos homens que frequentam os shows são casados ou namoram<sup>143</sup>, não levam as mulheres para os shows e possivelmente elas ficam em casa, algo que dificulta parte dessas mulheres conhecerem o Metal assim como os seus

---

<sup>140</sup> Apesar parte do discurso ouvido dos membros do HM ser tomado como subversivo, isto é, que subverte a lógica da sociedade abrangente, é perceptível que seu desdobramento funciona para algumas coisas como do tipo religioso mais para instâncias ou dimensões da vida social não se tem uma aplicabilidade condizente ao discurso, há sim, uma reprodução dos valores dominantes, bem como de gênero.

<sup>141</sup> Parte das críticas dirigidas à banda Nervosa de Thrash Metal de São Paulo, tinham esses questionamentos, principalmente quando elas divulgavam os seus vídeos nas redes sociais.

<sup>142</sup> Sugiro o documentário *Mulher no Metal*, produzido por Gracielle Fonseca, em 2013. No qual, várias mulheres musicistas do Brasil falam sobre como é viver e tocar Metal. como também indico: Metal é só pra homem? no qual também há vários relatos de mulheres falando sobre o estilo musical e as tensões sobre elas nesse ambiente. Link de acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=aaLZcMxwZRc>

<sup>143</sup> Um ponto de destaque nesse aspecto da vida social dos membros é que todo jogo de aproximação que acontece por parte dos homens para com as mulheres, destoa do que realmente eles desejam para a comunidade. Pois muitos casam para fora do que pude observar, mas os fica, os namoros, os rolos como se fala comumente, são realizados para dentro. Parte dos discursos nos eventos demonstram bem que os termos são voltados para comentários de quem ficou/pegou no evento, o que nos faz pensar a posição que as mulheres são impelidas a conceber, ora de adorno e ora para diversão. Tal contraste também se evidencia no documentário *Mulheres no Metal* (FONSECA, 2013).

companheiros. Porém, esse ambiente também cria empecilhos para as mulheres da comunidade se desenvolverem enquanto uma protagonista ou mesmo profissional nos eventos. De acordo com Bourdieu (2007) reconhece que os ritos de instituição possuem uma característica solene, no qual se objetiva diante a reunião coletiva de uma determinada comunidade, uma separação, não apenas em termos de ritos de passagem (entre os iniciados e não iniciados), mas também entre os que são dignos de receber e aqueles que estão sempre barrados desses ritos, isto é, as mulheres, e isso simbolicamente cria distinções entre gêneros (KITTINGHAM, 2014). E no Metal, presenciei algumas vezes tanto amigos quanto mulheres afirmando que a presença masculina constitui uma proteção para elas, assim estaria evitando galanteios demasiados e vi também com frequência os falatórios quando um membro sai ou começa a ter proximidade com uma mulher, o que gera fofocas. Poucas foram as vezes que assisti show de banda feminina, talvez somente uma que foi da banda pernambucana vocifera em 2014, no evento do Abril pro Rock, desde então compareci a mais de 40 shows e não enxerguei algo do tipo ocorrer novamente (falo de bandas composta exclusivamente por mulheres). Apesar de em outras edições do evento tocar a banda Nervosa, da qual ainda não tive a oportunidade de assistir.

Em 2018, num evento local conversei com Ana ex musicista da comunidade, hoje em dia ela apenas frequenta os shows, contou-me que quando tocava a audiência criava muita expectativa e ouvia os membros gritando “gostosa”, algo que ela não gostava, porque queria ser reconhecida como musicista e não ser alvo dos discursos preconceituosos. Embora toda tensão que era tocar nos shows, ela sempre se saiu bem pelo que pude acompanhar de quando ela se apresentava. Contudo, ela dizia que sentia, às vezes causando ameaça ao espaço dos homens, “mas Metal é subversão” ela falava. Acredito que a presença da mulher nesse espaço do HM, partindo da visão deles, coloca em jogo a performance e valores masculinos de força e poder que tanto eles expressam no Metal. Isto é, na visão deles estas mulheres são um adorno das suas relações, pois eles pensam que sua força ou sua superioridade possa ser questionada quando estabelecida uma relação equiparada. E como se sabe numa relação de opressão, o opressor não concede sua posição e muito menos assume que subjuga o outro (BOURDIEU, 1999).

Ana acrescentou que a maioria dos shows em que participava tocando sua performance em palco chocava (pela estética artística e som extremo) por tocar BM e as casas sempre tinham audiência em número considerável, esperando para ver o que tinha para oferecer. Se ela percebia isso, ficava nítido como eles classificam as interações entre os gêneros na comunidade.

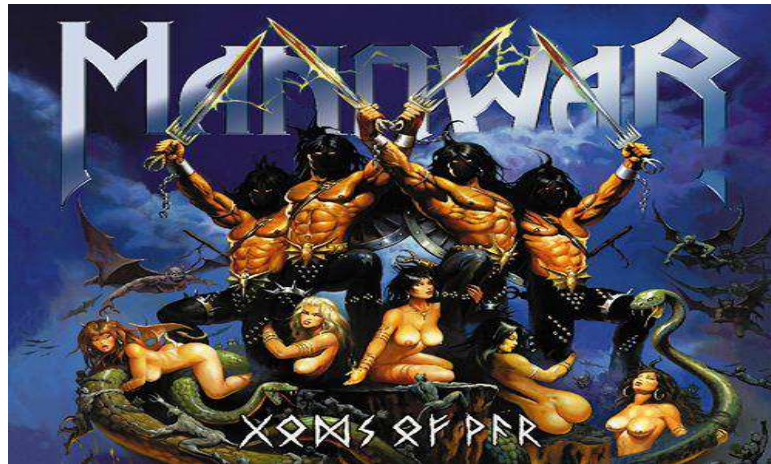


Figura: 10. Gods of war, 2007. Fonte: manowar.com



Figura: 11. Legacy of ashes, 2010. Fonte: sinisterofficial



Figura: 12. Lucifer incestus, 2003. Fonte: belphegor.at

Nesses anos de pesquisa, a partir dos bate papos com Ana, me fizeram observar que os enunciados das bandas de força e poder são atributos da masculinidade e a “pureza” está associada às mulheres na comunidade, numa linguagem simbólica e sutil

da diferenciação (DOUGLAS, 1976). Em outros momentos de pesquisa de campo enxerguei que os discursos dos homens tinham foco na busca por paqueras nos shows ou fazendo elogio às mulheres.

Tendo mantido contato com algumas mulheres da comunidade, enxerguei que elas estavam à margem desses rituais que se caracterizam pelas especificidades da exacerbação da masculinidade, sobretudo, de seu processo elaborado no campo do HM. As disposições da masculinidade manifestam e realizam as estratégias de dominação/reprodução da comunidade nos campos de poder (BOURDIEU, 2007). Tendo em vista, a centralidade dos homens no campo, se faz necessário apresentar de que forma as mulheres reproduzem os valores da comunidade. E de fato, pelo que conversei com Eny e Ana pude notar que o discurso e a prática delas em alguns momentos se cruzam com que os homens cultuam de valores sociais na classificação adotando posturas e símbolos utilizados também pelos homens.

Pude observar também artifícios dessa ordem em suas interações, especialmente, a participação de indivíduos que têm, a título de explicação, um histórico de envolvimento com cristianismo, elas tecem comentários acerca da atuação desses indivíduos no campo. E isso tem efeitos práticos, por exemplo, parte dos membros não se aproximavam nos shows de mulheres com tal perfil, por não ter “coragem” diante a performance de “durona” que algumas mulheres apresentavam – paradoxalmente, não querendo aquilo que ele é para si. Para eles, este comportamento pode ser caracterizado como de um Truer e que nessa relação de gênero tem outro peso, ser considerado um momento de ausência de coragem por parte dele. Goffman (2011) identifica nesse tipo de situação, a preocupação com a fachada numa atividade em curso, o indivíduo deve estar disposto em mantê-la, considerando o seu lugar no mundo, mesmo diante dificuldades com que enfrentou com coragem e competência, a temível perda da fachada implica em demonstrar imprecisão (nesse caso), especialmente, em que a masculinidade significa em certa medida ter “coragem”. Esta mulher está destinada a explorar tais condições oferecidas pela comunidade e usa para si. Assim, a mulher tida como subjugada nesses ritos, elabora uma maneira de enxergar e classificar suas interações e como isso representa seu comportamento para audiência.

A partir desse traço característico pude presenciar em Recife-PB, uma situação no qual um grupo de homens estavam na frente da casa de show, esperando a abertura da casa. Nesse grupo havia algumas pessoas que conheci nos eventos e lá fui conversar, após alguns minutos de espera, a fila começava a se movimentar, bem como o assunto da

conversa, o tema era a roupa de algumas mulheres, em especial, aquelas que se vestiam como os homens: coturno, calça militar, camisa de BM com uma maquiagem mais densa com uso de tons de branco ou preto, essas características foram delineadas pelos membros, assim que avistaram algumas mulheres que se “encaixava” nesse estereótipo, Marcelo que estava na situação – membro da comunidade já citado aqui – foi coagido a tentar aproximação a posteriori, sendo colocado num enquadro de bode expiatório. A brincadeira do grupo estava iniciada, tinha jogador para jogar e uma audiência para analisar – que esperava rir da situação, não só pelo fato dele ser uma “figura” mais pela situação se configurar desfavorável ao membro.

Tal prática proposta pelo grupo já foi realizada em outros momentos e em outros contextos, isto é, uma prática comum. Marcelo é uma “figura” para o grupo devido falar o que desejar falar e não se intimidava quando se trata de se aproximar de uma mulher, os membros que estavam “propondo” o jogo o observavam caminhar em direção a mulher, e diziam que iria acabar da pior maneira, porque Marcelo não tem “papa na boca” fala todo tipo de coisas que podem ir do mais belo dito por Sócrates até a pior piada machista. Naquela noite esse foi um ponto do qual eles balizaram a situação, alguns metros de distância de Marcelo e a mulher, eles viam a mulher sinalizando negativamente com a cabeça – o que era motivo para gerar risos entre os propositores –, afirmando que não tinha interesse nele possivelmente. Nos primeiros minutos ele pareceu esperançoso tentando refutar os argumentos dela, no entanto, a mulher mostrou não ter interesse, especialmente diante da insistência por parte de Marcelo, implicando na saída dela do local com os colegas. Marcelo apesar de aparentar não estar triste, parecia que tinha servido na melhor guerra de sua vida – se existir algo de bom nisso.

Embora não tivesse compreendido esse tipo de prática naquele momento, a demonstração de Marcelo não findaria por ali, já o grupo o recebeu “caçoando” dele, falando que não conseguiria, que ela não “era mulher para ele” enquanto outros davam esperança afirmando “tu quase conseguiste” ironicamente. Isso parece ter instigado ele a insistir na noite, em algumas mulheres presentes naquele ambiente. Enquanto andava pela casa de show, no intuito de entender a estrutura local, vi outra cena acontecendo, no qual Marcelo tentava aproximação com outra mulher e mais uma vez sinalizando negativamente, nesse momento fui conversar com membro João que estava próximo a esta mulher comercializando os seus produtos e ouvi:

- Que cara chato, aff. Fica insistindo, tô dando fora nele faz tempo e ele não se toca!



Após o comentário, o membro que conhecia a mulher se aproximou e conversou já rindo da situação dizendo:

- Ele é de Campina Grande!

Daí eu aproveitei para perguntar o que ele tinha dito, ela estava chateada com o embaraço e disse:

- Até admiro a coragem de vir falar e tal, mas tipo, uma hora o cara fala uma coisa leve e do nada, depois vem com safadeza.

Por meio desses contextos, se observa como se elabora a relação de gênero no meio do HM, bem como a dominação masculina nos papéis e classificações dos indivíduos da comunidade. A masculinidade opera de diversas formas segundo a posição, o espaço social dos indivíduos, diferenças que podem ser de ordem objetiva quanto de ordem subjetiva, que ao seu modo, unem e separam os indivíduos num tipo de “linha de demarcação mística” (BOURDIEU, 2007).

A mulher que apresentei primeiro colocou em jogo a imagem de Marcelo perante os seus amigos, sob os quais eles operacionalizam artimanhas que poderiam levá-lo à conquista do almejado enquanto algo difícil quanto ao seu fracasso. Na teoria de Goffman, o fracasso enquanto parte também da interação, pode ser compreendido enquanto uma contaminação ritual do indivíduo, pois há aí restrições de contatos impostas socialmente, em que a admiração pode ser mantida ou não mantida pela audiência. A subversão da lógica masculina, por uma mulher baseada naquilo chamado de Truer (arquétipo ideal de Headbanger), exerce uma intensificação da dominação que eles propõem, classificam e não querem pra si sobre as interações e aproximações entre os sexos. Segundo Kahn-Harris (2007) no Metal e seus subgêneros está associado a um modelo de masculinidade baseado no medo da “fraqueza feminina”, pois para o autor isso é uma fantasia misógina de um mundo sem mulheres, quanto elementos que remetem a homossexualidade por estar relacionada à feminilidade e a característica da fraqueza para os membros.

Situações como as apresentadas processam valores de homens e mulheres elaborados justapostos numa mediação dada pela classificação. O HM possibilita experienciar esses valores de forma triangular, isto é, valores/conotações que ocorrem nos shows com as bandas/músicos até alcançar a audiência, atribuindo sentidos às interações na comunidade. Estes sentidos, como visto, podem ser utilizados por meio de artifícios dos indivíduos para inúmeras finalidades/objetivos/meios para apresentar uma

superioridade sobre o outro (PACHECO, 2006). Na próxima seção dessa pesquisa, apresento como a prática da comunidade classificativa é modelo para se diferenciar para além dos shows e nas redes sociais.

## II. Outros meios de classificar

### i. Diferenciar.

Os Headbanger mais antigos costumam falar que antigamente havia diferença entre os membros – classificação –, referente aos anos 80 e 90, era mais demarcada, já que a informação que se obtinha sobre o gênero musical se encontrava exclusivamente nas revistas, programas de tv (privada) e fanzines locais. Pois segundo o que ouvi em campo, o membro que tinha esses materiais era alguém aclamado como conhecedor e tinha respaldo para falar sobre as questões que envolvessem o Metal mais que outros (o que garantia delegar características, funções aos membros e aspectos da organização social). Segundo Kahn-Harris (2007) identifica em sua pesquisa, esta prática vem do prazer de colecionar, ordenar e categorizar, este é um desejo masculino em sua maioria no Metal, no qual reside o valor simbólico dos objetos. Com efeito, muitos membros corriam para as bancas em busca de lançamentos das revistas especializadas, implicando no grande consumo desse material que formava os membros (SILVA, 2014; CHRISTIE, 2010).

No dia 25 de março de 2018, numa mesa de uma casa de show, José membro da comunidade local, ainda assíduo – hoje – desse período falou:

- Antigamente tudo tinha mais prazer porque era mais difícil de se conquistar e possuir tal material”

E disse mais:

- O satanismo antes dava medo, hoje o satanismo é comercial.

Conta-se na comunidade que houve situações em que os HBS criavam competição hostil por parte daqueles que pareciam querer saber mais que outros, por possuir tais materiais tidos como raros<sup>144</sup>, pois isso significaria ser vencido ou vencer o membro no

---

<sup>144</sup> Cito por exemplo: vinis, CDS e DVDs.

debate e também classificar atribuindo distinções de conhecimento em meados dos anos 1980 e 1990 (KAHN-HARRIS, 2007). Observei na minha trajetória do campo que relações do tipo que geram choque como a citada acima são “evitadas” e em parte tais situações promovem um tipo de estigma social, no entanto, a causa dessa implicância não aparece balizada na prática dos membros do Heavy Metal – fenômeno que ainda ocorre na comunidade local. José começou a escutar HM em meados dos anos 80, afirmava que antes esta prática pautada no conhecimento era uma maneira de se diferenciar dos demais, portanto, era algo que ocorria com certa frequência, com foco em se destacar entre eles.

Nitidamente, os comportamentos compreendidos pela diferenciação entre os mais antigos estavam relacionados com a capacidade de acumular e defender sua visão de mundo a partir do que possuía (KAHN-HARRIS, 2007). Em suma, o HB comprava um produto do tipo e debatia com os colegas, se este não tivesse conhecimento sobre determinados fatos que demonstrava possuir era colocado numa posição desfavorável, se o leitor recorda iniciei o capítulo sinalizando um pouco disso por meio das brincadeiras impostas a Franco, diante os demais amigos. A ideia central disso não é aproximar os demais de quem discursa como a frase aqui referida, mas diferir, se houver aproximação será consequência de tal prática, como a priori estas ações são realizadas na “brincadeira”, Franco concebia na “esportiva” a enunciativa pelo que pude observar.

Um dos elementos que mobilizam a classificação é a informação obtida pelos meios midiáticos (pode-se assomar a MTV). De acordo com o trabalho historiográfico de Silva (2014), já havia no país divisões entre os membros do Heavy Metal, nos anos 1980 e 1990, em que também havia disputas e combate aos *poser* pelos membros compreendidos como verdadeiros. Este estilo musical nesta época já fazia parte da realidade brasileira, embora “cheio de fissuras e brigas internas, com disputas por hegemonia dentro dos grupos e animosidade entre as bandas, um fenômeno bastante comum entre grupos de jovens” (SILVA, 2014. p, 132). Hoje em dia, esta forma se articula com outras formas de visão de mundo com temas que envolvem história, política e filosofia das mais diversas. Tanto antes HB quanto hoje, tinha que ler e buscar informação desses assuntos e mostrar-se capaz de associar em alguma medida estes a vivência da comunidade local<sup>145</sup>.

Parte do que experimentei no campo, não seguir as indicações feitas pelos membros sobre qualquer coisa que conferisse a identidade era como não estar completo.

---

<sup>145</sup> Muitas músicas eram, e ainda hoje são criadas a partir de um acervo cultural que baliza a comunidade.

Levando a ouvir nos shows locais afirmações do tipo: “como Beltrano não conhece essa banda?”, e outros mais irônicos diziam “como ele não conhece essa banda se é da mesma linha que ele escuta”. A execução desses artifícios no discurso é uma prática comum e pode ser interpretada, cujo intuito era mostrar superioridade por um capital cultural (BOURDIEU, 2004). A ação de deslegitimar a identidade do outro leva o membro a repensar o seu lugar na comunidade, se realmente estiver ali. Sair da comunidade (por exemplo, os membros que se envolvem com o cristianismo), por não seguir os valores morais e éticos sobre o qual reside a condição do membro na comunidade, sendo considerado pelos membros como uma traição inaceitável, se torna insustentável o indivíduo manter a imagem de Headbanger na comunidade, porque este não tem “moral” para tal e, portanto, sofrerá inúmeros ataques (simbólicos e dependendo do contexto até físico). Não é muito diferente na vida cotidiana, já que se empreende muito tempo na presença de outras pessoas sobre o qual nossas ações são “socialmente situadas” tanto por nós quanto pelo outro. A seguir, apresento algumas situações em que pude rastrear esses elementos nos momentos de interação com a audiência local.

Num evento na cidade em 2018, naquele dia estavam quatro membros fora da casa de show, Franco estava presente com um amigo da universidade que também curtiá HM, Karlos um ex musicista se aproximou do grupo no intuito de conversar, especialmente com Franco, que o conhecia a algum tempo e das redes sociais. Após a cerimônia de cumprimento e respeito um com o outro, Karlos fez uma piada, considerada infeliz sobre a banda que Franco carregava estampada na camisa, dizendo:

- Black Metal de cu é rola!

Naquele momento lembrei que Karlos tocava numa banda de DM, da cidade e não entendi a colocação a priori dele, entretanto, Franco não se rebaixou ao que havia sido dito e disse:

- Foda-se você e suas ideias, não fui eu que me casei na igreja!

Já num clima tenso, Karlos disse:

- Tu não sabes nem o que é Black Metal!

Como retórica Franco disse:

- Quem sabe é você! (ironicamente),

Realçando seu envolvimento com a igreja. Por fim Franco saiu e entrou na casa de show, os demais permaneceram lá no clímax ainda, Karlos numa tentativa de finalizar e minimizar o assunto disse:

- O problema é que esses caras querem saber de tudo e não sabem de nada, os HBS que escutam BM querem ser os verdadeiros e se acham foda por isso.

Após esse incidente conversei com Franco, ele havia dito que não se importava com o que Karlos disse e que sua retirada do local foi para não dar motivo para continuar a “balela” alheia.

O mal-estar causado nessa situação acima, tinha chance de levar um HB a deixar a comunidade ou mesmo se ausentar como ocorreu com Helian. Pois sair do Metal, por parte de algo que tange sua vida pessoal, num discurso em que se joga com os valores da comunidade perante uma audiência era motivo para se envergonhar como enfrentou Karlos.

A exposição feita por Franco, a imagem que Karlos tinha diante os que se faziam presentes naquela ocasião desvaneceu, pois, sua impressão de HB para a audiência se deteriorou. Após muitos shows na cidade, passei a encontrar Karlos em shows fora do estado, referia-se ao impacto causado pela repentina revelação da fachada, um ataque a seu moralismo. Na leitura da teoria interacionista de Goffman, se identifica a importância que a informação tem sobre os Self especialmente na fachada de um indivíduo para os demais – porque isso permite que os outros possam conhecer pontos “forte” e “fracos” do indivíduo, ou seja, saibam em que atingir (GOFFMAN, 1988).

Outra situação que destaco é a do membro Luciano, este momento se deu quando ocorreu o incidente da Catedral de Notre-Dame<sup>146</sup> de Paris, ele conversava, o membro acima mais quatro pessoas, uma destas era Gabriela das quais só conhecia dos eventos. Segundo Luciano, muitos do Metal não sabem apreciar uma arte, principalmente aqueles que se inspiram no Varg Virkenes<sup>147</sup> que não entendem de história nem de arte. Natan, um dos membros que estava naquela situação saiu em defesa de Varg Virkenes, dizendo que ele podia não gostar da banda, mas não podia dizer que ele era um músico ruim. Para Luciano isso só mostrava que esses membros não possuíam “cultura” e por isso

---

<sup>146</sup> Como foi noticiado pela mídia o incêndio na Catedral, para mais informação consultar: <https://www.lemonde.fr/incendie-de-notre-dame/>

<sup>147</sup> Varg Virkenes colocou fogo nas igrejas da Noruega, cujo objetivo era expulsar o cristianismo de terras pagãs, como ele identificava a sua nação, sem cristianismo.

celebravam a queima da Catedral, enquanto esperava que Natan revidasse, não ocorreu, mas sim sua saída da conversa procurou, sem maiores prejuízos, ir bater papo com outros colegas, porém outro membro que estava lá – que não conhecia – afirmou concordando com Luciano:

- Cara, estou de saco cheio de gente assim no Metal, por isso me afastei.

O membro que iniciou o debate esteve envolvido por alguns anos com o cristianismo, tocou em igrejas e depois passou a participar de bandas do gênero Rock/Metal. Ele iniciou o seu caminho através da igreja, algo que o levou a se profissionalizar na música. Depois desse feito, Luciano apareceu não se satisfazer com esses membros discípulos de Varg Virkenes, colocou outras vezes, especialmente partindo dos ataques que sofreu na comunidade, maneiras de repreender, fãs desse BM norueguês e a ideia de queima das igrejas históricas.

De alguma maneira aquilo mexeu com Natan, pois Luciano estava por cima na situação por ter alguns membros ao seu lado e com a saída do outro do local, penso que o seu artifício foi empreendido, o motivo pelo qual gerou desconforto no outro membro. No entanto, Luciano como já se sabia, não se portava dessa maneira, muitos membros testemunharam por anos ele indo e voltando para a comunidade e sempre ocorrendo algum atrito. Parte do que ele apresentava como justificativa para as travessias era o fato de ser profissional da música<sup>148</sup> e tal fato dava autoridade para falar sobre o Metal mais que outros – fãs. Para mim foi revelado, por um outro membro, que Luciano havia voltado a igreja, algo que pareceu está presente na defesa dele, após demonstrar que tinha domínio sobre o tema tratado naquele dia em especial. Penso que a eficácia dessa prática se tornou possível e teve peso diante a pessoa que ele se tornou na comunidade, diga-se de passagem, quase respeitado<sup>149</sup>.

---

<sup>148</sup> Ser profissional na música HM para alguns da comunidade pode ser importante na medida que não se desvirtua o caminho, isto é, significa que o membro que se propõe a isso deve ser o seu estilo musical do Metal e não deve tocar fora desse campo, porque significa também para eles ser prostituir e não se deseja isso para com os membros do Metal.

<sup>149</sup> Prática do tipo se torna mais forte quando há mulher presente, a masculinidade exala de maneira forte, homens assumem performances de musculosos, bem como tentam impor ao outro “adversário” uma posição indesejável. Cabe destacar uma situação que presenciei que foi desconfortável, no ano de 2013, num show em Recife, reencontrei alguns colegas no evento, lá um deles se aproximou com sua namorada e estávamos a conversar, quando um outro rapaz se juntou a nós, esteve por sua vez cumprimentou o rapaz que estava com sua namorada e disse “pow cara a quanto tempo?! Tava com saudades”, o rapaz confirmou que também sentia a falta dele, no entanto, veio uma outra pergunta maliciosa, “tava com saudades da nossa última vez, tu lembra?” o homem não soube responder, aparentando não se lembrar do que era dito, todos estavam observando a conversa que a priori parecia descontraída e livre de tensão, por conseguinte, veio outra: “tu não lembra da última vez que coloquei em tu e sangrou? Saiu muito sangue e tu se melou todo”

A presença dessas ideias projetadas por alguns membros acentua a disputa clara e tensa entre eles. Isso permitiu aos membros repensar as formas de fazer shows e interagirem uns com os outros (nas redes sociais e nos shows); imprimiu-se um rigor tanto aos músicos da comunidade fortalecendo laços, parcerias e desfazendo outros “considerados impuros” para que bandas compromissadas com a flâmula subversiva se perpetuassem, quanto uma audiência fiel, cada vez mais distante e resistente as ideias conservadoras<sup>150</sup> vindas de fora da comunidade (SENA, 2019; OLSON, 2008).

Isso super enfatiza a classificação nos shows de Heavy Metal, dos quais pude comparecer e observar sendo (re) produzido pelos membros como uma máxima essencial, realçando a classificação de pertencimento no ritual. Para os HBS isso será ainda um dos pontos essenciais nos seus ritos. Os movimentos produzidos na comunidade não subvertem, mas ressignificam os símbolos e práticas dos indivíduos na ordem do ritual. A seguir, apresento como essas relações sociais são socializadas nas redes sociais da audiência na internet.

## ii. Nas redes sociais do Heavy Metal

A classificação entre os membros da comunidade HM, tem maior força quando se faz diante a audiência – tendo pesos diferentes seja esta física ou virtual – que trata da representação de cada indivíduo do campo. Os membros esperam assistir grandes apresentações e sobretudo que esta seja uma forma de exaltar o Metal com ideias e práticas. Como já sinalizei em outro momento, o discurso e a prática são fundamentais para compreender as situações em que os ritos e as diferenças operam na comunidade. Ressalto que a prática do HM, se refere a uma prática institucionalizada por eles, que por sua vez cria diferenciação entre os indivíduos, esta que aparece sendo utilizado tanto por musicistas quanto pela audiência para conseguir um referencial identitário distinto do que os demais membros concebem no campo.

---

o rapaz com sua namorada não sabia o que fazer, enquanto o seu “amigo” estava rindo daquilo tudo. Recordo que este membro ficou conosco tentando aliviar o clima indesejado que havia criado e depois foi curtir o show como nada tivesse ocorrido, o casal se despediu e se retirou logo em seguida e dizendo “que cara idiota”.

<sup>150</sup> Algo que foi também alvo de documentário pelo canal Heavy Metal on Line, surgem diversas opiniões, entre aqueles que acreditam que podem envolver tal tema, bem como os que pensam que seja desnecessário para a comunidade, porque gera mais desacordos do que reciprocidade num debate. Link de acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=e8gVgRZrO0E>

Descrevo algumas situações no qual a classificação aparece nos discursos dos membros, acompanhados em momentos que antecederam aos eventos nas redes sociais da internet, em especial do *Facebook*<sup>151</sup>. Meses antes de ocorrer o show em Recife-PE, precisamente no dia 4 de março, nas redes sociais foi postado por uma página do *FaceBook* chamada *Total ódio contra White Metal*<sup>152</sup>, postou o cartaz deste evento afirmando:

- Infelizmente acho que verei cartaz de banda de sertanejo tocando com banda de Black Metal; olha o que eu encontro? Black Metal com Hardcore. Que pena!

Este evento estava voltado para justamente ao encontro de vários gêneros do Metal num só show, com maior peso dado a presença da banda Taurus, conceituada pela longa trajetória no HM. A banda estava comemorando 40 anos de estrada e estava tocando pelo Nordeste os clássicos produzidos por eles como a música “Massacre”. Mas alguns meses antes do evento ocorrer, Franco me chamou no WhatsApp e comentou comigo de uma postagem feita pela página – já referida, acusando as bandas de BM de se envolverem com banda de outros estilos, naquele momento pensava que tal ataque seria uma tentativa de boicotar o evento ou mesmo que os HBS extremistas fossem ao evento “tirar satisfação” – como era de costume ocorrer. Logo pensei que seria um evento com situações tensas. Quando fui observar o que estava acontecendo de fato na internet, havia um post com comentários que ditavam o que o Metal devia ser e não devia, um membro tentando mostrar ao outro que sabia mais. Cito alguns, a saber:

- Não ‘tá existindo originalidade nem no seu estilo de música (comentário:1).

- Há 15 anos, o problema era apenas White Metal; agora fazem isso até em conluio (comentário: 2).

E:

- Tem altas rádios de Black Metal pelo mundo afora que não dá espaço para o Death, Heavy Metal e muito menos ao Punk, Rock, já viu o ditado cada macaco no seu galho? (comentário:3).

Outro usuário do *FaceBook* comentou algo interessante para destacar:

---

<sup>151</sup> Para maior privacidade dos indivíduos não colocarei os prints dos posts (que foram postados publicamente) no intuito de preservar a imagem dos usuários das redes. Todas citações foram retiradas da internet (Face Book), e portanto, serão transcritas.

<sup>152</sup> Hoje, a página está desativada, devido ao número de denúncias, após o ocorrido.



Hail ao BM atropelando e passando por cima desses babacas que muitos com sua musicalidade tosca não conseguem nada, ao contrário de outras bandas que conseguem impressionar pela música e presença de palco, por favor vocês aprendam um pouco mais sobre a cultura e blasfemam a sociedade cristã, mas de modo justo não como pseudo satanista medíocre, (...) se quiser discutir comigo babaca vem no meu pessoal que a gente troca umas ideias, daí te ensino a curtir bandas do nosso cenário e posso até passar umas escalas musicais para ajudar você a entender um pouco da música negra, pra fazer uns riffs assustadores (Nosso arquivo).

Depois desse post, meses antes do show, alguns membros comentavam que em parte do que a página postava fazia sentido em querer que o foco do show fosse único e não misturado, abrindo assim apenas para o Metal extremo do BM. Em destaque a não mistura dos estilos, se trata de uma visão que ambiciona a retirada de impureza dos rituais, questão que também é comum de se ouvir no campo, até mesmo nas propostas dos shows, delimitando a um ou dois gêneros musicais para as apresentações (DOUGLAS, 1976).

Acredito que o produtor do evento tinha ciência de que tal coisa poderia acontecer sendo ele uma pessoa já iniciada e de experiência nesse meio social, mesmo assim esse tipo de restrição enunciada produziu um choque nele e em outros membros. Provavelmente, queria ele como produtor “tentar” agradar os diversos gostos musicais dentro do Metal, num único evento com esta estratégia. O produtor do evento tomando conhecimento do acontecido resolveu fazer um post também:

- Estou trabalhando seriamente pela união entre as tribos no Metal e me deparo com colocação imbecil como essa (se referindo à página), com orgulho estou realizando este evento.

A partir daqui seguiram alguns comentários no seu perfil, a saber:

- Deve ser um frustrado (comentário:1).
- Que babaca da porra, quando ver é só um poser, sabe nem o que significa o real ocultismo (comentário:2).

seguinte de um outro comentário mais longo:

Produtor, infelizmente isso vem acontecendo na maioria dos estados e tem gente que apoia, aí mesmo em Recife, Caruaru tem uma galera que acho que são até gente boa, mas que caíram na conversa de um cara desses daqui e que vive queimando e querendo ditar como Metal funciona!!! Infelizmente o metal underground nacional tem dessas coisas e para piorar inventaram as redes

sociais, isso facilitou pra os bangers (HBS), mas ferrou por conta desses ditos donos da verdade que não respeitam ninguém. (Nosso arquivo)

Após algum tempo, o produtor já não voltava a falar sobre os acontecimentos, uma forma de negar que foi impactado pelo conteúdo exposto aos demais membros. No dia 13 de março, a página referida retornou com os posts, desta vez, voltada para uma das bandas de BM que tocaria no evento, colocando:

Agora entendi porque a banda de BM toca com bandas de HC (hard core) e outros estilos. Voltamos ao passado não é Sr. X (dono da banda)? Com as mesmas polêmicas *Poser*, agora deixam de ser polêmicas para serem fatos, não é? (risos). Agora em tua banda toca um guitarrista novo, um WHITE METAL chamado Y que também toca na banda tal (de Metal gospel). Quem diria, não é? Agora pode dar as mãos à toda escória que já postei aqui, parabéns". (Nosso arquivo)

A página postou mais uma vez como maneira de diminuir a banda e aumentar o seu poder de influência na comunidade HM, forçando a situação com algumas imagens que afirmavam a participação do guitarrista cristão na banda de BM, quando não deveria ter espaço, na visão da página, para pessoas assim no Metal, especialmente no Metal extremo. Este post, produziu certo impacto, gerando mais de 130 curtidas e 40 compartilhamentos, até o momento que pude registrar. Apesar dos membros da banda serem marcados no post acusatório, não responderam ao julgamento do qual eram alvos, embora alguns fãs da banda tinham comentado na página, comentários de muitos se voltavam para a ideia que a banda era realmente um problema dentro de outro (pela performance ser considerada por eles clichê e pela passagem de membros cristãos na banda). Destaco alguns comentários de ambos os lados, de um lado, a saber:

- Lamentável, fiquei besta quando soube disso. Era fã da banda, agora não sou mais. Provas incontestáveis (comentário:1).

- Agora eu vou olhar as bandas que tocam com eles e ver quantas apoiam esses merdas e todos os outros que já mostrei a farsa aqui (comentário:2).

- Muito sem noção, uma desonra ao Black Metal (comentário:3).

- Sem novidades, essa bandinha fajuta não espero nada, próximo passo, tocar em um trio elétrico (comentário:4).

- Antigamente a máfia do Black Metal seguia por currículo seletivo de reais membros e ex- membros do BM, desta maneira não tinha essa onda de ex membro do Heavy Metal infiltrado (comentário:5).

- Até os caras das antigas agora estão apoiando essa escória, não vou mais pra show justamente por isso, NO FALSE METAL (comentário:6).

E por outro lado em defesa da banda:

- Agora o que a banda fez pelo Metal nacional ninguém ver, só o que querem ver, deixa de ser hipócrita fica aí queimando o Metal nacional e chupando os gringos (comentário:1).

- Então vocês não podem se envolver com o mundo do Heavy Metal, este mundo está cheio de cristãos infiltrados, queimem os vinis que contenham membros cristãos, parem de ouvir HM, se não a máscara de meia dúzia irá cair (comentário:2).

Deste modo, o conteúdo apresentado pela página afirmava a suspeita sobre a banda de que seria um problema para a comunidade, apresentando uma classificação tensa para se saber quem era autêntico no Metal. A referida acusadora apelou para os elementos que são frequentes no Metal como da religião cristã, atacando com que há de mais temível para os HBS, ser reconhecido nesse enquadramento como cristão, seguindo para uma coisa que tocou a banda, a participação de um cristão (WANDERLEY, 2008). Segundo os comentários, sabendo disso a posteriori a banda retirou o membro no intuito de que aquilo não fosse mais pra frente. Embora a página tivesse apresentado nomes e fotos ligados ao Metal gospel e o Metal Extremo, pude perceber que os membros iam colocando mais conteúdo e ampliando negativamente as situações pelas quais a banda havia passado. Essa prática dos membros do Metal não é apenas apresentada com intuito de informar, mas também no intuito que estas informações possam diferenciar as relações sociais entre eles e delimitar o campo (BOURDIEU, 2008).

No dia do show, havia um número considerável de pagantes que estavam quietos mais do que de costume assistindo apresentação da banda falada. Diante o que foi apresentado pelas redes sociais, revelou o impacto que teve nas interações, da banda com seus fãs nas redes sociais quanto no público que assistia à apresentação. Como efeitos dos discursos que nas redes sociais se fizeram, foi possível observar um receio por parte de alguns e outros que estiveram fora do ambiente do show, realizando assim, uma divisão, que no comportamento modelo esperava se entender, cujo intuito era cuidar uns dos outros, no entanto, operava mudanças no mecanismo de prestígio daquela situação (GOFFMAN, 1957).

Diante dessa situação, cabe citar um outro caso que Hermano destaca nas redes sociais, que ocorreria na mesma casa de show no mês de novembro de 2016, a pessoa influente nos shows locais, ignorando esse momento, ele afirmou na internet sua indiferença com relação aos comentários que estavam circulando acerca do evento em que tocava um dos maiores nomes do BM mundial. Soturnamente, usou da situação e se posicionou na internet, resultando num contraste entre os que falavam mal e esperavam uma opinião a favor do desmanche do evento por parte de um membro reconhecido pela banda e a história no DM/BM nacional como no caso de Hermano;

Há alguns dias atrás, vieram me perguntar se o famigerado “Kg de alimento” cobrado como parte do ingresso social para o show de BM (que não estou organizando) era pra fazer filantropia, eu disse que sim, que era pra ajudar a “associação dos roqueiros fracassados” que não tem sede fixa, ela é virtual, assim como os próprios roqueiros em questão, que apenas “surgem” do limbo do ostracismo para tecer críticas na tentativa de diminuir o trabalho dos outros e sentir bem com isso. (Nosso arquivo)

E assim, Hermano continuou a desferir agulhadas sobre o tema e de uma forma contundente, bem como acentuando os fatos que a maioria não costuma debater:

Talvez um pouco mais de feijão e arroz faça com que haja amadurecimento na hora de se fazer oposição a algo, pois inimigos são bem vindos, mas que sejam à altura, com argumentos virtuosos para que não haja um sentimento de mediocridade no ar, não se consegue evitar a pequenez frente ao universo, mas diante de certas pessoas e atitudes ou qualquer um consegue. Como é sabido por todos, tem gente que é predisposta a difamar os que trabalham no underground, isso não tem a ver com nenhum tipo de ativismo ideológico e sim com algum tipo de frustração pessoal representada na inquietação de ver alguém produzindo ou sendo reconhecido por isso, “leva e traz” fofocas e intrigas fazem parte. (Nosso arquivo)

E mais uma vez, Hermano sinalizou o assunto iniciado pela discussão dos acontecimentos referentes a aquele evento, especialmente, oposta a visão de Hermano, negando o cristianismo no Metal.

Cristianismo está na cabeça de quem vê, lembro também do festival intercult 2009, organizado pelo parceiro X e patrocinado pela lei Augustos dos Anjos que bancou todo evento e recebeu um público de 1000 pessoas, nesse caso a cobrança foi uma exigência do estado dentro do projeto. Ainda foi dada a opção de “1 kg de alimento ou 1 livro de literatura”, me pergunte quantos levaram livros dos 1000 que falei acima... prefiro não comentar. E o destino dos alimentos nesse caso, teve que ser declarado no projeto, foi para a sopa “sem carne” do Hare Krishna que era dada no fim da tarde na Praça da bandeira, onde qualquer pessoa podia pegar e geralmente era consumida pelo pessoal que saía do comércio, das construções, das fábricas, pelos estudantes, por moradores de rua, pelos coroas que ficam falando do passado na praça, enfim, era uma sopa de graça no fim do dia, sem reza, sem choro, sem melodia. Óbvio que você imaginar um show de Black Metal, onde a intenção é arrecadar algo

pra levar pra alguma instituição ideologicamente oposta é de uma hipocrisia ou porra-louquice absurda, essa perspectiva deve sim ser abolida, só que sem demagogia, existe uma infinidade de destino para a comida, tudo que falei acima deve ser ponderado e não deve se sair como oportunista usando esse argumento velho que “ingresso social é caridade cristã” para justificar um despeito natural existente de alguns invejosos. (Nosso arquivo)

Considerando os pontos acima pelo discurso de Hermano, algo que nem sempre está em consonância com que os demais discursam na comunidade. Os HBS quase sempre fazem uso desse artifício como forma de manter ou objetivo de não se contradizer na frente de amigos/colegas que também é sua audiência, pensem negativamente sobre ele, com o qual se espera que a audiência (re)aja de maneira respeitosa (GOFFMAN, 1956). Naquela situação, o post feito por ele tocou na tensão e os seus amigos se preocuparam com isso. Em consequência de seu status produzir certa reprodução de maneira rápida entre a comunidade local e não passar uma ideia contrária. Ademais, Hermano contou:

No fim de contas, quem ainda não concorda com esse tipo de cobrança pode pagar inteira, sem ressentimento, a produção do show agradece ou fique em casa por se negar a tal desonra, estou de total acordo também. Mas fofquinhas rasa já deu... pena que o feijão voltou a baixar, teria ótimas piadas pra soltar aqui em meios os argumentos. Enfim, não adianta tentar queimar o evento, uma das maiores lendas do Black Metal mundial vem ao nordeste, para proporcionar um verdadeiro culto às entidades antigas, vai ser uma noite lendária, o nordeste inteiro se fará presente! Minhas saudações aos que enfrentam essa empreitada, sem demagogia” nos vemos lá Headbangers, não esqueçam do Kg de alimento! Se esquecerem, vou estar vendendo feijão preto na porta por 20,00 reais! A maldição nunca acaba. (Nosso arquivo)

Hermano demonstrou entender o que os amigos colocavam para ele falar, tratando sobre a filantropia sem retirar a perspectiva que há sobre ela de cristã ao HBS, com a exigência de um Metal sem cristianismo, apresentando fatos históricos da comunidade na internet enunciando um saber que os demais “amigos” não possuíam sobre o Metal. Como Hermano e outros que apareceram aqui, demonstraram uma forma de apreciar o Metal diferenciada. Por isso, a variedade de comentários na primeira parte e a segunda evidencia que estes indivíduos usam da prática que o outro não possui indo até às especificidades dos eventos para se diferenciar, isto é, saber sobre o Metal angaria uma posição na relação com os demais – o que ocorre em algumas situações do enquadramento de um para com o outro como especialista nos temas.

Estas citações colocadas não são apenas para apresentar, mas para demonstrar como os membros operacionalizam o conteúdo prático. Se isso implicar ser superior ao colega/amigo, resulta numa relação de diferença entre eles, especificando a distinção

entre os que sabem e/ou que “não sabem”, “não conhecem” ou “não entendem”. Os que sabem, reconhecem-se um no outro e tecem elogios e apoiam os “iguais”, de mesmo status, aliás em momentos de pura classificação que permite aos membros incorporar a ideia de superior sobre o outro.

Parte daquele dia entre a audiência, acompanhei Hermano no show mais não pude presenciar a sua conversa com o produtor do evento, do palco ouvi vários elogios ao produtor pelas bandas, pela coragem de manter o evento que já é tradicional para os membros, porém quando estive na fila, alguns HBS estavam comentando qual seria a melhor resposta que estavam naquele momento para toda as acusações. Pelo que pude conversar com o produtor, ele estava pensando mais na imagem do evento do que falar sobre o ocorrido, o que é também uma forma de responder.

Em vários momentos, a classificação se evidenciou nessa trajetória de pesquisa, impulsionada pela audiência seja na internet ou nos shows (SANTOS, 2019). É por isso que os HBS incorporam constantemente maneiras/artifícios para tentar superar o outro ou ofuscá-lo pelas suas práticas. Assim, foi nos shows de HM que essas classificações ocorriam entre os membros da comunidade de maneira manifesta – inclusive nesse dia eu tive de debater com um estudante de filosofia as implicações de Schopenhauer e Nietzsche no pensamento alemão, bem como os diferentes estereótipos voltados aos HBS do senso comum.

A classificação dos membros se mantivera no percurso de volta para casa, no ônibus ouvia o pessoal do fundo comentar o caminho todo destacar os melhores momentos, as melhores performances que não se resumiram apenas ao do evento mais de outros também; alguns dizendo como serão os próximos shows; o que vai fazer; outros questionando se vai ter excursão e quem organizará, bem como se alguém tinha vaga nos carros para ceder uma carona para ir junto aos shows.

Findando aquela jornada de oito horas de viagem, os membros presentes destacavam uma competição e uma irmandade como possíveis de coexistirem no Metal. Nos dias que sucederam ao evento e a publicação na rede social, Hermano retornou a postar e ser marcado em fotos do show, sem voltar a tocar no tema e considerar o show ocorrido um dia épico ao Metal pelo fato de ter prestigiado uma banda como do nível da Absu tornava-se memorável.

No HM, a prática é sinônimo de diferenciação, que pode ser travestida de poder e força a sua instituição baliza as relações e tenta operar para manter ou retirar os indivíduos do ritual, implicando notadamente na formação deles nessas práticas de representação e

tensão desse campo social (KAHN-HARRIS, 2007). Para muitos membros, esta prática é um princípio pelo qual o indivíduo pode construir-se na comunidade, no entanto, é um processo também que aparece atrelado à uma prática de superioridade na construção da imagem perante os demais. Assim, como Hermano citou acima, o show como um “verdadeiro culto” em que os verdadeiros estavam presentes e os falsos “demagogos” não se fizeram atuantes.

Entretanto, na perspectiva interacionista de Goffman (1988) sobre a formação das identidades, a classificação é uma prática que está sujeita aos interesses dos indivíduos no campo – embora se contradigam os seus ideais. Como demonstrei, os posts apresentam rastros do poder simbólico, como ocorre na sociedade, todos em alguma medida fazem do seu mundo objeto de conhecimento para aqueles que fazem parte do seu meio, sobretudo, compreendem este pela posição que ocupa ou que deseja ocupar em algum momento. Entretanto, não posso deixar de reconhecer que estas práticas no HM, constituem princípios de disputas pelo campo e pelo poder simbólico que emana dele ou mesmo pela imposição de princípios, regras e normas de pertencimento e reconhecimento. Como também não posso ignorar que estas práticas são políticas e que mudam mediante as representações que fazem dessa realidade, dependendo da posição social do indivíduo no mundo, no qual muitas vezes usam para reproduzir na comunidade (BOURDIEU, 1989).

Se o HM, tem a classificação operada nos rituais de forma vivenciada e experienciada como sentido de diferença de status, os membros recorrem assim a uma maneira de que o seu porte identitário agregue prestígio, através dos comentários que fazem dele ser reconhecido e diferente dos demais. Esta dinâmica que se identifica nos discursos e práticas dos membros do Metal, coloca em pauta os valores e imagens dos indivíduos, especialmente neste caso, estão no cerne do processo elaborado a masculinidade, garantir e experienciar os seus valores, de maneira que tudo esteja enquadrado e sobre o domínio da classificação que se responsabiliza em pôr ordem e pela diferença nas ocasiões de status rituais.

## CONCLUSÃO

Os Headbangers são conhecidos na sociedade abrangente pela estética marcante das roupas pretas e certo teor político que sua prática projeta de subversivo no comportamento dos músicos e audiências apresentados quando estão reunidos nos shows. Sendo esta característica que produz apreço sobre os seus membros nos momentos dos eventos, quando mantidas na prática, bem como aspecto fecundo no Metal, destacada ao longo desta e outras pesquisas. Embora, diferente de algumas pesquisas, creio que pouco tenha se prestado atenção as classificações de pertencimento<sup>153</sup> no Metal e sobre como os atores desse meio classificam seus mundos, como realizei nessa pesquisa, procurando esmiuçar os processos de formação e contribuir desvelando os arranjos que ocorrem nas interações desse campo social.

No primeiro capítulo, partindo da pesquisa de Coelho (2014) sobre a educação no Metal, aprofundi as regras/normas e desse modo apresentei que sua prática educativa perpassa um processo de inculcação, incorporação e exteriorização como aspecto fundamental para se instituir um porte em termos goffmianos, um Headbanger. É através da experiência sensível que Coelho chama atenção, no qual reconhece que reside a regra e prática educativa, inculcados pelos Headbangers enquanto aspecto relevante para sua formação, por meio de revistas e mídias digitais que o processo de aprendizagem e compartilhamento de práticas se tornam rotinizados socialmente entre eles. Além disso, algumas propriedades interessantes que permeiam as práticas como o engajamento/envolvimento, são pontos pelos quais guiam os membros da comunidade a processar imagens autênticas e inapropriadas, elaboradas nos discursos coletivos que afetam os valores sociais dos membros, por exemplo, a fofoca e o olhar envenenado.

Estas ações sociais classificadoras estão ligadas a um processo de prática da ordem ritual nos shows. Pode-se afirmar algumas características praticadas pelos Headbangers, a saber: ordem regida pelas regras; coerência estética; política de controle e de porte identitário; valor atribuído à função e posição social desempenhada na comunidade. Ou seja, a eficácia da prática se revela não somente pelo discurso, mas bem como pelo sentido instituído no curso da ação com os outros.

No que se refere às práticas sociais dos atores e a produção desses sentidos é algo que foi institucionalizado enquanto próprio do espaço social do HB, observado nesse

---

<sup>153</sup> Reconheço este mecanismo social operado pelos Headbangers a bastante tempo na comunidade e desse modo atento na dissertação sobre este aspecto como uma prática regular e que se evidencia por diversas formas nos elementos a saber: estéticos, religiosos, políticos e sociais da comunidade Metal.



local de pesquisa particular. O papel do HB é definir os horizontes em que a sua identidade permeia de modo que isso seja algo externalizado e compartilhado, prática que se faz a partir e em referência ao outro, de modo reconhecível. Esta disposição do ritual observada na prática do HB como demonstrei na primeira parte desse trabalho, incute ao membro uma imagem que é conhecida por todos, isto é, em termos goffmianos têm uma identidade virtual e real, carregada de significados e símbolos (GOFFMAN, 1988). Assim, esta pesquisa indicou que a identidade que se debruça sobre os membros do HM se faz na prática, na qual o indivíduo tenta assegurar sua identidade enquanto distinta por demonstrar aos demais o quanto ele está comprometido com o Heavy Metal, isto é, o HB porta-se como tal ao modo que pratica o seu exercício, pois se refere às disposições e percepções dele e dos outros acerca do seu lugar na prática da comunidade.

A prática dos HBS é mais que parte do entretenimento situacional como ocorre nos shows, ela classifica as relações, gerando tensões e pretensões, no relacionamento com os demais do Metal – produzindo choque na ideia de “irmandade” em determinados contextos sociais. O ponto central que observei da classificação é colocar o HB em constante sintonia com as práticas apreendidas, inculcadas em si e também em outros membros nas ocasiões de sociabilidade. Os indivíduos ordenam suas ações na interação face a face, avaliando e demandando um dos outros “postura” – assim, se faz importante a fachada para manter e evitar discrepância de sua identidade. Nesse sentido interacional, o ritual demonstra a fecundidade de que algumas formas rituais impelem a ordem, nas formas de ser HB e portar-se de modo equilibrado no ritual.

Pois as ações dos membros são essenciais as competições de caráter do pertencimento a comunidade, que partilha o ideal de comportamento modelo do que se refere à identidade, sobretudo, mantendo discurso e prática em consonância para realizar a classificação. A tensão produzida para assegurar tais ideais são substratos estratégicos das disputas pela representação, cujo foco direciona como a identidade deve ser desempenhada, por exemplo, afirmando quais são os verdadeiros shows de Metal e se preciso exercendo práticas “tendenciosas” que levam os participantes a boicotarem e falarem mal dos músicos em determinadas ocasiões como apresentei na segunda parte dessa pesquisa, ao passo que isso demanda deles total envolvimento para realizar as performances em palco, participar de circuitos e trocar convites.

A característica da classificação foi algo que dediquei atenção no percurso de pesquisa e que pretendo continuar mapeando nas diferentes comunidades no Brasil e em outros países numa outra oportunidade. Pois ao olhar para este fenômeno social, a partir

do ritual procurei focar a análise sobre as classificações de pertencimento e disputas na comunidade, até então pouco investigado por outros pesquisadores. Wanderley (2008) escreveu uma monografia analisando as tensões, focando nos conflitos entre as identidades e o trabalho de Santos (2014) no qual a autora analisa a mesma ideia sobre os atores desse campo cuja as práticas geram controvérsias identitárias como a de posar e truer, ambos autores chegam à conclusão que tais práticas são essenciais para integrar quanto desintegrar os atores, assim as relações sociais dessa comunidade indicam uma conservação da ordem das coisas, especialmente o teor político-subversivo.

A observação dos rituais no HM se instituiu uma forma pela qual se pode refletir que antropologia também pensa na estrutura (TURNER, 1974). Mas é sobretudo na interação face a face, no empírico do campo, que estas visões de mundo convergem e produzem ou são frutos de práticas regulares da classificação dessa organização social. Nesse sentido, quando trato da geração e gênero, podem ser compreendidos como parte da dimensão em que o masculino aparece disputando a representação; na forma como eles compreendem as mulheres no campo; a importância aos elementos simbólicos e defronte os inferiores numa visão que se traduz numa classificação social que posiciona os indivíduos em escalas assimétricas. Segundo Bourdieu (2008), é justamente as representações que fazem acontecer a realidade, por sua eficácia de evocação, o que elas representam e o engajamento subjetivo ao demonstrar apreço a representação, ao mesmo tempo que apreende o que está instituído (num dado momento) e as representações (enunciados que fazem acontecer) e, portanto, “de compreender e prever as potencialidades nelas contidas que oferecem objetivamente às diferentes pretensões subjetivas” (BOURDIEU, 2008, p.112). É no processo e disposições das práticas inculcadas dos indivíduos nos momentos de sociabilidade que estes dão formas às relações e práticas que constituem o seu mundo.

As disposições dos HBS são inculcadas mediante a rotinização da prática na comunidade, processada por regras que são muitas vezes explícitas e implícitas, cuja função é de integrar ou desintegrar os indivíduos da interação ritual. A inculcação de tais práticas se dá ao longo do tempo nos indivíduos, estes não podem apresentar algo aos demais que não possuem e devem elaborar a trajetória no campo diante aquilo que se aprende com os outros nas interações. Após, o indivíduo incorporar os ensinamentos partilhados, este membro passa a instituir a lógica de suas interações nas disputas. O ato de brincar com aquilo que é sério (por exemplo: a imagem do outro), consiste numa prática reveladora da masculinidade nesse processo encontrado no Metal, em que os

indivíduos concebem essa enquanto uma espécie de atuação “dramatúrgica” da vida social (GOFFMAN, 1956).

O apreço a regra social instituída indica o papel importante que a mesma tem na formação e atuação dos indivíduos, o exercício desse mecanismo fornece informações essenciais sobre as formas de comportamento social na comunidade. Sendo este um sistema social de pesos e contrapesos através do qual os indivíduos tendem a manter a identidade de forma equilibrada. Quando ocorre a interação entre eles, esse sistema prático, dá vitalidade ao jogo da identidade em função de orientar e organizar o comportamento dos membros. Essas práticas incutidas operam de maneira alienada na interação social, pelo caráter rotinizado o que faz os membros quase sempre levar na “brincadeira” ou “esportiva”, eis aqui, uma ação intencional ou inconscientemente dessa maneira, sobretudo, devido a “tradição do seu grupo ou posição social” que demanda do indivíduo tal ação (GOFFMAN, 1956, p. 15).

No entanto, também existem as práticas que são para deteriorar a imagem do membro, quando estas estão imbuídas de artimanhas, desse modo a sua existência na comunidade imprime importância às interações, são elas compreensões “nativas” do campo. Em suma, as classificações dos indivíduos são partes fundantes das estratégias e arranjos sociais, estas instituem na prática, um “poder simbólico de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnosiológica: o sentido imediato do mundo”, que faz parte dos campos sociais (BOURDIEU, 1989, p. 9).

Ressalto que parte do que alcancei nesta pesquisa metodologicamente se dá por ser um membro da comunidade e isso me permitiu compreender de perto e experimentar as práticas que se processam na sua realidade (BERG; LUCKMAN, 2001). Em todo processo de interação com membros desse campo, haviam longas descrições dos mais diversos tipos sobre o que confere ao Metal, ou seja, cada vez mais os membros se tornam especialistas no assunto de forma crítica, pois complexificam as dimensões da prática e ampliam para aqueles que desejam seguir o caminho identitário. Desta maneira, creio que minha formação no HM e a experiência possibilitaram compreender as dinâmicas e as lógicas das interações operadas nos rituais, foi significativo viver e construir relações, bem como envolver-se por completo (como músico e audiência) para entender os símbolos desse campo.

Quando estive participando da comunidade, encontrei tanto contraste de prestígio e status social no ritual, quanto de laços e tensões sociais que fazem parte desse mundo. Os contrastes entre os membros do HM, se baliza no status que perpassa os palcos à

plateia, diferenciando pela formação de porte e domínio sobre variados aspectos culturais da comunidade. Como busquei demonstrar na terceira parte desta pesquisa em que a audiência busca se diferenciar, demonstrando possuir uma relevância própria e honra aos fiéis, ao passo que estrategicamente mostra a superioridade sobre os que não são merecedores, de modo a instituir coações as interações a prática da identidade – quanto ao ofício musical cuja ação possibilita retorno aos palcos e possíveis trocas de convites.

Os laços sociais dos HBS e tensões geradas por práticas consideradas “inapropriadas” nesse espaço social das performances do HM são modeladas na reciprocidade (MORAES, 2014). Por um lado, esta relação social ocorre através dos convites para tocar nos shows, cujo caráter (des)interessado e (in)voluntário das trocas cria laços de dependência entre os músicos, fazendo com que as bandas transitem e participem do que eles chamam de “circuitos”, recebendo cachê e outras formas de pagamento pelas apresentações em palco. Parte disso é realizado por bandas que produzem shows umas para as outras, tendo em vista que esta prática impele a retribuição. Porém, por outro lado, os laços têm outra dimensão, deixar fora algumas bandas que não são compreendidas como “apropriadas”, gerando tensões a reciprocidade (MAUSS, 1924). Estas disputas na comunidade, geralmente, são acionadas por meio do mecanismo do boicote, fofoca e olhares envenenados para prejudicar os músicos/bandas “queimando” a sua imagem e retirando a chance do outro de se apresentar em palco.

Os shows de Heavy Metal são espaços de sociabilidade em que estes fenômenos ocorrem, envolvendo aqui uma série de tensões e pretensões sociais. Quando uma banda se apresenta em palco, para além da performance, estão em jogo o prestígio e status, após a apresentação de todas as bandas envolvidas nos shows, são analisadas e avaliadas, a audiência e músicos marcam pontos “positivos” e “negativos” acerca das performances em palco como indiquei no terceiro capítulo, no qual me volto a audiência. Dessa forma, as interações rituais dos shows observada, a partir do público indica que as classificações é uma prática de reconhecimento conectada a masculinidade que disputa o campo.

De acordo com Goffman (2011) as pessoas creem que seja importante se engajar nas práticas sociais para ter uma vida honrada, embora sejam conduzidas as fantasias morais que ordenam a dinâmica do caráter, e aqui masculino, de superioridade tradicionalmente desimpedida, a mostrar o ímpeto de sua força e coragem em nome de sua reputação (aspecto enfatizado nas formas de tratamento cordial ou indiferente, performances de guerreiros, canções heroicas) – algo que não observei as mulheres realizarem (BOURDIEU, 2007, 2004; PERISTIANY, 1971). Nesse sentido, o HB busca

instituir sua imagem num jogo ritual de competição de caráter, cuja ação auto orientada de maneira ritualizada da moral. Assim, a forma de expressão do indivíduo nesse campo aparece atrelada a audiência, pois é a partir daí que ele consegue processar o status, a posição e ser prestigiado pelos “iguais”. Este espaço de prestígio social para comunidade revela também que as diferenças são reproduzidas ritualisticamente no Heavy Metal, destaco que algumas vezes observei os discursos de alguns produtores excluindo algumas bandas locais para exaltar bandas já consagradas na estrada – discursos também dos Headbangers especialistas como delegados do Metal.

A vivência nesse meio social ao longo do tempo, me permitiu perceber que a disputa desse jogo de caráter é processada mediante a masculinidade e brincando com a imagem do outro, sendo está uma característica de atributos sociais aprovados pelos homens. O que se observa sobre a imagem do HB, perpassa o entendimento que estas ações não são exclusivas aos músicos, mas também reproduzidas pela audiência nos momentos de sociabilidade. Portanto, esta pesquisa de mestrado me direcionou a investigar o fenômeno social do Heavy Metal por meio da interação ritual. confere-se a interação de princípios tomados enquanto práticos, no que trata e engloba valores éticos e morais inculcados, acordados socialmente para que o indivíduo se porte enquanto merecedor dessa identidade social.

## REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ADORNO, Theodor. e HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

BATAILLE, G. (1991). **The history of eroticism: The accursed share volumes II & III**. (R. Hurley, Trans.). New York, NY: Zone Books.

\_\_\_\_\_. **A Parte Maldita**. Precedida Da Noção De Despesa. Série Logoteca. edited by Jorge Salomão Rio de Janeiro: Imago, 1975. 1967, La part Maudite

BERREMAN, Gerard D. (1975) “**Etnografia e controle de impressões em uma aldeia do Himalaia**”. Desvendando Máscaras Sociais (GUIMARÃES, Alba Zaluar, org.) Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora S.A.

BERREMAN, G. (1972). **Social Categories and Social Interaction in Urban India**. American Anthropologist, 74( 3), new series, 567-586.

BECKER, Howard S. (1982). **Art Worlds**. CA: University of California Press.

\_\_\_\_\_. (1963). **Outsiders. Estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar. 232pp 2008

BERGER, P. LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento** (5th ed.). Petrópolis: Vozes. 2001 [1983].

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**, São Paulo: Brasiliense, 2004.

\_\_\_\_\_. **A economia das trocas linguísticas: O que Falar Quer Dizer**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

\_\_\_\_\_. **Le sens pratique**. Paris: Ed. de Minuit, 1980.

\_\_\_\_\_. **Meditações pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

\_\_\_\_\_. **Sociologia**. organizador [da coletânea] Renata Ortiz; [tradução de Paula Montero e Alicia Auzmendi], - São Paulo: Ática, 1983.

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico**; tradução: Fernando Tomaz. Rio de Janeiro; Editora Bertrand Brasil. S. A. 1989.

\_\_\_\_\_. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papiрус, 1996.

\_\_\_\_\_. **A dominação masculina**. Ed. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro. 1999

\_\_\_\_\_. **O sentimento de honra na sociedade Cabília**. In: PERISTIANY, J. G. Honra e Vergonha: valores das sociedades mediterrânicas. 1 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1971, p. 269

CAILLE, Alain. **Nem Holismo Nem Individualismo Metodológicos: Marcel Mauss e o paradigma da dádiva**. Revista Brasileira de Ciências Sociais 13, no. 38 (1998): 5-38.

COELHO, Patrícia Rodarte Silva Gomes. **Batendo cabeças: educação estética e política tecidas a partir do Heavy Metal**. Dissertação (mestrado) –Universidade do Estado de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Educação. 2014

CHRISTE, Ian. **Heavy Metal: A história completa**. São Paulo: Ed. ARX/ Saraiva, 2010.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo: ensaio sobre as noções de poluição e tabu**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

\_\_\_\_\_. **Como as Instituições Pensam**. São Paulo: Editora da USP, (1998) 2007.

DUBAR, Renée. “**La méthode de Marcel Mauss**”, In Revue Française de Sociologie, vol. X, 1969, pp. 515-521.

FREHSE, Fraya. **Erving Goffman, sociólogo do espaço**. Revista brasileira de Ciências Sociais. VOL. 23 N. 68, 2008

GODBOUT, Jacques T. **El espíritu del don**. traducción de Eliane Cazenave-Tapie. siglo xxi editores, s.a. de c.v. 1997

GOFFMAN, Erving. **Embarrassment and social organization**. The American Journal of Sociology, 62 (3) (Nov.): 264–271. 1956

\_\_\_\_\_. **Alienation from interaction**. Human Relations, 10 (1): 47–59. 1957

\_\_\_\_\_. **The interaction order**. American Sociological Review, 48 (1): 1–17. 1983

\_\_\_\_\_. **A representação do Eu na vida cotidiana**. Petrópolis, Vozes, 1956.

\_\_\_\_\_. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. SP; LTC, 1988.

\_\_\_\_\_. **Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise**. Petrópolis, Vozes, 720 p, 2012.

\_\_\_\_\_. **Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face**. Tradução Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis: Vozes, 2011. 255

GLUCKMAN, Max. **Rituais de rebelião no sudeste da África**. Traduzido: Italo Moriconi Júnior do original: "Rituals of Rebellion in South-East Africa", in: Gluckman, Max. Order and Rebellion in Tribal Africa, Cohen & West, London, 1963 re-impressão de 1971. Brasília. Editora: UnB 2011.



KAHN-HARRIS, Keith. **Extreme Metal: Music and Culture on the Edge**. Oxford: Berg Publishers, 2007

KITTERINGHAM, S. (2014). **“Extreme Conditions Demand Extreme Responses: The Treatment of Women in Black Metal, Death Metal, Doom Metal and Grindcore”** Master’s Thesis, University of Calgary.

LOPES, Pedro Alvim L. **Heavy Metal no Rio de Janeiro e Dessacralização de símbolos religiosos: a música do demônio na cidade de São Sebastião das Terras de Vera Cruz**. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

MALINOWSKI, Bronislaw. (1998 [1922]), **"Argonautas do Pacífico Ocidental"**. *Os Pensadores*, São Paulo, Abril Cultural.

MORAES, Lucas Lopes de. **“Hordas do Metal Negro”: Guerra e Aliança na Cena Black Metal Paulista**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Pós-graduação do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Brasil, 2014

MAUSS, Marcel. **“Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas”**. In *Sociologia e Antropologia*, Vol. 2. São Paulo, EPU/EDUSP, 1974 [1924].

OLSON, Benjamin Hedge. (2008) **I am the black wizards: Multiplicity, Mysticism and Identity in the Black Metal Music and Culture**. USA: Bowling Green State University.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **“Introdução a Uma Leitura De Mauss.”** In Mauss edited by Roberto Cardoso de Oliveira. Coleção Grandes Cientistas Sociais, 7-48. Rio de Janeiro: Editora Ática, 1977.

PERISTIANY, J. G. **Honra e Vergonha: valores das sociedades mediterrânicas**. 1 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1971, p. 269

PACHECO, Leonardo Turchi. **Som de Macho: identidade, alteridade e masculinidade entre os Headbangers?** In: 3º Encontro Norte-Mineiro de Cientistas Sociais, 2006, Montes Claros. 3º Encontro Norte-Mineiro de Cientistas Sociais, 2006.

RIBEIRO, Hugo L. **Da Fúria à Melancolia: a dinâmica das identidades na cena rock underground de Aracaju.** São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2010

SABOURIN, Eric. **Marcel Mauss: da dádiva à questão da reciprocidade.** Revista brasileira de ciências sociais - vol. 23 nº. 66. 2008

SEGALEN, Martine. **Ritos e rituais contemporâneos;** tradução Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

SANTOS, Carlos Arthur da Silva. **Underground Heavy Metal em Campina Grande 1985-1995.** trabalho de conclusão de curso (Graduação em História) - universidade estadual da Paraíba, centro de educação, Campina Grande, Paraíba, Brasil. 2016

SANTOS, M, M. **Como se faz um Headbanger? entre conversas e narrativas dos jovens Headbangers em Campina Grande.** (Monografia) - Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Campina Grande, 2018

\_\_\_\_\_. **Tensões e pretensões: performance e ritual entre Headbangers Campinenses-PB.** In: XIII Reunião de Antropologia do Mercosul, Porto Alegre. 2019

SANTOS, M. M.. **Identidade Headbanger: Tensão e (des)harmonia no Heavy Metal (Campina Grande-PB).** In: VIANA, M. M. C; SANTOS, N. S. A. (Org.); Michelle Bahury (Org.). No percurso discursivo: política, identidade e literatura (coleção CONIFID). 1ed.São Luis: EDUFMA, 2021, v. 1, p. 170-187.

SENA, R. S. **Da transgressão ao conservadorismo: a escalada da extrema direita na cena Metal.** 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pós-Graduação em Ciências Sociais, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, Brasil, 2019.

SANTOS, Taís Vidal dos. **O true contra o poser: um estudo das condições e contradições de ser e fazer metal underground na cidade do Salvador**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2013.

SILVA, I. M. de O. C. da. **Guitarras sob o sol nordestino: estilos de vida de jovens roqueiros cearenses**. 2018. 145. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, Brasil, 2018.

SILVA, Wlisses James de Farias. **Heavy Metal no Brasil: Os incômodos perdedores (década de 1980)**. Tese de Doutorado em (História Social) da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo do Programa de Pós-Graduação em História. 2014

TAUSSIG, M. **O diabo e o fetichismo da mercadoria na América do Sul**. São Paulo: ED. UNESP, 2010.

TURNER. V. **O processo ritual: estrutura e anti-estrutura**. Petrópolis: vozes, 1974.

\_\_\_\_\_. (1967). **Floresta de símbolo: aspectos do ritual Ndembu**. Niterói: EDUFF, 2005

\_\_\_\_\_. **Drama, campos e metáforas**. Niterói: EdUFF. 2008.

\_\_\_\_\_. **The anthropology of experience**. Urbana/Chicago: University of Illinois Press.1986

\_\_\_\_\_. **Symbolic studies**. Annual Review of Anthropology, 4, p. 145-161. 1975

VAN GENNEP, Arnold. (1909). **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes. 1977

WANDERLEY, M. Vale Dourado. **A Cena Metal Aracajuana: Identidade e conflitos entre grupos antagônicos.** 2008

WEINSTEIN, Deena. **The empowering masculinity of British Heavy Metal.** In: BAYER, Gerd (ed.) *Heavy Metal Music in Britain.* Farnham (ING): Ashgate, 2009. p, 201.

\_\_\_\_\_. **Heavy Metal: the music and its culture.** Da Capo Pres. 2000. p, 368.

WIEDERHORN, J. KATHERINE, T. **Barulho infernal: a história definitiva do Heavy Metal.** Tradução: Denise Chinem. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2015.

### **Sites consultados**

<https://www.lemonde.fr/incendie-de-notre-dame/>

<http://tembandanova.blogspot.com/2012/03/nao-paguem-para-tocar.html>

<https://impactametalfestival.com.br/nervosa-banda>

<http://www.metalmedia.com.br/nervochoas/>

<https://whiplash.net/materias/opinioes/152958-metalopenair.html>

<https://whiplash.net/materias/cds/198048-shock.html>

<https://www.lettras.mus.br/taurus/692882/>

<https://sites.google.com/site/ongnovaconsciencia/>

<https://www.facebook.com/festivalabrilprorock/>

<https://www.lettras.mus.br/manowar/91963/traducao.html>

<https://www.lettras.mus.br/besatt/255747/>

<https://www.belphegor.at>

<https://www.sinisterofficial>

<https://www.manowar.com>

### **Documentários e vídeos**

CLINGER, Carlos. **O mal que nos faz.** 2015.

<https://www.youtube.com/watch?v=yz6azD7loJY>

\_\_\_\_\_. **Mini-documentário: Ruídos no sertão.** 2015.  
<https://www.youtube.com/watch?v=s7t805do5AA>

\_\_\_\_\_. **DEBATE: Religião, Política e Atitude no Metal.** 2017.  
<https://www.youtube.com/watch?v=e8gVgRZrO0E>

\_\_\_\_\_. **Metal é só pra homem?.** 2016.  
<https://www.youtube.com/watch?v=aaLZcMxwZRc>

\_\_\_\_\_. **Pontos Fortes, Fracos, Oportunidades e Ameaças do Metal Nacional.** 2017. <https://www.youtube.com/watch?v=fZvWrUIp7-g>

FONSECA, Gracielle. **Mulheres no Metal.** 2013.  
[https://www.youtube.com/watch?v=VuJ433UNz\\_8](https://www.youtube.com/watch?v=VuJ433UNz_8)

Shock: **Cabelos Compridos.** 1989. <https://www.youtube.com/watch?v=8rF2-REmLo>

## GLOSSÁRIO

**Nota de apresentação:** a proposta de apresentação das categorias se torna importantes para permitir aos leitores que não conhecem o gênero/estilo de vida do Metal compreenderem melhor esse mundo social. Torna-se importante também ressaltar que as categorias aqui apresentadas fizeram parte do meu percurso de escrita e do campo, portanto, adianto que não haverá categorias outras, apenas as que vivenciei e experimentei em campo.

\*

**Black Metal (BM)** – caracterizado pela sonoridade que descende de outros estilos, a saber: *Thrash/Death Metal*, em letra ou som. Conhecido também pela proposta satânica, velada num cerimonial ao ocultismo e paganismo. O Black Metal preza por um radicalismo e pelo choque estético com o *corpse paint* – pintura em preto e branco no rosto, pintura inscrita no corpo do músico que pode ter significados diferentes, no entanto, se configura numa noção geralmente de mortificação do eu. Geralmente, a audiência que participa dos seus shows é composta por membros já iniciados. Em sua música é comum encontrar: doses de *blast beat* (técnica para tocar rápido a bateria) e vocais guturais agudos. Bandas nessa vertente: Bathory, Mayhem, Emperor, Behemoth, Sarcófago e Darkthrone.

**Circle pit ou rodinhas** – ação que ocorre quando as canções estão no clímax, levando aos membros correrem em forma de círculo, no qual os indivíduos correm se esbarrando um no outro. Geralmente essa ação é compreendida como violenta, porém os circles pits são formados várias regras e uma delas é a não violência.

**Death Metal (DM)** – caracterizado pela sonoridade advinda do *Thrash*, com guitarras de tonalidade pesada, tocadas geralmente em Mi (o que faz o som soar pesado). Leva a ter canções rápidas, com riffs repetitivos que contemplam a velocidade e a brutalidade da sonoridade produzida também pelo gutural. Estilo apreciado pelos mais antigos e iniciados, com temas: Morte, guerra, destruição e satanismo. Bandas nessa vertente: Morbid Angel, Death e Entombed.

**Doom Metal (DM)** – caracterizado pela sonoridade fúnebre e nostálgico junto com técnicas que lembram o Black Metal. Geralmente o seu público são transeuntes dos estilos anteriormente citados. A temática remete: Tristeza, sentimentos depressivos, solidão e misantropia. Bandas caracterizadas nesse gênero: Candlemass, Alcest, Pentagram e My Dying Bride.

**Fanzine** – refere-se a revista produzida por fãs ou membros locais. Portanto, produzida com baixo custo de investimento, geralmente impresso em preto e branco, com entrevistas de bandas, resenhas de CDs e DVDs. Esta revista também é uma forma de registro dos shows locais, de eventos que tem certa relevância para os membros da comunidade. Assim, os Fanzines são utilizados para registrar acontecimentos que marcaram como passagem de bandas internacionais ou grandes eventos realizados.

**Headbanger** – categoria nativa para “batedor de cabeça”, termo que se refere ao balançar da cabeça, bem como sinaliza o pertencimento do indivíduo a comunidade. Para conseguir se perceber enquanto tal, é necessário que o indivíduo esteja disposto a se engajar e participar da identidade de forma completa, incorporando no corpo e na mente as práticas identitárias. Por exemplo: uso de jaquetas, calças jeans, camisas de bandas, possuir cabelo longo ou não, tocar algum instrumento, ser crítico e “especialista” em Metal, dominando os conteúdos e tendências de seu mundo.

**Heavy Metal (HM)** – caracterizado pela sonoridade marcante de riffs cadenciados. Pode-se citar algumas bandas nesse estilo: *Deep Purple, Black Sabbath Saxon, Manowar, Iron Maiden* e *Accept* e *Judas Priest*. Os temas mais recorrentes são: fantasia, tradição, guerra, glória e aventura. O estilo Heavy Metal por ser pioneiro no gênero é tido como respeitado pelos membros pelo fato de ter criado o que conhecem hoje por Metal.

**Mafiador** – categoria do grupo para o indivíduo que possui habilidade/conhecimento musical, o que permite a ele avaliar os membros nos shows. Geralmente é aquele indivíduo que vai ao show no intuito de analisar as apresentações, cujo foco é falar dos pontos positivos e negativos do outro, bem como dizer o que está correto ou errado na execução das apresentações, através de uma avaliação, por exemplo: “qual estrutura musical (campo harmônico) um musicista emprega em suas músicas”, fato utilizado pelo indivíduo para autoemular seu conhecimento musical.

**Mainstream (MS)** – categoria do grupo para mídia convencional. Nesta as bandas são custeadas por grandes eventos e detêm grande relevância na mídia que as divulga em grande escala. Este espaço midiático, é um ambiente sonhado por aqueles que participam dos shows locais, pois muitos indivíduos revelam o sonho de viver da música e realizar apresentações para grande público.

**Metal Core** – caracterizado pela sonoridade que permeia o *Hard Core* e o Thrash Metal com batidas a modo *break down* – passagens pesadas e marcadas em paradas repentinas durante a canção -, com vocais caracterizados pela transição do “limpo” (sem gutural) permeado por tonalidade melódica para o gutural, técnica empregada na mudança de voz, produzindo som grave ou rasgado. A audiência que mais aprecia este gênero é composta por adolescentes que conheceram a música em filmes, feiras de animes/jogos. Os temas são: motivação, amor e corrupção. Bandas nessa vertente: Bullet for my valentine, Atreyu, Trivium e All that remains.

**Metal Extremo** – categoria do grupo para os gêneros mais radicais do Metal, a saber: Black e Death Metal, com sonoridade mais agressivas, tensas e frenéticas. Quando se fala de Metal extremo, também costuma-se associar este termo ao radicalismo.

**Nu Metal/ new Metal** – caracterizado pela sonoridade “simples” diante os aspectos que circula os demais estilos. *Nu metal* ou *new metal*, é um estilo frequente nas mídias sociais e adolescentes, porém não possui prestígio local, porque se caracteriza como um estilo que destoa as ideias do local – anti modinha. Suas letras envolvem: amor, curtição e conflito social. Bandas nessa vertente: Linkin Park, Slipknot e System of Down.

**Porra-louca** – categoria do grupo, o Porra-louca se comporta de forma demasiada, diferente do truer, seguindo o curso da vida sem nenhuma preocupação, apenas objetiva aproveitar sem olhar aquém os shows. É justamente esse fato que coloca este indivíduo como *outsider* da comunidade, pois não segue regras e causando desconforto naqueles que julgam como importante as práticas comunais.

**Power Metal (PM)** – caracterizado pela sonoridade marcante do Heavy Metal, com riff retos e a solos de guitarra bem elaborados, seguido por uma bateria rica em arranjos sob



um plano de fundo do teclado e com vocal de HM. Por sua vez, este gênero musical tem apreciadores entre adolescentes e adultos. Temática das letras envolvem: fantasia, glória e vitória. Bandas nessa vertente: Hammerfall, Blind Guardian e Sonata Arctica.

**Thrash Metal (TM)** – caracterizado pela sonoridade do Hard core e punk com passagens rápidas. O vocal pode variar entre vocal limpo, gritado e rasgado, a audiência do TM é mista entre jovens e adultos. Temas das letras: vida urbana, diversão, guerra e corrupção. Bandas nessa vertente: Metallica, Exodus, Sepultura e Kreator.

**Truer** – categoria do grupo que descreve aquele indivíduo que se porta enquanto verdadeiro aos valores da comunidade, mostrando engajamento nas pautas da identidade de forma séria e fiel. A maioria do conteúdo de sua conversa com os membros versa sobre Metal, forma pela qual ele encontra para mostrar o nível de seu envolvimento na identidade. Portanto, este indivíduo é também um especialista e analista das atividades dos membros, impondo e sugerindo mudanças aos demais de forma institucionalizada.

**Underground (UG)** – categoria nativa que derivada do inglês que significa “submundo” / “subterrâneo”. Faz referência particularmente ao mundo artístico do Metal que não transita nos meios midiáticos, por exemplo, bandas que não fazem parte da grande mídia e não possuem tanta visibilidade ou reconhecimento pela sociedade abrangente. UG tem sua lógica própria de sustentabilidade com venda de produtos e eventos que contam as vezes com apoio de patrocínio, bem como venda de tickets dos shows.

**Vocal Gutural** – categoria nativa para quem canta com a voz agudo ou grave, isto é, rasgado ou grave. É um termo que deriva do latim que significa grito animal ou que simula um urrado (segundo Hugo Ribeiro). Esta técnica é incorporada por bandas que são do gênero Black Metal e Death Metal, porém não há uma norma que impede de outros gêneros utilizarem da mesma em suas apresentações.

**White Metal** – categoria nativa para Metal gospel. Bandas de Heavy Metal cristão cujo escopo é a evangelização. Nesse estilo muda apenas a proposta temática da banda, enquanto as bandas “seculares” falam de subversão estes procuram reforçar a ordem através do evangelho.

## ANEXOS

### LISTA DE MEMBROS CITADOS<sup>154</sup>

	Nome	Sexo	Idade	Cor	Ocupação	Zona em que reside
1	Ana	Feminino	32	Parda	Professora	-
2	Artur	Masculino	24	Pardo	Músico	zona leste
3	Beto	Masculino	30	Pardo	Professor	zona oeste
4	Biel	Masculino	22	Branco	Estudante	Zona sul
5	Duda	Masculino	25	Pardo	Músico	Zona sul
6	Eny	Feminino	32	Branca	Estudante	-
7	Erik	Masculino	25	Negro	Atendente de caixa	Zona oeste
8	Felipe	Masculino	23	Negro	Estudante	Zona sul
9	Franco	Masculino	24	Branco	Administrador	Zona sul
10	George	Masculino	35	Branco	Psicólogo	-
11	Gildo	Masculino	35	Branco	Professor	Zona oeste
12	Edson	Masculino	28	Branco	Atendente de telemarketing	Zona oeste
13	Helian	Masculino	24	Branco	Vendedor	Zona oeste
14	Hermano	Masculino	35	Pardo	Professor	Zona oeste
15	Jacinto	Masculino	35	Branco	Músico	-
16	Jair	Masculino	35	Pardo	Autônomo	Zona oeste
17	Jean	Masculino	25	Pardo	Estudante	Zona sul
18	João Pedro	Masculino	24	Negro	Vendedor	Zona oeste
19	João	Masculino	30	Pardo	Professor	-
20	José Jr.	Masculino	22	Branco	Estudante	Zona oeste
21	José	Masculino	48	Branco	Professor	Zona oeste
22	Karlos	Masculino	38	Pardo	-	Zona sul
23	Lucas	Masculino	24	Pardo	Motorista	-

<sup>154</sup> A maioria dos membros que estão nessa lista se conhecem, alguns são amigos; outros são conhecidos dos eventos locais/excursões e têm aqueles que se conhecem das redes sociais. Para além de apresentá-los é importante reforçar que estes membros tem proximidade social.

24	Luciano	Masculino	35	Pardo	Músico	Zona sul
25	Marcelo	Masculino	28	Pardo	-	Zona oeste
26	Mary	Feminino	24	Parda	Estudante	-
27	Natan	Masculino	35	Branco	Atendente de telemarketing	Zona oeste
28	Paulo	Masculino	30	Pardo	Vendedor	Zona oeste
29	Petrúcio	Masculino	42	Branco	Autônomo	-
30	Rafael	Masculino	24	Branco	Vendedor	-
31	Rivanildo	Masculino	48	Branco	-	-
32	Ronaldo	Masculino	29	Pardo	Motorista	Zona oeste
33	Rosa	Feminino	-	Branca	-	Zona sul
34	Sueliton	Masculino	32	Pardo	Autônomo	Zona oeste
35	Tadeu	Masculino	25	Branco	Técnico em TI	Zona leste

